



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

RAFAEL CARDOSO DA SILVA

**UMA “AD-MIRAÇÃO” DO SER NO MUNDO D@S CATAD@RES DE MATERIAL
RECICLÁVEL**

Tubarão
2018

RAFAEL CARDOSO DA SILVA

**UMA “AD-MIRAÇÃO” DO SER NO MUNDO D@S CATADOR@S DE MATERIAL
RECICLÁVEL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, nível Mestrado, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Fátima Elizabeti Marcomin, Dr.^a

Tubarão

2018

RAFAEL CARDOSO DA SILVA

**UMA “AD-MIRAÇÃO” DO SER NO MUNDO D@S CATADOR@S DE MATERIAL
RECICLÁVEL**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Educação e aprovada em sua forma final pelo curso de Mestrado em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 29 de maio de 2019.

Prof.^a e orientadora Fátima Elizabeti Marcomin, Dr.^a
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Vilmar Alves Pereira, Dr.
Universidade Federal do Rio Grande

Prof.^a Yalin Brizola Yared, Dr.^a
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof.^a Tânia Mara Cruz, Dr.^a
Universidade do Sul de Santa Catarina

AGRADECENDO...

Aos meus pais, **Airton e Maria de Fátima**, por todo amor, dedicação e cuidado. Vocês são o meu alicerce, suas posturas frente às dificuldades são para mim fonte de inspiração e aprendizagem.

Aos meus irmãos, **Rodrigo, Renato e Maria Clara**, por me mostrarem que a felicidade se encontra nas coisas mais simples.

À minha noiva, **Juliana**, por ter me acompanhado nesta caminhada, por todo o amparo e compreensão, principalmente por ter tornado nossos pequenos momentos grandes acontecimentos.

À minha orientadora, professora doutora **Fátima**, por toda dedicação, conselhos, ensinamentos e incentivo, não somente no desenvolvimento deste trabalho, mas na minha formação enquanto ser humano, por ser uma pessoa incrível, por me mostrar que a ética faz parte do métier de um grande profissional, e principalmente por nossa amizade. “Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”.

Em especial, @s catador@s entrevistad@s¹, sem eles, nada disso seria possível. A **Leda**, por todo acolhimento e afeto. Ao **João Quiboa**, pela amizade constituída e por revelar os diversos significados que permeiam a vida. Ao **Sérgio**, por demonstrar que poucas palavras podem dizer muito. A **Generosa**, pela sua sede de vida, por sua garra diante das inúmeras dificuldades. Ao **João Batata**, por nos contagiar com sua alegria, mesmo quando relata os seus dissabores. A **Beatriz**, por partilhar conosco os seus 45 anos de história como catadora de material reciclável.

Aos membros de banca: professores doutores **Vilmar Alves Pereira** (PPGEA-FURG), pelas importantes contribuições nas sendas da Educação Ambiental, durante o processo de qualificação do projeto; **Yalin Brizola Yared** e **Tânia Mara Cruz**, ambas do PPGE-UNISUL, igualmente pela participação importante na qualificação.

Ao **Governo do Estado de Santa Catarina**, pela bolsa UNIEDU/Pós-Graduação, que me possibilitou a realização do Mestrado e desta pesquisa.

A todo o corpo de profissionais do **PPGE**, por todos os ensinamentos e amizades construídas.

¹ Para atender à questão de gênero, evitando as inúmeras repetições.

“A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta ‘profundidade’ quanto um tratado de filosofia” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 19).

RESUMO

A temática da pesquisa é a Educação Ambiental (EA) com ênfase no estudo da Percepção Ambiental. Essa última vem sendo objeto de investigação na área da EA, por contribuir com processos formativos e interventivos que priorizam a concepção do sujeito como transformador de sua própria realidade. A pesquisa qualitativa, fenomenológica, aborda a Percepção em Merleau-Ponty. Apresenta-se como questão-problema: como @s catador@s de material reciclável, da região de Tubarão/SC, se reconhecem/percebem enquanto sujeitos/atores no contexto de seus espaços de vida, de atuação na sociedade e no universo do material descartado pela sociedade em geral? São objetivos compreender como @s catador@s se descrevem e se reconhecem nos diferentes contextos que permeiam sua vida, seu cotidiano, seu trabalho e na sociedade como um todo; entender como os atores da pesquisa concebem o material reciclável, seu trabalho, o processo de coleta e reciclagem (cadeia de reciclagem) e a sociedade de consumo; observar se o catador se percebe como agente sensibilizador e se suas práticas cotidianas possuem um cunho educativo não formal; observar se estabelece alguma relação de sua atividade com o ambiente educativo de seus familiares e amigos; vislumbrar potencialidades educativas junto a esses sujeitos no âmbito formal e/ou não formal. Por tratar-se de pesquisa de cunho fenomenológico, as expressões utilizadas no percurso metodológico não são as comumente empregadas. As informações da pesquisa (dados) foram “buscadas” junto a seis sujeitos/atores, três do sexo masculino e três do sexo feminino, constituídos por catador@s residentes em bairros de Tubarão: Passagem, Santo Antônio, São João Margem Esquerda, Vila Esperança e São Bernardo. A busca por informações foi realizada através de entrevistas (conversas) gravadas, observações durante as entrevistas, fotos, desenhos e outros, mediante a aprovação dos sujeitos/atores estudados. À luz de todas as impressões/manifestações d@s catador@s, foram observados - em suas expressões/assertivas - aspectos que envolvem o sentimento de pertencimento do sujeito ao ambiente e à classe, a atuação e formação cidadã, a autonomia e gestão de resíduos sólidos. O fenômeno estudado foi interpretado, com base no Método Fenomenológico de Colaizzi com algumas alterações, e as suas essências e assertivas principais, destacadas, vislumbrando processos e potencialidades de autorreconhecimento, pertencimento e visibilidade dos sujeitos/atores também entre si e a sociedade pelo viés da educação e/ou da EA. Os resultados mostram que o desvelamento da percepção acerca dos temas abordados se constitui de grande valia para ações educativas críticas, transformadoras e emancipadoras em EA, visto que @s catador@s relataram uma série de elementos que enriqueceram a reflexão acerca da problemática do lixo e permite compreender melhor os diferentes contextos que permeiam suas vidas. Entre os achados, impressionou o expressivo prazer que sentem por seu trabalho e pelo ambiente em que atuam; a clareza que possuem acerca de que o que recolhem não é “lixo”, “é reciclável”; a relação que estabelecem com as pessoas da comunidade: e o papel educativo que alguns deles exercem em suas famílias; a baixa inserção das escolas pelos saberes desses catadores, além de outros.

Palavras-chave: Catador@s. Fenomenologia. Percepção socioambiental. Educação Ambiental.

ABSTRACT

The research theme is Environmental Education (EE) with an emphasis on the study of Environmental Perception. The latter has been the object of research in the area of EE, by contributing with formative and interventional processes that prioritize the conception of the subject as a transformer of his/her own reality. The qualitative, phenomenological research deals with Perception from the Merleau-Pontyana perspective. It is presented as a problem-issue: as collectors of recyclable material, from the region of Tubarão/SC, they recognize/perceive themselves as subjects/actors in the context of their living spaces, acting in society and in the universe of material discarded by society in general? The objectives are to understand how the collectors describe and recognize themselves in the different contexts that permeate their life, daily life, work and society as a whole, in the light of the Merleau-Pontyana Phenomenology; to understand how the research actors conceive recyclable material, their work, the collection and recycling process (recycling chain) and the consumer society; to observe if the collector perceives himself/herself as sensitizing agent and if his/her daily practices have an educational non-formal character; to observe if he/she establishes some relation of his/her activity with the educative environment of his/her relatives and friends; to see educational potentialities with these subjects in the formal and/or non-formal spheres. Since it is a phenomenological research, the expressions used in the methodological course are not those commonly used. The research information (data) was "searched" with six subjects/actors, three males and three females, constituted by collectors who reside in the neighborhoods of Tubarão: Passagem, Santo Antônio, São João Margem Esquerda, Vila Esperança and São Bernardo. The search for information was carried out through interviews (recorded conversations), observations during the interviews, photos, drawings and others, with the approval of the subjects/actors studied. In the light of all the impressions/manifestations of the collectors, aspects that involve the subject's sense of belonging to the environment and to the class, the citizen training and acting, the autonomy and solid waste management were observed - in their expressions / assertions. The phenomenon studied, based on the perception in Merleau-Ponty, was interpreted based on the Phenomenological Method of Colaizzi, with some changes, and its main essentials and assertive, highlighting processes and potentialities of self-knowledge, belonging and visibility of the subjects/actors also between themselves and the society by the education bias and/or the EE. The results show that the unveiling of the perception about the topics covered is of great value for educational actions that are critical, transforming and emancipating in EE, since the collectors have reported a series of elements that have enriched the reflection about the problem of garbage and allows to understand better the different contexts that permeate their lives. Among the findings, the expressive pleasure they feel for their work and the environment in which they act were impressive; the clarity they have about that what they collect is not "junk", "it is recyclable"; the relationship they establish with the people of the community: and the educational role that some of them play in their families; the low insertion of schools by the knowledge of these collectors, besides others.

Key words: Collectors. Phenomenology. Socio-environmental perception. Environmental education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Jogadores de tênis	35
Figura 2 – <i>Cloaca máxima</i>	46
Figura 3 – Cartazes da Segunda Guerra Mundial sobre reciclagem.....	47
Figura 4 – Representação da cadeia de reciclagem	49
Quadro 1 – Número de catador@s de material reciclável por unidade de federação	53
Figura 5 – Leda	64
Figura 6 – João Quiboa	66
Figura 7 – Montagem de fotos do varal de galões, da mãe do catador, do meio de transporte utilizado e de seu João Quiboa elegantemente vestido	67
Figura 8 – João Batata	69
Figura 9 – Volume de material recolhido por seu João Batata	70
Figura 10 – Sérgio.....	71
Figura 11 – Generosa	72
Figura 12 – Beatriz	73
Figura 13 – Dona Generosa mostrando o cobre extraído dos motores de geladeira	143

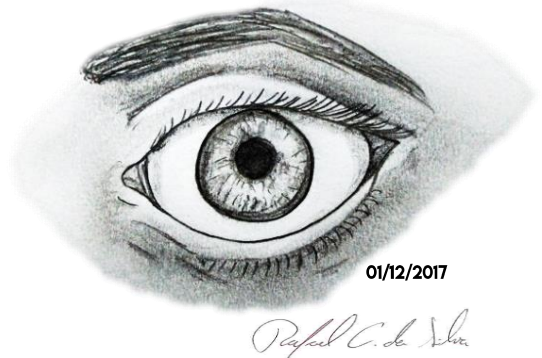
LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACAMART – Associação de Catadores de Material Reciclável de Tubarão
CBO – Classificação Brasileira de Ocupações
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
CRAS – Centro Regional de Assistência Social
DCNEA – Diretrizes Curriculares Nacional de Educação Ambiental
EA – Educação Ambiental
EPI – Equipamento de Proteção Individual
ITCP – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares
MNCR – Movimento Nacional dos Catadores Recicláveis
NBR – Norma Brasileira
PNRS – Política Nacional de Resíduos Sólidos
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina

SUMÁRIO

UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA E DAS ESCOLHAS QUE FIZ	10
INTRODUZINDO A TEMÁTICA EM QUESTÃO	17
1 OS “APEGOS” TEÓRICOS	24
1.1 ADENTRANDO NO FENÔMENO E NA FENOMENOLOGIA	24
1.2 A PERCEPÇÃO EM MERLEAU-PONTY	32
1.3 SOCIEDADE DE CONSUMO – CONSUMIR OU SER CONSUMIDO?	36
1.4 RESÍDUOS SÓLIDOS.....	43
1.5 @S CATADOR@S: SERES (IN)VISÍVEIS?	51
2 O PERCURSO METODOLÓGICO	57
3 AS EFERVESCÊNCIAS DO UNIVERSO PERCEPTIVO E SEUS APRENDIZADOS	63
3.1 A PERCEPÇÃO DE SI MESMO.....	77
3.2 O TRABALHO.....	89
3.3 ASPECTOS CONCEITUAIS.....	120
3.4 MATERIAL RECICLÁVEL.....	123
3.5 SABERES.....	128
3.6 CIDADANIA.....	150
3.7 MUDANÇAS.....	158
3.8 OUTRAS IMPRESSÕES.....	163
4 ALGUMAS CONTEMPLAÇÕES	170
REFERÊNCIAS	177
APÊNDICES	191
APÊNDICE A – Roteiro base para diálogo com @s catador@s	192
APÊNDICE B – Roteiro de observação realizado durante a entrevista pela acompanhante do mestrando	194

*Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.
 É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
 É um olhar para o ser menor, para o
 insignificante que eu me criei tendo.
 O ser que na sociedade é chutado como uma
 barata – cresce de importância para o meu olho.
 Ainda não aprendi por que herdei esse olhar
 para baixo.
 Sempre imagino que venha de ancestralidades
 machucadas.
 Fui criado no mato e aprendi a gostar das
 coisinhas do chão –
 Antes que das coisas celestiais.
 Pessoas pertencidas de abandono me comovem:
 tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.*



MANOEL DE BARROS

Em Poesia Completa, 2010, p. 361.

UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA E DAS ESCOLHAS QUE FIZ

Antes de adentrarmos à temática da pesquisa, acredito que se faz necessário esclarecer que, em determinados momentos do texto, utilizarei a linguagem em primeira pessoa do singular, objetivando romper com um paradigma presente no meio acadêmico, a determinação da impessoalidade na pesquisa científica. Tal padrão de pesquisa determina como qualidades fundamentais a “[...] precisão, clareza, imparcialidade, coerência e impersonalidade [...]”; assim sendo, “[...] recomenda-se o uso de verbo na terceira pessoa, evitando-se pronomes da primeira pessoa tanto no plural como no singular [...]” (MÜLLER; CORNELSEN, 2003, p. 92). Conforme aludido por Coracini (2007), este paradigma da impessoalidade na pesquisa visa à opacidade da linguagem, engendra uma ilusão de aproximação confiável do real, pretendendo, assim, demonstrar ao interlocutor a (evidente) verdade que revelam.

Estou falando da famosa neutralidade científica do pesquisador, herdeira da ciência que se pretende exata, quando, na verdade, não existe neutralidade, tratando-se de um engodo! O pesquisador jamais será neutro e, na medida em que faz parte do mundo, o constitui e é constituído por este, o conhece, este mundo lhe é familiar (MOREIRA, 2004, p. 452).

Deste modo, acredito que a pesquisa desenvolvida de forma “imparcial” constitui o pesquisador como um indivíduo dissociado do fenômeno estudado, um ser que pesquisa sem possuir determinado ponto de vista, um sujeito sem ideias e

conceitos preestabelecidos, isto é, sem as “lentes” descritas por Carvalho (2004, p. 33). Na concepção dessa autora, as ideias e conceitos tidos pelo pesquisador “são como lentes que nos fazem ver isso e não aquilo e nos guiam em meio à enorme complexidade e imprevisibilidade da vida”. Ou, como relatado por Sato e Carvalho (2005, p. 229), as lentes as quais “[...] usamos para ver o mundo assim, desse jeito, e descrevê-lo e contá-lo aos outros, dizendo por que ele também é assim [...]”, em outras palavras, acredito que necessitamos desmistificar este pesquisador morno, sem posicionamento, que desconsidera seu atolamento no mundo.

Além disto, o uso da linguagem em primeira pessoa do singular deve-se, também, ao cunho fenomenológico da pesquisa, visto que a Fenomenologia

é tocada por uma visão holística, não como uma organização cosmética, idealizada do mundo, da história e dos sujeitos - sabe que terá uma posição em face da experiência viva do mundo -, não somente aos intelectuais ou quadros de direção; não somente à burguesia ou membros dos aparatos de inteligência e intervenção – dialogando, antes com aqueles e aquelas que, desprotegidos, vulneráveis, sabem na pele o preço da existência, do sentido e do valor do que lhes sobra: a vida *nua* de direitos (PASSOS, 2014, p. 51).

Outro aspecto que necessita de elucidação, ao meu ver, são os desenhos presentes nesta dissertação. Poderia citar inúmeros motivos que me levaram a esta decisão, porém o grande estímulo dá-se pela lembrança de minha infância. Tive contato com o desenho muito cedo, desde o ensino primário já era solicitado por meus colegas de classe a realizar uma série de desenhos, tarefa que levava muito a sério. O desenho traz-me fartas lembranças, sei reconstituir minuciosamente o momento em que meu pai me presenteou com um caderno de desenho, um lápis e uma régua. Um gesto simples, mas que me marcou profundamente, tanto que, nos dias atuais, necessito passar no setor de papelaria do mercado, mesmo sabendo que não levarei nada, mas somente para ver as novidades. Ou talvez represente um devaneio, uma das possibilidades que o destino não usufruiu, “um grande paradoxo está associado aos nossos devaneios voltados para a infância: esse passado morto tem em nós um futuro, o futuro de suas imagens vivas [...]” (BACHELARD, 2001, p. 107). Minha paixão pelo desenho era tamanha que na adolescência decidi ser tatuador, a ideia de que as pessoas teriam na pele a minha “obra” era fascinante, acredito que a rebeldia também tenha motivado esta decisão, haja vista que minha família era expressamente contra. Durante minha adolescência, passei horas tatuando em couro de porco, imagino o que o leitor possa, nesse momento, estar

pensando, este pesquisador com uma máquina de tatuagem feita com motor de 12 volts, um tubo de caneta, um pedaço de arame e uma agulha de costura. Foi uma fase! Fases são importantes!?

A utilização dos desenhos, para mim, visa a um resgate das “memórias fósseis” descritas por Manoel de Barros.



*Remexo com um pedacinho de arame nas minhas
memórias fósseis.
Tem por lá um menino a brincar no terreiro: entre
conchas, osso de arara, pedaços de pote, sabugos,
asas de caçarolas etc.
E tem um carrinho de bruços no meio do terreiro.
O menino cangava dois sapos e os botava a puxar o
carrinho.
Faz de conta que ele carregava areia e pedras no seu
caminhão.
O menino também puxava, nos becos de sua aldeia,
por um barbante sujo umas latas tristes.
Era sempre um barbante sujo.
Eram sempre umas latas tristes.
O menino é hoje um homem douto que trata com física
quântica.
Mas tem nostalgia das latas.
Tem saudades de puxar por um barbante sujo umas
latas tristes.
Aos parentes que ficaram na aldeia esse homem douto
encomendou uma árvore torta –
Para caber nos seus passarinhos.
De tarde os passarinhos fazem árvore nele.*

Manoel de Barros

Em Retrato Do Artista Quando Coisa XIV
Poesia Completa de Manoel de Barros, 2010, p. 367.

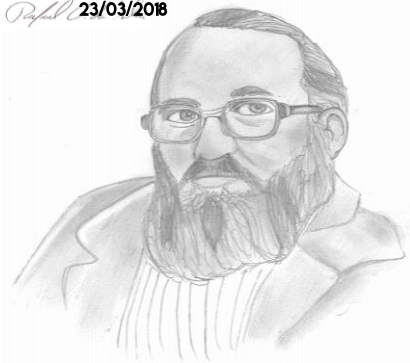
Além disto, acredito piamente, conforme expresso por Quadros (2011), que a arte é um dos modos mais consideráveis de comunicação e de expressão humana, seja através das imagens ou dos textos, revelando a dimensão criativa, sensível e crítica, demonstrando, assim, um potencial significativo à educação. Afinal de contas, há um fundo de verdade na expressão popular de autoria do filósofo chinês Confúcio, “uma imagem vale mais que mil palavras”.

Ainda acerca dos desenhos, penso que toda criação humana deve ser fundada sob dois conceitos: primeiramente, a obra deve conter a “alma” de seu autor, isto é, devo encontrar-me dentro de meu trabalho, o cuidado e a estética são fundamentais; em segundo, acredito que sempre devemos buscar a perfeição, mesmo com a impossibilidade de alcançá-la. Neste sentido, há uma crônica de Peter Drucker, pai da Administração moderna, a qual frequentemente rememoro, que

conta sobre a história de Fídias, considerado o maior escultor da Grécia Antiga. Nesta, o artista foi incumbido, por volta de 440 a.C., a criar as estátuas que estão no teto de Parthenon. Ao término do trabalho, Fídias apresentou sua conta ao contador da cidade de Atenas, e este recusa-lhe o pagamento, haja vista que as estátuas estão no teto do templo, e no monte mais alto de Atenas, desta forma, os cidadãos somente poderiam ver a parte frontal das estátuas, e não seria justo cobrar pela parte traseira. Fídias, então, argumenta: “Os Deuses podem vê-las”. Assim, tenho buscado em meus trabalhos a perfeição, se é que se pode usar esse termo para expressar o cuidado que venho revelando ao executar tudo o faço. Como diria Drucker (2002, p. 77), “mesmo que só ‘os deuses’ sejam capazes de notá-la”. Claro que não tenho tal pretensão.

Além dos esclarecimentos a respeito do uso da linguagem em primeira pessoa e dos desenhos, também é oportuno discorrer sobre a utilização do termo “ad-miração” no título desta dissertação. Freire (2001, p 41) alude que o ato cognoscente é tido no momento em que buscamos a delimitação do objeto, isto é, sendo o objeto “admirável”, este se fará “ad-mirado” e, portanto, “[...] incidência cognoscível de nossa cognoscibilidade”. Desta forma, Freire (2001, p. 41) argumenta que o objeto pode permanecer em dois níveis, no “ad-mirável” e no “ad-mirado”. No primeiro caso, o objeto mostra-se à percepção do sujeito como algo de que se dá conta, uma simples opinião; no segundo caso, ao se delimitar o objeto como “ad-mirado”, o indivíduo cognoscente é capaz de adentrar gradativamente no ser do objeto. Por conseguinte, teremos uma consciência ingênua, que, por ser abstrata, é incapaz de realizar a abstração, e uma consciência crítica, a qual introduzindo-se na realidade concreta, faz uso da abstração para conhecer (FREIRE, 2001, p. 42).

Paulo 23/03/2018



2

A abstração, nesse sentido, é a operação pela qual o sujeito, num ato verdadeiramente cognoscente, como que retira o fato, o dado concreto do contexto real onde se dá e, no contexto teórico, **submete-o à sua ad-miração**. Aí, então, exerce sobre o dado a sua cognoscibilidade, transformando-o de objeto ‘admirável’ em objeto ‘admirado’ (FREIRE, 2001, p. 44, grifo nosso).

² Desenho elaborado pelo autor com base na imagem de Paulo Freire disponível no *link*: <https://goo.gl/86LEZa>.

Portanto, a “ad-miração” da realidade concreta é realizada através de um certo afastamento desta em relação ao sujeito, objetivando a sua compreensão e transformação (FREIRE, 2001, p. 44).

Já a motivação em pesquisar sobre a temática da percepção, em especial da percepção d@s catador@s de materiais recicláveis, merece uma retrospectiva. Para tanto, retomo o ano de 2014, quando fui convidado pelo professor João Antolino Monteiro³, para trabalhar na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), onde ele é gestor, já que possuo graduação em Administração e a incubadora necessitava de um técnico-extensionista com tal formação para prestar assessoramento e consultoria nos empreendimentos sociais, na sua maioria de Economia Solidária. Havia a exigência por um profissional que assessorasse tais empreendimentos em áreas estratégicas de gestão, como *marketing*, logística, finanças, dentre outras ações. E é assim que se inicia uma memorável fase de minha vida.

Com formação em Administração, todas as minhas atividades iniciais na ITCP/UNISUL foram regidas pela máxima da eficiência e da eficácia⁴, ou seja, objetivando um resultado puramente econômico: a melhor decisão é aquela com melhor retorno financeiro. Tal comportamento permeou grande parte das minhas ações até final de 2014, quando fui convidado a participar de uma série de treinamentos (termo empregado na área da Administração) que tinham como temas economia solidária, autogestão, associativismo, cooperativismo, entre outros. Esses cursos de capacitação foram determinantes, por despertarem um repensar e um olhar para o processo de emancipação de catador@s de material reciclável através destes empreendimentos, até então inexistentes para mim. Aqui concebemos a emancipação a partir dos trabalhos de Palma (2011) e Loureiro (2004), partindo da compreensão de que nossas realidades estão submersas em relações conflituosas,

³ Possui graduação em Ciências Econômicas pela UNISUL (2001), especialização em gestão de Marketing pela UNISUL (2005), especialização em docência do ensino superior pela UNISUL (2009) e mestrado em Ciências da Linguagem pela UNISUL (2016). Coordenador da incubadora social da UNISUL, professor titular da UNISUL e consultor incubadora de empresas Crie da UNISUL. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: projeto empresarial e finanças públicas, cooperativismo e economia solidária.

⁴ “Eficácia é uma medida do alcance de resultado, enquanto a eficiência é uma medida de utilização dos recursos nesse processo. Em termos econômicos, a eficácia de uma empresa refere-se à sua capacidade de satisfazer uma necessidade da sociedade por meio do suprimento de seus produtos (bens ou serviços), enquanto a eficiência é uma relação técnica entre entradas e saídas” (CHIAVENATO, 2003, p. 155).

ou seja, em competições, vaidades, ambições e interesses individuais, busca-se então a superação das formas alienadas de existência.

A mudança de atitude não se deu de forma espontânea, do dia para a noite, mas paulatinamente, ao constatar diariamente as lutas destes sujeitos organizados em empreendimentos autogestionários, a sua busca por melhores condições de vida, seus enfrentamentos por um mundo mais justo e mais solidário.

Dentre as diversas lutas presenciadas durante a minha vivência na ITCP/ UNISUL, inicialmente como bolsista e atualmente como voluntário, uma em particular despertou minha atenção: a luta d@s catador@s de materiais recicláveis de Tubarão/SC por sua emancipação, sobretudo de ordem social, econômica e política. Esse interesse deve-se a várias razões, sendo as de maior relevância para mim o fato de tais indivíduos passarem por diversos empecilhos no seu processo emancipatório, como a falta de financiamento, os entraves jurídicos, a dificuldade de obterem espaços para comercialização, sofrerem também com preconceitos, seja por parte de uma população que não compreende a sua importância e de sua atividade (catador de material reciclável) para a sociedade, ou por parte do poder público, já que não é raro vermos a adoção de uma posição contrária ao processo de emancipação destes sujeitos.

Em relação à população, tenho notado, nos relatos d@s catador@s, durante as atividades realizadas pela incubadora social, sua “invisibilidade” perante a sociedade, mesmo realizando um serviço de relevância para esta. O contraditório é que tal invisibilidade não se dá durante as vinte e quatro horas do dia, mas em determinados momentos, quando estas pessoas possuem alguma evidência, não sob o viés de agradecimento ou contemplação, mas, infelizmente, pelo conflito. São inúmeros os relatos de violência verbal expostos pel@s catador@s ao transitarem pela cidade e ao buscarem seu material de trabalho.

No que tange ao poder público, tive algumas experiências marcantes, experiências que me fizeram refletir muito sobre o papel do Estado, haja vista os inúmeros entraves e disputas políticas originados na luta pela emancipação dos catador@s de material reciclável. Tais acontecimentos remetem ao explicitado por Bauman e Donkis (2014, p. 33):

Como a política hoje está deixando de ser a tradução de nossas preocupações morais e existenciais numa ação racional e legítima em

benefício da sociedade e da humanidade, e se torna um conjunto de práticas gerenciais e manipulações habilidosas da opinião pública [...].

Desta forma, constatei que, apesar das entidades públicas caracterizarem-se como entidades de apoio aos catador@s de material reciclável, eventualmente também propagam o estereótipo do catador como dependente químico, deficiente mental, morador de rua e assim por diante. Nesta questão, Bursztyn (2003) explana que a violência social exercida contra os pobres, longe de se caracterizar como um ato novo, tem raízes históricas. Mais surpreendente é constatar que ela ainda reverbera nos locais onde já se esperava ter sido vencida, “ela choca e causa mal-estar como uma praga ou uma epidemia que já havia sido controlada e que, depois de muito tempo, retorna, com vigor” (BURSZTYN, 2003, p. 38-39).

Assim, continuando meu relato de experiência com outro universo, prestando assessoramento técnico-pedagógico a empreendimentos de Economia Solidária - realizado por meio da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, em especial à Associação de Catador@s de Material Reciclável de Tubarão (ACAMART), no período de 01/2014 até 06/2016 - e como voluntário a partir dessa data, notei constantes dificuldades nas atividades emancipatórias da referida associação, visto que o catador ainda não reconhece, de fato, a sua importância na sociedade, bem como a relevância de estar associado a uma instituição que partilhe dos mesmos objetivos e dificuldades, assim como não se reconhece enquanto sujeito/ator de potencialidade de transformação social. Tal aspecto vem suscitando cada dia mais a reflexão acerca da necessidade de a universidade também exercer ações educativas junto a esses grupos, contribuindo tanto no âmbito do ensino quanto da pesquisa e extensão.

INTRODUZINDO A TEMÁTICA EM QUESTÃO

Com o processo de urbanização e expansão das cidades, vemos que diversas regiões passam por problemas complexos em relação aos resíduos sólidos. Tais fatores, como a crescente taxa de geração de lixo *per capita* e a má administração desses resíduos, são responsáveis por ocasionar diversos transtornos à população e ao ambiente. Além disto, o agravamento das questões socioambientais é apenas um dos males que afligem a humanidade na atualidade.

Como apontam Ferreira e Anjos (2001), os problemas socioeconômicos e ambientais como a contaminação das águas, do solo, a disseminação de doenças, as dificuldades de gestão dos resíduos sólidos, dentre outros, são alguns dos desafios.

É preciso atentar para as dimensões social, econômica, política, ética e estética que permeiam a reflexão acerca dos resíduos sólidos. Demajorovic, Besen e Rathsam (2006) ampliam essa preocupação para a dimensão social relativa aos problemas gerados para @s catador@s que, na sua maioria, trabalham em áreas de risco. Bauman e Donkis (2014) ressaltam que o consumo se faz e se dá também por um viés de interesse e dimensão política e a partir dela. É importante ponderar que

o desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu 'valor monetário' (BAUMAN, 2004, p. 96).

No caso dos resíduos sólidos, é necessário dimensionar que, para além dos demais problemas advindos, a questão social faz-se presente não apenas nos excluídos nas grandes cidades e que se alimentam do lixo, mas também por outra ordem, dos seres trabalhadores – catador@s de material reciclável – que fazem desta uma fonte de subsistência.

Sanchez (2003) considera que @s catador@s de material reciclável constituem papel fundamental para o êxito do sistema da gestão dos resíduos sólidos, porém, apesar de toda a importância que o catador possui para a sociedade, ele ainda não se reconhece na gestão de tais resíduos.

O desconhecimento por parte da população acerca do gerenciamento dos resíduos prejudica o trabalho d@s catador@s de materiais recicláveis, visto que

uma grande quantidade de material que pode ser reciclado ou reutilizado está recebendo outra destinação, usualmente agredindo o meio ambiente (RIBEIRO *et al.*, 2011).

Gonçalves (2004) elucida que, na busca da solução para a crise socioeconômica enfrentada pelas nações, é necessário que todos os indivíduos revejam seus hábitos e reconheçam que suas ações estão interligadas e interferem na vida dos demais.

Neste sentido, a Educação Ambiental (EA) tem contribuído significativamente, haja vista seu potencial de mediação entre o campo ambiental e a esfera educacional, no enfrentamento dos problemas ocasionados pela crise ecológica; para tanto, trabalha com diversos saberes e produz concepções, reflexões, métodos e experiências que objetivam engendrar novos fundamentos de conhecimento e valores ecológicos nesta e nas futuras gerações (CARVALHO, 2004). Vale ressaltar que sendo a educação um potencial impulsor das dinâmicas do sistema social, é de suma importância que os educadores participem da elaboração de propostas que visam ao enfrentamento desta crise ambiental (GUIMARÃES, 2004).

Sauvé (2005) considera que a EA explora as relações entre cultura e natureza, demonstrando que através da natureza reencontramos nossa própria personalidade humana, compreendendo nossa relação com os demais seres vivos. Sendo assim, penso que EA vem a ser um instrumento para esta mudança, já que é através dela que a sensibilização pode ser estimulada.

Pereira *et al.* (2016) consideram que a EA concebe o meio ambiente como uma realidade sujeita a inúmeras leituras, por isto suas diversas vertentes. Logo, tais vertentes também favorecem distintos processos.

Para tanto, é imprescindível que os processos sensibilizadores em EA sejam subsidiados pelas percepções dos sujeitos, visto que tal abordagem possibilita uma maior compreensão do fenômeno, colaborando para as investigações e ações na área da EA (MARCOMIN; SATO, 2016). Para as autoras, será através de uma investigação apurada das relações humanas no ambiente que se conhecerá e compreenderá os múltiplos significados e expressões da percepção, visando à avaliação e incorporação de práticas sustentáveis (MARCOMIN; SATO, 2016).

Apesar de toda a potencialidade da EA, os problemas ambientais gradativamente ficam mais frequentes; assim, de acordo com Eichenberger e Pereira (2016, p. 126), a EA ainda não conseguiu fazer com “[...] que o ser humano tenha ‘conhecimentos necessários’ ao desenvolvimento das práticas que levam a mudanças de comportamento [...]”, por isto, a necessidade de uma mudança, na sociedade, de princípios e percepção acerca de si, do mundo e da vida. É importante ressaltar que compreendemos que a EA sozinha não resolve tais problemas.

Desta forma, acredito que a EA seja fundamental na busca da valorização do profissional catador de material reciclável, bem como para a quebra de paradigma da relação que estabelece consigo mesmo e da relação que a população estabelece com ele, já que a EA viabiliza uma percepção mais estreita dos seres consigo, entre si e com o ambiente. Assim, para que as ações em EA – nessa direção – sejam profícuas, faz-se necessário conhecer a percepção destes agentes (catador@s) sobre o papel que exercem e poderão exercer na sociedade e no seu ambiente de trabalho, bem como seu lugar no mundo.

Nesse sentido, a questão que sustenta esta pesquisa é: **como @s catador@s de material reciclável, da região de Tubarão/SC, se reconhecem/percebem enquanto sujeitos/atores no contexto de seus espaços de vida, de atuação na sociedade e no universo do material descartado pela sociedade em geral?**

O presente estudo justifica-se a partir da premissa de que a compreensão da percepção socioambiental d@s catador@s contribuirá para o reconhecimento acerca do status em que se identificam, a existência ou não do sentimento de pertencimento desses sujeitos, do potencial de formação de cidadania e de empoderamento dos atores em seu universo cotidiano e como atores que contribuem para a sustentabilidade socioambiental.

Além disso, o estudo é uma iniciativa de compreender a dimensão da percepção que catador@s possuem acerca de si mesmos, do meio ambiente, da relação que estabelecem com o trabalho e o seu entorno, pois compreender a percepção do catador sobre tais aspectos possibilitará um estudo mais profundo sobre as ações e processos em execução ou em elaboração, desenvolvidos com estes sujeitos na busca por sua emancipação.

Ainda, o resultado deste estudo possibilitará um maior embasamento teórico na realização de processos sensibilizadores, formais, não formais ou informais, que fomentem o sentimento de pertencimento a uma classe, uma identidade, resultando, assim, no fortalecimento do seu vínculo com a sociedade e na valorização individual e coletiva, no desejo de realizar seus próprios sonhos. Mesmo porque a responsabilidade da sociedade com esses atores estende-se também para a educação de seus filhos na escola. Se catador@s não se percebem como seres pertencentes à sociedade, de importância **na** e **para** a sociedade, como seus filhos se perceberão enquanto estudantes, filhos de catador@s? A educação como um todo, a escola e a sociedade precisam estar comprometidas também com a formação dessas crianças e adolescentes, com a preocupação de uma educação inclusiva e livre da marginalização dos trabalhos silenciosos dos seres in-visíveis.

É de suma importância ressaltar que as informações e interpretações desveladas, o conhecimento acerca da percepção que @s catador@s de material reciclável possuem de si próprios, do seu trabalho e seu entorno podem despertar para a compreensão do sentimento de pertencimento e para o importante papel que desempenham ao processo de gestão dos resíduos sólidos na região de Tubarão/SC, tendo em vista o papel sensibilizador e a participação em grande parte do processo de gestão deste resíduo efetuada pelo catador. A possibilidade da consciência e de empoderamento e emancipação é outra questão importante, posto que a associação de catador@s vem suprimir o papel do intermediário na cadeia de gestão do resíduo sólido, extinguindo, assim, a exploração d@s catador@s pelos intermediários. Também, vislumbra-se que o estudo possa subsidiar processos de sensibilização socioambiental junto a esses indivíduos na busca por seu autorreconhecimento, valorização e também com efeitos no reconhecimento e valorização dos seus filhos na escola.

O estudo aborda um tema relativamente novo no sul do estado de Santa Catarina. A percepção que catador@s de material reciclável possuem, sob o campo da Fenomenologia Merleau-Pontyana, acerca de si próprios, do meio ambiente e da relação que estabelecem com o trabalho, seu entorno e das questões socioambientais não é uma temática largamente discutida no campo da EA; sendo assim, contribuirá significativamente à ciência, especialmente para a área de conhecimento do Mestrado.

A pesquisa ainda se justifica pela complicada situação ambiental em que o planeta se encontra, dado o significativo desenvolvimento industrial, crescimento populacional, alterações nos padrões de consumo e o descaso com a geração cada vez maior de resíduos.

Ademais, no município de Tubarão, determinados fatores acerca da sensibilidade, mobilização e educação não permitem que @s catador@s de materiais recicláveis organizem e legalizem a sua associação, conseqüentemente, impossibilitando o reconhecimento, por parte da população, do seu papel na sociedade, nas esferas econômica, social e ambiental, ferindo, assim, a sua dignidade enquanto seres de direitos.

Acerca dos fatores que atuam como barreiras na luta pela emancipação d@s catador@s de material reciclável da região de Tubarão, o professor João Antolino Monteiro (2018, c. p.), gestor da incubadora social da UNISUL, entende que a alfabetização destes atores é fundamental no processo de emancipação. Exemplo disto tem-se como experiência a dificuldade em oficializar a associação, isto é, o registro no cartório, haja vista o analfabetismo de grande parte dos associados. Além do mais, a formalização das atividades comerciais também é de grande importância, uma vez que a comercialização dos materiais só pode ser feita por meio de uma cooperativa. É importante ressaltar que a legislação brasileira não favorece no que diz respeito às pequenas cooperativas. Além da comercialização, a formação de uma cooperativa possibilita a busca de fomentos e parcerias.

Pode-se inferir que todos esses obstáculos também contribuem para agravar seu estado e dificuldade de reconhecimento enquanto agentes de atuação importantes para a sociedade.

O principal objetivo do estudo constitui-se em desvelar como @s catador@s de material reciclável se percebem enquanto sujeitos no seu contexto cotidiano, de seus espaços de vida, de atuação na sociedade e no universo do material descartado pela sociedade, com vistas a reconhecer possíveis processos/práticas educativos formais e não formais de valorização desses atores.

Nesse contexto, configuram-se como **objetivos específicos**:

- a) compreender como @s catador@s se descrevem e se reconhecem nos diferentes contextos que permeiam a sua vida, o seu cotidiano, seu trabalho e na sociedade como um todo, à luz da Fenomenologia Merleau-Pontyana;

- b) entender como os atores da pesquisa concebem o material reciclável, seu trabalho, o processo de coleta e reciclagem (cadeia de reciclagem) e a sociedade de consumo;
- c) observar se o catador se percebe como agente sensibilizador e se suas práticas cotidianas possuem um cunho educativo não formal;
- d) observar se estabelece alguma relação de sua atividade com o ambiente educativo de seus filhos/familiares/amigos;
- e) vislumbrar potencialidades educativas junto a esses sujeitos no âmbito formal e/ou não formal.

No capítulo 1, são discutidos os **“apegos” teóricos**, isto é, o embasamento teórico que dá suporte à pesquisa. Iniciamos, então, com o item 1.1, **Adentrando no fenômeno e na Fenomenologia**. Neste, é realizada uma breve argumentação acerca do sentido da palavra fenômeno, e da história (breve) da Fenomenologia, discorrendo sobre a atitude natural e fenomenológica, o princípio de intencionalidade e a redução fenomenológica, a fim de esclarecer alguns conceitos-chaves da Fenomenologia, Husserliana em especial.

No item 1.2, **A percepção em Merleau-Ponty**, como anunciado no título, é trabalhada a questão da percepção, baseada nas obras de Maurice Merleau-Ponty, discutindo alguns elementos que, na visão do filósofo, são fundamentais ao se discutir a percepção, tais como sensação, “carne”, mundo, corpo, e o fenômeno. Tal discussão é de suma importância, haja vista que o estudo da percepção do catador de material reciclável será realizado à luz da Fenomenologia Merleau-Pontyana, assim sendo, a apropriação desses conceitos é indispensável.

Já o item 1.3, **A sociedade de consumo – consumir ou ser consumido?**, trata do surgimento da sociedade moderna, dos efeitos da globalização e da sociedade e de consumo, e os efeitos destes elementos na sociedade atual. O item 1.4, **Resíduos sólidos**, expõe a relação do ser humano com os resíduos, fazendo um resgate histórico do modo que gerimos estes materiais ao longo do tempo, por fim, passando pela cadeia de reciclagem e pela problemática dos resíduos no Brasil, visto que conhecer onde o catador de material reciclável está presente no processo, bem como o seu material de trabalho, é fundamental à pesquisa. O item 1.5, **@s catador@s: seres (in)visíveis?**, aborda a profissão de catador de material reciclável, passando pelo seu reconhecimento perante a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), a importância da emancipação destes

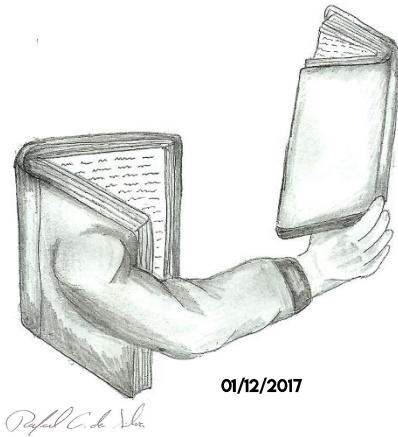
indivíduos, o número de catador@s registrados no Brasil, e o fato de que, apesar de serem indivíduos que prestam um serviço de suma importância para a sociedade, muitas vezes não são reconhecidos, e até mesmo discriminados. A discussão sobre esses temas objetiva revelar um pouco das especificidades desta profissão.

No segundo capítulo, **O percurso metodológico**, evidencia-se a metodologia empregada na pesquisa, explanando aspectos da pesquisa qualitativa, a abordagem da Fenomenologia Merleau-Pontyana e do método de Colaizzi, com algumas alterações, para a busca das informações necessárias à pesquisa, revelando, então, o caminho para a realização da pesquisa.

No terceiro capítulo, **As efervescências do universo perceptivo e seus aprendizados**, constam os “achados” e a interpretação das percepções d@s catador@s entrevistad@s acerca da percepção de si mesmo, do trabalho, dos aspectos conceituais quanto ao lixo e dos materiais recicláveis, dos saberes, da cidadania, das mudanças observadas e de outros temas que floresceram no universo e nos relatos destes profissionais. Nesse contexto, entrecruzaram-se os diálogos com autores, as revelações e também as expressões manifestadas durante e ao longo dos encontros realizados com os pesquisadores.

Enfim, considerando que o fenômeno interpretado nunca está acabado, expomos **algumas contemplações** que emergiram sobre as percepções desveladas, realizando algumas interpretações a respeito dos temas emergentes e manifestando reflexões/preocupações e sugestões sobre a necessária melhoria nas condições de vida e exercício da cidadania d@s catador@s de material reciclável.

1 OS “APEGOS” TEÓRICOS



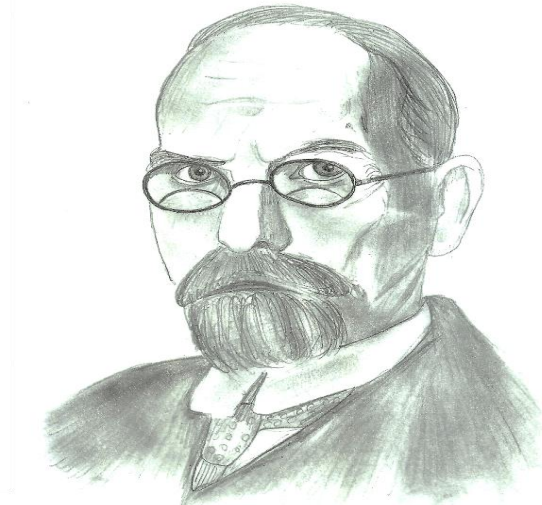
01/12/2017

5

“A realidade do leitor é apenas imaginária, já que deve todo o seu poder a essa máquina infernal que é o livro, aparelho de criar significações” (Merleau-Ponty, 2002, p. 05).

Tendo como objetivo desvelar a percepção d@s catador@s de material reciclável à luz da Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, senti-me compelido a abordar um pouco da história da Fenomenologia e sua contribuição à ciência.

1.1 ADENTRANDO NO FENÔMENO E NA FENOMENOLOGIA



6

Rafael C. da Silva

07/12/2017

“A fenomenologia pura, cujo caminho aqui queremos encontrar [...] é uma ciência essencialmente nova, distante do pensar natural em virtude de sua peculiaridade de princípio e que, por isso, só em nossos dias passou a exigir desenvolvimento” (HUSSERL, 2006, p. 25).

Antes de discorrer acerca da Fenomenologia propriamente dita, devemos compreender que a palavra “fenômeno” possui uma longa história na filosofia ocidental, utilizada primeiramente pelos gregos, que fizeram uso deste termo para

⁵ Desenho elaborado pelo autor com base nas ilustrações de Jonathan Wolstenholme.

⁶ Desenho elaborado pelo autor com base na foto disponível no *link*: https://en.wikipedia.org/wiki/Edmund_Husserl.

representar a “manifestação do ser numa íntima unidade entre o ser e aparecer”. Com o advir do tempo, o termo “fenômeno” sofre uma resignificação, passa a expressar a aparência oposta à realidade, ou seja, enganosa (ZILLES, 1994). Chauí (2000) alega que tal afirmação pode ser constatada pelo modo com que Platão utilizava este termo em sua alegoria da caverna, com a qual pretende demonstrar às pessoas que elas veem somente aparências, sombras de uma realidade que não está presente na esfera sensível, isto é, o que observam são apenas fenômenos.

Merleau-Ponty (1999, p. 82) compreende que “o reconhecimento dos fenômenos implica enfim uma teoria da reflexão e um novo cogito”.

Para Tonet (2013), outra figura de expressiva importância no uso da palavra fenômeno foi Immanuel Kant, pois considera existir uma lacuna entre o racionalismo e o empirismo no tratamento da relação entre os dados empíricos e razão; define sua posição metodológica própria, o criticismo, determinando a razão apenas a tarefa de qualificar, ordenar e extrair leis dos dados empíricos. Nessa abordagem o verdadeiro conhecimento, a essência, o númeno⁷, não é passível de ser compreendido, somente podemos conhecer as coisas como elas são para nós, isto é, o fenômeno. É nisto que a revolução copernicana de Kant consiste, ao invés do sujeito girar ao redor de um mundo concreto, é o mundo que gira em torno do sujeito, sendo o mundo construído de forma teórica.

Conforme eludido por Dartigues (2005), o termo “Fenomenologia”, junção de “fenômeno” e “logos”, que significa a ciência ou o estudo do fenômeno, foi empregado pela primeira vez por Johann Heinrich Lambert, matemático suíço, compreendendo-o como uma teoria acerca da ilusão sob suas incontáveis formas. Kant retoma o termo em 1770, no modo de uma Fenomenologia crítica. Apesar do termo “Fenomenologia” ter sua primeira aparição em 1764, o termo só passará a ser utilizado de modo frequente após a publicação da obra *Fenomenologia do espírito* (1807), de Hegel, passando, assim, a representar um papel significativo na história da filosofia.

Diferentemente da concepção de Kant acerca da razão, estando dividida entre o “númeno” e o fenômeno, isto é, o que está além da limitação de toda a

⁷ Númeno (em grego, *νοούμενον*; em inglês, *Noumenon*; em francês, *l'Inoumène*; em alemão, *Noumenon*; em italiano, *Noumeno*). Este termo foi introduzido por Kant para indicar o objeto do conhecimento intelectual puro, que é a coisa em si (v.). Na dissertação de 1770, Kant diz: “O objeto da sensibilidade é o sensível; o que nada contém que não possa ser conhecido pela inteligência é o inteligível” (ABBAGNANO, 2007, p. 718).

consciência e aquilo que essencialmente nos apresenta, Hegel almeja desvelar a totalidade do real, por meio do processo histórico e dialético da razão. Desta forma, para Hegel (1980, p. 46), “[...] a consciência é o seu conceito para si mesma e é, pois, imediatamente o ato de passar além do limitado e, uma vez que esse limitado lhe pertence, é o ato de passar além de si mesma”, ou seja, a Fenomenologia Hegeliana, ao contrário do pensamento Kantiano, possibilita ao filósofo desvelar o absoluto que está presente em cada momento da experiência humana.

Concernente à relação entre Kant, Hegel e Husserl quanto ao fenômeno, Dartigues (2005) esclarece que, apesar de haver pontos em comum, o fenômeno para Husserl não pode ser dissociado do ser.

Se, no entanto, comparamos Husserl a Kant e a Hegel, com os quais seria permitido aproximá-lo quanto aos vários pontos particulares, podemos notar que, com respeito ao proontológico, sua tentativa representa algo como uma terceira via enquanto a fenomenologia de tipo kantiano concebe o ser como o que limita a pretensão do fenômeno ao mesmo tempo em que ele próprio permanece fora de alcance, enquanto inversamente, na fenomenologia hegeliana, o fenômeno é reabsorvido num conhecimento sistemático do ser, a fenomenologia husserliana se propõe como fazendo ela própria, às vezes, de ontologia pois, segundo Husserl, o sentido do ser e o do fenômeno não podem ser dissociados. Husserl procura substituir uma fenomenologia limitada por uma ontologia impossível e outra que absorve e ultrapassa a fenomenologia por uma fenomenologia que dispensa ontologia como disciplina distinta, que seja, pois, à sua maneira, ontologia - ciência do ser (DARTIGUES, 2005, p. 10-11.)

O fenômeno, na Fenomenologia de Husserl trará, desta forma, uma significação diferente das anteriormente citadas. Como afirma Bicudo (1994, p. 17), nesta concepção, o fenômeno expressa “o que se mostra, o que se manifesta, o que aparece. É o que se manifesta para uma consciência”.

Por fenômenos (*phenomena*) nós queremos dizer, por exemplo, retratos em vez de simples objetos, eventos lembrados em vez de antecipados, objetos imaginados em vez de percebidos, objetos matemáticos como triângulos e formas em vez de seres vivos, palavras em vez de fósseis, outras pessoas em vez de animais não-humanos, realidade política em vez de econômica (SOKOLOWSKI, 2004, p. 22).

Nesta perspectiva, Husserl procura a essência do fenômeno, seu significado, o eidos⁸, desta forma, a Fenomenologia com Husserl caracterizar-se-á

⁸ Ver Abbagnano (2007). Eidos é um dos termos com que Platão indicava a ideia e Aristóteles a forma, é usado na filosofia contemporânea especialmente por Husserl para indicar a essência que

como uma “ciência descritiva das essências da consciência e de seus atos” (DARTIGUES, 2005, p. 21).

O referido autor (2005) destaca que a gênese da Fenomenologia, enquanto ciência descritiva dos fenômenos, ocorreu em 1990, com a concepção da obra *Investigações Lógicas*, de Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938). É a partir de Husserl que a Fenomenologia constitui-se como uma metodologia e corrente filosófica influenciando outros filósofos como Martin Heidegger, Jean Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty. Husserl concede um novo significado à palavra Fenomenologia.

Uma influência importante ao estudo dos fenômenos dá-se com Brentano, e é relatada por Dartigues (2005, p. 15):

A grande contribuição de Brentano consiste de início em distinguir fundamentalmente os fenômenos psíquicos, que comportam uma intencionalidade, a visada de um objeto, dos fenômenos físicos; em seguida, em afirmar que esses fenômenos psíquicos podem ser percebidos e que o modo de percepção original que deles temos constitui o seu conhecimento fundamental.

Vale lembrar que Husserl viveu em um período de profunda crise do pensamento filosófico, bem como do conhecimento em geral. Todo o período de elaboração bibliográfica de Husserl é marcado por uma crise cultural (DARTIGUES, 2005).

Carvalho (2001) salienta que a Fenomenologia nasce como uma resposta ao confronto das concepções metafísicas, materialistas e idealistas, derivado das discussões que adivinham do final do século XIX, entre a concepção positivista da ciência, que tenta ocupar o lugar deixado pela filosofia especulativa de Hegel, e o neokantismo.

Ante tal clima de crise do conhecimento, Dartigues (2005, p. 146) expõe:

Husserl viu que o investimento da razão nas ciências talvez não bastasse para resolver todos os problemas da vida ou se resolvia alguns deles, deixava intacto o problema da vida enquanto se trata de uma vida na qual o homem não pode entrar sem descobrir nem assumir seu sentido.

Segundo Zilles (2007), Husserl dedica seus esforços na constituição de uma lógica válida e universal, uma teoria das teorias, princípios possíveis de serem aplicados para qualquer forma de pensamento, isto é, um método filosófico capaz de propiciar a unidade entre os diferentes saberes. Husserl parte da suposição de que o ser humano possui uma compreensão implícita do mundo, substancialmente familiar ao sujeito, que permite alcançar o conhecimento do real. Deste modo, Husserl (1991, p. 37) afirma: “Eu tenho a consciência de um mundo que se estende sem fim no espaço, que tem e teve um desenvolvimento sem fim no tempo [...] descubro [o mundo] por uma intuição imediata, tenho experiência dele”.

A Fenomenologia apresenta-se como um novo modo de refletir sobre as nossas formas de pensamento, de orientação, do mundo e do próprio sujeito cognoscente. Em vista disso, a Fenomenologia presenteia-nos com um novo modo de perceber o mundo e as coisas (SOKOLOWSKI, 2012). Esse mesmo autor enfatiza que, para um melhor entendimento acerca da Fenomenologia, é fundamental compreender dois conceitos-chaves da Fenomenologia Husserliana, sendo estes, a atitude natural e a atitude fenomenológica. O entendimento acerca da atitude natural e da atitude fenomenológica é necessário à compreensão do processo de redução fenomenológica constituído por Husserl, visto que tal processo se dá nestes dois polos, seguidos por respectivas características.

Husserl define atitude natural da seguinte forma:

Na atitude natural, não cesso de realizar o mundo como ontologicamente válido, esse mundo no qual sou como homem [...] Minha vida em todos os seus atos é de parte a parte orientada sobre o ente que pertence a tal mundo, todos os meus interesses, nos quais tenho meu ser, são interesses por coisas do mundo, realizando-se em atos que concernem a essas coisas, enquanto elas são o correlato de minha intenção (HUSSERL, 1989, p. 519).

Sokolowski (2004) esclarece que a atitude natural é o foco orientado para o mundo, no momento em que intencionamos as coisas, fatos, situações e outros objetos, isto é, quanto estamos entranhados em nossa postura original.

Em relação à atitude natural, para o pensamento não há o mistério do conhecimento, “há simplesmente coisas para conhecer” (KELKEL; SCHÉRER, 1982, p. 36).

Por sua vez, Salanskis (2006) elucida que a atitude natural constitui-se em um ato natural da consciência. Neste estado assumimos uma postura inocente,

sem indagar a veridicidade do mundo e das coisas, isto é, consideramos como existente “sem qualquer esforço e, no caso, sem nenhuma consciência de efetuar, verdadeiramente falando, o menor ato – todo objeto que nos concerne” (p. 44).

A distinção entre estas duas atitudes almeja superar a intenção do conhecimento natural em constituir-se como o alicerce dos demais saberes (LEVINAS, 1997, p. 11). Assim sendo, a atitude fenomenológica apresenta-se como uma forma de superar nossa crença que está imersa na atitude natural, isto é, transcender a posição inocente, com caráter de crença irrefletida no mundo e nas coisas, a uma posição filosófica. Por isto explana que “a atitude fenomenológica é também algumas vezes chamada de atitude transcendental”.

O transitar da atitude natural para a fenomenológica não consiste em se tornar um especialista em determinada forma de conhecimento, mas tornar-se um filósofo. Para isso, “em primeiro lugar, quem quiser verdadeiramente tornar-se filósofo deverá ‘pelo menos uma vez na sua vida’ virar-se para si próprio e, a partir de si, tentar derrubar todas as ciências admitidas até aí e tentar reconstruí-las” (HUSSERL, 2001, p. 10).

Ao assumirmos a postura fenomenológica, ou seja, uma postura duvidosa, de reflexão, somos capazes de desvelar a essência das coisas, aquilo que dá sentido ao mundo e às ciências (SOKOLOWSKI, 2004).

Quando nos movemos na atitude fenomenológica, nos tornamos algo como observadores imparciais da cena que passa ou como espectadores de um jogo. Nós nos tornamos espectadores. Contemplamos os envolvimento que temos com o mundo e com as coisas nele, e contemplamos o mundo em seu envolvimento humano. Não somos mais simplesmente participantes no mundo; contemplamos o que é ser um participante no mundo e nas manifestações (SOKOLOWSKI, 2004, p. 51).

Na atitude fenomenológica, a consciência não é mais parte do mundo, mas o lugar de seu desdobramento no plano da intencionalidade. Isto expressa que o mundo não é como o descrito pelas ciências naturais, em si mesmo, mas fundamentalmente o que se apresenta à consciência (DARTIGUES, 2005).

A mudança da atitude natural para a fenomenológica possibilita-nos desprendermos completamente da atitude natural por meio de um estado reflexivo, porém, sem deixar de nos concentrarmos nela, incluindo até mesmo a crença no mundo.

Esta volta à atitude fenomenológica é descrita como redução fenomenológica. Tal expressão significa a remoção das intenções naturais de nosso interesse, para direcionar a um ponto de vista mais limitado. Neste sentido, o termo redução não possui seu significado “comum”, mas o de raiz latina, *re-ducere*, que possui sentido de conduzir de volta ou retenção (SOKOLOWSKI, 2004, p. 58).

Depraz, Varela e Vermesch (2006) enfatizam que o processo de redução fenomenológica é constituído em três momentos, caracterizados como suspensão, apercepção e devir. A primeira etapa, a suspensão, constitui-se pela ruptura da atitude natural, a mudança de foco que o sujeito realiza ao mundo vivido. Na apercepção, objetiva-se o retorno ao mundo vivido, o desprendimento do espetáculo do mundo; tal processo se dá por meio de uma orientação da ação cognitiva. Por fim, temos o devir, que consiste na superação da segunda etapa, isto é, o acolhimento da experiência, onde, ao contrário de ir buscar, devemos deixar-se revelar.

Desta forma, a redução fenomenológica consiste no empenho de voltar a atenção ao interior, deixando de investigar determinado objeto, mas compreender aquilo que se revela, o que se manifesta (DEPRAZ; VARELA; VERMESCH, 2006).

O resultado da redução fenomenológica é, então, a apresentação da consciência, despida de outros significados e valores, em sua originalidade, proporcionando, assim, um maior rigor no estudo de si, através de uma relação dialética (GALEFFI, 2000).

Merleau-Ponty (1999) explica que a redução fenomenológica de forma alguma representa o método de uma filosofia idealista, como se acreditava, mas se caracteriza como uma fórmula de uma filosofia existencial. A redução fenomenológica evidenciou a intencionalidade da consciência, onde todo objeto do mundo, real ou ideal, “remetia à camada primitiva da vivência” (DARTIGUES, 2005, p. 94).

Por isto, a superação da atitude natural, isto é, no modo como as coisas do mundo se apresentam a uma consciência fornecedora de sentido, exige a tese de intencionalidade. É por meio da intencionalidade que o resultado da redução fenomenológica é distinto do resultado da dúvida cartesiana (PONTES; BRAGA JÚNIOR, 2012).

Faz-se necessário mencionar que o termo intencionalidade não condiz com seu significado popular, mas que “a palavra intencionalidade significa apenas a

característica geral da consciência de ser consciência de alguma coisa” (FRAGATA, 1959, p. 130).

A intencionalidade, para Husserl, constitui-se como um fenômeno da ordem da “representação”, já que intencionar é tender, “não importa que conteúdos dados à consciência, a outros conteúdos não dados, é reenviar esses outros conteúdos de maneira compreensiva” (MOURA, 2015, p. 11).

O princípio de intencionalidade é que a consciência é sempre ‘consciência de alguma coisa’, que ela só é consciência estando dirigida a um objeto (sentido de *intentio*). Por sua vez, o objeto só pode ser definido em sua relação à consciência, ele é sempre objeto-para-um-sujeito (DARTIGUES, 2005, p. 212).

Husserl (2008, p. 17) procura analisar, baseado no princípio da intencionalidade, os fenômenos no âmbito da consciência, o modo como as coisas do mundo se apresentam, a fim de compreender o objeto em si mesmo; nas palavras do filósofo, “ir ao encontro das coisas em si mesmas”, isto é, captar a sua essência. Para Husserl, este regresso às coisas mesmas só será possível através da redução fenomenológica.

Drepaz (2007) explana que voltar às coisas mesmas é fazer o uso das interrogações nativas que são promovidas pelo mundo ao nosso entorno e que alimentam nossa dinâmica reflexão, em vez de aceitarmos as alegações dogmáticas e procedimentos autoconsistentes. A Fenomenologia consiste, então, conforme elucidado por Dartigues (2005, p. 111), em “fazer ver de si mesmo o que se manifesta, tal como de si mesmo ele se manifesta”, desta forma, procura voltar às coisas mesmas.

Para a fenomenologia, não existe nenhuma ‘mera’ aparência, e nada é ‘só’ um aparecimento. Os aparecimentos são reais; eles pertencem ao ser. As coisas aparecem. A fenomenologia nos permite reconhecer e restaurar o mundo que pareceu ter sido perdido quando estávamos bloqueados em nosso próprio mundo interno por confusões filosóficas (SOKOLOWSKI, 2004, p. 24, grifos do autor).

Diante do exposto, podemos afirmar que a Fenomenologia, em meio a uma crise de fundamento das ciências, ofereceu, e ainda o faz, contribuições para uma reflexão acerca de uma nova forma de racionalidade e compreensão do conhecimento científico, mas, acima de tudo, a Fenomenologia possibilita-nos reaprender a ver o mundo do modo como ele se nos manifesta. O objetivo não é de

rejeitar as descobertas científicas, mas de reencontrar o mundo sem os trajes teóricos (MARTINI, 1999). Para tanto, é necessário que se potencialize a atitude fenomenológica, é necessário “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo” (HEIDEGGER, 2002, p. 65). Afinal, “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 19).

1.2 A PERCEPÇÃO EM MERLEAU-PONTY



07/12/2017

9

“Cada parte anuncia mais do que ela contém, e essa percepção elementar já está, portanto, carregada de um sentido” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 24).

De acordo com Carmo (2007), Maurice Merleau-Ponty nasceu em 14 de março de 1908, na cidade de Rochefort-sur-Mer, França. Estudou na Escola Normal Superior de Paris, onde se graduou em Filosofia no ano de 1931. Merleau-Ponty lecionou em diversas instituições de ensino até a Segunda Guerra Mundial, quando prestou um ano de serviço militar como oficial do exército francês. No ano de 1945, começou a lecionar na Universidade de Lyon e, em 1949, foi convidado a lecionar na Universidade de Paris. Além disto, de 1945 a 1952 foi coeditor, juntamente com Jean-Paul Sartre, da revista *Les Temps Modernes*. Maurice Merleau-Ponty é considerado por muitos como o principal seguidor de Husserl.

Para melhor compreender a percepção, é essencial que se entenda o que é a sensação. A sensação não é uma qualidade ou uma condição, muito menos a consciência de uma qualidade ou condição, as sensações são concebidas em movimento, “o sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente

⁹ Desenho realizado pelo autor com base na foto disponível no *link*: <https://www.escritas.org/pt/estante/maurice-merleau-ponty>.

para nós como lugar familiar de nossa vida. É a ele que o objeto percebido e o sujeito que percebe devem sua espessura” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 84).

A sensação não pode ser caracterizada como pura impressão, visto que o algo “sentido” não são meras sensações, mas sim sensíveis, assim sendo, a qualidade representa uma característica do objeto, e não um elemento da consciência (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 24).

Utilizando o exemplo dado por Merleau-Ponty, quando olhamos uma cor, ela só se apresenta como a concebemos graças à luz ou à sombra que a atravessa, desta forma, a cor é expressa pelo resultado da relação entre luz e sombra, ou seja, sua evidência dá-se através de uma configuração espacial. “A cor, antes de ser vista, anuncia-se então pela experiência de certa atitude de corpo que só convém a ela e com determinada precisão” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 284).

Além disto, a sensação não pode ser distinguida da percepção, embora apresente semelhança. Merleau-Ponty, baseado na teoria da Gestalt, define que a percepção é entendida por meio da noção de campo, inexistindo objetos solitários ou sensações isoladas. Deste modo, a percepção será sempre uma interpretação incompleta e provisória, e não uma compreensão completa de um determinado objeto (MERLEAU-PONTY, 1999).

Cabe apresentar outro exemplo dado pelo filósofo, que objetiva esclarecer a diferenciação entre sensação e percepção:

Seja uma mancha branca sobre um fundo homogêneo. Todos os pontos da mancha têm em comum uma certa ‘função’ que faz deles uma ‘figura’. A cor da figura é mais densa e como que mais resistente do que a do fundo; as bordas da mancha branca lhe ‘pertencem’ e não são solidárias ao fundo todavia contíguo; a mancha parece colocada sobre o fundo e não o interrompe. Cada parte anuncia mais do que ela contém, e essa percepção elementar já está portanto carregada de um *sentido* (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 24, grifos do autor).

Portanto, “a percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6).

A percepção, de acordo com Merleau-Ponty (1999), não se constitui por uma operação intelectual, mas quando retomamos por nossa conta o jeito de existência das coisas apresentadas a nós, um comportamento, diz o filósofo, demonstra um certo modo de tratar o mundo.

Apesar de constataremos diariamente que o sentir está fundado por um testemunho da consciência, o sentir não poderá ser dado de outra forma se não por um prejuízo do mundo (MERLEAU-PONTY, 1999). Para ele, não somos capazes de nos separar do mundo para termos uma consciência pura dele, estamos presos no mundo. Se assim fizéssemos, constataríamos que nunca experienciamos a qualidade imediatamente e que toda consciência é consciência de algo (MERLEAU-PONTY, 1999).

A Fenomenologia de Merleau-Ponty, além de ser uma filosofia transcendental, que coloca as afirmações da atitude natural em suspensão a fim de compreendê-las, também se apresenta como uma filosofia que desvela a presença inalienável do mundo, onde, “no fundo do próprio sujeito, descobríamos, portanto, a presença do mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 574-575). O verdadeiro fenômeno, para Merleau-Ponty, não se dá no interior do sujeito, mas na relação deste com o mundo, isto é, no campo fenomenal.

O fenômeno é, então, percebido no contato imediato entre consciência e mundo, isto é, experienciado do jeito que é percebido no mundo vivido (MERLEAU-PONTY, 1999). Desta forma, o sujeito, sendo parte do mundo vivido, apenas pode compreender o objeto de modo limitado, a razão encontra-se dentro do campo, não numa posição privilegiada (MERLEAU-PONTY, 1999).

Um dos grandes pontos de toda obra de Merleau-Ponty é a relação da percepção à atitude corpórea. Müller (2001) descreve que um dos propósitos de Merleau-Ponty era desvelar a ligação dos fenômenos com as experiências desenvolvidas pelo corpo. Nesta concepção fenomenológica, a assimilação dos sentidos é realizada pelo corpo, a partir dos diferentes ângulos sobre o mundo. Não é o sujeito epistemológico que concretiza a síntese, mas sim o corpo, “[...] quando sai de sua dispersão, se ordena, se dirige por todos os meios para um termo único de seu movimento, e quando, pelo fenômeno da sinergia, uma intenção única se concebe nele” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 312).

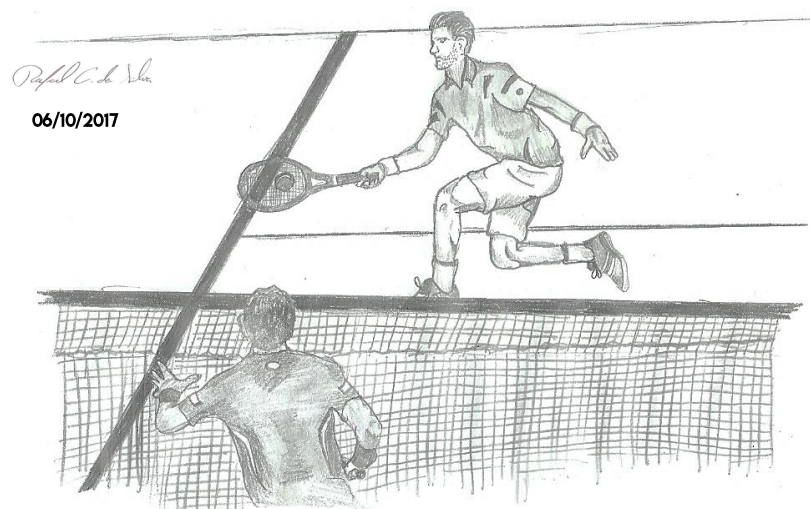
É através de meu corpo que percebo as coisas, a minha compreensão do outro só se dá por meio do corpo (MERLEAU-PONTY, 1999). Aquilo que percebo não é o objeto da ciência física, em movimento no espaço tridimensional, mas algo ao qual o meu corpo se alia, o percebido é presença corporal (MERLEAU-PONTY, 1999).

A fim de esclarecer a nossa potencialidade corpórea, Merleau-Ponty faz uso de exemplos, no caso, decidi trazer uma partida de tênis.

Trata-se do jogo de tênis ou de qualquer outro esporte, é preciso levar em consideração uma quantidade de dados: vento, velocidade da bola, posição do adversário, natureza do campo, momento da partida. O corpo faz prova de inteligência diante das situações inteiramente novas, o gesto resolve um problema que não foi colocado pela inteligência e cujos elementos são infinitamente numerosos (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 266).

A partir do exemplo acima, podemos inferir que se o jogador de tênis tivesse que refletir acerca das condições do vento, da velocidade da bola e da posição do adversário, da rede e da raquete, a fim de conceber a melhor estratégia para a situação, isto é, onde mirar com a gesticulação e força necessárias, certamente este jogador de tênis perderia a partida, pois o tempo necessário a esta reflexão não é o mesmo exigido pela partida. Para enriquecer esta discussão, podemos apresentar outros exemplos além dos descritos por Merleau-Ponty, tal como o modo como um músico realiza um solo sem refletir acerca das notas musicais, ou de um jogador de futebol que executa a cobrança de escanteio sem pensar sobre a força e gesto necessários à posição definida. Estas são algumas das inúmeras situações em que o corpo age sem pensar, isto é, que responde às solicitações do entorno sem o ato da reflexão como a concebemos.

Figura 1 – Jogadores de tênis



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Eu sou um campo, sou uma experiência. Certo dia e de uma vez por todas algo começou que, mesmo durante o sono, não pôde mais parar de ver ou

de não ver, de sentir ou de não sentir, de sofrer ou de estar feliz, de pensar ou de descansar, em suma de se 'explicar' com o mundo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 545).

O que Merleau-Ponty (2004b) quer esclarecer com os exemplos demonstrados em sua obra é que não somos apenas sujeitos pensantes, *res cogitans*, e que o percebido não é simplesmente um objeto. Já que sempre encontraremos o mundo ao explorarmos o sujeito, o interior e o exterior são indissociáveis. “O mundo está inteiro dentro de mim e eu estou inteiro fora de mim” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 546).

Diante do exposto, a percepção para Merleau-Ponty está pautada na atitude corpórea, isto é, fundada na experiência do indivíduo encarnado, o mundo não é apenas um aglomerado de objetos, já que “[...] engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos [...]”. Assim sendo, toda percepção dá-se dentro de um horizonte e no mundo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 124).

Desta forma, o desenvolver desta pesquisa tem como premissa a valorização das percepções e dos saberes dos sujeitos pesquisados, no caso @s catador@s de material reciclável de Tubarão/SC, a fim de se buscar/interpretar e compreender a essência dessas percepções. Além disto, é de suma importância ressaltar que as experiências tidas pel@s catador@s de materiais recicláveis são únicas e de extrema relevância, visto que são atores importantíssimos na constituição de uma sociedade mais justa e sustentável, e embora possam e se constituam como agentes sensibilizadores, em minha hipótese de estudo, não são vistos como tal por grande parte da população.

Procuro, então, “não apenas criar e exprimir uma ideia, mas ainda despertar as experiências que a enraizarão nas outras consciências” (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 135).

1.3 SOCIEDADE DE CONSUMO – CONSUMIR OU SER CONSUMIDO?

No âmbito do caos socioambiental atual, é imprescindível que façamos um breve resgate histórico de nossa sociedade, à luz dos padrões de consumo e das consequências dele decorrentes, do processo da reciclagem até a figura do

catador, pois será a partir deste contexto que a identidade “catador” ficará mais clara. Para tanto, abordaremos desde a constituição da sociedade moderna, com base em algumas obras de Marx, influência das leituras da disciplina de Epistemologia, até a problemática do consumo nos dias atuais, conforme revelado por Zygmunt Bauman.

A constituição da sociedade moderna tem como força motriz a geração de riqueza, isto é, a formação e reprodução do capital, onde o consumo, sob a forma de circulação de mercadorias, resulta no próprio desenvolvimento do capital. Assim,

a circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital. A produção de mercadorias e o comércio, forma desenvolvida da circulação de mercadorias, constituem as condições históricas que dão origem ao capital. O Comércio e o mercado mundiais inauguram no século XVI a moderna história do capital. [...] Se pomos de lado o conteúdo material da circulação das mercadorias, a troca dos diferentes valores-de-uso, para considerar apenas as formas econômicas engendradas por esse processo de circulação, encontraremos o dinheiro como produto final. Esse produto final da circulação das mercadorias é a primeira forma que aparece o capital (MARX, 1988, p. 165-166).

Campbell (2001) destaca que a sociedade moderna, também denominada sociedade de consumo, obedece à lógica da massificação do sistema de consumo, entendido como produção e distribuição de riqueza. Para alcançar tal objetivo, a sociedade precisa ser caracterizada pela criação incessante de novas necessidades e pela insaciabilidade destas. Isso será tido como uma prática constante na sociedade moderna, tais práticas não serão orientadas somente pelo consumo de bens e artigos de luxo, mas por qualquer coisa que cumpra a lógica da insaciabilidade.

Acerca desta busca constante pelo consumo, Marx (1988, p. 659) alude:

Qualquer que seja a forma social de processo de produção tem este de ser contínuo ou de percorrer, periódica e ininterruptamente, as mesmas fases. Uma sociedade não pode parar de consumir nem de produzir. Por isso, todo processo de produção encarado em suas conexões constantes e no fluxo contínuo de sua renovação, é ao mesmo tempo processo de reprodução.

A ampliação da lógica de consumo é resultado de uma série de acontecimentos. Dentre os mais significantes, podemos citar as mudanças estruturais estabelecidas no século XVII na Europa ocidental, particularmente com a Revolução Industrial, resultando num grande desenvolvimento tecnológico, na

substituição da força humana de trabalho pela máquina e numa crescente urbanização. Foi através da revolução industrial que “a relação entre produção e consumo ganhou maior importância no mundo, encurtando a distância entre as duas pontas do relacionamento de consumo” (VOLPI, 2007, p 45).

Outra consequência da Revolução Industrial de suma relevância para a constituição da sociedade atual é a divisão do trabalho. Diferentemente da época medieval, onde o artesão detinha o processo de produção por completo, a partir da crescente produção o processo de elaboração do produto passa a ser seccionado, o trabalhador será responsável apenas por determinada parte do processo produtivo. Além disto, a divisão do trabalho também será responsável pela subdivisão do indivíduo, já que a sua força de trabalho será tida como mercadoria, comercializada ao capitalista em troca de um salário (MARX, 1996).

Gonçalves (1998) destaca que outro fator a respeito da Revolução Industrial dá-se pela maior intensidade no uso dos recursos naturais, a fim de se atender à demanda pela crescente produção. O indivíduo acaba retirando do ambiente todos os elementos necessários à produção sem nenhuma preocupação. Ainda, os combustíveis utilizados pelas máquinas da Revolução Industrial eram, em grande parte, de origem fóssil, não renováveis, e os resíduos resultantes deste modelo de processo fabril altamente tóxicos lançados ao ambiente sem tratamento.

No final do século XIX, a sociedade capitalista produziu vários incentivos consumistas, de forma gradativa e contínua, na medida em que o mercado mundial focalizava a produção (VOLPI, 2007).

Esta procura por novas formas de crescimento econômico resulta no estilo americano de vida, o *American Way of Life*. É através da disseminação deste padrão de estilo de vida que os Estados Unidos se consolidam como modelo a ser seguido. O *American Way of Life*, termo cunhado pelos meios de comunicação em massa, consiste na representação do ideal fortemente presente na cultura americana, no meio político. Constitui-se na forma de uma ideologia, a crença numa democracia livre, baseada no crescimento produtivo e financeiro sem fronteiras. No âmbito social, expressa a ideia de que qualquer indivíduo é capaz de melhorar substancialmente seu padrão de vida através do trabalho duro, independentemente de sua classe social, cor, credo ou das condições. Já no meio empresarial, retrata o conceito de um mercado competitivo, onde, por meio da concorrência, o talento

individual é fomentado, o empreendedorismo por si só promove a constante readequação dos negócios (MELANDRI, 2006).

É nesta efervescência que o consumismo atingirá um novo patamar, o consumo pelo ato em si, e não pelo benefício gerado. “Numa sociedade assim, os caminhos são muitos e dispersos, mas todos eles levam às lojas. Qualquer busca existencial, e principalmente a busca da dignidade, da autoestima e da felicidade, exige a mediação do mercado” (BAUMAN, 2009, p. 138-139).

A padronização das mercadorias, fruto do fordismo e taylorismo, bem como o desenvolvimento das tecnologias e a crescente produção não foram os únicos responsáveis pela constituição da sociedade de consumo. Juntamente com isto, ocorreu uma “construção cultural e social que requereu a ‘educação’ dos consumidores ao mesmo tempo que o espírito visionário de empreendedores criativos, a ‘mão visível dos gestores” (LIPOVETSKY, 2007, p. 28, grifos do autor).

Num mundo assim, o aprendizado necessariamente vai à caça de objetos elusivos. Para piorar as coisas, os objetos começam a evaporar no instante em que são pegos; como as recompensas pela ação correta tendem a se mover para diferentes lugares todos os dias, os reforços tanto induzem ao erro quanto reconfortam: são armadilhas a evitar e temer, pois instilam hábitos e impulsos que com o tempo se mostrarão inúteis, quando não francamente artificiais (BAUMAN, 2011, p. 115).

O consumismo ganhou mais força a partir da segunda metade do século XX, além de ser caracterizado como um elemento de suma importância na mediação de novos processos e relações constituídos pelo meio cultural das sociedades modernas (SCHOR, 1998).

Neste aspecto, ressalta-se o papel da mídia, pois, objetivando fomentar o consumismo, torna-se perita em elaborar “necessidades desnecessárias”, fazendo com que as pessoas desejem algo sem o qual viviam bem. Assim sendo, a compra de determinado produto não é motivada pelo cumprimento de determinada necessidade, mas pela adoção de um estilo de vida (DIAS, 2002).

Na concepção de Brewer (2003), a constituição e disseminação da sociedade de consumo dá-se em três momentos históricos, primeiramente nos Estados Unidos e na Europa, de 1950 a 1974, época em que o desenvolvimento econômico proporcionou abundância material e de recursos financeiros, crescimento este à custa da exploração do terceiro mundo. O segundo momento inicia-se no final da década de 1960, atingindo seu ápice no início da década de 1980 com as

políticas neoliberais. Por fim, temos a terceira etapa, a globalização, com início em 1990 até então, resultando no encurtamento das distâncias, isto é, um forte relacionamento intercultural entre as nações, as culturas nativas passam, desta forma, a sofrerem significativas mudanças (BREWER, 2003).

O dinheiro e o lucro propagaram-se em domínios anteriormente reservados à gratuidade, ao serviço prestado, à troca, à dádiva, e suscitam em alguns a bulimia do dinheiro; em outros, a angústia de sua falta. 'Antigamente, o que tinha valor não tinha preço; hoje, o que tem preço não tem valor', afirma Patrick Viveret com muita propriedade. A sede de posse e a sede de consumo transformaram-se em formas de adição que recalcam uma angústia existencial que sempre renasce (MORIN, 2013, p. 330).

Lipovetsky (2007, p. 24) explica que já ultrapassamos esta fase histórica, do consumo estritamente materialista, que coloca o dinheiro acima de tudo, não porque sobrepujamos o consumismo, mas devido à crescente amplificação das necessidades, estando estas cobertas de novos significados individuais e coletivos; a nova sociedade entra no frenesi do "sempre mais, sempre novo", o hiperconsumo.

Chegamos a tal nível de consumo, que

se os nossos ancestrais filósofos, poetas e pregadores morais refletiram se o homem trabalha para viver ou vive para trabalhar, o dilema sobre o qual se cogita hoje em dia é se é necessário consumir para viver ou se o homem vive para poder consumir (BAUMAN, 1999, p. 88).

Este é o surgimento da sociedade de consumo, uma sociedade pelo excesso, "criada pela multiplicação dos objetos, dos serviços, dos bens materiais" (BAUDRILLARD, 1995, p. 15). Uma sociedade compelida a consumir cada vez mais, um consumo cuja finalidade é simplesmente simbólica, sem possuir o embasamento de uma necessidade objetiva (BAUDRILLARD, 1995).

O que diferencia os membros da sociedade de consumo de seus antepassados é a emancipação do consumo da antiga instrumentalidade que marcava seus limites: o desaparecimento das 'normas' e a nova plasticidade das 'necessidades' que liberam o consumo das travas funcionais e o exoneram da necessidade de justificar-se em outros termos que sua capacidade de reportar prazer. Na sociedade de consumo, o consumo é o seu próprio fim [...] (BAUMAN, 2008a, p. 225).

Para Morin (2013), os acontecimentos dos últimos anos demonstram claramente que estamos diante de um fenômeno de dimensões políticas, culturais, econômicas, sociais, jurídicas e religiosas unidas de modo complexo. Referente a tal

complexidade, Pereira (2016, p. 27) alerta para o perigo de cairmos em um relativismo desmedido, isto é, apesar do tema investigado ser complexo, não devemos nos deixar levar pela sensação de impotência, temos que sempre buscarmos soluções que estejam sintonizadas às novas conjunturas.

Desta forma, compreendemos que os impactos gerados por este modelo de desenvolvimento não são restritos a uma determinada nação ou região, afetam o mundo inteiro, por isto a necessidade de agirmos em conjunto. Além de demonstrarem que os impactos da atividade humana são sofridos por todos, os acontecimentos vivenciados têm nos mostrado que nosso padrão atual de consumo é social e ambientalmente insustentável, principalmente no que diz respeito às pessoas com maior poder de compra.

Em relação ao processo de elaboração das mercadorias, podemos destacar que, para a economia clássica, o ciclo de produção estava bem estabelecido e consistia em apenas três etapas, sendo elas, a produção, a distribuição e o consumo. A noção de que o descarte também fosse constituir o ciclo de produção das mercadorias não fazia parte do pensamento econômico moderno. Devemos atentar que sendo esta economia resultado do padrão moderno de conhecimento, de caráter pragmático/utilitário, e considerando que a ciência moderna nasce sob o impulso de uma nova forma de sociabilidade, que tem como principal função a geração de riqueza por meio da elaboração de mercadorias, o ser humano, por meio desta ciência, busca o controle, domínio e subordinação da natureza aos seus interesses, ou seja, aos interesses do capital, visto que, para o padrão moderno, “o conhecimento deve ser um instrumento para dominar a natureza e colocá-la a serviço da humanidade” (TONET, 2013, p. 44).

De acordo com Heidegger (2001, p. 19):

A natureza transforma-se num único posto de abastecimento gigantesco, numa fonte de energia para a técnica e indústria modernas. Esta relação fundamentalmente técnica do homem com o todo do mundo surgiu pela primeira vez no século XVII, na Europa e unicamente na Europa.

Constatamos, então, que esta visão de natureza, tida pelo pensamento moderno como um grande centro de abastecimento ao seu dispor, é expressivamente prejudicial na medida em que as atividades econômicas desconsideram seus impactos ambientais, não operando de forma sustentável,

atendendo somente aos interesses econômicos imediatos, sem considerar as necessidades das gerações futuras.

Santos (1988, p. 49) esclarece que, neste contexto, a natureza é considerada como passiva, eterna e reversível. Sua essência assemelha-se a de uma máquina, isto é, “mecanismos cujos elementos se podem desmontar e depois relacionar sob a forma de leis”; o seu desvelamento não busca a contemplação, a descoberta de seus mistérios, mas auferir um papel ativo à sociedade, a geração de conhecimento objetiva a dominação, o controle. Conforme dito por Bacon, a ciência fará do sujeito “o senhor e o possuidor da natureza” (BACON apud SANTOS, 2005, p. 62).

A ciência moderna nasceu da esmagadora ambição de conquistar a Natureza e subordiná-la às necessidades humanas. A louvada curiosidade científica que teria levado os cientistas ‘aonde nenhum homem ousou ir ainda’ nunca foi isenta da estimulante visão de controle e administração, de fazer as coisas melhores do que são (isto é, mais flexíveis, obedientes, desejosas de servir) (BAUMAN, 1999, p. 48).

Além disto, o desenvolvimento tecnológico e científico proporcionou uma relevante melhoria das condições de vida, especialmente nas classes mais abastadas, mas, juntamente com todas essas benesses, trouxe consigo uma série de problemas. Santos (1988) elucida que a ciência industrializou-se nas sociedades modernas e que este modelo vigente de produção científica está voltado aos interesses econômicos e militares, tendo como resultado desta produção científica a catástrofe ecológica e o holocausto nuclear, fazendo com que acidentes tornem-se acontecimentos frequentes.

Agora que a ciência nos ajudou a superar o mundo do desconhecido na natureza, somos escravos das pressões sociais em relação à própria construção de nós mesmos. Quando somos instados a agir independentemente, clamamos por modelos, sistemas ou autoridades (HORKHEIMER, 1976, p. 198).

Nesta linha, temos como problemas resultantes do pensamento moderno, de acordo com Morin (2003), além de outros, a divisão entre sociedade e natureza. Tem-se, então, a concepção de uma superioridade humana à natureza, este é o cerne do desenvolvimento científico e tecnológico moderno.

Atualmente, constatamos os resultados do desenvolvimento econômico descontrolado e crescimento exponencial do consumo, paulatinamente o meio

ambiente vem sendo degradado, demonstrando sinais de um futuro catastrófico caso medidas eficazes não sejam tomadas. Neste contexto, Claro e Pereira (2016, p. 157) explanam que a EA não pode se constituir como um incentivo à reprodução dessa lógica, a EA deve, dentre outras questões, lutar pela superação deste modelo de desenvolvimento por meio de novas práticas frente aos problemas socioambientais.

Dentre os diversos problemas causados por este modelo, um dos mais relevantes é o grande volume de lixo gerado, impulsionado pelo consumismo que, longe de ser sanado, sucessivamente vem ganhando força. Tal volume de resíduos, muitas vezes, acaba por não receber a destinação correta, gerando uma série de problemas socioambientais, além disto, grande parte destes materiais que são descartados ainda possuem utilidade.

Não se trata de ser contra o consumo, já que “não se pode escapar do consumo: faz parte do seu metabolismo! O problema não é consumir; é o desejo insaciável de continuar consumindo” (BAUMAN, 2014, s/p). A seguir, serão discutidas questões acerca desta problemática.

1.4 RESÍDUOS SÓLIDOS

Resíduo

[...] Mas de tudo, terrível, fica um pouco,
 e sob as ondas ritmadas
 e sob as nuvens e os ventos
 e sob as pontes e sob os túneis
 e sob as labaredas e sob o sarcasmo
 e sob a gosma e sob o vômito
 e sob o soluço, o cárcere, o esquecido
 e sob os espetáculos e sob a morte escarlata
 e sob as bibliotecas, os asilos, as igrejas triunfantes
 e sob tu mesmo e sob teus pés já duros
 e sob os gonzos da família e da classe,
 fica sempre um pouco de tudo.
 Às vezes um botão. Às vezes um rato.
 10

Carlos Drummond de Andrade
 Em A Rosa do Povo, 1945.



Paulo C. de Silva

22/10/2017

¹⁰ Desenho realizado pelo autor com base na foto de Carlos Drummond de Andrade disponível no *link*: <http://amazonasatual.com.br/poemas-desconhecidos-de-drummond-sao-encontrados/>.

O lixo, conforme descrito no dicionário Michaelis (2018, s/p), caracteriza-se como “resíduos provenientes de atividades domésticas, industriais, comerciais etc. que não prestam e são jogados fora”, isto é, “qualquer coisa sem valor ou utilidade”, ou até mesmo “qualquer coisa feia ou malfeita”. Vemos, assim, que a expressão “lixo” está intimamente ligada ao conceito de inutilidade; integra os resíduos sólidos.

Por resíduos sólidos a norma brasileira NBR 10004, aprovada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), descreve:

Resíduos nos estados sólido e semi-sólido, que resultam de atividades de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição. Ficam incluídos nesta definição os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos e instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou corpos de água, ou exijam para isso soluções técnicas e economicamente inviáveis em face à melhor tecnologia disponível (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004, p. 1).

Também é importante ressaltar que há muito se discute acerca da diferenciação entre lixo e resíduo. Neste sentido, o inciso XI, artigo 3º, da Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, a qual institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), estabelece que:

Resíduos sólidos: material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnica e economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível; (BRASIL, 2010).

O lixo faz parte do nosso cotidiano, conseqüentemente, da história da humanidade. A presença do lixo é uma parte integrante na vida do ser humano, resultado da sua interação nos mais diversos setores; nossa vivência está intrinsecamente relacionada à geração de resíduos. No processo de elaboração de nossos alimentos geramos cascas, folhas e ossos, a elaboração de nossas vestimentas ou moradias implica numa série de resíduos, o próprio metabolismo é responsável por resultar uma porção de secreções. Acredito ser necessário explanar que a presença do lixo em nosso cotidiano não é justificativa para o volume de

resíduo gerado na sociedade; o intuito de revelar esta relação objetiva demonstrar a responsabilidade que temos sobre o lixo produzido, isto é, a exigência de uma consciência ambiental frente a melhores condições de vida.

De acordo com o estudo de Eigenheer (2009), grande parte dos estudiosos inicia seus debates sobre os resíduos a partir da Idade Média, em especial num período de diminuição das cidades europeias. Para o autor, tais discussões, ao desconsiderarem os tempos anteriores, deixam de lado informações significativas. Os primórdios do tratamento de resíduos dão-se em um tempo muito mais longínquo, a exemplo disto, Eigenheer (2009) cita cidades como Ur, Atenas, Roma, Tebas, entre outras, as quais possuíam uma população estimada de 250 mil a 1 milhão de habitantes. Diante de tal magnitude, a gestão dos resíduos faz-se necessária.

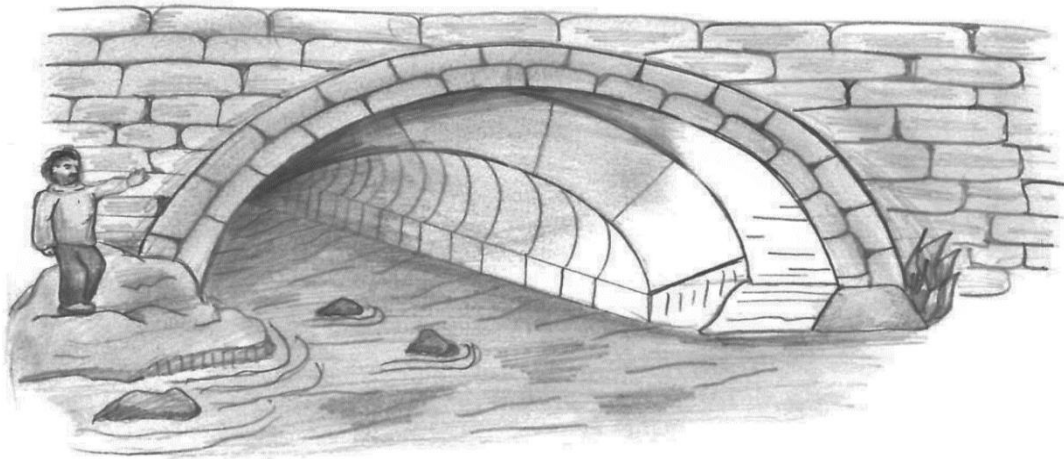
Registros arqueológicos demonstram que o ser humano na pré-história já realizava a queima de seu lixo em locais específicos. Acredita-se que este ato tinha por finalidade afastar os odores resultantes dos resíduos, assim sendo, o ser humano já possuía uma certa relação com seus próprios resíduos naquela época (EIGENHEER, 2009).

Segundo o autor supracitado, apesar de não possuímos registros de quem contava com tal benefício, os sumérios possuíam toaletes e locais de banho nas casas; os sacerdotes dos templos, responsáveis pelo comando, administravam a limpeza e a água da cidade, esta possuía uma série de canos de barro que escoavam as águas servidas para canais maiores em ruas pavimentadas. Os assírios também contavam com um sistema de canalização das águas de chuva e servidas, além de realizarem a captação de esgoto, inclusive de pequenas residências (EIGENHEER, 2009). Na Grécia Antiga, Atenas, em 500 a.C., o primeiro depósito de lixo foi fundado a partir de uma lei que instituía o despejo dos resíduos a pelo menos uma milha das cidades. Além disto, a cidade também possuía um significativo sistema de canalização de águas, que separava a água de uso geral da água destinada para as toaletes, bem como a realização da adubação com fezes humanas e de animais (EIGENHEER, 2009).

Grandes conquistas na questão da gestão dos resíduos foram realizadas pelos romanos, principalmente através da rede de estradas e abastecimento de água. Linhas subsidiárias, valas oriundas das casas, levavam os resíduos à *cloaca máxima*, uma das mais antigas redes de esgoto do mundo, contribuindo para a

limpeza de Roma. Naquela época, muitas cidades contavam com uma infraestrutura similar, a manutenção e limpeza desta rede de esgotos era mantida por criminosos condenados, tendo sido base para a constituição do imposto *cloacarium* (BARLES, 2011).

Figura 2 – *Cloaca máxima*



11

Fonte: Adaptado pelo autor, 2017.

Paulo C. de S.
22/10/2017

É de conhecimento de significativa parcela da população, devido em grande parte aos filmes e literatura, que a gestão dos resíduos na Europa da Idade Média era frágil, em virtude da precariedade das ruas, do suprimento de água, bem como da canalização da mesma; além disto, não havia uma destinação adequada dos dejetos e dos corpos de animais e de humanos. O lixo, que era jogado a céu aberto ou em cursos d'água, ocasionava epidemias responsáveis pela morte de inúmeras pessoas, dentre as diversas, as que ganharam maior notoriedade foram a peste negra, a febre tifoide e a cólera (GRIPPI, 2006). Apesar de todos os problemas causados pela má administração dos resíduos, os primeiros serviços de coleta de lixo só viriam a ser organizados a partir de 1666, em Londres (MACHADO; CASADEI, 2007). Em 1874, na cidade de Nottingham, também Inglaterra, foram construídas as primeiras incineradoras, as quais produziram vapor e energia por meio da queima contínua de lixo (GRIPPI, 2006).

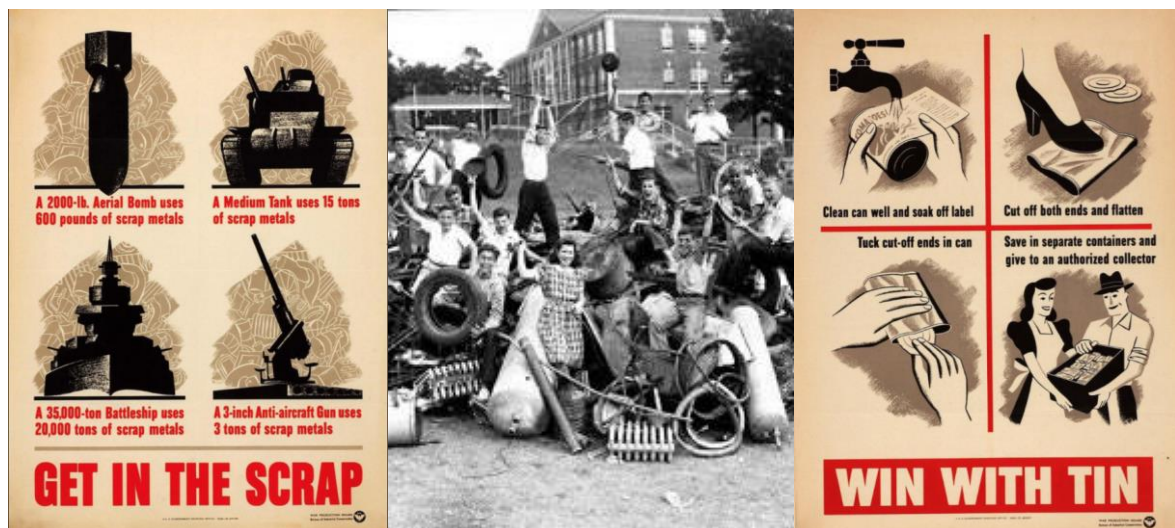
De acordo com Eigenheer (2009), a transformação do modelo tradicional de reaproveitamento dos resíduos pel@s catador@s para o modelo das usinas de

¹¹ Desenho elaborado com base na foto disponível no *link*: <http://ancientrome.ru/art/artworken/img.htm?id=65>.

triagem ocorreu em 1895 na cidade de Bucarest, Romênia, e, em 1895, na cidade de Munique, Alemanha.

Na Primeira Guerra Mundial, muitos vendedores ambulantes percorriam as ruas das cidades americanas atrás de materiais que poderiam ser reciclados (ZIMRING, 2005). Mas foi na Segunda Guerra Mundial que a reciclagem ganhou novas proporções, com as restrições financeiras e a relevante escassez de matérias-primas para as forças armadas. O governo utilizou fortemente os meios de comunicação a fim de fomentar a reciclagem.

Figura 3 – Cartazes da Segunda Guerra Mundial sobre reciclagem



Fonte: Patrick, 2014 (foto central); Waste 360, 2017 (fotos laterais).

Na concepção de Cooper (2008), o patriotismo, fortemente explorado nas campanhas publicitárias do governo, levou os cidadãos a doar até mesmo utensílios domésticos às usinas de reciclagem. Mais recursos significavam mais chances de vitória.

Diante desse contexto, cabe enfatizar que a motivação para a reciclagem era estimulada para fins militares e não pelos benefícios e apelos socioambientais dela decorrentes.

Na Segunda Guerra Mundial, com o aumento do consumo, a questão dos resíduos sólidos domésticos ganhou notoriedade, tendo em vista a magnitude do volume produzido e a complexidade de tais resíduos. A partir de 1960, os países desenvolvidos realizaram medidas mais eficazes na destinação e recuperação de resíduos (EIGENHEER, 2009).

Na atualidade, os resíduos sólidos caracterizam-se como uma das grandes apreensões ambientais, já que são resultados inerentes ao processo econômico adotado. Deste modo, encontrar soluções para os problemas ambientais ocasionados pelo nosso modelo de sociedade constitui-se como meta para diversos países (RANGEL PRIMO; MENDONÇA; VALLE, 2009). Polaz e Teixeira (2009) advertem que a problemática da questão dos resíduos sólidos é ainda mais agravante quando analisamos as taxas de consumo e de crescimento populacional nos últimos anos, visto que a grande maioria das cidades brasileiras não possui uma infraestrutura sanitária que suporte tal magnitude (POLAZ; TEIXEIRA, 2009).

Seguido do significativo crescimento da geração de resíduos nos últimos anos, também vale destacar as mudanças nas especificidades destes materiais, as novas composições químicas responsáveis pelo aumento da periculosidade destes materiais (OMS, 2007).

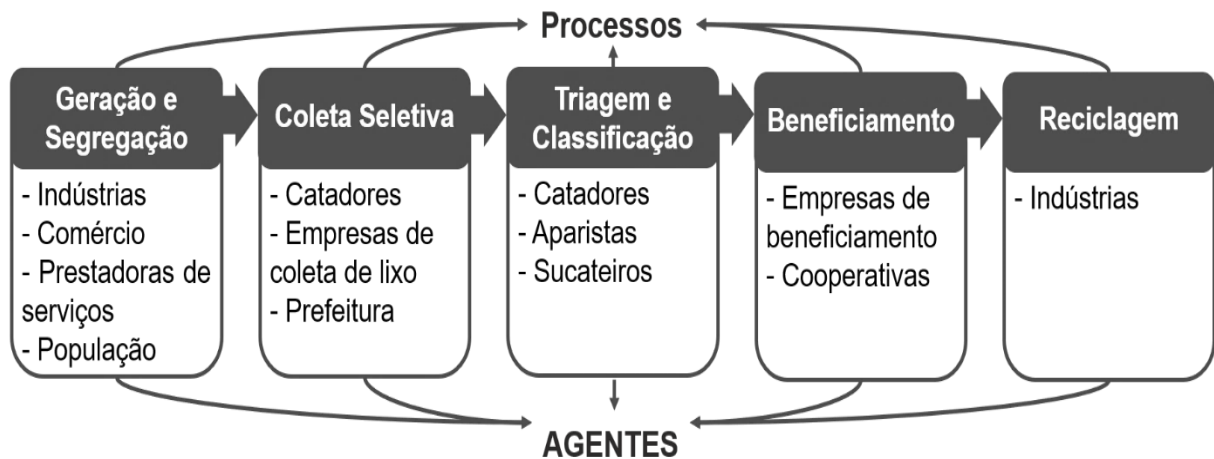
Na busca por uma melhor gestão dos resíduos sólidos, a reciclagem torna-se uma das alternativas possíveis, em especial, a coleta seletiva. Para Grimberg e Blauth (1998, p. 15), ainda existe um desconhecimento acerca do real conceito de coleta seletiva no Brasil.

É comum as pessoas entenderem a *coleta* como sinônimo de *separação* de materiais descartados ou, ainda, como *reciclagem*. Há quem diga, por exemplo, que '*faz coleta seletiva*' em casa, mas queixa-se de que seu bairro ou sua cidade '*não tem reciclagem*'. Outros garantem que '*reciclam*' seu lixo mas que, infelizmente, '*o lixeiro mistura tudo*' (GRIMBERG; BLAUTH, 1998, p. 15).

As autoras supracitadas, a fim de esclarecer o conceito de coleta seletiva, explanam que este ato não consiste somente na separação de materiais em si, mas representa um estágio entre a separação e o procedimento de reciclagem, assim como os aterros e incineradores (GRIMBERG; BLAUTH, 1998). Neste sentido, Grimberg e Blauth (1998) esclarecem que o termo coleta seletiva refere-se ao recolhimento diferenciado dos resíduos já separados, seja pelo catador ou pela prefeitura, geralmente em dias alternados com a coleta do lixo, em horários definidos. Por isto, de nada adianta realizar a separação dos resíduos caso não exista um recolhimento, isto é, a coleta seletiva, que possibilite a reciclagem dos mesmos. A cadeia da reciclagem atualmente é formada pelo catador, sucateiros de pequeno porte, sucateiros de grande porte e industriais (CALDERONI,

1999). Com o intuito de promover um maior esclarecimento acerca do conceito de coleta seletiva, bem como da cadeia de reciclagem, segue a representação do processo de reciclagem adaptada de Lajolo (2003).

Figura 4 – Representação da cadeia de reciclagem



Fonte: Adaptado de Lajolo (2003, p. 21).

Apesar do incentivo à reciclagem ser em grande parte devido aos benefícios econômicos, os resultados obtidos a partir desse processo são significativos, tais como: redução do uso de matéria-prima virgem, bem como da disposição dos resíduos sólidos urbanos em aterros sanitários e de seus efeitos, além da economia de recursos naturais renováveis e não renováveis, a geração de emprego e renda por meio da inclusão social e o despertar do sentimento de cidadania (GRIPPI, 2001). A coleta seletiva é de suma importância na cadeia da reciclagem, pois através dela contribuimos para a preservação dos recursos naturais, melhoramos a qualidade do material reciclável e incentivamos a cidadania (RINO; VENTURINI, 2005).

A fim de se diminuir o impacto da atividade humana no meio ambiente, principalmente na questão do esgotamento de recursos naturais e na geração de resíduos, é imprescindível que a sociedade reveja seus hábitos, a começar pelos padrões de consumo.

Não adianta a separação dos resíduos sem a coleta seletiva, o mesmo ocorre quando contamos com inúmeras campanhas para reciclar e programas de coleta seletiva se antes não internalizarmos novos hábitos e atitudes. É necessário que, além de mitigar os efeitos da enorme geração de resíduos, solucionemos as

suas causas, dentro delas, o consumismo, já que “a reciclagem vai reduzir, em parte, a crise, mas não vai eliminá-la” (ZANETI, 1997, p. 14,15).

A situação nacional é crítica na medida em que não há uma preocupação expressiva com a problemática do lixo, ou seja, a gestão dos resíduos ainda é ineficiente. Além disso, cabe repensar não somente a gestão desses resíduos, mas, também, as fontes geradoras dos mesmos, analisando, desse modo, questões de ordem social, econômica, ambiental, política, ética, estética, dentre outras.

Bianchini (2001) aponta uma série de opções que resultam na diminuição do volume de lixo nos aterros sanitários, tais como a digestão anaeróbia, a compostagem, incineração e separação pós-coleta, porém destaca que a reciclagem dos resíduos por meio da coleta seletiva apresenta-se como uma das principais soluções. No entanto, muitas vezes o processo de expansão da reciclagem “choça” com a questão financeira, no caso o orçamento dos municípios, uma vez que este processo demanda cerca de quatro vezes mais recursos em comparação com o método tradicional (CEMPRE, 2010).

Ademais, cabe enfatizar que a problemática dos resíduos sólidos não é apenas de ordem regional, mas de todo o Brasil. Para o Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2012a), nos últimos anos o país avançou significativamente na gestão dos resíduos sólidos, inclusive com a criação da Lei nº 12.305/2010, que concebe a PNRS, a qual prevê a prevenção e a redução na geração de resíduos sólidos, por meio da realização de hábitos sustentáveis de consumo, bem como por uma série de instrumentos que garantam o crescimento da reciclagem e da reutilização dos resíduos sólidos, além de promover a destinação ambientalmente correta dos rejeitos (BRASIL, 2012a). Porém, a aplicação da Lei nº 12.305/2010 ainda não é totalmente efetiva no Brasil. Logo, a questão também é: como garantir isso?

Todavia, apesar dos inúmeros benefícios obtidos por meio da reciclagem, o Brasil ainda não alcançou índices relevantes, se comparados a outros países, por isto a necessidade de incentivar com maior afinco uma coleta seletiva mais adequada, além de promover a constituição e o fortalecimento de cooperativas de catador@s de materiais recicláveis (GOUVEIA, 2012). Neste cenário, @s catador@s de materiais recicláveis, organizados em associações/cooperativas ou de modo autônomo, caracterizam-se como atores de grande importância na transformação de uma sociedade mais justa e sustentável (LAJOLO, 2003).

Faz-se necessário evidenciar que, historicamente, o processo de

reciclagem no Brasil desempenha um papel social, visto que, para uma significativa parcela da população brasileira marginalizada, a reciclagem apresenta-se como uma oportunidade relevante na geração de renda, muitas vezes, submetendo-se a condições precárias e agindo na informalidade.

É sob esse viés socioambiental que nos debruçaremos a seguir para compreender um pouco mais sobre @s catador@s.

1.5 @S CATADOR@S: SERES (IN)VISÍVEIS?

O Catador

Um homem catava pregos no chão.
Sempre os encontrava deitados de comprido,
ou de lado,
ou de joelhos no chão.
Nunca de ponta.
Assim eles não furam mais – o homem pensava.
Eles não exercem mais a função de pregar.
São patrimônios inúteis da humanidade.
Ganharam o privilégio do abandono.
O homem passava o dia inteiro nessa função de catar
pregos enferrujados.
Acho que essa tarefa lhe dava algum estado.
Estado de pessoas que se enfeitam a trapos.
Catar coisas inúteis garante a soberania do Ser.
Garante a soberania de Ser mais do que Ter.



Desenho de Manoel de Barros

Manoel de Barros
Em Poesia Completa (2010, p. 410).

A história sobre a origem da profissão d@s catador@s é antiga. Eigenheer (2009) ressalta que, na Europa do século XIX, estes sujeitos já estavam na mira de teóricos e partidários dos movimentos revolucionários, vendo-os não somente como resultado de um sistema capitalista degradante, mas também como agentes importantes da estratégia revolucionária, isto é, a resistência nas cidades poderia dispor de um público eventualmente contestador.

De acordo com o autor supracitado, inicialmente a atividade do catador, na sua luta pela sobrevivência, não estava relacionada à limpeza das cidades, constantemente era necessário que @s catador@s fossem controlados. Em Paris, no século XIX, estes indivíduos comprometiam significativamente a limpeza das cidades e dos sistemas de coleta ao procurarem seus materiais de forma descuidada (EIGENHEER, 2009).

A profissão de catador foi reconhecida na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) pela Portaria nº 397, de 9 de outubro de 2002, do Ministério do Trabalho, sob o Código nº 5.192-05. Sua norma legal descreve o catador de materiais recicláveis como os profissionais que catam e comercializam os materiais recicláveis; organizam-se de forma autônoma ou em associações e cooperativas, sendo estas geridas pelas próprias catadoras. Além disso, o catador de material reciclável constitui-se um dos principais atores para o sucesso da Lei nº 12.305/10, que institui a PNRS, a qual conta com uma série de instrumentos necessários ao enfrentamento dos principais problemas ambientais, sociais e econômicos do Brasil oriundos da má gestão dos resíduos sólidos.

Atualmente, o catador participa consideravelmente na gestão de resíduos sólidos no Brasil, e, apesar da importância para a sociedade, muitos ainda trabalham na informalidade. O catador de material reciclável atua em todos os municípios do país, fazendo com que parte significativa dos resíduos destinados aos lixões ou aterros seja inserida novamente no processo produtivo. Abreu (2001) destaca que a cadeia de reciclagem é complexa, vai desde o catador de material reciclável, passando por intermediários e culmina nas empresas de beneficiamento de plástico, vidro, papel, alumínio e ferro. Ainda, esta multidão de trabalhadores informais, no caso do catador, é responsável por destinar cerca de 10% a 20% dos resíduos sólidos urbanos do Brasil para este processo complexo.

Hoje, no Brasil, o trabalho do catador, organizado ou não, tem grande significado para as indústrias de reciclagem, sendo calculada sua participação em cerca de 60% do que é reciclado no país. Alimentam a cadeia dos materiais que chegam às indústrias a baixo custo e sem encargos trabalhistas (o que ocorre também quando são cooperativados). Em momentos de crise e baixa de preços, continuam com sua atividade de sobrevivência, submetendo-se aos preços e às interrupções nas compras. O crescimento da reciclagem industrial, desde o início do século XX, tem tido grande peso na economia de países ou regiões industrializadas (EIGENHEER, 2009, p. 119).

A respeito das cooperativas e associações de catadoras, Scherer-Warren (1993) elucida que as articulações da sociedade civil no formato de redes asseguram o empoderamento dos movimentos sociais, visto que possibilitam a aproximação e a elaboração de ambientes interorganizacionais de trocas, comunicação e discussão, sobre as bases das ações coletivas. Deste modo, entende-se que as associações de catadoras de materiais recicláveis assumem um

papel social, educacional e econômico significativo em relação à sociedade e seus associados, já que os estimulam a possuir um maior envolvimento e a intervir na realidade socioambiental da comunidade (SPOSATI, 1998).

Destaca-se que @s catador@s, além de atuarem de forma significativa na gestão de resíduos sólidos urbanos, também são agentes de sensibilização das pessoas, provocando-as para a mudança de conduta com relação aos resíduos sólidos, sendo assim, fundamentais na promoção da sustentabilidade do planeta (MOTA, 2005). Para tanto, “é importante que o catador entenda seu papel ativo como sensibilizador da população, o que contribui para elevar a sua autoestima, passando a se ver na condição de ‘quem tem a ensinar’, e não apenas de ‘quem tem a aprender’” (PINHEL, 2013, p. 13).

No Brasil, ainda não possuímos uma estimativa precisa acerca do número total de catador@s de material reciclável. Há uma série de pesquisas das mais diversas fontes, cada qual apresentando uma estimativa. A exemplo desta situação, podemos citar a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico de 2008 (IBGE, 2008), revelando que no Brasil há cerca de 70 mil catador@s de material reciclável em áreas urbanas. Com base no quadro 1 a seguir, observa-se que São Paulo é o estado com maior número de catador@s, seguido pelo Rio de Janeiro e pelo Paraná, embora com diferenças entre si. Santa Catarina ocupa a oitava posição.

Quadro 1 – Número de catador@s de material reciclável por unidade de federação

Unidade da federação	Nº de catador@s	Unidade da federação	Nº de catador@s
Acre	9	Paraíba	1.314
Alagoas	430	Paraná	8.811
Amapá	138	Pernambuco	6.801
Amazonas	287	Piauí	148
Bahia	2.021	Rio de Janeiro	9.480
Ceará	1.189	Rio Grande do Norte	689
Espírito Santo	1.226	Rio Grande do Sul	5.638
Goiás	4.603	Rondônia	342
Maranhão	694	Roraima	34
Mato Grosso	894	Santa Catarina	3.700
Mato Grosso do Sul	1.993	São Paulo	13.049
Minas Gerais	4.856	Sergipe	611
Pará	1.075	Tocantins	417

Fonte: IBGE, 2008.

A fim de demonstrar o grande contraste existente nos levantamentos do contingente de catador@s de material reciclável, podemos comparar a pesquisa do IBGE com a estimativa feita pelo Movimento Nacional d@s Catador@s Recicláveis (MNCR, 2014), que declara a existência de mais de 800 mil catador@s em atividade no Brasil, entre os quais 70% seriam mulheres. Já o Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2014a), estima que existam cerca de 600 mil catador@s. Através destes levantamentos podemos presumir que uma significativa parcela da população brasileira garante o seu sustento com o recolhimento dos resíduos recicláveis. Estima-se que cerca de 700 mil crianças são sustentadas por meio da renda de coleta de material reciclável (MNCR, 2014).

É preciso atentar que com o atual incentivo pela reciclagem, fazendo o processo ganhar mais destaque, paulatinamente novos atores vão aderindo à cadeia de reciclagem, e, desta forma, “[...] o consumidor que recicla voluntariamente acaba por suprimir a tarefa do catador” (LAYRARGUES, 2002, p. 191). Neste sentido, é primoroso ponderar que

se a opção preferencial da indústria da reciclagem não é o apoio à criação de cooperativas de catadores e sua justa remuneração, mas sim a ‘troca’ de equipamentos por latas de alumínio vazias, é porque essa é provavelmente a opção mais econômica (LAYRARGUES, 2002, p. 191).

Apesar da grande importância do catador de material reciclável para a sociedade em geral, visto que seu trabalho produz uma série de benesses nas áreas sociais, econômicas e ambientais, muitos destes indivíduos ainda não são reconhecidos de fato (AQUINO, 2007). Além de significativa parcela da sociedade não reconhecer o trabalho do catador, muitos destes profissionais ainda não se percebem com agentes de suma relevância para a gestão de resíduos sólidos. Ruscheinsky (2001) expõe que a consciência ambiental empodera o indivíduo, já que através dela é possível realizar uma análise mais verossímil do meio, fornecendo meios para que se possa melhorá-lo, sendo assim, o indivíduo envolve-se na construção do seu saber.

Nessa perspectiva, é conveniente citar aqui parte do texto de Santos (2007), durante sua participação no 6º Festival do Lixo e Cidadania realizado em Belo Horizonte, a convite do MNCR.

Aprendi que os seres humanos, mesmo os mais excluídos e nas condições mais indignas – aqueles para quem o nosso lixo é um luxo e o endereço é um viaduto ou uma soleira de porta – não desistem de lutar por uma vida digna, assente na reivindicação de direitos de cidadania que, apesar de impunemente desrespeitados, lhes dão notícia da sua humanidade. [...] Apenas fiquei a saber melhor que os excluídos não precisam que lhes ensinem o que é uma vida digna. Precisam apenas de aliados que possam dar testemunho deles e, com isso, ampliar a sua voz e a sua luta (SANTOS, 2007, p. 1).

Neste contexto, para Jacobi (2005), a EA pode promover a cidadania, uma vez que corresponde ao pertencimento e à identidade numa coletividade, dado a nova forma de encarar a relação do sujeito com a natureza, ou seja, uma nova forma de ver o mundo e os homens.

Para tanto, compreendemos que cada sujeito assimila e reage unicamente mediante as ações acerca do ambiente e seu entorno. Deste modo, a compreensão destas inter-relações natureza/ser humano por meio do estudo da percepção ambiental é fundamental. Tal compreensão possibilita analisar o modo pelo qual o indivíduo percebe o seu meio, também permite a realização de práticas pedagógicas, formais ou informais, tendo como premissa a realidade do mesmo (FAGGIONATO, 2007). Assim, interpretamos que estas percepções são as mais variadas possíveis.

Cada um de nós é uma lente exclusiva, fundamentada e polida por temperamento e educação. E nossas respostas à natureza - ao mundo - são tão diversas como nossas personalidades, embora cada um em momentos distintos possa ficar atônito, horrorizado, deslumbrado ou simplesmente entretido pela natureza (SOULÉ, 1997, p. 593).

Por isto, entendo que as percepções que os catador@s possuem acerca do seu trabalho e do seu meio são de grande relevância na busca por sua emancipação, como diria Freire (1992a, p. 74), para que a dificuldade encontrada no dia a dia “não lhes apareça como algo fatal e intransponível, mas como uma situação desafiadora, que apenas o limita”.

Além disso, autorreconhecer-se e ter clareza da sua importância nesse processo também é algo a ser investigado e que vem na direção do que autores como Guimarães (2007), Sá (2005) e Freire (2013) trazem como o sentimento de pertencimento.

Portanto, há a necessidade de transcender a noção de pertencimento humano, isto é, decifrar as especificidades da organização da sociedade,

objetivando “[...] superar a visão reducionista [...]”, ou seja, busca o desvelar de nossa identidade cultural, da nossa condição propriamente humana (SÁ, 2005, p. 251).

Mais importante do que conhecer a natureza, isto é, a pura obtenção de informações, é necessário pertencer à natureza. “[...] São partes inter-relacionadas e interativas de um todo, ao mesmo tempo que é o todo interagindo nas partes. É ‘tudo junto ao mesmo tempo agora’” (GUIMARÃES, 2007, p. 87).

Ademais, a educação pode ser concebida como prática da liberdade, como premissa da negação, “a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente de homens”, tendo em vista que esta educação propõe a reflexão acerca das pessoas e suas relações com o mundo (FREIRE, 2013, p. 81).

2 O PERCURSO METODOLÓGICO

As pesquisas realizadas na área da educação possuem inúmeras abordagens. Dentro desta magnitude, encontramos abordagens empiristas, funcionalistas, positivistas, estruturalistas, sistêmicas, dialéticas e fenomenológicas (BORGES; DALBÉRIO, 2007). As abordagens mais exploradas nas pesquisas oriundas das ciências humanas e sociais, em especial a área da educação, são o materialismo histórico-dialético, positivismo e a Fenomenologia (FRIGOTTO, 2010).

Se outrora tínhamos pouco acesso às publicações na área da Educação Ambiental (EA), hoje uma vasta literatura nos impede de termos consciência das variadas experiências, pesquisas, vivências e referenciais teóricos tecidos na rede caleidoscópica da EA (SATO; GAUTHIER; PARIGIPE, 2005, p. 107).

Além de existir uma enormidade de abordagens nas pesquisas relacionadas à área de educação, Souza e Salvi (2012) ressaltam a complexidade existente nestas pesquisas, principalmente vinda das fontes filosóficas e epistemológicas utilizadas pelos grupos de pesquisa. Referente à pesquisa na área de EA, Taglieber (2003, p. 116) destaca que

nutre-se da epistemologia, da prática social que dá base à educação. [...] A pesquisa em EA não vai à busca [apenas] de produtos e descrições ou explicações, mas busca a construção de um processo transformador: a consciência ambiental alerta e atuante.

Sato e Santos (2003, p. 265) afirmam que a EA estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, para tanto, é necessário um esforço multissetorial a fim de se cumprir os desafios da humanidade, ou pelo menos em parte, visto que a EA está fundada no respeito a todas as formas de vida. Conforme descrito por Pereira (2016, p. 29), a EA assim concebida exige a compreensão de suas múltiplas formas e sentidos frente às relações socioambientais. Além disto, conforme elucidado por Ruscheinsky (2005, p. 139), “a pesquisa como procedimento de análise científica e processo de conhecimento no campo da Educação Ambiental subsidia os profissionais para um ação mais qualificada junto à realidade humana, ambiental e social”.

A pesquisa qualitativa trabalha com um conjunto de significados, aspirações, motivos, valores, crenças e atitudes, necessitando mais do que um

modelo que operacionaliza variáveis, em face da complexidade do processo dos fenômenos (MINAYO, 2001).

Para Bogdan e Biklen (1982), a pesquisa qualitativa justifica-se em função de o fenômeno ser diretamente influenciado pelo seu contexto. As pessoas, as ações, os gestos devem ser estudados à luz de seu contexto, exigindo, assim, que o pesquisador tenha que trabalhar intensivamente em campo, a fim de presenciar um número significativo de fenômenos e em quais contextos eles são evidenciados. Na concepção dos autores, é necessário que o investigador se atenha ao maior número possível de itens relacionados ao objeto de estudo, visto que um elemento, muitas vezes tido como banal, pode fazer com que se obtenha uma compreensão muito mais enriquecedora do fenômeno estudado, sendo assim, na pesquisa qualitativa, todos os dados da realidade são tidos como importantes.

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 2010), exploratória (GIL, 2007), pautada pela vertente da Fenomenologia da percepção Merleau-Pontyana (1999), esta última abordada no referencial teórico desta dissertação.

Dias (2012, p. 22) considera que, ao fazer a interpretação das informações, “a partir da descrição fornecida pelos sujeitos, dos fenômenos vivenciados”, assume-se uma atitude fenomenológica.

O fenômeno estudado a partir de Merleau-Ponty (1999) será, na presente pesquisa, interpretado e as suas essências e assertivas principais, destacadas. É a partir delas que se evidencia, à luz da percepção dos sujeitos/atores, o universo de significados que permeia suas vidas. Essa significação será estudada também com adaptações do Método Fenomenológico de Colaizzi (1978 apud MOREIRA, 2002), empregado por Marcomin, Mendonça, Siqueira e Plá (2017).

Referente à abordagem fenomenológica do autor supracitado (COLAIZZI, 1978 apud MOREIRA, 2002), essa pressupõe que as experiências vivenciadas pelos participantes da pesquisa sejam transcritas, e estabelece sete etapas no desenvolvimento da pesquisa. Apesar de definir tais procedimentos, o autor adverte que não é necessário segui-los rigorosamente, o pesquisador deve ter em mente que o método é flexível e livre, isto é, pode se adaptar conforme as circunstâncias da pesquisa.

A partir da transcrição e leitura geral da entrevista, é realizada a releitura de cada transcrição, objetivando extrair assertivas que expressem o fenômeno

estudado. Tal etapa é conhecida como “extração de assertivas significativas”. Em seguida, o pesquisador atribui o sentido de cada uma delas e Colaizzi (1978 apud MOREIRA, 2002) destaca que a subjetividade é fundamental para este processo, visto que o pesquisador deve compreender o que cada assertiva significativa anuncia. Logo após, é realizada uma revisão dos sentidos a fim de se constituir “conjuntos de temas”, e para validá-los o autor recomenda uma releitura das transcrições originais, analisando a relação dos conjuntos definidos com o exposto nas entrevistas.

Colaizzi (1978 apud MOREIRA, 2002) sugere que, após a validação do conjunto de temas, seja realizada uma descrição detalhada acerca do fenômeno estudado, e a estruturação do fenômeno, por meio de uma declaração fidedigna. Na última etapa é realizada a validação dos resultados obtidos, estes são apresentados aos atores da pesquisa a fim de se constatar se há necessidade de adequá-los.

Objetivando a constituição do grupo dos sujeitos/atores da pesquisa, tentando contemplar bairros extremos da cidade de Tubarão/SC e pela concentração de catador@s de material reciclável, de acordo com o professor João Antolino (2018, c. p.), foram definidos os bairros Passagem, Santo Antônio, São João Margem Esquerda, Vila Esperança e São Bernardo. Decidimos entrevistar dois catador@s, um do sexo masculino e outro do feminino, para cada região estudada. Por se tratar de uma abordagem fenomenológica, julgamos apropriada a definição desse grupo, considerando, por exemplo, a concepção de Deslauriers (1991, p. 58), ao elucidar que o objetivo em definir um grupo é obter informações mais aprofundadas e ilustrativas, tendo em vista sua significativa capacidade de representar o fenômeno estudado, não importando se este é grande ou pequeno. A identificação d@s catador@s para posterior contato foi obtida a partir de indicações realizadas por funcionários públicos, dos Centros Regionais de Assistência Social (CRAS), dos bairros Passagem e Fábio Silva, da unidade básica de saúde do bairro São João Margem Esquerda e de indicações de catadores e comerciantes de materiais recicláveis.

Buscamos e aprofundamos as informações dos sujeitos por meio da gravação da entrevista (Apêndice A), observação durante as entrevistas (Apêndice B) e registros fotográficos.

A forma de contato com @s catador@s para o levantamento da participação na pesquisa foi efetuada através de uma conversa informal, abordando

o objetivo da pesquisa, metodologia e as especificidades; caso este decidisse fazer parte da pesquisa, seguíamos para o agendamento da entrevista e da confecção da documentação necessária ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Após a definição dos catadores de material reciclável participantes da pesquisa, foi realizado um contato direto com cada ator a fim de conhecer sua visão, práticas, valores, sentimentos, história de vida e, como explana Ruscheinsky (2005, p. 140), “também a forma como rebatem os acontecimentos ou são absorvidos por eles”.

Se considerarmos os sujeitos entrevistados, então haveremos de compreendê-los como construtores de seu modo de vida. Conhecer o assunto sobre o qual versa a entrevista com o interlocutor é uma condição basilar para o sucesso da coleta de informações, inclusive para formular novas pertinentes questões no percurso (RUSCHEINSKY, 2005, p. 140).

Contudo, procuramos entender e respeitar o ir e vir dos atores em suas memórias, falas, insurgências, repetições. Por isso, inúmeras vezes, suas falas são trazidas na totalidade, noutras precisam ser entrecortadas, simplesmente porque trazemos o fenômeno em questão, pois embora a vontade maior fosse “deixar rolar”, o pragmatismo acadêmico impõe-nos o limite do tempo, do prazo de uma defesa. Ou seja, também somos reféns, em outras instâncias, mas somos também reféns. As informações oriundas das entrevistas foram transcritas fielmente e agregadas às observações de campo e às fotografias, constituindo uma redação fluida do fenômeno sem engessar os resultados; reunidas em conjuntos de temas e respeitando a possível inter-relação das diversas nuances do fenômeno.

Importante destacar que, conforme descrito no Método Fenomenológico de Colaizzi (1978 apud MOREIRA, 2004), a validação foi realizada quando retornamos à residência de cada participante e em uma conversa questionamos “[...] sobre a adequação dos resultados obtidos” (MOREIRA, 2004, p. 121), sobre possíveis alterações. Para nós essa foi uma importante oportunidade também de demonstração de respeito às manifestações orais e silenciosas dos catadores durante a entrevista, conferindo-lhes nosso profundo agradecimento, respeito e voto de confiança ao processo desenvolvido antes, durante e após a entrevista. Deixando claro que a ele(a) pertenciam aqueles relatos e que nós éramos apenas interlocutores. Eles é que teriam que determinar a adequação/aceitação ou não do transcrito. Neste estudo, chamamos o momento considerado de “validação”

(COLAIZZI, 1978 apud MOREIRA, 2004) de **compartilhamento** da pesquisa. Impressionou-nos sobremaneira o modo como tod@s @s catador@s nos receberam e, principalmente, como reagem diante do volume de páginas transcritas: “Tudo isso?”, “Nossa!”, “Falei muito, né [...]” [sic]. Mas o impacto maior se deu com as frases: “Você confia em mim? Então eu confio no senhor” e “Não preciso olhar nada e nem mudar nada. Tudo o que disse é a verdade!”. Seres que pouco nos conheciam revelaram parte de suas vidas para nós; abriram suas casas – a maioria sem nem nos conhecer e sem indicação de ninguém –, e agora, autorizavam-nos a escrever suas histórias. Um reconhecimento que não se encontra nos dias atuais. Essa prova de confiança foi para nós um grande exemplo da contradição dos dias atuais.

É necessário ressaltar que o Método Fenomenológico de Colaizzi (1978 apud MOREIRA, 2002) não foi seguido fielmente, ou seja, procuramos estabelecer algumas variações no método de Colaizzi, pretendendo “enxergar” os sentidos não expressos, respeitando a oralidade, expressividade e o silêncio dos sujeitos/atores, seus tempos e espaços; mas, primordialmente relatar o fenômeno de forma fluida, menos engessada. Os conjuntos de temas visaram a uma melhor organização, mas não especificamente a um isolamento dos assuntos. O ir e vir desses será à luz do fenômeno inevitável, por isso a tentativa sempre que possível presente de prezar por tal fluidez.

Buscamos, também, a “palavra enunciadora, esfomeada por viver. A metodologia terá que seguir a vida” (PASSOS, 2014, p. 39). Desta forma, além de realizar a extração de assertivas significativas das entrevistas realizadas, também foram destacadas as expressões corporais dos atores da pesquisa no ato da entrevista, evidenciando a relação do corpo com o dito e não dito, com o material e com o outro. O corpo e todas as suas manifestações foram valorizadas, afinal “eu não percebo a cólera ou a ameaça como um fato psíquico escondido atrás do gesto, leio a cólera no gesto, o gesto não me faz pensar na cólera, ele é a própria cólera” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 251). O silêncio também se apresenta como uma expressão corporal, conseqüentemente, será objeto de estudo, haja vista que “há coisas que melhor se dizem calando” (MACHADO DE ASSIS, 2010, p. 287). O silêncio também “é uma resposta aos olhos do sábio” (EURÍPIDES, 2008, p. 560).

Evidencia-se, à luz da percepção dos sujeitos/atores, o universo de significados que permeia a vida destes. As informações relativas às entrevistas

foram obtidas mediante a autorização dos atores de pesquisa. Nos encontros anteriores à entrevista, ficou claro que os atores da pesquisa não se sentiriam à vontade com o registro em vídeo, portanto fiz a gravação de áudio, o registro fotográfico e, ainda assim, para evitar os constrangimentos registrados por alguns em relação à fotografia, procurei desenhá-los com cuidado e respeito. Somente no caso da dona Leda tive de realizar um desenho em sua homenagem, já que ela não nos permitiu o registro fotográfico. Em sua primeira manifestação descrevo o desenho que adaptei em sua homenagem. Todos os procedimentos junto @s catadador@s foi efetuado mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e submetido ao CEP da universidade via Plataforma Brasil.

À luz de todas as impressões/manifestações dos atores da pesquisa, foram observadas também se suas manifestações mencionam aspectos que envolvam o sentimento de pertencimento do sujeito/ator ao ambiente e de classe, o exercício de cidadania, a autonomia e gestão de resíduos sólidos.

Tais informações encontram-se organizadas em conjuntos de tema da seguinte forma: perfil, autopercepção, trabalho, aspectos conceituais, material reciclável, saberes, cidadania, mudanças e outras percepções.

3 AS EFERVESCÊNCIAS DO UNIVERSO PERCEPTIVO E SEUS APRENDIZADOS

No intuito de favorecer a compreensão acerca dos fenômenos estudados, os “conjuntos de temas” e seus respectivos subtemas serão descritos a seguir, respeitando certa organização para facilitar a interpretação do fenômeno descrito. Os conjuntos de temas e seus subtemas foram organizados em: perfil, autopercepção, trabalho, aspectos conceituais, material reciclável, saberes, cidadania, mudanças e outras impressões.

A partir da influência e inspiração da leitura da tese de “O esvoaçar de lembranças no pouso de lutas socioambientais de mulheres negras”, de autoria de Cássia Fabiane dos Santos Souza da UFMT, orientada por Michèle Sato, sentimos-nos compelidos a inserir ao lado de cada manifestação dos atores da pesquisa uma ilustração homenageando @s participantes da pesquisa. Na sua tese Cássia emprega, para cada uma das mulheres participantes da pesquisa, uma obra do artista Gildásio Jardim. No presente estudo, optamos por inserir um desenho d@ participante feito por mim mesmo a partir do registro fotográfico realizado por ocasião da entrevista. A ideia do desenho representa uma homenagem, que será entregue em versão ampliada aos participantes, após a defesa da dissertação.

Os atores sob nosso “olhar”

Inicialmente, antes de adentrarmos nos relatos d@s catador@s de materiais recicláveis, acreditamos que seja de suma importância revelarmos um pouco da trajetória destes profissionais, desvelando alguns aspectos marcantes de suas personalidades e de seu trabalho, objetivando um maior conhecimento acerca destas pessoas, mesmo que de forma breve. Novos elementos afloram na medida em que trazemos trechos das conversas com el@s.

É necessário destacar, neste capítulo, que a sequência utilizada aqui se deu por ordem cronológica de realização das entrevistas, isto é, dona Leda foi a primeira catadora entrevistada enquanto dona Beatriz foi a última. Os nomes aqui discriminados foram determinados pelos respectivos catador@s, alguns como nomes próprios, outros por apelidos, como João Batata ou João Quiboa.

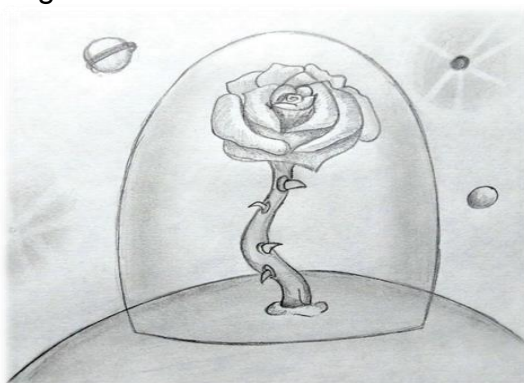
A seguir revelar-se-á o desvelar fenomenológico da expressividade dos

atores envolvidos neste estudo: dois catador@s, um do sexo masculino e outro do feminino, para cada região estudada dos bairros Passagem, São João Margem Esquerda, São Bernardo, Vila Esperança e Santo Antônio de Pádua.

No caso do bairro Passagem, primeiramente, dirigimo-nos até o CRAS lá situado, a fim de obter alguma informação ou referência acerca do conhecimento de catador@s na região. Nessa ocasião conhecemos o assistente social Vasco, que conhecendo profundamente a região e tendo amplo acesso à mesma, prontificou-se a agendar um contato com @s catador@s e acompanhar-nos no processo de entrevista, dada a dificuldade de acesso à comunidade por tratar-se de área de influência de tráfico de drogas. Vasco foi, durante todo o processo de pesquisa, um profissional e um ser humano extraordinário, acompanhando-nos em todas as visitas nessa comunidade. Somos e seremos sempre imensamente gratos por sua significativa contribuição no desenvolvimento desta pesquisa.

Dona Leda foi bastante impositiva ao relatar que participaria da entrevista desde que não possuísse nenhum registro fotográfico ou semelhante, o intrigante neste caso é que o receio não se dá pelo viés do anonimato, mas estético. E o que para ela parece comprometer “o visível”, enche-nos de orgulho, pois transborda de beleza toda a sua visibilidade, marcada pelos meandros e histórias de sua vida rica dos muitos traços de força e de “invisibilidade” de sua expressividade. Diante deste contexto, optamos por desenhar uma rosa (figura 5), em referência à obra “O Pequeno Príncipe”, de Saint-Exupéry (2005, p. 38), pois “só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. [...] Foi o tempo que perdeste com tua rosa que a fez tão importante”, portanto, o desenho buscou prestigiar dona Leda, já que “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

Figura 5 – Leda



Rafael C. da Silva

06/04/2019

Fonte: Ilustração efetuada pelo autor a partir da obra “O Pequeno Príncipe”, 2019.

O primeiro contato com a catadora **Leda** dá-se em uma semana que antecede nossa entrevista, no dia 16/08/2018. Nesta ocasião, como citado anteriormente, Vasco, assistente social do CRAS localizado no bairro Passagem, acompanha-nos. Como mencionado, seu acompanhamento ocorre para favorecer o acesso à comunidade, a área verde de Tubarão, já que o tráfico de drogas exerce uma pressão “invisível” sobre a área, mas que gera, para quem conhece a região, um legado de cuidado e respeito, evitando a entrada de pessoas estranhas à comunidade; assim, a presença do assistente social confere respeito e credibilidade, uma referência na região. Vasco é tido como uma pessoa bem-quista, respeitada e confiável na comunidade, o que leva a catadora Leda a aceitar a participar da entrevista somente após conversar com o assistente social. Neste primeiro encontro uma condição chamou-nos atenção, a área onde mora a catadora Leda é conhecida pela concentração de catador@s no município de Tubarão/SC, e, ao adentrarmos em sua residência (propriedade), notamos que em comparação aos demais catador@s já vistos em outros lugares, dona Leda possuía uma exímia organização, tanto no aspecto prático para a realização do trabalho quanto sob o ponto de vista estético, característica esta que permeou vários momentos da entrevista; seu senso de organização esteve presente ao longo de nossos encontros.

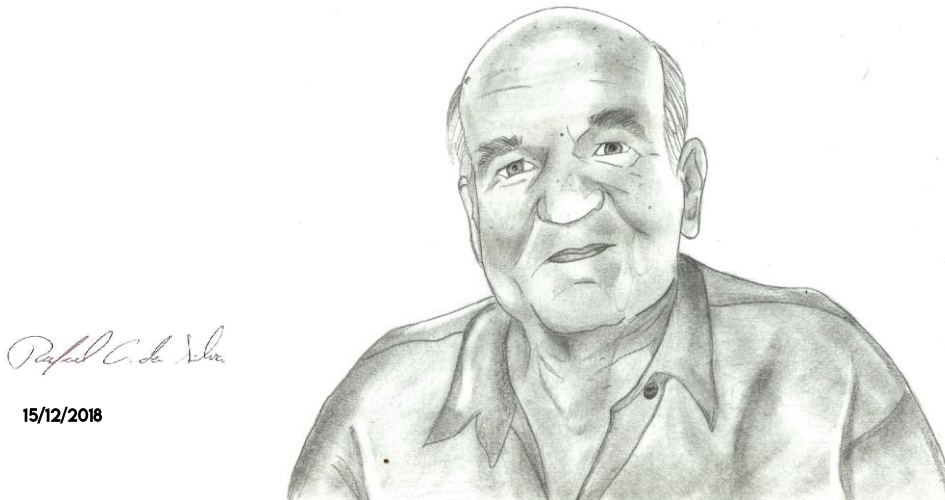
Inicialmente pensamos que a conversa seria rápida, visto que as respostas dadas pela catadora no primeiro momento eram breves e iam direto ao ponto, pragmáticas, demonstrando um certo receio com nossa presença, porém, para nossa surpresa, tivemos uma longa conversa com a catadora Leda, contribuindo, assim, sobremaneira para a elaboração deste trabalho. Durante a nossa conversa, alguns comportamentos destacaram-se: a princípio vimos que a catadora Leda gosta de gesticular, demonstra alegria ao relatar a sua relação com o material reciclável, descrevendo com ricos detalhes o modo com que faz o manuseio destes materiais, a alegria também está presente no discurso acerca das pessoas com quem a catadora vai se relacionando durante sua rotina de trabalho, sua exaltação ao relatar ocasiões em que pessoas não reconhecem a profissão de catador@ ou não distinguem o lixo do material reciclável, nestes momentos a catadora Leda apresenta-se de forma mais impositiva. A sua expressividade foi marcante!

A catadora tem 62 anos, é moradora do bairro Passagem em Tubarão/SC, natural de Orleans, reside em Tubarão desde a infância, mãe de sete filhos, dois

homens e cinco mulheres, uma destas falecida. Dona Leda expressa claramente seu orgulho em ter criado seus filhos sozinha e, mesmo nos dias atuais, com os filhos adultos, auxilia-os, “*pouco que eu faço ainda divido com os filho, não vai acreditá*” [sic].

No bairro São João Margem Esquerda nosso companheiro de pesquisa é seu João Quiboa (figura 6).

Figura 6 – João Quiboa



Fonte: Elaboração do autor, 2018.

O contato com o catador foi efetuado através de indicações realizadas pelas agentes comunitárias de saúde do respectivo bairro, um destes relatos informava que uma catadora morava nas imediações do posto de saúde. Ao chegarmos à localidade, constatamos que a residência pertencia a uma catadora, após nos identificarmos e relatarmos os objetivos da pesquisa a mesma optou por não participar da entrevista, porém, informou que seu irmão também era catador e acreditava que ele estaria disposto a contribuir. Nesse momento em que tivemos o primeiro contato com o catador **João**, popularmente conhecido como **João Quiboa**, confirmamos seu interesse em cooperar e agendamos a entrevista.

Nossa conversa foi realizada no dia 27/08/2018, por volta das 14 horas, a mãe do catador acompanhou a entrevista, já que os dois residem na mesma casa. Seu João Quiboa, inicialmente, relata-nos que nasceu em Tubarão no dia dez de dezembro de 1956, e, mesmo que tenha trabalhado em várias cidades como Criciúma, Içara, Joinville, Uberlândia e Cascavel, o catador residiu a maior parte da sua vida em Tubarão/SC, possui três filhos. Durante toda a entrevista o senhor

Quiboa demonstrou-se uma pessoa receptiva, de poucos gestos, mas sensível; o catador demonstra claramente suas emoções ao relatar os acontecimentos de sua vida, principalmente nos momentos em que conta a respeito de sua família e de sua profissão, catador de material reciclável.

É oportuno ressaltar que cerca de duas semanas após a realização da entrevista, perto da data da validação/compartilhar da entrevista, fomos convidados pelo senhor João Quiboa a comparecermos em sua residência, pois, segundo suas palavras, *“quero mostrar algo para vocês”*. Para nossa surpresa fomos contemplados com uma amostra, isto é, uma exposição com todos os materiais que são recolhidos por seu João Quiboa (figura 7). De acordo com o catador, o objetivo desta exposição era demonstrar *“um trabalho que faço pro meio ambiente”* [sic]. Abaixo, podemos visualizar a exposição destes materiais realizada pelo catador João Quiboa como também a sua preocupação em nos receber elegantemente vestido. Para ele, falar sobre o material reciclável é um “evento”. Seu João Quiboa passou um final de semana inteiro preparando um varal de galões plásticos, dispostos ao longo de seu quintal, e cheio de orgulho pedia que eu fotografasse o quintal, seus varais, dona Maria (sua mãe), nós (os pesquisadores – agora amigos) e o carrinho que ele construiu para coletar, carinhosamente chamado por ele de “bitrem”.

Figura 7 – Montagem de fotos do varal de galões, da mãe do catador, do meio de transporte utilizado e de seu João Quiboa elegantemente vestido



Fonte: Acervo do autor, 2018.

Naquele instante impossível não lembrar de Manoel de Barros, em sua obra “Memórias inventadas” (2018, p. 25):

O apanhador de desperdícios – Manoel de Barros

[...] Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo [...]

Mais adiante, ainda com Manoel de Barros, nessa mesma obra, compreendi que “[...] o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas” (BARROS, 2018, p. 31). E é essa intimidade observada na estreita relação entre seu João Quiboa e seu “reciclável”, como ele faz questão de frisar, que acentua como sua atividade ganha “reconhecimento e vida” em sua história.

É por meio destes acontecimentos que compreendemos a importância das relações com o espaço, principalmente no que diz respeito à casa, na sua capacidade de acolhimento e privacidade, visto que, apesar de estar dentro do mundo, não deixa de se constituir como um cosmo, um mundo dentro do mundo. “Pois a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmo. Um cosmo em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela (BACHELARD, 1978, p. 200).

O interesse pela participação em atividades que tratem sobre a profissão de catador de material reciclável é frequentemente demonstrado por senhor João Quiboa em inúmeros momentos de nossa conversa. Ele relatou o interesse em

participar de outras entrevistas sobre o assunto, além disto, o catador já teve participação em algumas emissoras de rádio e televisão da região. Faz questão de mencionar isso, o que é enfatizado durante a entrevista.

No bairro São Bernardo, nossa busca é por seu João Batata (figura 8).

Figura 8 – João Batata



Fonte: Elaboração do autor, 2018.

Assim como no caso do senhor João Quiboa, a localização da residência do catador **João Batata** dá-se através da indicação realizada pelas agentes comunitárias do bairro São Bernardo. Chegando ao local, encontramos com o catador senhor João Batata, que se prontificou a participar da pesquisa após esclarecermos o objetivo desta e acordarmos o dia 30/08/2018 para a realização da entrevista.

Desta forma, no dia combinado, por volta das 16 horas, comparecemos à residência do senhor João Batata para a realização da entrevista. No momento o catador estava realizando a organização do material, em cima do contêiner, no caso o papelão, após o dia de trabalho. Aproveitamos este tempo para conversamos um pouco sobre a sua rotina, ficamos surpresos pelo volume de material recolhido pelo catador, como podemos observar na figura a seguir.

Figura 9 – Volume de material recolhido por seu João Batata



Fonte: Elaboração do autor, 2018.

A surpresa foi em função de alguns motivos, primeiramente este volume é resultado de poucos dias de trabalho, “*menos de dez*”, conforme descrito pelo senhor João Batata. Além disto, o percurso realizado pelo catador é feito em apenas dois bairros, demonstrando, assim, uma significativa geração deste resíduo na região. A respeito destas questões, trataremos com maior profundidade posteriormente.

O catador João Batata tem 59 anos, nasceu em Grão Pará, mora em Tubarão desde os 10 anos de idade, viúvo, atualmente mora com a companheira, e, quando questionado sobre os filhos, o senhor João Batata não hesita em falar que “*tem que trazer tudo pra cá pra ver se dá pra contar, pegar uma Kombi*” [sic]. A entrevista com o catador João Batata foi realizada na cozinha de sua casa. Acompanhado dos familiares, durante toda nossa conversa o catador demonstrou-se alegre e descontraído, portanto, vários trechos aqui discutidos estão impregnados de um sentido cômico.

O bairro Passagem tem como representante em nossa pesquisa o seu Sérgio (figura 10).

Figura 10 – Sérgio



Pedro C. de Silva

08/12/2018

Fonte: Elaboração do autor, 2018.

O contato com o senhor **Sérgio** também se deve ao trabalho realizado pelo assistente social Vasco, do CRAS da Passagem, e, assim como na entrevista com a catadora Leda, a conversa com seu Sérgio foi feita com o acompanhamento do assistente social. Foi relativamente sucinta, quando comparada ao tempo de outras entrevistas, porém, apesar do catador não descrever exaustivamente algumas questões, contribuiu significativamente com a pesquisa, tendo em vista a relevância de seus relatos.

Toda a conversa foi realizada na cozinha, e pudemos notar que sua residência possui diversos objetos encontrados no seu percurso de catador. Também observamos que o senhor Sérgio possui uma relação intensa com seus animais, demonstrada através de seus relatos e por meio de sua criação de pássaros e galinhas. O catador tem 50 anos, mora sozinho, é solteiro e não possui filhos.

O bairro Santo Antônio de Pádua é o berço da atuação de dona Generosa (figura 11).

Figura 11 – Generosa



Fonte: Elaboração do autor, 2018.

O encontro com dona **Generosa** acontece depois de muito esforço, tendo em vista informações desencontradas no bairro onde ela reside.

Depois do primeiro contato com a catadora, combinamos de conversar no dia 04 de outubro de 2018, pela manhã. Conforme combinado, comparecemos às 9 horas da manhã a fim de realizarmos a entrevista. Ao chegarmos ao local, observamos que a catadora Generosa possuía um volume significativo de materiais recicláveis dentro da sua residência, tudo muito limpo e organizado. Durante a entrevista, a catadora Generosa demonstrou-se uma pessoa calma e com diálogo bem expressivo, dando-nos ricos detalhes acerca da sua vida, bem como relatando o recente afastamento da sua profissão, em função de um problema de saúde ocasionado pelo falecimento do esposo. A catadora tem 59 anos, reside com o filho adolescente, e relata que, mesmo estando afastada das suas atividades, a comunidade ainda traz os materiais em sua casa e que está ansiosa para voltar ao trabalho, considerando os benefícios obtidos através deste, questão está que será discutida posteriormente.

A catadora Generosa é natural de Celso Ramos e pertencia a uma família humilde, constituída por mãe, muda e surda, pai alcoólatra e onze filhos, passando por dificuldade de diversas formas. Por esta razão, ao ter conhecimento de que existia uma pessoa procurando por uma cuidadora, relatou ao seu pai que iria aceitar a oferta, momento crítico para a catadora, já que havia um relacionamento afetuoso muito forte com seus irmãos. Após trabalhar cerca de um mês, foi acordado

que esta pessoa daria uma máquina de costura para a mãe de dona Generosa em troca de 5 anos de serviço.

Durante esse período, dona Generosa trabalhou como cuidadora em Florianópolis, e relata uma série de maus-tratos, até que um dia a irmã da contratante, ao saber dessas condições, demonstrando claramente seu repúdio, levou a catadora Generosa – nesta data com quinze anos de idade – para morar em sua residência localizada na cidade de Tubarão. A catadora conta que é eternamente grata por esta atitude.

No bairro Vila Esperança encontramos, após inúmeras andanças, a dona Beatriz (figura 12).

Figura 12 – Beatriz



08/12/2018

Fonte: Elaboração do autor, 2018.

Alguns elementos da história da catadora **Beatriz** possuem similaridade com a de dona Generosa, visto que também não foi fácil encontrar a sua residência. Obtivemos vários relatos de catador@s e comerciantes de materiais recicláveis acerca da localização de sua moradia, infelizmente muitos destes não condiziam com a realidade, originando, assim, certa desesperança em encontrá-la. Porém, após o relato de um sucateiro, percorremos o bairro à procura da catadora e, para nossa felicidade, encontramos dona Beatriz caminhando em uma das ruas daquela região desenvolvendo a sua prática juntamente com o genro. Na ocasião, então, explicamos sobre a pesquisa e dona Beatriz concordou prontamente em participar da entrevista.

Nossa conversa foi realizada no dia 06 de outubro de 2018, um sábado, já que, conforme o relato da catadora, seria o seu único dia de folga na semana. Ao chegarmos à sua residência, por volta das 14 horas, observamos que a catadora tinha recém-chegado de sua rota e nos contava que, mesmo tendo estipulado o sábado como dia de descanso, muitas vezes não conseguia passá-lo sem trabalhar, pois gostava muito do que fazia. Durante nossa entrevista, a catadora Beatriz demonstrou-se uma pessoa sorridente, feliz, cativante e possuidora de uma simplicidade notável.

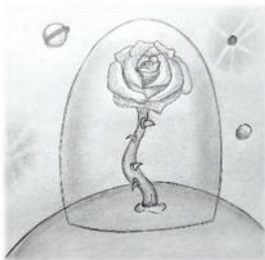
Além da dificuldade de localização da residência da catadora, outro aspecto em comum com a catadora Generosa é a questão de também ter sido adotada quando criança. Ela foi adotada por uma família de Gravatal/SC; é natural da Bahia e foi ainda criança que teve seu primeiro contato com a profissão de catador de material reciclável. Dona Beatriz é a catadora que possui mais anos nesta ocupação, se comparada com os demais profissionais entrevistados, já que a catadora relatou que trabalha desde cerca dos sete anos de idade. Por ocasião da entrevista, dona Beatriz tinha 52 anos, sendo assim, ela está na profissão há mais de 40 anos. Dona Beatriz é viúva e possui duas filhas e dois netos. A filha mais nova, assim como a mãe, é catadora, as duas residem na mesma casa e alternam os horários e rotas de coleta de material reciclável.

Referente ao grau de escolaridade, grande parte dos catadores entrevistados relatou-nos que não frequentaram a escola. Sobre este aspecto é importante realizar algumas ponderações. Tendo em vista que a idade média dos catadores é de 50 anos, devemos considerar a realidade educacional brasileira daquela época, além disto, a maioria destes passou a sua infância em áreas rurais do sul de Santa Catarina/SC, onde, naquela época, cerca de 40 anos atrás, muitas crianças não frequentavam a escola por incentivo da família, isto é, era preferível que a criança ajudasse seus pais na roça. Essa cultura é exposta claramente no relato do catador João Batata, como podemos observar a seguir.



“Ah, estudei pouco, pouquinho, naquele tempo o pai, o pai, naquele tempo os pai não deixavo, né, [...] era pouco, muito pouco, era, era um capricho [...] botava o cabo de enxada nas costas e saía, e não olhava pra trás” [sic].

Assim como o catador João Batata, o senhor João Quiboa também frequentou a escola, este porém concluiu o ciclo de aprendizagem da época, desta forma, de todos @s catador@s entrevistados, seu João Quiboa apresenta-se com o maior nível de escolaridade. Nas suas palavras, “ô Rafael, eu estudei até aquele terceiro ano que não valia não, é o rico, é o rico, é o rico que não valia nada (risos)”. @s catador@s Sérgio, Beatriz e Generosa relataram-nos de forma sucinta que nunca frequentaram um ambiente de educação formal; já a dona Leda, embora tenha revelado que não concluiu o ensino formal, o maior destaque é a sua narrativa em si. Uma narrativa forte, intensa, carregada de emoção, força. O que pode explicar, inclusive, a sua dificuldade em não querer ser fotografada ou desenhada. Também por isso nossa homenagem a ela com a rosa inspirada na obra “O Pequeno Príncipe”.



Porque eu digo mesmo pra senhora, tenho pesar, só que agora eu tenho pesar de a minha mãe não deixá nós, não deixá nos no estudo, porque quando ela vivia com meu pai, meu pai botava nós morá muito no meio do mato. Pra tu vê, mulhé, e nós passava muita da fome, ela apanhava, ele dava de corda dobrada na mãe, ele pegava aquelas corda do cavalo, dobrava as corda e dava na mãe. E eu quando criança, quando pequena, eu via tudo aquilo ali, e não tendo comida pra comê, não tendo um pão pra comer dentro de casa, ele só botava a mãe pra morá no meio do mato. Nós morava no mato virgem, e não tinha comida, eu com essa minha irmã, [...] nós pegava um saco, [...] lembro como se fosse hoje. Hoje eu sou rica, na minha vida, hoje eu sou rica. Hoje a minha família é rica, é rica graças a Deus, Senhor. Nós pegava essa saca e ia lá pro meio do mato, lá no mato, [...] eu via cobra, e nós pega aquele feijão de baga, não sei se a senhora já ouviu falá, [...] do mato, nós vinha com aquela sacada, aí como nos tava vindo, ela ia ao nosso encontro, nos tava caída no meio da estrada, quando nos ia pra escola. Nos tava caída no meio da estrada, no sol quente, já ia buscá comida no meio do mato, ia buscá comida no meio do mato, feijão, depois nos tinha que ir pra escola. Ela cheia de filho, que o pai era um dentro e outro fora, todo ano ela esperando um filho, a mãe é mãe de 18 filho, todo ano, é, agora ela já morreu [sic]. (Dona Leda)

Dona Leda alterna momentos em que relata a ida à escola, com muita dificuldade em função das adversidades encontradas pelos estudantes da área rural, ao mesmo tempo o pesar por não ter tido a oportunidade de dar continuidade aos seus estudos em virtude das barreiras impostas pela mãe. Porém, é preciso destacar todo o sofrimento de sua mãe que ela relata. A extrema violência doméstica praticada pelo pai contra a mãe e na presença dos filhos, a dificuldade com a fome, a mesma comida “baga de feijão” todos os dias. Uma infância marcada pela brutalidade, uma dura realidade. Talvez por conta disso dona Leda veja de forma tão positiva as condições de vida atuais, apesar das dificuldades.

Os relatos d@s catador@s de materiais recicláveis acerca da escolaridade revelam que praticamente todos demonstraram, seja de forma breve ou extensa, uma certa aflição por não terem concluído o ensino. É válido ressaltar que, durante nossas conversas, notamos que @s catador@s possuem uma concepção de formação educacional formal relacionada apenas à infância e adolescência, isto é, ainda que estes demonstrem um certo pesar por não terem tido um contato significativo com ambientes de aprendizagem formais em sua juventude, os mesmos não buscaram formas de ingressarem nestes ambientes educativos formais durante a fase adulta, assim como não manifestaram o motivo pelo qual não o fizeram.

Contudo, necessitamos refletir sobre as condições que a sociedade como um todo oferece para que tais atores/sujeitos possam de fato se permitir o retorno aos bancos escolares, por meio, por exemplo, da Educação de Jovens e Adultos. Esses seres são, de certo modo invisíveis, essas oportunidades não chegam até eles. Mesmo porque estão lutando pela sobrevivência. A universidade, por meio de seus níveis de ensino, pesquisa e extensão, poderá aproximar essas pessoas dessa oportunidade. Neste contexto, destacamos a importância de ações que promovam a inserção destes indivíduos nos ambientes educacionais, principalmente naqueles que desenvolvam processos que promovam a participação ativa e despertem a reflexão crítica, já que

na medida em que os homens, simultaneamente refletindo sobre si e sobre o mundo, vão aumentando o campo de sua percepção, vão também dirigindo sua 'mirada' a 'percebidos' que, até então, ainda que presentes ao que Husserl chama de 'visões de fundo' não se destacavam, 'não estavam postos por si'. Desta forma, nas suas 'visões de fundo', vão destacando percebidos e voltando sua reflexão sobre eles (FREIRE, 1992a, p. 99, grifos do autor).

Ressaltando que tais práticas educativas devem erradicar a concepção de uma educação "bancária", de visão dicotomizada, que determina os "detentores do conhecimento" e os que "só têm a aprender", onde, longe de superar as desigualdades sociais, perpetuam-nas. Ademais, é preciso compreender que a educação por si só não transpassará todas estas adversidades, mas "se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda" (FREIRE, 2000, p. 67).

Diante dos relatos que dizem respeito ao nível de escolaridade, destacamos aqui o papel crucial da alfabetização, vista por Freire:

A alfabetização se faz, então, um quefazer global, que envolve os alfabetizandos em suas relações com o mundo e com os outros. Mas, ao fazer-se este quefazer global, fundado na prática social dos alfabetizandos, contribui para que estes se assumam como seres do quefazer — da práxis. Vale dizer, como seres que, transformando o mundo com seu trabalho, criam o seu mundo. Este mundo, criado pela transformação do mundo que não criaram e que constitui seu domínio, é o mundo da cultura que se alonga no mundo da história (FREIRE, 1982, p. 17).

Apesar de se constituir fundamental, devemos compreender que a alfabetização por si só não garantirá que os direitos d@s catador@s, enquanto profissionais e sujeitos de direito, sejam garantidos, há um longo caminho ainda a ser percorrido.

Não podemos alimentar a ilusão de que o fato de saber ler e escrever, por si só, vá contribuir para alterar as condições de moradia, comida e mesmo de trabalho [...] essas condições só vão ser alteradas pelas lutas coletivas dos trabalhadores por mudanças estruturais da sociedade (FREIRE, 1991, p. 70).

A PERCEPÇÃO DE SI MESMO

Um dos objetivos desta pesquisa condiz com a percepção que @ catador@ de material reciclável possui acerca de si mesmo, isto é, como el@ se percebe enquanto ser. Notamos que a maioria d@s catador@s entrevistad@s mostrou-se surpres@ ao ser questionada sobre esta questão. Acreditamos que este comportamento possa ser derivado da falta de familiaridade com os entrevistadores, ou mesmo da particularidade da questão em si. Afinal, autodescrevermo-nos não parece ser uma tarefa fácil, para muitas pessoas, em face talvez da dificuldade que temos em nos conhecermos.

Nesta direção, Freire (1981, p. 30) também elucida acerca de nossa relação para/com o mundo.

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo. Estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo (FREIRE, 1981, p. 30).

Para o catador João Batata, a percepção sobre si enquanto ser está diretamente relacionada à sua profissão, ou seja, o senhor João se

identifica/percebe como João Batata, o catador de papelão: “*Como eu vou responde, eles chamam para mim de João catador de papelão (risos), onde é que mora o João catador de papelão, aí, ele já diz*” [sic]. Ou seja, não se reconhece como pessoa de sentimentos, sonhos, prazeres..., mas somente como um trabalhador. O ser em si não parece existir, mas o reflexo do que ele faz no mundo, na comunidade, por isto a necessidade de práticas educativas que contemplem todas as dimensões do ser, já que

não é apenas o sujeito econômico, o homem enquanto fator da produção, mas mais geralmente o sujeito vivo, o homem enquanto produtividade, enquanto ele quer dar forma à sua vida, enquanto ama, odeia, cria ou não cria obras de arte, tem filho ou não os tem (MERLEAU-POINTY, 1999, p. 634).

Por isto a necessidade de transcender, juntamente com estes sujeitos, a visão de um ser humano puramente econômico, visto que apesar de seu João Batata relatar em diversos momentos de nossa conversa as suas aspirações, seus desalentos, a alegria com sua família, seus prazeres e desprazeres, entre outros, ele apenas se concebe como um trabalhador, sem destacar as suas demais dimensões.

Ele não dispõe de seu corpo apenas enquanto implicado em um meio concreto, não está em situação apenas a respeito das tarefas dadas de um ofício, não está aberto apenas para as situações reais, mas tem, além disso, seu corpo enquanto correlativo de puros estímulos desprovidos de significação prática, está aberto às situações verbais e fictícias que pode escolher ou que um experimentador pode propor-lhe (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 156).

Dona Generosa percebe-se como uma pessoa contente, principalmente porque tem a oportunidade de conversar com as pessoas ao realizar o seu trabalho. O sentimento que lhe representa (alegria) dá-se a partir de uma relação como trabalho. A catadora reconhece que essa relação proporciona-lhe alegria, pois, ao sair para coletar, conversa com várias pessoas. O trabalho traz-lhe uma imensa alegria, proporcionando-lhe uma certa saúde mental. A relação eu sociedade existe somente a partir do contexto das relações de trabalho.



Ah, eu como pessoa? Ah, me vê contente, eu gosto muito, gosto, por exemplo, se eu ficar dentro de casa, eu fico triste, eu fico doente. Agora, eu pegando meu carrinho e eu sai, eu fico contente porque eu converso com todo mundo, um me chama e conversa, outro conversa, entendeu? Eu digo

pra todo mundo, o meu serviço pra mim parece uma coisa assim boa pra minha cabeça. [sic]

Diante da satisfação de dona Generosa no desenvolvimento de seu trabalho, cabe mencionar que Merleau-Ponty destaca que a percepção apodera-se daquilo que é sentido, ou seja, apreende a sensação, portanto, segundo o autor, o ato de sentir caracteriza-se como um processo inicial do conhecer, “o visível é o que se apreende com os olhos, o sensível é o que aprende pelos sentidos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 30).

Eu poderia entender por sensação, primeiramente, a maneira pela qual sou afetado e a experiência de um estado de mim mesmo. [...]. Eu sentirei na exata medida em que coincido com o sentido, em que ele deixa de estar situado no mundo objetivo e em que não me significa nada (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 24).

Merleau-Ponty (1999, p. 45) exemplifica o sentir através do amor e da vontade. Para o autor, estes sentimentos são operações interiores, “eles fabricam seus objetos”, portanto, entende-se que “possam desviar-se do real e, neste sentido, enganar-nos, mas parece impossível que eles nos enganem sobre si mesmos”. Acentua que “[...] a partir do momento em que sinto o amor, a alegria ou a tristeza, é verdade que amo, que estou alegre ou triste, mesmo se de fato [...] o objeto não tenha o valor que presentemente lhe atribuo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 45).

Desta forma, a alegria tida no desenvolvimento do trabalho não se dá unicamente pelas práticas profissionais, mas também pelas relações humanas, aspecto evidenciado na fala de dona Generosa, quando destaca o contato com as pessoas durante a realização de seu trabalho.

A catadora Beatriz foi sintética ao comentar sobre a percepção que tem de si mesma: “*Normal, pra mim é normal, eu não tenho, às vezes passando e eu tô ali, eu não tenho vergonha nenhuma, vergonha é rouba, né?*” [sic]. Sobre a sua fala, inicialmente supomos que a catadora deveria sofrer alguns preconceitos no desenvolvimento de seu trabalho, já que enfatiza a questão de não se envergonhar. Talvez isso já tenha gerado *bullying* ou algo similar. Diante desta situação, Merleau-Ponty explana que não temos a verdade da sensação, pois quando sentimos, não percebemos nossas sensações como objetos constituídos por meio de uma rede de relações psicofisiológicas.

Assim, o sentir não pertence à ordem do constituído, o Eu não o encontra desdobrado diante de si, ele escapa ao seu olhar, está como que recolhido atrás dele, está como uma espessura ou uma opacidade que torna o erro possível, delimita uma zona de subjetividade ou de solidão, representa-nos aquilo que está ‘antes’ do espírito, ele evoca seu nascimento e reclama uma análise mais profunda que esclareceria a ‘genealogia da lógica’ (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 619).

O relato anterior de dona Beatriz também nos remete à forma com que inúmeras vezes a figura do catador é associada à ideia de pobreza e, portanto, vem sendo criminalizada.

Cada vez mais, ser pobre é encarado como um crime: empobrecer, como o produto de predisposições ou intenções criminosas – abuso de álcool, jogos de azar, drogas, vadiagem e vagabundagem. Os pobres, longe de fazer jus a cuidado e assistência, merecem ódio e condenação – como a própria encarnação do pecado (BAUMAN, 1998, p. 59).

Percebemos que este comportamento está entranhado em nossa sociedade, ele está presente em diversos âmbitos, seja na mídia, nos filmes, nas conversas entre amigos ou campanhas eleitorais, ele fortalece uma concepção ingênua de “sucesso”, que coloca toda a responsabilidade sobre os ombros do indivíduo, desconsiderando todo o contexto social, econômico e político em que se acha inserido. Diante da dificuldade de acesso aos seus direitos (educação, saúde, segurança, entre outros), concebe a figura de um ser descontextualizado. Porém a sociedade o rotula como um culpado de seu fracasso.

O relato de seu João Quiboa teve como viés a origem de seu apelido. O catador conta-nos que criou este apelido na época em que comercializava material de limpeza, objetivando “*ficar conhecido*”. Considerando o relato abaixo, bem como o modo de agir do catador, supomos que a ideia foi uma forma de o catador João Quiboa tornar-se uma personalidade/figura conhecida na cidade, haja vista que o catador frequentemente era convidado a participar de alguns programas em uma emissora de rádio da cidade. Porém, podemos apenas supor, visto que, conforme Merleau-Ponty (2002, p. 53), “a fala, por um lado, retoma e supera, mas, por outro, conserva e continua a certeza sensível, ela jamais penetra inteiramente o ‘silêncio eterno’ da subjetividade privada”.



E eu trabalhava dentro do campo de futebol [...] na rua, antiga São José, que saiu primeiro, a fábrica de produto de limpeza, [...] eu levei, levei, o cloro, a ‘Qboa’, pro campo de futebol e o primeiro comprador [...] fazia

manutenção do campo, eu trabalhava lá no campo fichado lá junto com eles, e ele [...] foram o primeiro a comprá a 'Qboa', e queria que fizesse a 'Qboa', eu fiz, e dali foi tocando pra frente, foi explodindo a 'quiboa', entendeu? Então daí já não era mais o, aquele João que trabalhava dentro do campo do Ferroviário, aí eu mesmo já passei pro João Quiboa pra ficar conhecido, esse João Quiboa faz 20 e poucos anos. [sic]

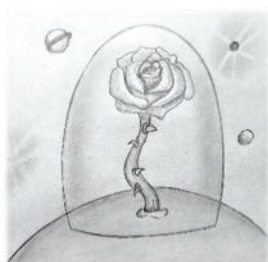
Já no caso do seu Sérgio, o catador definiu-se, principalmente através de parte de sua personalidade, como uma pessoa que “se vira” e não faz mal a ninguém, tampouco aos animais. Descreve brevemente sua rotina, deixando claro que ele é simples e que não incomoda ninguém, cuidadoso com os animais e com as pessoas. Este trecho da conversa revela-nos características marcantes do catador, tais como os cuidados tidos com seus animais e a valorização da sua vida particular.



[...] têm pessoas melhor e pior do que eu, né, como diz o ditado aquele, e eu vivo aqui sozinho, né, 35 anos já morando aqui sozinho, e me virando assim com, me viro, né, não faço mal pra ninguém, também não gosto de maltrata os outros, né, o certo é recebê os outro bem [...] crio bicho no meu quintal, é o meu divertimento, é aquilo ali, às vezes voltinha no bar, tomar uma cervejinha, depois já vem embora, é assim, né, minha vida é essa aí [...] é bem boa. [sic]

Como veremos ao longo desta pesquisa, a questão do cuidado, seja com seus animais ou com as pessoas no seu entorno, está bem presente no discurso de seu Sérgio. O que nos remete à concepção do cuidado para Leonardo Boff (1999, p. 33), opondo-se ao descuido e ao descaso, o cuidar significa mais do que um ato ou um momento de atenção, representa uma atitude perante o mundo, isto é, “[...] uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro”.

Acerca do relato de dona Leda, nota-se que ela se concebe principalmente como alguém que zela pela família, além de demonstrar orgulho pela criação dos filhos. É intrigante o fato da catadora relatar que é “*dona de casa*” ainda que possua uma profissão, catadora de material reciclável.

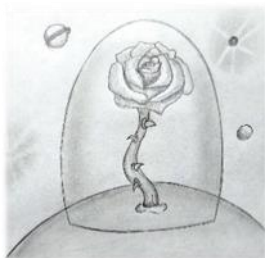


Pois agora, não sei, sou dona de casa, né [...] cuido do meus filhos, eu que criei meus filho sozinho, sim, meu filho que criei sozinho, que o pai não deu um pão. Quando ele foi embora, ele deixou eu com os filho, ainda deixou eu grávida daquele que tá lá, mora em São Martinho. É eu que criei meus filho, eu que vivia carpindo quintal, eu dedico meus filho, né, agora, que que eu tenho que fazer mais. [sic]

A questão de sozinha ter educado os filhos denota o orgulho que tem de si mesma, pois reconhece o esforço que foi dar conta dessa missão. E quando menciona que ainda tem que fazer mais, aproxima-se ainda mais da obra de Exupéry quando traduz que “te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 38), na relação do pequeno príncipe com sua rosa. Após a definição como uma “dona de casa”, a catadora Leda traz-nos mais detalhes acerca de sua pessoa, e, como já citado em outros momentos desta pesquisa, a catadora regularmente discorre sobre o seu senso de organização, ela menciona que não suporta a falta de organização, é a sua sina, tanto que a catadora revela que foi demitida do antigo serviço, de gari, justamente porque ficava muito tempo em uma determinada região, prendia-se aos mínimos detalhes. Considerando a relação de dona Leda com seu entorno, trazemos uma reflexão acerca da relação do corpo com o mundo descrita por Merleau-Ponty.

[...] o mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta. O sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece ‘subjetivo’, já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 576, grifo do autor).

Diante do exposto, podemos perceber que tal concepção de mundo e ser tem muito a contribuir no processo de desvelamento dos fenômenos estudados, tendo em consideração que esta relação entre o entorno e o ser nos permite um maior aprofundamento da percepção destes indivíduos, isto é, é necessário compreender que o entorno e o indivíduo não são coisas distintas, mas estão inter-relacionados, conectados. Desse modo, o estudo acerca de um também nos desvela nuances do outro.



Eu gosto da coisa certa, agora tu já pensou, eu vô lá no mercado, trago alguma coisa com sangue, chega aqui eu boto ali dentro do saco, aí daqui a pouco cria coró lá, quando ele vai ver, ‘ah, essas coisas vieram da Leda cheia de coró’, [...] sou uma pobre coitada, que tem dia que ‘male’ ‘male’ eu tenho um pão dentro da minha casa pra comer, mas não gosto das coisas errada, eu também sou uma coisa, não pra aí puxando briga com os outro, não sou assim, só sou pra dentro do meu canto aqui.[...] já desde quando eu varria a rua, [...] ele me dava um trecho bem grandão, e eu queria tirar xepa por xepa de cigarro, não deixa nada na rua, [...] queria fica fuçando, fuçando, não dava conta, acabava não dando conta do meu trecho, aí peguei andei discutindo com o encarregado, cheguei até ir pra rua por isso, de tão braba que eu ficava, porque eu queria limpar e as outras só tapeava e eu via aquela sujeira, é assim, eu já sou louca desde quando eu varria a

rua [...] eu varria aquele chafariz, eu queria ver aquilo brilhando, não podia ver nada na greta, eu queria varrer aquela cabeceira da ponte, eu ficava assim desnorteada, parece uma retardada, e aí eu fico assim ó. [sic] (Dona Leda).

Dona Leda revela-nos acerca do “meu canto”, onde ela se reserva e preserva em importunar o outro. Não poderíamos deixar de debater esta questão com base na concepção Bachelardiana. Para o autor, o canto representa primeiramente um refúgio que nos garante uma certa imobilidade, “Ele é a certeza local, o local próximo da minha imobilidade”, responsável por proporcionar a consciência do ser em paz. Para tanto, “um aposento imaginário se constrói em torno do nosso corpo que se acredita bem escondido quando nos refugiamos num canto” (BACHELARD, 2008, p. 287).

De fato, em nossas próprias casas não encontramos redutos e cantos onde gostaríamos de nos encolher? Encolher pertence à fenomenologia do verbo habitar. Só mora com intensidade aquele que já soube encolher-se. Temos em nós, a esse respeito, um estoque de imagens e de lembranças que não confiamos facilmente (BACHELARD, 1978, p. 197).

Merleau-Ponty também esclarece quanto à importância dos ambientes em que nos encontramos, tendo em consideração que os objetos sempre serão apresentados numa perspectiva, nunca em sua totalidade, portanto, cada ser assimila seu meio de forma única. “Mas os próprios lugares em que me encontrar nunca me serão, entretanto, inteiramente dados. As coisas que vejo são coisas para mim somente sob a condição de sempre se retirarem para além de seus aspectos captáveis” (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 37).

Podemos dizer que os relatos presentes nesta seção dizem respeito ao modo como cada ator se percebe, se “enxerga”, trazendo elementos para além dos abordados na descrição do perfil e que podem ser incorporados quando em processos futuros de formação formal ou não formal desses sujeitos, ou em projetos de inserção e valorização desses atores na sociedade.

Percepção de si enquanto profissional

Além do questionamento efetuado acerca da descrição enquanto pessoa, também foram realizadas perguntas a respeito de sua profissão, isto é, como o entrevistado se descreve enquanto catador@. Acreditamos que esta seção se

caracteriza de suma importância para esta pesquisa, tendo em vista que o nosso objetivo consiste em também desvelar como se percebem enquanto sujeitos no seu contexto cotidiano.

Além desta seção estar intrinsecamente relacionada ao nosso objetivo principal, ela também demonstrou-se de grande valia haja vista os resultados revelados. Diferentemente do que aponta a concepção popular, inclusive nossas concepções/suposições iniciais, os participantes da pesquisa valorizam imensamente a sua profissão, pelos motivos que veremos a seguir.

Dona Leda descreve-se como uma profissional dedicada, apaixonada pelo trabalho. É interessante destacar que a catadora demonstra-se, de certa forma, intrigada com o fato de gostar do trabalho de catadora de material reciclável: “*O meu trabalho também eu sou dedicada, apaixonada pelo trabalho [...] gosto do que faço, adoro [...] adoro o que faço, como que pode, né?*” [sic]. O catador Sérgio também relatou que gosta de seu trabalho, mesmo que de forma bem sucinta, “*eu sou catador [...] eu me sinto bem [...] gosto, gosto*”.

No caso de dona Generosa, a catadora relata que se sente realizada com a profissão, além disto, a mesma não mede palavras para dizer o quanto gosta de catar material reciclável. Como já descrito em outros momentos desta pesquisa, a catadora informa que sua atividade lhe traz muito prazer, bem como benefícios à sua saúde.



Me sinto realizada, adoro, adoro, se eu disser pra senhora que eu não gosto, eu adoro, eu adoro quando vem, eu fico doente. Quando se alguém vem me chamá pra mim dizer assim, ‘ah, vem aqui, vai lá busca o coisa’, e eu não vou, eu digo, ‘ah, meu Deus, eu não posso ir’. Porque, tanto que eu gosto, eu digo, entendesse? Eu adoro, adoro mesmo! Oh, tá ainda lá (aponta para o material reciclável) que sabe, tudo cortado, eu me sento ali em cima daquele coisa lá, pego de tarde, quando não tá muito quente, os outro vão pra rua ou vão dormi, eu pego um facão, tem um cara ali que amola pra mim, que eu, quem pegava sucata minha, me ensinou como é que eu abria os motor. [sic]

Diante do exposto, cabe aqui uma reflexão sobre a dialética exposta por Merleau-Ponty. O autor revela-nos a ambiguidade presente no cerne da natureza, sendo esta capaz de proporcionar ao ser tanto as condições necessárias à liberdade quanto à submissão (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 76).

Trata-se de compreender que o vínculo que prende o homem ao mundo é ao mesmo tempo o meio de sua liberdade, e como o homem em contato

com a natureza, sem quebrar a necessidade dela, mas pelo contrário, utilizando-a, projeta à sua volta os instrumentos de sua libertação, constitui um mundo cultural (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 76).

Já que para Merleau-Ponty nunca poderemos alcançar através do trabalho um estado “puro” de libertação ou submissão, é necessário transcendermos a visão pura de subserviência referente ao profissional catador@ de material reciclável, visto que apesar de se caracterizar como um trabalho que exige esforço físico significativo, este está para além da exclusiva submissão, proporcionando também meios de libertação, tais como os relatados por dona Generosa.

A resposta do catador João Batata é no mínimo intrigante, o catador informa em nossa conversa que gosta do trabalho, porém explicita que o real motivo da apreciação de sua ocupação se dá “*porque não tem outra coisa pra gente fazer*”. Talvez sejam os relatos como o do senhor João Batata que sustentem a concepção popular, como já citado anteriormente, de que muitas pessoas começam o trabalho como catador de material reciclável pela impossibilidade de se inserir no mercado. Também é oportuno destacar que esta concepção inclusive está presente nos relatos de alguns catador@s, tal como no caso de dona Beatriz, quando em um dos tópicos que veremos a seguir a catadora nos informa que o número de catador@s tem crescido consideravelmente por causa do desemprego. Segue o trecho de nossa conversa com o catador João Batata:



Me sinto bem porque não tem outra coisa pra gente fazer, tem que ter aquilo ali, né, cara, criei meus filho com aquilo ali ó, toda vida trabalhando honesto, sou meio trancadão, mas trabalhando honesto. [...] sou, catador de papelão mesmo, vivo só com isso, vivo só com isso, só disso que vivo. [sic]

Para seu João Quiboa, o gosto pela profissão de catador de material reciclável constitui-se em função dos contatos sociais gerados a partir destes, de acordo com suas palavras, pelo “*amor das pessoa pelo catador*”. Outra questão interessante no relato de Quiboa é o seu interesse na emissora de televisão Unisul TV, em vários momentos de nossa conversa ele cita o interesse de realizar uma entrevista sobre sua profissão para a emissora, mesmo já tendo realizado algumas a este respeito.



Olha, é um trabalho maravilhoso! É um trabalho de respeito, é um trabalho de respeito, um trabalho de maravilha, entendeu? Tem lugar se eu não for pegar, a pessoa chega e diz ‘como é que é, ô cara, como é que é João

Quiboa, o que que tu faz?’ Eu queria ter o prazer de, um dia, vocês viessem com um filmadora, trouxesse o pessoal da Unisul, pra mim ir numa casa que às vezes eu pego a reciclagem, pra senhora vê, o que é, **o que é o amor das pessoa pelo catador**. Eu queria, e daí eu queria vê, se desse pra levar a minha mãe junto, onde é que elas vão [...] aqui na Incoesa, pra senhora vê, o que o **amor que eles têm pelos catador**. [sic] (grifos do pesquisador)

A concepção que seu João Quiboa traz no relato acima em nada lembra a ideia de uma sociedade fechada descrita na obra “Educação e Mudança”, onde Paulo Freire aborda suas características, sendo que uma delas diz respeito à visão degradante do trabalho manual, e em que “os intelectuais são dignos e os que trabalham com as mãos são indignos” (FREIRE, 1981, p. 35). De certo modo, a visão deste catador talvez não corresponda à ideia geral da classe, haja vista ele ter construído uma relação com o “reciclável” e com as pessoas da comunidade onde coleta, tanto uma relação de pertencimento como uma relação de encantamento com seu trabalho.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ele e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor [...] E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (FREIRE, 2007, p. 51).

O catador destaca a questão do respeito e da importância que dá à visibilidade de sua atividade e enaltece isso ao expressar e insistir para que a mídia da universidade possa registrar a receptividade que a comunidade tem com ele.

Nossa conversa com dona Beatriz acerca de sua percepção enquanto catadora de material reciclável foi bem proveitosa, ela foi extremamente entusiasmada em sua fala, trazendo uma série de elementos relativos à sua profissão.



Me sinto bem, mesmo assim trabalhando eu me sinto bastante, quem quiser conversar comigo, conversa, quem não quiser pra mim é a mesma coisa [...] Trabalho, não roubo nunca o que é do outro, nada, aí esses dia uma senhora assim: ‘Ui aquela mulher, eu vi a mulher passando com outra, não tem, posso falar, né [...] aquela mulher tá catando o lixo’. Aí eu vi ela falar com outra amiga, aí eu disse: ‘Escuta aqui’. Eu dei de dedo na cara da mulher. ‘Tu escuta aqui, qual é melhor: catando lixo ou então dentro da casa dos outro rouba? Aí ela assim: ‘Nem catando lixo’. Eu assim: ‘Não, senhora, pra sobreviver é bom, porque nós ninguém tem serviço.’ Dito pra ela o nosso serviço é isso aí, é o pão de cada dia. Daí ficaram quieta, aí foram embora [...]. Tenho orgulho de mim [...]. Tem muita gente que olha meio mal

pra gente, né, tem algum que não deixa a gente pegar o lixo deles, não precisa pega porque não tem, aí eu pego e volto e pego de novo, não é roubado não é nada [...] que eles acho que a gente tá no lixo, né, no lixo, que eles acho que a gente tinha que pegar outra coisa melhor, né [...]. Mas é assim, o negócio é bem complicado, tem muitos que gosto que a gente cata o lixo deles, eles fico até contente, eles ajudo a gente às veze, mas tem algum que não, que não olha bem pra gente não. A gente dá boa tarde eles não responde, tem algum que responde da boa tarde, boa noite bem tranquilo, não tem? Mas têm muitos que não são. [sic]

Acerca do relato de dona Beatriz, podemos notar alguns temas emergentes, primeiramente seu acesso de raiva, claramente demonstrado em sua fala e gesticulação ao comentar sobre o preconceito tido acerca de sua profissão e o modo como reagiu diante do fato, mostrando evidentemente o quanto o preconceito, o efeito da exclusão, da disparidade social, dos reflexos de uma sociedade capitalista se refletem sobre seu dia a dia e seu modo de reagir diante da sociedade. Uma negação e uma reação.

Na concepção de Merleau-Ponty (2006, p. 223):

[...] na cólera, por exemplo, busca-se uma solução imediata para um problema, e, na impossibilidade de resolvê-lo, tenta-se eliminá-lo, negá-lo [...] quando não conseguimos convencer o adversário, nós o destruimos ficticiamente num acesso de raiva (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 223).

Portanto, compreendemos que tais acessos de raiva, não somente demonstrados por dona Beatriz, mas também por dona Leda, refletem aspectos de suma significância para tais sujeitos, e, mesmo que tal acontecimento tenha ocorrido já há um bom tempo, estas pessoas/profissionais ainda carregam consigo a cólera, a negação. A cicatriz do contido, da exclusão de uma sociedade injusta. Como diria Paulo Freire, “está errada a educação que não reconhece na justa raiva¹², na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador” (FREIRE, 1997a, p. 41).

Além da questão anteriormente abordada, o relato de dona Beatriz também nos remete à sociedade exposta por Bauman (2009), banalizada por valores mutáveis, constantes, egoístas e sem compromisso com um futuro melhor, sendo estes responsáveis pela constituição de relações frágeis e conflituosas, onde

¹² De acordo com Freire (1997a, p. 41), como exemplo de justa raiva temos “a de Cristo contra os vendilhões do Templo. A dos progressistas contra os inimigos da reforma agrária, a dos ofendidos contra a violência de toda discriminação, de classe, de raça, de gênero. A dos injustiçados contra a impunidade. A de quem tem fome contra a forma luxuriosa com que alguns, mais do que comem, esbanjam e transformam a vida num desfrute”.

o ter vale mais do que o ser. “Consumir, nesse sentido, mais do que tratar do consumo de signos, passa a funcionar como um elemento que avalia e julga as pessoas, chegando a estruturar e orientar todo o ambiente social por uma ‘síndrome consumista” (BAUMAN, 2005, p. 109).

Nota-se que dona Beatriz valoriza sua profissão e se sente bem ao realizar o seu trabalho, a catadora chega até a ser firme com pessoas que se revelam preconceituosas com a sua ocupação. Em outros momentos de nossa conversa, dona Beatriz descreveu-se como uma pessoa calma, mas que pode se alterar quando confrontada de forma injuriosa, como no caso explicitado acima. Além disso, conforme também mencionado no relato de seu João Batata, a catadora revela a questão do desemprego, no momento em que diz “*porque nós ninguém tem serviço*”, reforçando a concepção popular de que todos @s catador@s ingressam nesta profissão pela falta de emprego, porém, é necessário ressaltar que somente dois dos seis entrevistados relataram esta situação, o que não deixa de ser significativo, mas que impossibilita a generalização nesta categoria.

No relato de dona Beatriz e seu João Batata, notamos que est@s catador@s desenvolvem suas atividades com base nos valores éticos, principalmente de no que diz respeito à honestidade. Neste contexto, Sarti (2003, p. 89) revela que muitas pessoas das classes menos favorecidas assumem o valor positivo do trabalho como uma forma de superação das desigualdades sociais que enfrentam. No caso d@s catador@s em questão, talvez seja aqui o caso.

É através do trabalho, então, que demonstram não serem pobres: através de sua honestidade, sua disposição a vencer, tornam-se, por esses atributos morais, iguais a eles. Vencer aqui não significa necessariamente ascender socialmente, mas se afirmar pelo valor positivo do trabalho. Ao lado da negatividade contida na noção de ser pobre, a noção de ser trabalhador dá ao pobre uma dimensão positiva, inscrita no significado moral atribuído ao trabalho, a partir de uma concepção da ordem do mundo social que requalifica as relações de trabalho sob o capital [...]. O valor moral atribuído ao trabalho compensa as desigualdades socialmente dadas, na medida em que é construído dentro de outro referencial simbólico, diferente daquele que desqualifica socialmente (SARTI, 2003, p. 89).

É fascinante o fato destes profissionais relatarem o gosto pela profissão, já que significativa parcela da sociedade faz uma imagem de um trabalhador descontente com seu ofício. Dona Leda demonstra muito bem tal percepção ao contar que ela mesma fica surpresa por gostar de sua profissão. A questão aqui não pode ser generalizada, tendo em vista que somente dois dos seis catador@s

abordaram que conseguir outro trabalho é difícil. Além do mais, o relato de um destes dois profissionais engloba outros elementos além da dificuldade de conseguir um emprego formal, como veremos em outro momento desta pesquisa.

O TRABALHO

O início da atuação como catador@

Nesta seção traremos as explicações dadas pel@s catador@s acerca do início de atuação na profissão. Os questionamentos realizados procuraram descobrir os reais motivos que levaram estas pessoas a ingressar na profissão de catador de material reciclável, o material em si, além disso, alguns catador@s também nos revelaram as mudanças tidas em seu *modus operandi*, sobretudo no que diz respeito ao meio de transporte destes materiais.

É interessante mencionar que dos seis catador@s entrevistados, três destes iniciaram a profissão de catador de material reciclável após serem demitidos de determinada organização; os motivos da demissão têm como contexto atritos com a gerência, crise financeira e falência. De acordo com os relatos, o ingresso na profissão não está necessariamente relacionado à incapacidade de reingressar no mercado de trabalho, conforme pode ser verificado a seguir.

Seu João Batata iniciou sua profissão como catador após ser demitido de uma empresa, em que trabalhava com a colheita de arroz, resultado de uma crise financeira.



Eu tava trabalhando, eu trabalhava lá no arroz [...], aí o serviço, escasseou, aí eu assim, ‘se não vai dar de um lado, vai dar de outro’, aí eu passei a mão, comprei um cavalinho e uma carroça, aí agora vou me virar, porque chega de trabalhar pros outros, só trabalhar pros outros não adianta de nada, então vou trabalhar pra mim, né, não é verdade? Eu me alevanto a hora que eu quero, saio a hora que eu quero, e não tem patrão que fica me atrapalhando, né, aí, comecei cata papelão e nunca parei [...] ah, já faz uns 20 anos [...] já faz nessa faixa aí [sic].

Acerca do relato do senhor João Batata, notamos uma certa dubiedade, justamente porque o catador revela que “o serviço escasseou”, que “se não vai dar de um lado, vai dar de outro”, ou seja, pode dar a entender que o ingresso na profissão de catador de material reciclável constitui-se pela impossibilidade de

ingressar no mercado de trabalho, porém, logo adiante, o catador descreve que o início se deu pelo seguinte motivo: “*Agora vou me virar, porque chega de trabalhar pros outros*” [sic], isto é, pela liberdade e autonomia que a profissão lhe proporciona. Considerando que seu João Batata já está na profissão por volta de vinte anos, podemos inferir que há fortes razões que o motivam ou justificam para nela permanecer de um modo ou de outro.

Com relação à autonomia, Freire (1997a) destaca que o princípio desta condiz com o modo que o ser humano, de forma dialógica, descobre a possibilidade de conduzir o rumo de sua própria história. E considera que transformar o mundo por meio do trabalho é próprio de ser humano. “A educação qualquer que seja o nível em que se vê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a da expressividade” (FREIRE, 1982, p. 24). Assim, a autonomia é considerada um atributo caro ao modo de vida de ser humano na medida em que promove a liberdade de escolha dos sujeitos. Resta tentar entender se isso é o que se dá no caso do seu João Batata. Ou se essa autonomia é apenas parte de um sonho de liberdade, já que a autonomia plena ele ainda não a exerce, se considerarmos todos os problemas de saúde que enfrenta para ainda continuar a atividade como catador.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão (FREIRE, 2000, p. 66-67).

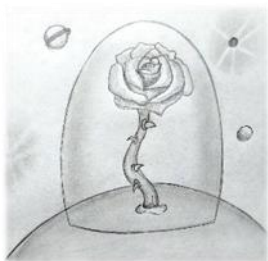
O relato de seu Sérgio possui uma similaridade com o de seu João Batata, primeiramente, ambos iniciaram a profissão de catador de material reciclável após serem demitidos, seja motivada por dificuldades financeiras ou pela falência, ou pelo desejo de ser independente. Porém, é necessário destacar que no caso do senhor Sérgio o catador é enfático sobre sua escolha: “*Eu disse não, agora eu vou comprar uma carroça, um cavalo e vou trabalhar, vou trabalhar pra fazer meu serviço*” [sic], motivado pela observação que fazia junto a outr@s catador@s. Seu Sérgio também nos relatou que está há cerca de vinte e cinco anos trabalhando como catador.

É, eu via alguém catando, eu disse, eu vou comprar uma carroça, um cavalo, vou catar também [...] é, trabalhava na, na, na, na Metalcon ali, na



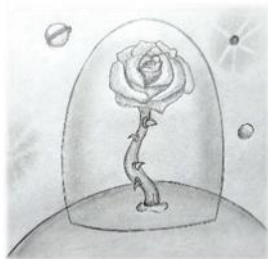
fábrica de cofre, no fim, foro pra rua, do serviço, porque daí a firma faliu, foi pra rua eu disse não, agora eu vou comprar uma carroça, um cavalo e vou trabalhar, vou trabalhar pra fazer meu serviço, e fui. Aí faz uns 25 anos, 26 anos que já tá por aí nessa [...] entendo, entendo bem [sic].

O relato da dona Leda sobre o início na profissão vem a fomentar a nossa discussão sobre a questão de inserção do mercado, já que assim como no caso d@s catador@s anteriormente citados, a catadora também cita a questão da demissão, porém, diferentemente dest@s catador@s, ela revela que já tinha este desejo desde quando trabalhava como gari na região. O interessante neste caso é que a motivação se dá por meio de um conjunto de fatores, seja vendo seus familiares ingressarem nesta profissão, ou através da visualização do aumento do número de catador@s na região enquanto desempenhava a função de gari. Portanto, neste caso, a demissão, motivada pelo desentendimento com a gerência, constituiu-se como um fomento à inserção na profissão, já que a catadora acompanhava seus familiares para catar material reciclável, com base no relato que segue.



Eu varria a rua, eu tava varrendo rua eu via os cara passá com o carroceiro, olhá bem, e a minha mãe começou a trabalhar na carroça também, a minha mãe a minha irmã, aí eu disse: 'Meu Deus [...] não sei, eu tô olhando tanto carroceiro, e eu aqui ganhando essa mixaria, aturando desaforo, ah, não, acho que eu vou comprar um cavalo, me veio na cabeça, né, bem varrendo a rua, vou comprar um cavalo pro meu filho. Comprei um cavalo, comprei uma carroça, eles foram catá papel, eu fui junto com eles. Aí deu certo que eu andei dando uma discutida lá com o encarregado, aí fui pra rua, porque eu queria caprichar muito [...] [sic]. (Dona Leda).

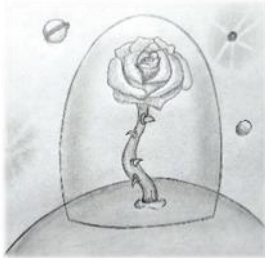
Dona Leda também nos relatou que está há cerca de 20 anos catando material reciclável.



Ah, eu acho, eu na carroça tudo já faz mais bem que 15 anos, já faz bem mais, meu filho, não, já faz mais [...] faz uns 30, 20 anos [...] mas eu já moro aqui há 40 anos, né, é deve fazer uns 20 ano, acho que eu trabalho com isso aí [...] [sic].

Como já indicado no início desta seção, alguns catador@s, além de descreverem os acontecimentos que os levaram a ingressar na profissão de catador@ de material reciclável, também relataram um pouco de suas práticas neste início de carreira. No caso de dona Leda, a catadora informou-nos que inicialmente

fazia a coleta dos materiais recicláveis sem o auxílio de uma carroça ou carrinho, o material era armazenado em um saco que a catadora o carregava durante todo o trajeto. Tendo em vista a delimitação de espaço, dona Leda solicitou ao filho a confecção de um carrinho, de tração humana, no qual faz a utilização até a data da entrevista, principalmente após um incidente com a carroça, tração animal, que fez com que a catadora passasse um bom tempo internada. Percebem-se as dificuldades na coleta e transporte do material, daí o reflexo nos graves problemas de coluna que ela apresenta atualmente.



Pra lá, para banda do, aí lá do Campestre, ia pra lá, atravessar a ponte, chegava lá, trazia aqueles saco nas costa. Aí eu disse: 'O, meu filho.' Aí ele fez um carrinho, um carrinho pequenininho de taubua, de madeirinha pra mim. Aí eu disse: 'O, Bardo, mas esses carrinho tá pequenininho filho, isso aqui vem dois saquinho já enche'. Aí ele pegou, fez negócio, com esse aqui, mas eu carregava nas costa, saco pendurado na mão, vinha de lá, daquela lonjura, aí ele pegou, fez esse carrinho pra mim, mas eu carreguei a carregar na mão de saco, de saco na mão, aí eu vou lá, vou lá pra banda de São Geraldo. Vou lá praquela banda do coisa dos velhinho ali, e vou por ali tudo, e vou, pela banda do [Mercado] Buss ali tudo, aonde eu vê que é, que as minhas perna alcança eu vou andando, com esse carro, na mão [sic].

Ao debatermos sobre os perfis dos catador@s de material reciclável entrevistados nesta pesquisa, revelamos que dona Beatriz caracteriza-se como a profissional com maior experiência. Como podemos visualizar em seu relato descrito abaixo, a catadora está nesta profissão desde criança, por volta dos 7 anos de idade; a catadora trabalha com material reciclável desde quando foi adotada por uma família da cidade de Gravatal, ou seja, dona Beatriz está há quarenta e cinco anos como catadora de material reciclável.



Sim, foi, justa razão, eu já comecei a, que a minha mãe trabalhava e eu comecei trabalhar assim, na idade desse menino aí, ó [...] ele tem 7 [...] de criança, que a mãe era pobre [...] catando material [...]. Essa família que me criou aqui em Gravatal [...] só que em Gravatal não tem assim as coisas como a gente cata aqui, é muito pouco serviço pra gente. É, nós somos de Gravatal, aí viemos morar aqui porque aqui tá bom pra sobreviver [...] se não, se não, igual Tubarão não tem, Tubarão é vida. [sic]

No relato de dona Beatriz uma palavra chama-nos muito a atenção: "sobreviver". Diante disto, notamos que tão importante quanto fomentar o reconhecimento desta profissão perante a sociedade, é necessário garantir condições de vida e trabalho para além da sobrevivência. A catadora enfatiza a questão da sobrevivência em diversos momentos de nossa conversa, tal como

demonstrado a seguir: “Falta alguma coisa, um quilo de açúcar, de café, vai ali, vende uma latinha, ganha 30, 40, 50 pila, vai ali já compra as coisinha ali, já tem as coisinha dentro de casa.”

Além de nos informar que se mudou de Gravatal para Tubarão por causa do trabalho, tendo em vista o volume de resíduo gerado nestas cidades, dona Beatriz também nos revelou as mudanças na dinâmica de seu trabalho. Com o passar do tempo, inicialmente, o transporte do material reciclável era realizado com um carrinho de mão, destes usados em construções, mas, após um conhecido saber desta questão, o mesmo criou um carrinho para a catadora, situação bem parecida com a da catadora Leda. Desta forma, assim como existem pessoas preconceituosas em relação à profissão catador@ de material reciclável, como bem vimos no relato de dona Beatriz, há também indivíduos sensibilizados com o trabalho destes profissionais, nestes vemos fortemente a presença do cuidado. Conforme Boff (1999, p. 90), o cuidado enquanto categoria de pensamento traz consigo duas significações, a primeira constitui-se como dedicação e atenção ao próximo, enquanto a segunda diz respeito à preocupação e inquietação, como podemos constatar no relato abaixo.



E antes que eu não tinha carrinho, eu comecei com o carrinho de mão, e o carrinho de mão não pega nada [...] era ruim, caía prum lado, sim, pesado, aí teve um, um amigo meu, que disse assim: ‘Eu vou fazer um carrinho pra ti, que tá passando tanto do trabalho.’ Aí ele fez aquele carrinho ali, mas eu quero fazer um maior, porque ele não pega quase também, mas se visse o carrinho de mão, eu comecei com carrinho de mão [sic].

Presenciamos, então, a solicitude, o zelo e atenção, conforme Boff (1999, p. 91), longe de se constituir uma ação isolada, o cuidado consiste em uma atitude fundamental, onde o indivíduo deixa de ter uma visão autocentrada e passa a focalizar no outro com desvelo e solicitude.

Importa fazer a fenomenologia do cuidado. Por fenomenologia entendemos a maneira pela qual qualquer realidade, no caso o cuidado, se torna um fenômeno para a nossa consciência, se mostra em nossa experiência e molda a nossa prática (BOFF, 1999, p. 89).

Acreditamos que o cuidado se expresse também em função da sensibilidade, como a do amigo de dona Beatriz; e extrapole para além da dimensão racionalizável, mas atinja e se reflita sobre o ser como um todo. Para Merleau-Ponty

(2015, p. 52), “se se admitir que a sensibilidade está fechada nela mesma e se se buscar a comunicação com a verdade e com outrem somente no nível de uma razão sem carne, então não há muito a esperar”.

O início na profissão de catadora de material reciclável, no caso da senhora Generosa, dá-se através de uma solicitação de determinada instituição de ensino na região de Tubarão. Na época, com a premissa de estar passando dificuldades financeiras, a escola pediu para que os pais trouxessem os materiais recicláveis à instituição, dona Generosa então resolveu armazenar os materiais recicláveis para ajudar o colégio.



Pelo Lar da Menina, foi na escola [...], dizia que eles estavam na situação difícil, não sei o que, daí pediu pros pai, que eles viu que os carro pegava, eles pediam pros pai, pros pai, se não tinha como os pai pegá a reciclagem, latinha, plástico, pegava eram mais latinha e plástico, pra eles, aí não, eu disse não, não tem problema, aí o meu marido trazia da fábrica onde trabalhava, na bicicleta de carga, e eu, aí depois nós fizemos esse carrinho [...] e deixava aqui em casa [...] porque meu menino tava lá, pagava só 30 real, que elas, ela muito boa, tal, então, aí nós dissemos então, não, vamo ajudar. Tem muita criança, entendeu? [sic]

Inicialmente, dona Generosa somente recolhia os materiais para atender à solicitação desta escola, isto é, como uma forma de contribuir à sanidade financeira da instituição de ensino, porém, a catadora só iria ingressar de fato nesta profissão após a escola desistir da coleta, já que esta instituição, impedida de receber os materiais após a notificação do Conselho Tutelar, passou os contatos dos compradores de material reciclável para os pais que recolhiam estes materiais.



Porque botaram que os pais pagavam a escola, e elas tava botando as criança a trabalhá pra ele, juntando reciclagem, pra elas, era, era como trabalhando pra elas, tendesse? Só que nós trazia e deixava aqui, 3 vez na semana ela vinha buscá com o carro, elas tinham uma caminhonete. Aí quando chegou na metade do ano assim, metade do ano, nós tinha muito, que pegaram férias, aí fui lá, que eram a gerente lá, era a fulana¹³, assistente social, aí eu disse que ela ajudava muito nós, a escola ajudava muito, davu cesta básica, quando tinha festa, levava o meu menino, aí eu fui e disse: ‘O, fulana, como é? Não vão buscá a reciclagem? Tá cheio lá, não tem mais lugar!’ ‘Ah, dona Generosa, eu vou dizer pra senhora, não sei quem foi que denunciou. O [...] não pode mais pegar.’ Aí tinha 4 família que juntava pra elas, que elas tinham o ponto, que elas iam buscar, aí que que ela fez, pegou o telefone dos cara que pegavam lá e deu pras 4 família o telefone, foi por ali que nos comecemos [sic].

¹³ Foram suprimidos os nomes da instituição escolar e dos profissionais que nela atuam.

Acerca desta ação praticada pela organização, Layrargues (2002, p. 179) atenta para a questão dos programas de EA que são desenvolvidos de forma reducionista em algumas escolas, onde, focando apenas no processo de coleta seletiva, desconsideram a reflexão crítica sobre os valores da sociedade de consumo, portanto, das questões econômicas e políticas acerca da geração de resíduos.

Foi a partir dos episódios descritos que dona Generosa descobriu que poderia obter um rendimento através da coleta destes materiais. Desde então, dona Generosa está nessa profissão: “Ah, o meu filho tá com 20, vai fazer 20, meu marido faz 8, ele saiu de lá, saiu de lá com que, 7 ano, tendeu? [...] faz uns 15 anos, é, por aí” [sic]. No início dona Generosa catava o material reciclável junto com seu esposo.



Aí quando a fábrica fechou, ele começou a catar sucata, eu e ele, é, aí o que que nós fazia, nós saía pra rua pra cata, depois chegava em casa, eu fazia às vezes almoço, de noite, eu chegava em casa e esquentava, e nós arrumava casa final de semana, ele me ajudava muito, ele dizia assim: ‘Ó, faz assim, tu limpa aqui que eu vou limpá o banheiro’. Porque lá na fábrica o serviço dele já era isso, é, faz. [sic].

Diferentemente dos demais catador@s, o ingresso na profissão de catadora de material reciclável, no caso do senhor João Quiboa, não se deu por causa de uma demissão ou na forma de contribuição para determinada instituição, mas, de acordo com suas palavras, por meio de “*uma brincadeira*”, isto é, o catador começou a catar sem nenhuma pretensão profissional, simplesmente por puro prazer. Somente após algum tempo é que o catador decidiu assumir esta profissão. Seu João Quiboa trabalhou dez anos como catador de material reciclável, atualmente está afastado da profissão.



Ô, Rafael, (choro->) a primeira vez, que comecei, calma, eu peguei pela uma brincadeira. Eu peguei (silêncio) a brincadeira que cata latinha, entendesse? Eu via um catá latinha e também catava, eu via um catá um papelão, eu saía catando, com bicicleta (<-choro) [...]. Depois, dali veio, a minha profissão de catador [...]. Só catando, só catando, o pessoal batia foto nossa, na estrada, da gente [...], eu tô com 61 ano, eu tô com 61 ano agora, já tá fazendo de novo uma, média, uns 4 anos que não trabalho mais com reciclagem, mas eu trabalhei mais de 10 anos, direto. [sic]

Diante da emoção apresentada no relato de seu João Quiboa acerca de sua profissão, cabe aqui uma reflexão quanto aos gestos e estados emocionais.

Para Merleau-Ponty (2004b, p. 50), os estados emocionais constituem-se como uma forma própria de incorporar o acontecimento, enquanto o gesto, isto é, a forma em que tal estado é expressado, não é natural, mas produzido com base nos valores culturais. Portanto, para Merleau-Ponty, o gesto pode ser equiparado à linguagem, sendo dotado de sentido.

A alegria e a tristeza, a vivacidade e a idiotia são dados da introspecção, e, se revestimos com eles as paisagens ou os outros homens, é porque constatamos em nós mesmos a coincidência destas percepções interiores com signos exteriores que lhes são associados pelos acasos de nossa organização (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 50).

Desta forma, gestos e estados emocionais, mais do que um ato ou um momento, são como a “conduta do sorriso e o estado de alegria representam uma mesma atitude perante o mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 303).

O catador João Quiboa também nos relatou que inicialmente sofria muito preconceito com sua profissão, algumas pessoas de seu convívio constantemente o desencorajavam de permanecer em sua ocupação.



Como é que começou o tempo, o tempo do trabalho, porque quando o pessoal me via, professora, que ia catá um papelão, isso aí é um braço curto, isso aí nunca vai dar nada na vida, da bicicleta velha não sai, nunca vai saí, entendeu? Então, eu digo pra senhora, pro homem, (silêncio) pra algum homem, alguma mulher, eu não tenho valor, mas pra Deus eu sou um empresário. Pra Deus eu sou um empresário, Rafael, entendeu? [sic].

Acerca do relato de seu João Quiboa, no que diz respeito à sua espiritualidade, segundo Merleau-Ponty, ao buscarmos uma melhor compreensão do comportamento, todas as dimensões do ser são dotadas de significado, conseqüentemente, devem ser levadas em consideração.

Enquanto virmos no mundo físico um ser que abarca todas as coisas e quisermos aí inserir o comportamento, seremos remetidos de um espiritualismo que somente mantém a originalidade das estruturas biológicas e psíquicas opondo a substância a um materialismo que somente mantém a coerência da ordem física reduzindo a ela as duas outras. É preciso na realidade entender a matéria, a vida e o espírito como três ordens do significado (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 212-213).

“Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3). O autor destaca que tudo aquilo que sabemos do mundo tem como fonte nossa experiência no mundo, em nosso ponto de vista.

“Somente o sentimento pode nos revelar toda uma dimensão da vida divina” (MERLEAU-PONTY, 2016, p. 44). Nesse contexto, buscamos na interpretação e expressividade dos atores estudados dar ouvidos também à dimensão etérea. Essa que nem sempre é compreendida, aceita ou reconhecida. À EA também compete embrenhar-se nessas veredas, posto que o ser humano não é somente substância, é também imaterialidade, visibilidade e invisibilidade, espiritualidade, energia, sentidos, sentimentos:

A manifestação física do que se apresenta à visão deve extrapolar o universo dos sentidos, impregnar-se de significados que transitam entre o corpóreo, o sagrado, o divino, o que move a alma, o que alimenta o ser humano e o que impulsiona toda a existencialidade (MARCOMIN, 2014, p. 116).

Aqui também concebemos que “[...] a questão do Sagrado se faz presente quando incluímos em nossas relações a necessidade de Cuidar” (NABAES; PEREIRA, 2016, p. 141). Nesse caso, o Sagrado na concepção do autor supracitado, “[...] está para além da representação divina ou institucionalização religiosa, superando tanto a teologia repressora de outrora quanto a sacralização do mercado”. Implica viver em comunhão (NABAES; PEREIRA, 2016, p. 142).

Assim, não se constitui um alento, mas apresenta-se como um horizonte de novas possibilidades, a exemplo do que nos propõe Pereira (2016), com a Ecologia Cosmocena:

Para todos, inclusive para abriremos os olhos sobre a condição de finitude daqueles que se consideram eternos pela doença e malogro do poder político reforçado pela lógica financeira, mas fundamentalmente para milhares de humanos que não possuem vida digna no planeta. Aqui estou falando de uma *Ecologia Cosmocena afirmativa* em favor dos excluídos pelos humanos, reconhecendo que o cosmos nos acolhe sempre (PEREIRA, 2016, p. 73).

Rotina de trabalho

Ao ser solicitado para descrever um pouco de seu trabalho/profissão, o catador João Batata relatou aspectos diretamente ligados à sua rotina de trabalho. Mencionou que trabalha todos os dias e utiliza a carroça como meio de transporte do material, porém, nos dias de chuva faz uso de uma bicicleta.



Todo dia, quando não é de carroça, é de bicicleta, eu ando o dia inteiro, dia inteirinho, tem dia que eu ando 24 hora em cima daquela bicicleta ali, ó [...]. Aí quando não é de bicicleta, é de carroça, quando não é de carroça é de bicicleta [...]. Dia de chuva, dia de chuva também coleteo, mas é de bicicleta, né, porque de carroça não dá de coletar [...], porque de bicicleta até a gente escapa (risos) de carroça... (risos) [sic].

Assim como seu João Batata, dona Beatriz conta sobre sua rotina. Como já abordado no perfil, a catadora tem sábado como seu dia de descanso, porém, raramente não trabalha durante este dia, desta forma, ela trabalha praticamente todos os dias.



Não que sábado, tem dia, que eu invento, eu pego o carrinho, digo que vou ali e dali, a minha filha já até acostumada comigo [...]. Bem dizer todo dia, hoje, hoje, me chamaram de manhã, ah, que tinha um monte lá. Fui, lá, aí cheguei ali, tava um monte de papelão, e eles também trabalham à noite, daí, deixei descansá um pouquinho, e eu peguei. [...] Eu vou ali chamá, buscá o material, não precisa nem ter o material (risos) [...] gosto de catá [...] de andá, o dia que eu não ando, parece que tá faltando uma coisa. Domingo que é pra descansá eu tenho que pegar o carrinho, que a gente acostumou, né. [sic]

Além de descrever um pouco de sua rotina, dona Beatriz também nos revelou um dos motivos que a levam a trabalhar nos finais de semana, no caso, a catadora acredita que nestes dias a concorrência é menor.



É, mas domingo e sábado eles não cato, aí eu aproveito (risos) [...] é, Ninguém pega, e o lixeiro fica atrás da gente, daí não dá tempo, e na terça-feira eu levanto cedo, cedo [...] antes do lixeiro, que daí o lixeiro leva tudo, a gente não pega nada [...] passa. Aqui passa nas terça [...], [sic].

O relato, pelo viés da dinâmica do trabalho, também é realizado por seu Sérgio. Nossa conversa acerca deste assunto somente disse respeito à rotina de trabalho, somente em um pequeno trecho o catador faz referência a outro elemento. O interessante neste caso é que tal afirmação é recorrente no discurso do catador, ele é incisivo em nos declarar que não se constitui como um incômodo.



Gosto, gosto. Me acordo de manhã, 5 hora da manhã já me acordo, faço café, boto na garrafa, tomo, pego o cavalo. Vou lá no pasto, pego o cavalo, boto na carroça e lá vou eu. Chego 9 horas, às vezes 10 horas. É assim, aí chego, daí, já pego descarrego a carroça, vem, faço almoço, às vezes como às 2 hora da tarde, 3 hora da tarde, vou almoçá. Daí quando tô fazendo

serviço, daí não dá fome, aí é assim, né. Minha rotina é essa, né. Lavo a minha roupa, não incomodo ninguém [...] não. Saí eu vou, vou cuidá dos meus bicho, às vezes eu vou cortar capim, às vezes vou de bicicleta, corto capim, daí trago o cavalo, boto na estrebaria, é assim, vou no [...] isso é. Eu uso o cavalo pra trazer [...] toda vida foi com o cavalo, né [...]. Eu deixo às vezes na beira da roda, do trilho ali, e de noite eu trago e coloco ali na estrebaria [...]. Tenho uma estrebaria ali dentro. [sic].

Nos três casos d@s catador@s acima, há um veículo para transporte do material reciclável: carroça, no caso do seu João Batata e bicicleta; carrinho no caso de dona Beatriz, cavalo no caso do seu Sérgio. Diante disto, ressaltamos aqui os riscos ergonômicos tidos no cotidiano d@s catador@s de materiais recicláveis. Para Tavares (2009, p. 49), estes riscos condizem principalmente com o esforço físico intenso, posturas inadequadas, levantamento manual de peso, ritmo excessivo de trabalho e estresse físico e psíquico. Pelos relatos dos catadores e ao visualizar seus meios de transporte, notamos que os principais riscos condizem com o peso excessivo e o movimento contínuo de abaixar-se para pegar o material, erros posturais do processo de agachar e levantar, portanto, acreditamos que o poder público deveria ter um olhar mais carinhoso com estes profissionais em face do importante trabalho que desenvolvem na sociedade e no ambiente como um todo.

Apesar de citar aspectos que estão diretamente ligados às ações inerentes ao trabalho de catador de material reciclável, seu João Quiboa apresenta-nos outros aspectos importantes. Primeiramente notamos a manifestação de certo saudosismo em seu discurso. Atualmente ele está afastado de sua profissão por motivos de saúde, contudo, seu João Quiboa não deixa de pensar sobre o seu trabalho. Vem procurando meios de trabalhar novamente, planejando mudanças no veículo e almeja voltar a exercer a atividade.



[...] a gente olha nos bairro assim, eu sinto, aquela tristeza, aquela saudade, de quando eu saía catando, entendeu? Hoje eu tenho ali meu bitrem novo, se Deus quiser, a senhora vai vê ele ainda, e eu dirigindo ele, como um motorzinho. Primeiro vou dirigir no pedal e de 4 roda, aquela ali que você viu, e quem vai fazer é aquele que tá na foto comigo, o serralheiro, ele vai passar ele pra 4 roda pra mim, entendesse? Pra mim, primeiro vai dirigir pedalando e depois vai ser com motorzinho, não sei como, mas Deus vai prepará. Eu entregava de caminhão aqui a reciclagem [...] saía daqui de caminhão *truck* o material que dentro do cercado aqui, ó, os papelão [...] coletava. [sic].

O curioso no relato de seu João Quiboa é que apesar de expressar claramente que em “primeiro lugar a saúde”, logo em seguida ele relata alguns

descuidos, tais como o uso de sandália de dedo ao invés de um sapato fechado ou a não utilização de uma luva para proteção, e mais intrigante ainda é que o catador tem ciência dos perigos e embasa tal comportamento por sentir-se “à vontade”. Acerca do respeito, o catador volta a comentar a importância deste aspecto em sua profissão, pelos motivos que são descritos logo abaixo.



Olha, eu me sinto bem, eu me sinto bem, eu me sinto à vontade, eu ando de sandália de dedo por aí tudo, muitos botom uma luva, uma coisa, eu não boto nada, eu não coloco luva não, [...] O meu lema é a pessoa ter Deus com a gente, pra poder saber respeitá, sabê chegá numa casa, Rafael, e sabê sai, e outra coisa, e eu não pego dentro do cercado sem tá as pessoa, que têm muitos, ô, professora, ah, vejam um portão aberto, vai lá, tá os galão lá dentro, tá cheio de latinha e quando vê até pula o muro. Falta de respeito, falta de educação e eu não concordo com isso aí, não concordo, Rafael. A pessoa que sê meu amigo, então me chama e diz assim pra mim: ‘Ô, seu João, seu João Quiboa, o senhor quer a latinha, quer os garrafão de vinho, que eu pego também garrafão de vinho vazio, só tem um ali o agora, quer pegar?’ Pego, faz favor, então eu entro com vocês, que eu não gosto de entrar aqui, de repente falta alguma coisa. [sic]

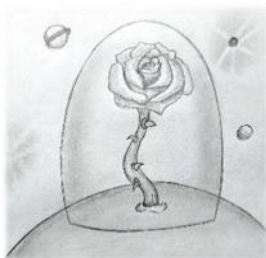
A questão de não usar equipamentos de segurança denota uma realidade que não é apenas do seu João Quiboa, mas também d@s demais catador@s, o que expõe a necessidade de políticas públicas para os resíduos sólidos a fim de se repensar e considerar a existência dessas pessoas no fluxo de gestão dos resíduos sólidos do município e valorizar o papel del@s. Dona Generosa, ao ser perguntada sobre a rotina de trabalho, diz, de forma breve, que o início de suas atividades ocorreu junto com o marido. E atualmente também conta com a ajuda das pessoas que reservam os materiais exclusivamente para a catadora, tal como dona Leda e dona Beatriz. Dona Generosa conta que seu marido começou a catar matéria reciclável durante a hora do almoço e depois é que ela começou para ajudar.



[...] patrão disse que ele em vez de descansar, ele pegava a bicicleta dele de carga e ia [...], ‘vai descansá, oh, homem’, ele dizia, [...] aí se tornava um grupo, aí eles deixavam os telefone deles pra gente, ou eles viam que era muito força, traziam de carro. Nós, até hoje ainda tenho, que traga, por exemplo, ali, na rua da Congonha tem dois, 2 conserto de computação, computador, ele duas vezes no ano, eles traz pra mim, semana passada eles trouxeram aquelas, aqueles motor que tô abrindo ali, aquelas impressora, tudo foi ele que trouxeram, trouxeram de carro. [sic]

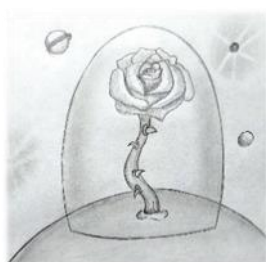
Nossa conversa com a dona Leda acerca deste tópico foi significativamente proveitosa. O relato da catadora traz uma série de elementos que além de proporcionar um maior saber a respeito da profissão de catador de material

reciclável, também nos possibilitou conhecer um pouco mais sobre a personalidade da catadora. Como de costume, dona Leda cita sobre o seu senso de organização, informando-nos que fica desconfortável ao ver que as coisas não estão organizadas em seu pátio. Esse senso de organização foi perceptível assim que chegamos no seu terreno. Tudo já estava acondicionado nas *bags*. Não havia nada espalhado. Todo esse processo de organização da dona Leda é algo que pode ser ensinado para outr@s catador@s. Gerando tanto uma melhor impressão para quem adentra na propriedade como uma melhor qualidade aos materiais que serão comercializados. O terreno estava “varrido e limpo”.



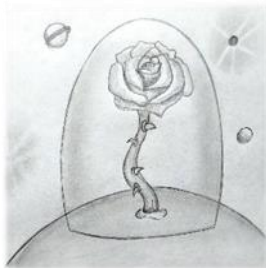
Agora eu já tô agoniada, já de manhã já tava brigando com eles. 'Te alevanta, filho, vai ali arrumá aquele *bag*, já passa lá pros outro certinho. Eu quero ver tudo certinho, tudo um em cima do outro', [...] acho que é onde eu fiquei cega duma vez, porque eu sou muito preocupada com as coisas, eu gosto das coisas certa [...] tudo arrumado. Eu vou ali eu emendo esses *bag*, eu fico costurando esses *bag*, eu fico amarrando plástico, eu fico arremedando, e fico pendurando certinho pra vê onde é que dá certo. É assim, é aí a minha cabeça, a minha filha que diz: 'Ô, mãe, tu tem que, tu já tá pegando problema de cabeça por causa disso aí'. Mas não sei, é meu jeito, [...]. É, por isso que eu vejo o meu terreno assim, não posso ver uma pedra, vou ali eu ajunto, eu já deixo bonitinho [...]. É, eu gosto de fazer as coisa organizado, certinho, e sou doente, ó. [sic].

Logo em seguida, dona Leda volta a nos comunicar sobre o seu início na profissão, quando utilizava a carroça como meio de transporte, porém, devido a algumas complicações de coluna a catadora decidiu utilizar um carrinho para transportar os materiais.



Não, é assim, ó, porque eu, eu, eu saio, assim no começo, esse meu filho trabalhava com ele de carroça, só que a carroça não deu pra mim porque, por causa que bateu problema de coluna. [...] Não conseguia, aí parei. Eu fui, eu carregava de saco nas costa, aí eu comecei ir lá pra aquela banda, eu disse, eu vou pra lá [...] [sic].

Dona Leda vem sofrendo bastante com os problemas de coluna. Inclusive em um dos dias em que fomos fazer a validação e compartilhamento da pesquisa ela havia saído do hospital devido a uma grave crise de coluna. Aliás, problemas de saúde são comuns entre @s catador@s. Dona Leda relata um pouco sobre a sua chegada em casa, após o dia de trabalho.



E eu vô, saio com aquele carrinho, você vê o carrinho ali, de ferro, aquele ali. Mas tem dia que eu venho, que parece assim uma lua, pesada. Aí ninguém me vê, aí os olho gordo, (risos), que que foi que eu fiz, é mulhé. Eles dizem: 'Ô, mulhé, onde é que tu foi?' Ah, fui na Londri. Verdade. Verdade, não tô mentindo pra senhora. Eu já botei na cabeça que eu tenho muito olho gordo. Aí depois eles vejo que, né, essa casa, quando eu vim morar aqui, você conhecia seu Vasco [...] [sic].

Importância do trabalho?

Quanto ao reconhecimento da importância de sua profissão, no que diz respeito à esfera pessoal e para a sociedade em geral, na percepção de seu Sérgio a profissão de catador de material reciclável caracteriza-se como importante. Compreendemos que a grande motivação para esta posição se dá além da sensação de liberdade tida nesta profissão, por ser um profissional liberal e não estar subjugado ao empregador, mas sim pela inexistência dos atritos tidos nos ambientes organizacionais.



[...] eu gosto mesmo do que eu faço. E eu acho que é, é, é [...] porque eu vivo daquilo. Eu, né, se for pra, pra trabalhar no outro serviço, às vezes, pessoal já não vão gostá do que eu tô fazendo, né, aí você tem que aturar desaforo dos outros, e assim não. É meu mesmo. [...] ninguém me maltrata e eu não maltrato ninguém, [...], eu gosto do que faço, e vivo daquilo ali. [sic]

Com relação à dona Beatriz, sobre a importância de seu trabalho, faz-se necessário realizar um esclarecimento, haja vista que ela relatou que “*depois que a gente começou a cata, antes a gente não catava*” [sic], tal argumento se caracteriza como uma força de expressão, pois, como já relatado, a catadora mudou-se para Tubarão pelo volume de material reciclável, antes morava em Gravatal. Assim, em sua percepção ela começou de fato a catar um significativo volume de material após a chegada na cidade. Quanto à sua percepção sobre a importância de seu trabalho, a catadora diz que se dá pelo reconhecimento de sua profissão, por meio dos auxílios obtidos por parte da população, seja através de um prato de comida ou bens que garantam a sua sobrevivência.

[...] posso falar uma coisa pra você? [...] eu não compro uma roupa, eu ganho dos outro, têm muitos que chamo, me dão, às veze tem gente que: 'Ai, a senhora tá com fome?' Não tô com fome, tem vergonha, né, aí vão lá



desce de lá me traz pra mim, a senhora come eu sei que a senhora tá com fome. Algum trata a gente bem, não fala com todos mas algum até trato bem. E tem muitos que diz assim: 'Nóis gostamos que a senhora cata o lixo, que a senhora não rasga saquinho nada'. E nos apartamentos também eu ganho as coisinha também [...] é [...] é tão importante pra mim. [sic].

Dona Generosa concebe a importância sob a ótica pessoal, em sua forma de vida. A catadora possibilita-nos uma significativa reflexão. Primeiramente, ela acredita que a importância do trabalho de catadora de material reciclável tem como origem a escassez de trabalho. Isto é, diante de uma situação de impossibilidade de inserção no mercado de trabalho, esta profissão passa a ser muito importante para aqueles que necessitam obter uma ocupação, uma fonte de renda. Como relatou, *“a coisa mais fácil que tem, sai um instantinho se acha, é muito importante sim, se não tem emprego pra uma coisa, mas tem outra, outra maneira de ganhá dinheiro”* [sic]. Além disso, dona Generosa reconhece não somente a profissão de catadora, mas também as demais, *“qualquer serviço é serviço”*. Outro aspecto que aflora em seu diálogo diz respeito ao preconceito manifestado por algumas pessoas acerca da profissão de catadora de material reciclável. O interessante, neste caso, é que longe de adotar uma posição defensiva, dona Generosa impõe-se substancialmente em defender a sua profissão, não somente nesta situação, mas em diversos assuntos ao longo de nossa conversa. Interessante observar que embora não tenha a escolaridade desejada, dona Generosa tem plena noção de sua importância enquanto catadora de material reciclável.



É, muito importante [...] porque, assim, por exemplo, qualquer coisinha que tu vende, tu tem, tu ganha o teu dinheirinho, que hoje tá difícil de achar, né, de ter serviço, arrumá serviço. Então, eu penso assim, em vez de sair pra ir pra roubá, como tem muita gente que rouba, eu digo assim, gente, em vez de tá roubando, vá, tu pega um quilo de, de, de pet, 18 garrafa, a gente já sabe direitinho, só que agora tem tudo quanto é tamanho, mas aquela garrafa do tamanho do litro, 18 garrafa daquela dá um quilo, tu vende por 75 centavos. E eu dizia, a coisa mais fácil que tem, sai um instantinho se acha, é muito importante sim, se não tem emprego pra uma coisa, mas tem outra, outra maneira de ganhá dinheiro, eu acho, é muito. Eu digo pro meu filho também, meu filho, é muito importante. Ó, o que que ele tá fazendo, ele tá estudando, ele diz: 'Ano que vem eu quero trabalhá, se não arranjá serviço eu vou pegar nem que seja de pedreiro ou de servente'. Eu disse: 'Tá certo, qualquer serviço é serviço [...]'. Lógico, não é, qualquer serviço. É serviço, carpina, cuida de uma pessoa, sempre tem gente que tem, que diz assim: 'Já vai lixeira'. Lixeira não, eu digo, eu não vou pegar lixo, eu vou buscar a minha reciclagem. Tem gente que diz: 'Ó, já vai lixeira, tendesse?' Caminhão do lixo, caminhão da reciclagem, é o próprio que às vezes passa perto de mim, eles jogavam pra mim, ó, isso aqui é garrafa, reciclagem, toma, pega. Parava às vezes aqui na frente, é [...]. É muito importante, eu acho. [sic].

Neste contexto, o relato de dona Generosa é corroborado por Gonçalves (2004, p. 25), que relata que em muitos casos o aproveitamento dos resíduos sólidos urbanos, isto é, os materiais recicláveis, constitui-se como uma alternativa para a problemática do desemprego, possibilitando a inserção d@s catador@s de materiais recicláveis no mercado de trabalho, seja este formal ou informal, portanto, a geração de renda.

Já no caso do catador João Quiboa, embora o questionamento tenha se dado acerca da importância da profissão no âmbito pessoal, o catador não deixa de comentar sobre os benefícios desta ocupação para a sociedade. De acordo com suas palavras, *“importante, coisa mais importante que tem que traga a cidade limpa, traga a cidade limpa, e se não fosse os catador? Como é que taria hoje”* [sic]. Esse reconhecimento é de fundamental importância e deve ser recuperado no âmbito dos processos formativos formais em educação e em EA em particular e, como sugerem as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Ambiental (DCNEA) (BRASIL, 2012b), em todos os níveis de ensino.

Os relatos de dona Leda e seu João Batata também foram dados de forma bem sucinta, no caso da catadora, esta acredita que seu trabalho tem importância, *“pra mim é, eu amo o que faço”*. Já no caso do catador, este também relata que valoriza a sua profissão, porém, apresenta uma queixa: *“Só que o ordenado é pouco [...] porque o ordenado é pouco, é pouco, né, olha, eu sinceramente, pra tirá 800 conto aqui eu tenho que, eu tenho que dale pau, de manhã e à noite, cara”* [sic].

Neste sentido, o desvelamento da percepção que est@s catador@s possuem acerca da importância de seu trabalho faz-se crucial na medida em que “conhecer e compreender os múltiplos significados e expressões da percepção implica uma investigação apurada das relações humanas no ambiente e, desse modo, pode contribuir para avaliar e incorporar práticas sustentáveis” (MARCOMIN; SATO, 2016, p. 162).

Também nessa direção, Freire (1982, p. 17) explana que ao compreenderem o sentido criador e recriador de seu trabalho, isto é, o papel transformador, as pessoas desvendam um novo significado em sua ação.

[...] por exemplo, de cortar uma árvore, de dividi-la em pedaços, de tratá-los de acordo com um plano previamente estabelecido e que, ao ser concretizado, dá lugar a algo que já não é a árvore. Percebem, finalmente,

que este algo, produto de seu esforço, é um objeto cultural (FREIRE, 1982, p. 17).

Portanto, acreditamos que tais percepções podem contribuir significativamente na discussão da questão socioambiental do lixo e do material reciclável, bem como nos trabalhos na área da EA. Tendo em consideração, conforme exposto por Silva e Leite (2008, p. 380), que os projetos em EA não devem constar como uma receita pronta, mas que podem partir do pressuposto que a identificação da percepção se constitui como essencial ao se planejar ações em conjunto com o grupo em que se almeja intervir, isto é, na promoção de mudanças. “Respeitando não só o enfoque sanitário, mas também o ambiental, econômico e, principalmente, o social, o gerenciamento de resíduos deve envolver sempre e de forma institucionalizada os catadores de materiais recicláveis” (GONÇALVES, 2003, p. 93).

Filhos e profissão

Antes de tudo, é necessário ressaltar que as perguntas que possuem tal enfoque só foram realizadas com @s catador@s que possuem filhos, evidentemente. Quanto à participação dos filhos na profissão, seja através da demonstração de algum interesse ou auxiliando de forma direta ou indireta no desenvolvimento do trabalho, seu João Batata relata que seu filho, que reside em sua casa, gosta da atividade de catador e o auxilia em sua ocupação no período noturno, já que trabalha em um supermercado no período diurno.



Esse mais velho, de vez em quando sai comigo [...] o mais velho agora ele tá, ele trabalha aqui no mercado, daí à noite sai nós dois [...]. Ele me ajuda, que já sou meio ruim da coluna, pra descer da carroça [...] gosta, ele mesmo convida pra nós sair [...] tem que sair, se ficar em casa a mulhé incomoda (risos). [sic].

O filho de dona Generosa, tal qual o caso de seu João Batata, também reside em sua casa e a auxilia em sua profissão, porém, é importante destacar que o filho da catadora está terminando o Ensino Médio.

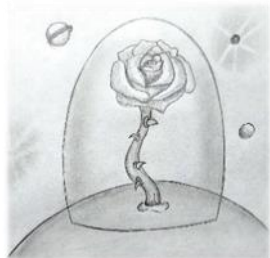
Converso, e ele não tem vergonha não. Porque ele vai, não tô dizendo que ele ia comigo [...] deixa que eu vou [...]. Mas ele vai, lá perto da Catedral, ele foi lá buscar, ele ia lá comigo buscar, esse homem que eu digo pra ti que



mora lá na praia, trabalha na praia. Lá perto da Catedral, mora o homem, eu digo, vamo lá? Que é difícil um moço fazer, né, é [...] 'Vamo, mãe, vamo, mãe, é um dinheirinho que a gente ganha, um dinheirinho que a gente ajuda'. Ele vai. [sic].

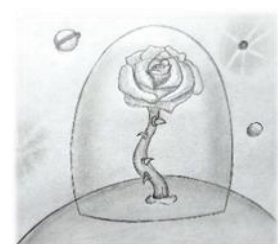
Dona Generosa ressalta que procura educar seu filho no desenvolvimento do trabalho de catadora. “*É, eu digo pra ele, meu filho [...] tem que ser bem educado com os outros, tu é educado pros outros, os outros também são pra ti, agora se tu não é educado [...]*” [sic].

Além de ajudá-la com seu trabalho, o filho de dona Leda também é catador de material reciclável; a catadora relata que ele trabalha em conjunto com a sua irmã, tia do catador. “*É, ele trabalha junto com minha irmã, com a Sirle*”. Assim como nos casos anteriormente citados, o catador reside com sua mãe. Dona Leda menciona que os outros filhos não são catadores, e que estes demonstram, em suas conversas, o interesse de que a catadora deixe a sua profissão, pelos motivos destacados abaixo.



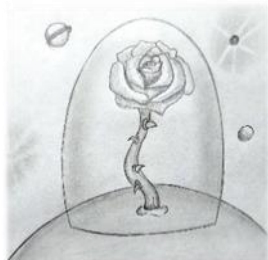
[...] ah, que eles dizem que eu sou doente, porque muito a mãe tá assim doente por causa disso aí, é porque fica aí andando pela estrada pegando friagem. Eu digo, não pego friagem não, tanto eu pego friagem como trabalho catando coisa como se eu fosse trabalhá como empregada, e memo jeito eu teria que trabalhá do mesmo jeito, tinha que sai de manhã do mesmo jeito. É mesma coisa, não tem nada a ver uma coisa com a outra, eu digo não, não é isso. É isso aí eles falo. Vocês não têm condição de me ajudar, tão como é que vocês querem que eu pare do meu serviço, não posso. O que eu acho mais coisa, agora que eu tô com essa vista assim, tô meia cega, tenho medo de sair na rua, meia cega não, porque tá, o negócio aqui tá bem feio, quem olha assim tá bem perfeito, né, seu Vasco. [sic].

Após comentar sobre seus filhos, dona Leda também refere a participação de seus netos em sua profissão, mesmo que de forma indireta. A catadora menciona a respeito do interesse de um de seus netos sobre um material reciclável específico, - lacres de refrigerantes - visto que contribuem para ações sociais que doam cadeiras de rodas. Mencionou também sobre as tampinhas de refrigerante, para outro neto:



“Minha filha, que mora lá no 60 [Km 60 é um bairro], já juntou uma bolsa pra ele, de tampinha, porque diz que aí ganha não sei o que lá, mas assim, interessado assim nos materiais não falo não, eles trabalham de empregado.” [sic].

Também notamos, por meio de nossa conversa com a catadora, que esta constantemente procura conscientizar seus netos acerca da reciclagem, situação um pouco parecida com a de dona Generosa, principalmente no que diz respeito à coleta seletiva.



[...] eu já digo: ‘Olha aqui o que a vó faz, ó, vocês têm que ser assim’, falo. Esse meu neto, ele é muito ativo, também, esse meu pequenino, tem 12 ano, ele é bem esperto, é, mas eu tenho outro que é furacão, [...] vai, vai, porque eles sabe que vai, minha filha ajunta tudo, deixa tudo certinho depois dentro do saco, tudo certinho, aí eu só pego o saco e boto dentro do carro. [sic].

Dona Beatriz relatou-nos de forma sucinta que conversa com a sua filha acerca da sua profissão, e que esta também é catadora. Conversam sobre rotas, materiais e valores. Seu João Quiboa falou sucintamente que conversa com seus filhos sem entrar em detalhes.

Ou seja, de algum modo os diálogos estabelecidos entre esses pais, mães e avó com seus descendentes reverbera de algum modo sobre eles, já que notamos durante as entrevistas que todos se emocionam, de certa maneira, com tais relatos. Mesmo que de forma incipiente, estão plantando, do seu modo, algumas sementes sensibilizadoras no universo desses descendentes, mesmo sem perceber. Seja por meio de um gesto, uma palavra, o olhar atento sobre o “reciclável”, o modo como embalam as *bags*, ou como trazem o material para dentro do terreno ou depósito. Importante ressaltar que com exceção do seu João Batata e do seu Sérgio, os demais colocam seus materiais dentro de seus terrenos, onde residem. Ou seja, o quintal de Manoel de Barros (2010), maior que o mundo, faz-se presente na maioria deles. Então como não influenciar nas relações com seus filhos e netos.

Coisas boas na profissão

Um dos destaques desta pesquisa, ao nosso ver, consiste na percepção que o catador@ possui acerca das condições prazerosas e desagradáveis no desenvolvimento de seu trabalho, considerando que, na concepção de Silva e Lima (2007), muitas vezes a população não valoriza e não reconhece a importância do catador. Em nosso ponto de vista, parte da sociedade estigmatiza a figura do catador como alguém que não valoriza a rotina de seu trabalho, pelos mais diversos

motivos, tais como a percepção de seu trabalho como um fardo, ou pela incapacidade de se alocar no mercado de trabalho, porém, para nossa surpresa, as conversas tidas com os catador@s de material reciclável demonstraram claramente que estes indivíduos valorizam significativamente a rotina de seus trabalhos, tanto que alguns chegam a declarar que ficam de certa forma angustiados em dias em que não podem realizar suas atividades, seja pela chuva ou por motivos de doença.

A concepção prazerosa do trabalho se dá por diferentes razões e nos proporciona uma série de reflexões, mesmo quando reveladas de forma sucinta, como no caso do seu Sérgio: “*Eu me sinto bem, gosto*”. O relato da dona Generosa mostra que surge ao longo da conversa com outr@s catador@s a razão pelo gosto do ofício.



Ah, eu gosto, se, se tu chegar assim, ó, que, a senhora quer lá fazer uma faxina na minha casa ou quer ir catar sucata, eu vou dizer, aí não, eu quero ir lá catar sucata, entendesse? [...] Porque eu gosto, eu adoro, entendesse, eu adoro, eu gosto, [...] sabe que é bom até pra mente da gente, é bom, cara, bom pra mente da gente, que a gente vai sair, vai saindo, encontra um, encontra outro. Oi, bom dia, boa tarde. Oh, como é que vai? E se tu tá dentro de uma casa, trabalhando, ou numa firma, só tais ali, [...] É, eu gosto, né. [sic].

Revela-se que o gosto pela profissão, neste caso, está intimamente ligado a duas razões: primeiramente pela liberdade presente neste ofício quando comparada à rotina de trabalho subordinado, isto é, a obrigatoriedade de cumprimento de horário, das demandas de suas chefias e como o relato, de certa forma, de isolamento social. A maioria dos catador@s exerce uma carga horária substancialmente superior ao descrito na legislação trabalhista brasileira, que estabelece, salvo em casos especiais, um limite de 48 semanais; com isso, compreendemos que mesmo com essa carga extensa de trabalho, a liberdade tida no ofício de catador@ representa para alguns destes um benefício em sua profissão. A outra razão de gostar da profissão se dá pelo convívio social, ou seja, o afeto humano, como bem revelado por dona Generosa. O sentimento de participação na sociedade, de pertencimento, observado na rotina de trabalho do catador@ também está presente na explanação do seu João Batata quando perguntado sobre as coisas agradáveis na rotina da profissão. Deduzimos este sentimento de pertencimento a partir de trabalhos de Guimarães (2006) e Sá (2005), onde argumentam acerca da necessidade de sentir-se pertencente, como forma de

responsabilidade à comunidade, visto que não estamos propensos a cuidar daquilo que desconhecemos ou não reconhecemos a importância. Sá (2005, p. 252) informa-nos que tal sentimento condiz com a capacidade do ser humano de se sentir pertencente ao meio, fazendo com que a sua sensibilidade floresça, conseqüentemente, permite ao sujeito pensar em comunhão e refletir sobre o que de fato é importante na vida. “Compreendemos o sentimento de pertencimento como uma força conectiva que nos liga ao todo (consigo mesmo, com o outro e com o universo)” (GRAÚDO; GUIMARÃES, 2017, p. 2).



Eu saio contente por aí (risos) [...]. Pego meu cavalo e vou, porque dentro de casa não tá fácil para cara (risos) [...]. Conheço bastante, todo mundo me conhece, (risos) [...] é, todo mundo me conhece [...] sai e canga o cavalo, sai. [sic].

No caso do seu João Quiboa, observamos uma imensa comoção ao relatar as coisas prazerosas no trabalho de catador.



“E tem uma coisa, eu cato uma latinha pela estrada, professora, eu sou feliz, sou alegre, sou contente, cada parte que eu passo, (**choro**>) alegria, a vontade de ser aquele catador, entendeu?” [sic]

O enternecimento presente no relato do seu João Quiboa justifica-se pelo recente afastamento de seu ofício, apresentando uma certa forma de saudosismo. Assimilamos, então, que o trabalho de catador, para o senhor João Quiboa, longe de representar um fardo ou uma obrigação constitui-se um prazer, traz-lhe alegria.

O contentamento com o trabalho de catador@ também pode se dar pelo viés econômico, isto é, pelos proventos que esta ocupação lhe proporciona, pois é através destes que as mínimas condições de dignidade são garantidas. Questões como moradia e alimentação, garantidas pela Constituição brasileiras, são muitas vezes tidas como responsáveis pela valorização da profissão. Este fato também é citado no depoimento da dona Beatriz a seguir:

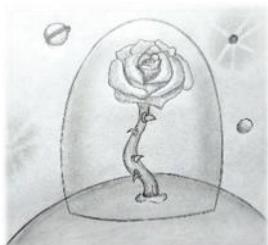


[...] melhor, melhor, é um pouquinho que a gente, que sai pra pagar um aluguel, pagar uma comida, pagar uma luz, não é muito, mas é, já serve.” [sic]

A seguir, discutiremos sobre as dificuldades encontradas no desenvolvimento dos trabalhos d@s catador@s de material reciclável, tendo por objetivo desvelar a percepção destes trabalhadores sobre seu ofício, bem como relacionar tais conversas com as anteriores, buscando uma visão mais rica acerca das particularidades da profissão de catador@ de material reciclável.

Coisas ruins na profissão

Quanto aos relatos d@s catador@s de materiais recicláveis sobre as dificuldades encontradas nas suas rotinas de trabalho, diferentemente do esperado, os resultados desta conversa mostram claramente que @s catador@s não percebem grandes dificuldades em sua profissão. Alguns descrevem que o trabalho não apresenta nenhuma dificuldade, como o seu Sérgio: *“Eu acho que não tem [...] não, não”*; e a catadora dona Beatriz: *“Não tem nada difícil, nada, é tudo fácil, não, não, a gente lá, vai ali, não tem, vai em outro lugar, tem, é assim, é, é bom”*. Outros já descrevem alguns elementos inconvenientes, porém é importante ressaltar que tais aspectos não estão diretamente ligados ao esforço físico, somente a catadora Leda relata esta questão e de forma bem sucinta.



Eu não acho difícil, ele é meio cansadinho, meio pesadinho, pra mim que tem esses problema. Oh, tem dia que eu tô aqui gemendo de dor no meu braço, mas eu gosto do meu serviço. Adoro e ele é meio cansadinho, meio pesadinho, que também eu saio com esse carro pesado, ele é de ferro, né, mas fora isso, não. [sic]

Somente a catadora Leda relatou aspectos ligados ao esforço físico, no entanto, mesmo assim, para dona Leda, o trabalho caracteriza-se como prazeroso, ou seja, a percepção acerca do trabalho constitui-se como agradável, mesmo sendo uma profissão que exige um esforço físico significativo.

No caso do catador João Quiboa, a percepção sobre a dificuldade no trabalho está relacionada à questão da chuva. Outros aspectos como o esforço físico ou remuneração não são mencionados.



“A vida do catador, a mais coisa que tem de fazer, é difícil que têm os dias de chuva, os dia de chuva, entendeu? Porque têm muitos que não dão bola, muitos que têm a carroça.” [sic]

Dona Generosa refere um ponto crucial a respeito de um dos aspectos negativos acerca da profissão, que merece atenção dos órgãos públicos e de todos aqueles que têm alguma relação com resíduos sólidos. Na verdade, sua reclamação deveria ser a luta de todos nós, cidadãos que produzimos lixo, já que a partir de sua causa poderíamos resolver grande parte dos problemas dos resíduos sólidos nos aterros e lixões que existem nas cidades. Na sua perspectiva, a dificuldade encontrada refere-se à falta de um local de trabalho, que em sua opinião deveria ser concedido pela prefeitura, seja através da constituição de uma cooperativa/associação ou não. Assim, além de ficarem abrigados da chuva, teriam um local decente de trabalho, sem necessitar invadir suas casas e propriedades com material reciclável. Essa seria uma conquista para todos @s catador@s e uma questão de legitimação das condições de dignidade das propriedades onde residem @s catador@s, já que inúmeras vezes enquanto vão organizando o material para colocação nos *bags*, o volume de material altera sobremaneira as condições da propriedade.



Prá pra tu vê, se a gente tivesse um lugar que botasse não taria aí no meu pátio, né, como tá aí. É só assim, mas assim difícil não, não [...] A prefeitura deveria ter um lugar [...] é aquele da cooperativa ou lhe desse uma casa, pra pessoa botar [...] pra gente trabalhar, pra gente botar, entendesse? Que fosse um lugar fechado, que por exemplo, fechado a gente trabalhava [...] aí quando chovesse a gente ia pra lá trabalhar, [...] aí não precisava, ir pra rua pegar, já tinha serviço lá dentro. [sic]

Embora seu João Batata relate que a principal dificuldade encontrada no desenvolvimento de seu trabalho é seja a má remuneração, percebe a clareza que possui de seu espaço e importância no contexto da cidade. Ele se reconhece e à sua categoria dentro da dinâmica da cidade. Um desabafo emblemático:



O ruim que tem é que a gente ganha pouco [...] mas vocês sabe de uma coisa, o prefeito que era pra dá uma mão pra gente, sabia? Que a gente anda catando essas redondeza aí, porque a gente ajuda muito eles, tá entendendo? A gente trabalha, trabalha todo dia, todo dia, todo dia, todo dia, a gente tá trabalhando, tá fazendo a limpeza. Mas, mas se a prefeitura desse uma cesta básica, pra gente, já melhorava, já adiantava um pouquinho o lado, né? Mas não dá, eles não reconhecem nada, então não adianta! [...] Todo dia, todo dia, já viu se a gente não tivesse catador, [...] Vocês acho que só o caminhão de lixeiro ia dá conta? Não dá [...] não tem condições, não tinha condições, não, eles não dão conta, é, muita coisa! [sic]

Algumas questões do seu relato merecem reflexão. Primeiramente, reconhecemos toda a importância do trabalho dos catadores para a cidade. O catador João Batata tem pleno conhecimento dos benefícios gerados pelo seu trabalho. Porém, na sua concepção, a retribuição por tais benefícios deveria ser concretizada através de atos assistencialistas, ou seja, por cestas básicas, e não leva em consideração que o Estado faz a arrecadação de taxas específicas para a coleta de lixo, aplicando-se também a coleta dos materiais recicláveis, e que parcela dessa arrecadação poderia ser direcionada aos catadores de material reciclável e que tal prática já vem sendo discutida em alguns municípios do Brasil. Como exemplo, tem-se a cidade de Ourinhos/SP, beneficiada com R\$ 18 milhões de recursos relativos ao Cataforte, programa que visa a possibilitar a inserção de cooperativas no mercado da reciclagem e a agregação de valor na cadeia de resíduos sólidos (BRASIL, 2014b). Contudo, para que se inicie este movimento na região de Tubarão, faz-se necessário promover a mobilização e articulação dos catadores. Antes de tudo, é preciso compreender que é de interesse de indivíduos que um movimento desta natureza não se concretize, já que os catadores organizados exerceriam mais pressão pela reivindicação de seus direitos, muitas vezes negados pela falta de expressividade; os próprios atravessadores também são agentes temerosos com a mobilização, pois impactaria diretamente em seus lucros.

Através dos relatos dos catadores sobre as dificuldades encontradas e os prazeres obtidos na realização de sua profissão, podemos tecer algumas considerações. Inicialmente, se relacionarmos estes dois itens, veremos que são percebidos mais relatos afirmando os benefícios do que os malefícios, e não somente pelo viés quantitativo, mas também qualitativo. Neste sentido, destacamos o papel da EA:

Esta EA está associada com a tradição da educação popular que compreende o processo educativo como um ato político no sentido amplo, isto é, como prática social de formação de cidadania. A EA popular compartilha com essa visão a ideia de que a vocação da educação é a formação de sujeitos políticos, capazes de agir criticamente na sociedade (CARVALHO, 2001, p. 46).

Visto que muitas relações conflituosas informadas em outros momentos da nossa conversa com os catadores não foram aqui relatadas, acreditamos que a

EA possa contribuir no desvelamento destas problemáticas, ou seja, expor as injustiças cometidas contra estes profissionais, considerando que a EA é:

Crítica, porquanto funda sua formulação no radical questionamento às condicionantes sociais que geram problemas e conflitos ambientais; - Emancipatória, uma vez que visa à autonomia e liberdade dos agentes sociais ante as relações de expropriação, opressão e dominação; e - Transformadora, por visar a mais radical transformação do padrão societário dominante, no qual se define a situação de degradação intensiva da natureza, e, em seu interior, da condição humana (LOUREIRO, 2010, p. 17).

Os caminhos percorridos pel@s catador@s para a coleta de material reciclável

Nesse momento trataremos sobre os caminhos percorridos pel@s catador@s em sua busca pelos materiais recicláveis. As conversas com @s catador@s sobre essa questão foram reveladoras. Seu João Batata relata que a rota é percorrida costumeiramente no período noturno, tendo em vista que os empreendimentos da região, bairros São Martinho e São Bernardo, colocam os resíduos à disposição por volta das 20 horas. Assim, seu João Batata sai neste horário de sua residência, só voltando após encher a sua carroça.



Eu cato, uma carrocinha eu trago [...] também tô há 20 anos nisso ali, nessa, nessa rota aí, né, cara, também tem isso, nunca atravessei o centro de carroça, nunca atravessei pra lado de lá, só pro lado de cá, São João, Humaitá e São Martinho, só, [...] sempre esse lado de cá. [sic]

Tal relato remete-nos ao grande volume de descarte de papelão nesses bairros, haja vista que seu João Batata praticamente só coleta papelão, percorrendo a mesma rota todos os dias.

É compreensível que o catador João Batata tenha estabelecido vínculos profissionais com pessoas da região, levando em conta que este realiza a mesma rota diariamente já há cerca de 20 anos. Desse modo, alguns empresários da região armazenam os materiais recicláveis gerados em seus empreendimentos exclusivamente para ele. Aliás, essa é uma prática que observamos para a maioria dos entrevistados, denotando tanto a seriedade e compromisso com que fazem seu trabalho quanto o afeto e carisma demonstrado pelas pessoas e alguns empresários da região.



[...] muita gente guarda papelão pra mim também [...] já sabe, guarda pra mim certinho, separa pra mim pega, olha, esse aí eu fui lá busca agora, eles guardo pra mim eu vou lá e pego [...] tem muita firma, que muita firma que guarda, pra mim [...] tudo, eu não trago sujeira não, eu não trago sujeira nenhuma [...] já, já deixo tudo separado, tudo separado, papelão separado [...] sempre foi, é, quando era na rua, a gente de vez em quando era obrigado a limpa, né, quando é na rua, mas o, na firma eu não preciso, já vem limpinho. [sic]

Notamos então que a rota do seu João Batata está intimamente ligada a empresas da região, visto que significativa parcela dos materiais recicláveis recolhidos pelo catador é oriunda destas organizações. Mesmo sem ser questionado, o catador conta o real motivo pela preferência desta dinâmica de trabalho.



Recicla tudo que eles boto lá, tem gente lá que coisa, separo, e o que eu ia dizer, você vai abrir saco por saco, não tem condições. Não tem condições de abrir saco por saco. E às vezes eu passo no lixo e vai abrir o saco, mas aí, se abrir o saco todo, não vai fazer nada, aí tu não faz, não faz nada, o dia inteirinho [...] [sic]

Dona Beatriz também possui uma rota definida, o trajeto se constitui nos bairros Humaitá de Cima, Humaitá e Vila Esperança, uma área de extensão significativa. Ela nos relata que a sua filha, também catadora, realiza outra rota no período noturno, portanto, cuida de seus netos à noite enquanto sua filha e o genro trabalham.



“Humaitá¹⁴ tudo eu corro tudo [...]. Aí chego em casa morta de cansada [...] cansada. Aí a filha também de noite, daí eu fico com dois neto.” [sic]

Além deste caminho percorrido, dona Beatriz menciona que possui um bom relacionamento profissional com algumas pessoas da região, estes sujeitos separam os materiais recicláveis gerados em suas residências, reservando-os para a catadora.



Tem gente que guarda sucata pra mim, tem gente que..., [...] tem rua que eu pego, lá ela tem uma senhora que não deixa outra pessoa pegar, não chega a ir lá, ela assim: ‘Não, aqui tu não mexe porque aqui já tem outra senhora que tá catando.’ E eles pego e guardo. [sic]

¹⁴ Percebemos que quando dona Beatriz se reporta ao bairro Humaitá, no caso acima, ela está se referindo aos bairros Humaitá, Humaitá de Cima e Vila Esperança.

Além destas residências, algumas empresas da região também fazem a separação dos materiais recicláveis para a catadora, algumas destas chegam até a levar os materiais em sua residência e, pelo que menciona, trabalha com um número significativo de organizações. Durante nossa conversa com a dona Beatriz, notamos que a catadora constantemente pensa em seu trabalho, este aspecto aflora em diversos momentos da conversa, como pode ser notado no relato de dona Beatriz acerca de sua rota.



Pra lá do mercado De Pieri eu pego os apartamento e janelinha já fica aberta pra mim, ali, eu pego cato tudo. Ontem eu fui num instantinho, mas não fui pra catá, mas ai tá acostumada e que tem que passar por latão do lixo [...] já tão tudo preparadinho [...] já deixo limpinho, tudo certinho pra mim. [...] [sic]

E ainda em relação ao material:



[...] eu pego mais o papelão é nas fábrica, aí eles dizem: 'Ô dona Bia.' Aí a gente pegou, num canto assim, tudo limpinho. Aqueles que tão rolando na rua ali, não, não pego, porque eles também não gosto de pegar sujo, é tudo limpinho, tendeu? [...] fazê as coisinha certinha, boto os litrinho, boto tudo separadinho, [...] o papel branco, na firma, também, eles separo, que têm uns que têm cola, com cola eles também não pego, tem tudo isso daí também. [sic]

Já dona Generosa, relatou-nos que recentemente deixou de realizar a sua rota por motivos de saúde, a catadora alega que está ansiosa para retornar com as suas atividades. Assim como dona Beatriz, dona Generosa também recolhe os materiais de pessoas que guardam exclusivamente para ela.



[...] a senhora vê como existe pessoa boa, tem um senhor lá perto do cemitério, que ele trabalha nas praia, ele faz as pesquisa da baleia, eu não sei o que ele é, ele faz as pesquisa, tem uma equipe, e lá na praia ele pede para as pessoas guarda as reciclagem, e ele traz às vezes de táxi, ou se não tudo dentro do capô do ônibus, ele não bota na rua, ele deixa tudo dentro de casa, quando a cozinha dele tá cheia ele me liga, vem busca a reciclagem, tá cheia, tendeu? Aí que ele diz que tem pena de botar fora. [sic]

O caso acima relatado não é único. Há várias pessoas próximas à residência da dona Generosa que sabem de sua profissão e guardam o material reciclável, algumas levam estes materiais até a sua residência.



[...] aí eu já tinha as freguesa pra lá que guardava pra mim, entendeu? É, assim, eles guardavam. Ô, vem cá que aqui tem, oh, se não, eles telefonavam, pegavo telefone, ou vinha aqui, e aí os meus vizinhos por aqui tudo eles já vêm aqui em casa, já pego as bolsas, já guardam, daí eles me chamam, ô, leva outra que caso, aquela lá já tá cheia, é assim que eu faço, que eu vou pegando assim [...]. Uns saco plástico de lixo, por exemplo, eu deixo lá, aí ele dizia assim: 'Ô, lá já tá cheio.' Levo outro pra pegá lá, às vezes eu mando o meu menino, às vezes eu vou. [...] Eu tô trabalhando assim, mas é só por aqui assim né, assim, mas todo mundo por aqui me dá, tudo. Essa aqui joga, aqui pra trás, só essa aqui que não, que não gosta muito de nós [...] [sic]

Quanto ao percurso realizado, dona Generosa revela que utilizava o cronograma da coleta seletiva do município, ou seja, a catadora recolhia os materiais recicláveis que a população disponibilizava para o caminhão da coleta. Vale ressaltar que o cronograma de nossa cidade estipula determinados bairros para cada dia da semana.



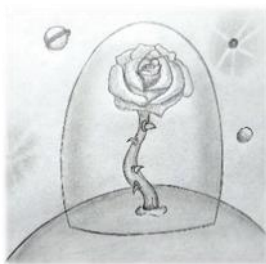
[...] era definido, assim por exemplo, terça-feira é dia da sucata, reciclagem aqui no Santo Antônio, aí eu já sabia. Que falo na rádio, né, hoje é dia da reciclagem Santo Antônio, pegava meu carrinho, e vou pra lá, ó, hoje é quinta, hoje é nas Oficinas, se eu não tivesse doente, eu tava lá nas Oficinas catando [...] [sic]

De acordo com dona Generosa, a população separa os materiais recicláveis corretamente nos dias em que o caminhão da coleta seletiva passa. A catadora destaca que o volume de matéria gerado tende a ser maior no final de ano.



Dia da reciclagem não, dia da reciclagem aí não misturo, eles só boto que é reciclagem, tudo certinho, é tudo certinho, tudo limpinho, tudo limpinho, pelo menos quando eu pego, é, eu vejo que é, tudo limpinho, não tem sujeira. Agora, dia do lixo é lixo, né, porque o lixo passa segunda, quarta e sexta. Aí como diz o cara do lixo, tem época que tem bastante lixo, tem época que tem pouco, né [...]. A época que tem mais lixo assim, mais, pra final do ano, né, muito diz eles. [sic]

Ao conversarmos com dona Leda, notamos que a coleta do material reciclável está diretamente relacionada às pessoas que separam o reciclado exclusivamente para a catadora, tal como ocorre com a dona Beatriz, dona Generosa e seu João Batata. Porém, observamos que, neste caso, a sua rota se dá tão somente por esta ação, isto é, a catadora consolidou uma rede de pessoas na região que separam os materiais. Para tanto, a catadora deixa nestas residências os *bags*, sacos de reciclagem.



[...] as minhas amiga, gosto de mim, aí elas viu eu passando, mesmo que seja amigo, por fim elas ficaram minha amiga, ah, se você deixar um saquinho aqui eu ajunto pra você, eu boto tanta coisa fora. Ah, mas se é por isso eu já fui dando, por isso que meu carro é cheio de saco, eu já fui dando uma sacada pra elas tudo, já fui dando, agora eu só chego, pego o meu carro, já tenho as casas pra ir lá buscá [...]. Porque eu comecei catando, com a mão, com o saco, elas ficaram com muita pena de mim [...] Não sei lê, mas sou bem esperta, isso aí eu sou mesmo, bem, aí eu peguei, fui de saco, eu não sou boba, vou de saco, cheguei lá elas ficaram com pena de mim. Oh, agora todas elas pediram, 'ah, mais se você deixá um saco aqui pra mim eu ajunto pra você, boto tanta coisa fora', 'oh, querida se é por isso, aí eu sei agradecê muito bem os outros, né, mas sé é por isso eu já deixo 2, 3, aí já fui deixando, né, agora eu vou lá buscá, quando venho ó, venho com meu carro ó, Deus o guarde. Tem hora que até eu fico pensando, tô chegando na vila, tô chegando na vila dos zolho grande. Só penso em Deus, eu boto Deus em primeiro lugar, não tô ligando. E aí elas começaram a ajudar, tenho lá perto, lá perto da São Geraldo, vou até lá, já tens as casa também que já tão com os saco pra juntá pra mim. [sic]

Além do destacado, podemos ter uma noção do quão significativos são estes relacionamentos por meio de outro relato da dona Leda, em que nos declara que uma destas pessoas, além de se disponibilizar a reservar o material reciclável exclusivamente para a catadora, também construiu uma estrutura, “[...] daí a água escorre, tipo uma peneira, [...] já tem um preparo que ele fez ali para mim”, a qual possibilita a lavagem dos materiais recicláveis e o escoamento da água logo após. Assim, cabe à catadora apenas o acondicionamento do material: “Aí eu levo os saco, lá, busco, boto tudo em outro saco, aí lá eu já separo, mas ele já fez aquele coisa ali pra mim, vê” [sic]. Ou seja, fica pronto para a comercialização. Esses relacionamentos evidenciam a solidariedade inúmeras vezes escassa nessa sociedade de consumo que estimula sempre e cada vez mais a ganância, a individualidade, o egoísmo. Nesse sentido, faz-se importante destacar, aqui, como as pessoas estão cada vez mais individualistas, voltadas exclusivamente para si, incapazes de criar uma relação afetiva com o outro (BAUMAN, 2004).

[...] a 'sociedade' é cada vez mais vista e tratada como uma 'rede' em vez de uma 'estrutura' (para não falar em uma 'totalidade sólida'): ela é percebida e encarada como uma matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito de permutações possíveis (BAUMAN, 2007, p. 9, grifos do autor).

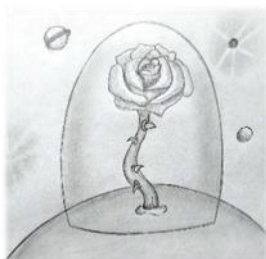
Segundo Bauman (2005, p. 60), para significativa parcela do mundo líquido moderno, atitudes duradouras, como “apegar-se às regras, agir de acordo com precedentes e manter-se fiel à lógica da continuidade” não se constituem como opções prósperas, em vez disso, buscam “flutuar na onda das oportunidades

mutáveis e de curta duração”. Portanto, cada vez mais os relacionamentos são constituídos a partir dos “benefícios a curto prazo” que eles possam proporcionar.

[...] As pessoas classificadas como ‘subclasse’ são condenadas à exclusão social e consideradas incapazes de se afiliarem a uma sociedade que exige que seus membros participem do jogo do consumismo segundo as regras estabelecidas, justamente porque são, tal como os ricos e abastados, abertos às seduções muito bem amparadas do consumismo - embora, de forma distinta dos abastados e dos ricos, não possam de fato se dar ao luxo de serem seduzidos (BAUMAN, 2008b, p. 176).

Isso tem reflexos por toda a sociedade.

Os familiares da catadora Leda também separam os materiais recicláveis, é neste trecho da conversa que ela nos relata que a obtenção do material se dá quase que exclusivamente através destes sujeitos. Além disto, notamos que são também estes relacionamentos que fazem a catador@ se manter em sua profissão, o que reforça ainda mais a significância destes.



Então vou lá na prima [...] que pego os saco tudo, mas ela já falou que tá cheio, e já veio ali pelo meu primo, ali na rua Floresta e pego mais umas coisinhas ali, tenho muita prima, muito primo também que ajunta pra mim, né. Ali na rua do [Mercado] Buss mesmo eu tenho 3 casa que duas é mãe e filha, que é minha prima e a outra lá que me dá, num prediozinho, é a sorte minha, porque se eu fosse saí assim pra tá juntando assim do chão toda hora eu acho que eu, por causa do problema meu, eu conseguia, mas depois que eu ficava arriada [...] [sic]

Dona Leda diz que as *bags* recolhidas nestas residências normalmente possuem somente materiais recicláveis sem nenhuma sujeira; somente em alguns casos estas bolsas apresentam algum material que não pode ser reciclado ou muito sujo, mas, de acordo com a catadora, embora ela às vezes reclame, no final das contas, “[...] eu sou muito contente com isso, com eles ajunta, chega aqui não custa eu separa, não tô aleijada, aí eu separo” [sic].

Seu Sérgio também faz uso do cronograma de reciclagem para estipular a sua rota, tal como a catadora Generosa, porém, diferentemente desta, seu Sérgio alterna os bairros de acordo com os dias da semana, isto é, não segue rigidamente o cronograma da coleta seletiva do município, além disto, o catador conta que trabalha todos os dias:

[...] cada dia eu tenho um lugar, né, na segunda-feira a Comasa, depois na terça, nas Oficinas, às vezes na quarta-feira também é nas Oficinas, aí



depois vou pro Monte Castelo, e assim pra frente, cada dia um lugar diferente. [sic]

Quando perguntado sobre como a população tem organizado o material reciclável, seu Sérgio informa que a situação está melhor quando comparada com tempos anteriores.



Uhum, é às vezes, agora já não, agora mais separado, antigamente a gente encontrava até injeção, tudo, remédio [...] eles botam até às vezes na caixinha de leite e tranco certinho ali, taça, copo, eles boto nessas caixinha de leite, no papelão, daí a gente já vê que não é pra [...] [sic]

Ao conversarmos com seu João Quiboa, descobrimos que este catador é o único dos entrevistados que não possui uma rota definida.



[...] não tinha lugar definido, onde é que eu pegava ali o meu, o meu bitrem, o meu caminhão, né, (comentários da mãe), onde é que eu pegava o meu caminhão ali (risos) [...] com minha bicicletinha velha, meu bitrem (risos), [...] eu saía, e tinha hora pra saí, tinha vez que eu almoçava até fora, ganhava o almoço fora, ganhava um café, entendeu? Às vezes chegava, tomava um café com as pessoa, almoçava com as pessoa, mas toda vida o respeito, em primeiro lugar. O respeito, a honestidade, deve ser pobre, mas deve ser honesto, não mexe no que é dos outro, tendeu? [sic]

Além da revelação acerca de sua rota, outro aspecto que aflora em diversos pontos da conversa é a relação com as pessoas e os valores como honestidade e respeito. O convívio social para o catador constitui-se de suma importância.

A relação com o outro é enaltecida por ele, por dona Generosa, por dona Beatriz. Diante desta questão, da participação do outro em “minha” vida, Merleau-Ponty afirma:

Dizemos que num mesmo mundo de cultura os pensamentos de cada um levam no outro uma vida oculta, pelo menos a título de obsessão, que cada um move o outro como é movido por ele, está misturado ao outro no momento mesmo em que o contesta: isso não é princípio de ceticismo mas, ao contrário, de verdade (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 112).

A partir de todos os relatos acerca das rotas realizadas pel@s catador@s entrevistados, observamos que em vários aspectos os seus relatos estão intrinsecamente relacionados, o que nos possibilita algumas reflexões. Que a

profissão de catador de material reciclável exige um esforço considerável, além de uma carga horária significativa, tendo em consideração que grande parte dos entrevistados relatou que trabalha praticamente todos os dias da semana. Notamos que a questão do cansaço está presente nestas conversas.

Outro aspecto em comum sobre a rota envolve o cronograma municipal da coleta seletiva, ou seja, sabendo que o caminhão da coleta seletiva passará em determinado bairro em um dia específico da semana, tais catador@s estipulam seu trajeto nestes bairros antes da passagem do caminhão, facilitando a coleta dos materiais recicláveis. Outra questão diz respeito aos relacionamentos constituídos através da profissão de catador@ de material reciclável, provavelmente sensibilizadas com a rotina do catador@, algumas pessoas começam a armazenar os materiais recicláveis, gerados em sua residência, exclusivamente para o catador@. Tal aspecto apresenta-se com mais frequência nas catadoras, todas as três entrevistadas relataram que significativa parcela dos materiais é obtida através destes relacionamentos, o que denota a importância das relações de respeito, compreensão, reconhecimento e valorização serem tão importantes para essas catadoras, mesmo que nem sempre tão explícitas.

ASPECTOS CONCEITUAIS

O que é lixo?

Quanto a desvelar a concepção que @s catador@s têm sobre lixo e material reciclável, observamos que a concepção de seu Sérgio está diretamente relacionada à sua rotina de trabalho, isto é, lixo para o catador se caracteriza como tudo aquilo que está sujo e nem se mexe, enquanto material reciclável são todos os resíduos, e que ele sempre recolhe.



(silêncio) O que que é lixo? (silêncio) Lixo, eu acho assim, que é negócio de papel higiênico, né, coisa mais de, de restaurante assim, né, aquelas coisas suja, tudo, daí aquilo ali, né, daí a gente nem pega. Já sabe tudo certinho, nem pega, nem mexe, né [...]. Material reciclado? [...] É o que a gente cata, né, o papelão, né, o plástico, né [...] é, igual no fim, nas terças-feira, nas terça-feira nas Oficinas é só reciclado, só, não tem lixo, não tem papel higiênico, não tem nada, não tem nada de estragado é só, é latinha, é papelão. [sic]

Na percepção de seu João Quiboa, verificamos uma concepção de certa forma utilitarista, tendo em vista que o catador conceitua o lixo como tudo aquilo que não possui mais serventia. Em comparação com a percepção de seu Sérgio, a gama de materiais tidos como recicláveis é muito mais ampla na concepção de seu João Quiboa.



O lixo, pra nós, é aquele, é o restante mesmo que não sobra nada, isso aí se chama o lixo, porque têm muitos que vai passar olho lá, uma revista, isso ali eu não quero que é um lixo, alguma vez se não serve pra eles, serve pra mim eu passo pra outro [...] se chama reciclagem, aí não é o lixo [...] eles só diziam assim pra mim: 'Seu João, o saco do lixo tá aqui!'. Aí eu dizia: 'Não é lixo, se chama reciclagem, vocês têm que aprender a dar valor, pros catador!' [sic]

Como de costume, além do relato de seu João Batata possuir uma tendência cômica, ele também traz elementos significativos à reflexão. Antes de tudo, o catador divide estes materiais em duas categorias, bom e ruim, porém o mais interessante em sua narração, ao nosso ver, condiz com o conhecimento do catador sobre os resíduos que podem ser reciclados: “*Se for tirar é, sobra pouco*”, ou seja, o catador sabe que uma parcela significativa dos resíduos que a população gera é passível de ser reciclada.



Que que é o lixo? [...] que que é lixo, é separa o bom e o ruim, bota pra lixeiro (risos) que o lixeiro leva, que aqui, aqui não vai servi pra nada, né (risos) [...]. O material é você tira o bom e né, e separa, as coisa que a gente usa, o que não usa, bota, bota fora, né [...] o que a gente usa, o que usa, bota o, lá lá, traz, e o que não presta, e eu vou trazer o que não presta pra casa? [...] lixo é aquele que não, você não usa [...] se for tirar é, sobra pouco, mas tem muita gente, mas tem muito que não [...] mas esse negócio de saco e de sacada de, de lixo, pra gente pensa que é lixo, mas não é lixo, os caminhão levo, mas tem gente lá pra recicla, onde eles levam esse lixo, lá tem gente sabia? [sic]

O relato de dona Generosa assemelha-se significativamente com o exposto por seu João Batata e com a descrição de seu Sérgio em um aspecto. No caso do primeiro catador, a semelhança se dá na percepção acerca dos materiais passíveis de reciclagem: “*Tem muito pouca coisa que é de lixo*”. Referente ao segundo catador, podemos dizer que a questão da reciclagem também está diretamente ligada aos materiais que podem ser comercializados.

Ah, o que é lixo assim, é coisa que, que, o papel do banheiro, o, a sujeira, né, isso aí que é lixo, né, porque tem, como muita gente que mistura, eu



digo, o gente, reciclagem é reciclagem, lixo é lixo, tem muito pouca coisa que é lixo. Ô, oh, Rafael, tendeu? Tem muito pouca coisa que é de lixo, é, porque a tem, a, agora como, o vidro, é teu hoje de primeiro tinha quem comprava o vidro, mas agora o homem não mora mais aqui, ele foi embora pra Florianópolis, aí eu não trabalho com vidro. [sic]

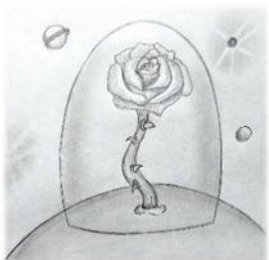
Com relação à dona Beatriz, notamos que a percepção da catadora sobre estes resíduos está intrinsecamente relacionada à esfera econômica. Se comparada à de seu Sérgio e dona Generosa, já que seu relato não apresenta uma diferenciação quanto a especificidades destes resíduos, a distinção se dá no material que se pode ou não obter renda.



É papelão, o plástico, o ferro, o ferro também, é, a latinha, o, as bombona, tudo que é de material é importante pra gente [...] não, isso aí é dinheiro que a gente traz pra dentro de casa [...] não é? [...] não é lixo, se tu pensando bem direitinho, isso aí é um dinheiro que entra. [sic]

Quando dona Leda descreve que “lixo tu bota no lixo”, ou “lixo tu bota no caminhão de lixo”, podemos supor então que sua concepção acerca destes materiais é semelhante ao informado por seu Sérgio, isto é, a distinção destes materiais ocorre pela possibilidade de comercialização, e não por serem passíveis de reciclagem. Além disto, o relato da catadora demonstra um pouco mais sobre a sua personalidade, mas, principalmente, a necessária busca diária por espaço e respeito dentro das comunidades. Assim como a confusão que as pessoas ainda fazem sobre o que é lixo e o que é material reciclável. Coisas distintas.

Acerca desta questão, Oliveira e Carvalho (2004, p. 96) destacam a necessidade de orientar a população no que diz respeito ao acondicionamento dos diferentes tipos de materiais, visto que muitos resíduos que poderiam ser reciclados acabam por não serem reintegrados ao processo produtivo. Os autores também atentam para a responsabilidade dos órgãos responsáveis realizarem a coleta destes materiais de forma seletiva.



Agora, se a senhora não falasse, não tinha caído na cabeça, pra que, ah, agora caiu na minha memória, [...] eu passando com meu carrinho, olha só, e ele não é muita coisa, acho que é mais ou menos a casinha boa. Aí eu passando com meu carrinho, aí tava os cara lá, na estrada, na frente da casa deles, [...] aquele dia eu fiquei tão sentida! Passando com meu carrinho, tava indo pra lá, aí eu disse: ‘Ah, meu Deus, será que não vou virar meu carrinho aqui?’ Falei numa boa, direitinho, como uma pessoa certo, como eu conversei com as outras. ‘Ah, mas se derruba lixo’, eu disse

lixo não, primeiro lugar, eu tô catando reciclado, eu não tô pegando lixo, lixo tu bota no caminhão de lixo, falei' [...]. [...]. Agora eu passo por ele, tudo coisinha boa. Óh tem aqui pra ti. [...] eu disse não, lixo tu bota no lixo, eu cato reciclado, é reciclado, lixo tem diferença. Ah, sou bocuda, não sei lê, sou analfabeta, mas sou bocuda. A boca é maior que o corpo, quê? Já dei a resposta na frente de todo mundo. Os cara ficaro assim ó, de boca aberta. Eu disse não, eu tô catando reciclado, eu não tô catando lixo, lixo tu bota no lixo. Agora eu passo, ele vem com uma coisinha boa pra mi dá. 'Oh, tem uns galãozinho aqui pra senhora, visse?' [sic]

Dona Leda faz o relato acima, revelando orgulho por sua atitude e coragem, afinal para defender seu modo de pensar e agir, precisou de posicionamento firme e, a partir de então, passou a ser respeitada por aquele grupo. Essa luta cotidiana por respeito e dignidade denota o reflexo de uma cidadã que luta bravamente por seu lugar na sociedade. É papel fundamental da educação, e consequentemente também da EA, promover processos educativos que estimulem a reflexão crítica, atuante, participativa, libertadora, emancipatória e comprometida com o exercício pleno do cidadão na construção de uma sociedade mais justa, equânime e igualitária, em que os sujeitos sejam revolucionários à frente do seu tempo, rompendo com a invisibilidade e, como diria Freire (2015), como poder opressor.

MATERIAL RECICLÁVEL

Você sabe a destinação do seu trabalho?

Quanto ao conhecimento sobre a destinação destes materiais, as percepções reveladas demonstram-se bem variadas.

O catador Sérgio comenta que desconhece a destinação do material reciclável após entregar para o atravessador; acredita que este material vá para a cidade de Florianópolis, mas não possui certeza.



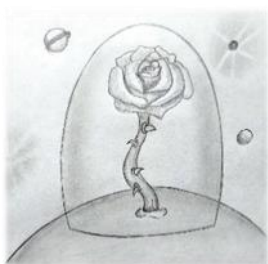
(silêncio) "Muitos no fim, dizem, vai pro depósito daqui, depois eles imprenso tudo aquilo, diz que vai lá pra Floripa, não sei pra onde é que vai, agora saber certinho, não sei." [sic]

Dona Beatriz também desconhece a destinação do material reciclável recolhido. Somente conhece o atravessador. Ela trabalha com diversos materiais, possuindo diversos compradores, mas só comercializa o ferro quando “falta algo em casa”.



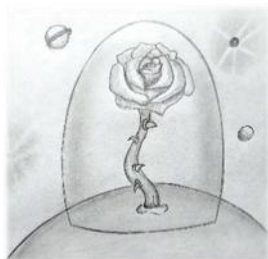
Agora, isso aí eu não sei, só sei que sai daqui e vai pra São Martinho, lá pra firma deles [...]. Daí o ferro, a gente assim, separa, porque às vezes falta alguma coisa em casa, a gente vende pra aqui [...] a gente leva, passa um trabalhinho, levo o carrinho e vai, sai a vendê, um fogão, um negócio assim, que eu sempre tenho um de reserva, papelão e plástico ele pode levar, mas os ferro já fica pra nós, de reserva. [sic]

O mesmo ocorre com dona Leda, que somente conhece os intermediários.



“Eu vendo tudo lá em São Martinho, ele pega tudo [...] os reciclado também [...], é o papelão, e os bag, e os pet, os bag, agora ferro, latinha, essas coisinha de alumínio assim aí eu vendo.” [sic]

A catadora é a única dos entrevistados que não precisa transportar os materiais até os compradores.



Ele vem pegá aqui na minha porta, é tudo aqui na porta, não levo nada na porta deles. Até o vidro eu ofereci, o rapaz veio aqui buscá de carrinho, [...] aí ele vem aqui com o carrinho dele, pego o saquinho, conta tudo dentro, tudo certinho, [...] não levo nada pra vende na casa deles, eles vêm pegá aqui. [sic]

Seu João Quiboa também desconhece a destinação do material reciclável, conhece somente os intermediários. O catador relata que há uma certa rotatividade presente nos compradores de material reciclável na região de Tubarão/SC.



Passo diversos comprador aqui, nós vendia muito era pra Criciúma, [...] faz muitos anos, ele vinha com caminhãozinho, ele vinha com caminhãozinho baú, aquele de grade, né, o boiadeiro. Eles viam em dois, eles viam aqui compravam, lotavam o caminhão, a coisa mais importante que a gente via neles. Ô, professora, coisa que eu nunca vi ninguém fazer e ia turma dele fazia, eles pegavam o nosso papelão aqui pra ajudar nós, pra ajudar nós, e não só de mim que ele fazia, de qualquer um que ele comprava. Pegava uma bombona, cortado no meio enchia d'água, colocava os papelão dentro, entendeu? Pesava mais, pra ajuda nós, dizia, e ajudava [...] único caminhoneiro que foi isso aí, que ajuda um pobre, um catador. [sic]

Diferentemente dos catadores anteriormente citados, seu João Batata revela novos elementos no que diz respeito ao aspecto gerencial da destinação dos materiais recicláveis. Seu João Batata conhece a capacidade de transporte e a finalidade destes materiais.



É, eles levo pra Curitiba, levo pra, pra, não sei, pra tudo quanto lugar eles levam o cara, que já sai, já sai tudo enfardado, tudo enfardado, tudo certinho, só chega e carrega e pronto [...]. Se você visse, era cada fardo, cada saco daquilo ali, cada prensa, cada imprensa de papelão ali, pesa 900 quilo, cara, cada fardo [...] 900 quilos de cada fardo [...] é um peso, né [...] a uns 20 mil quilo, dá uns 20 mil quilo, dá quantos fardo, boto, boto 25 fardo, num caminhão daquele ali [...]. Oh, o caminhão sai dali, e se descobre que eles, esses litro que eles levo, pra fazer copinho, derrete tudo, vassoura, tudo sai, tudo, vassoura, plástico, é tudo daqueles copinho, esse copinho plástico, tudo dali, né, tudo dali né, cara. [sic]

Dona Generosa comenta que gostaria de saber a destinação dos materiais, possui curiosidade, mas seus compradores não a informam. Para ela isso se deve ao preço com que é comercializado o material, ou seja, é de interesse de alguns empreendimentos que @s catador@s desconheçam a destinação, bem como a diferenciação do material, pois as usinas de reciclagem trabalham com preços diferenciados para cada material. Cada tipo de papelão ou ferro possui um valor próprio de mercado, enquanto que o atravessador remunera o catador@ de forma única.

Acerca das particularidades dos materiais recicláveis, Goodship (2007, p. 251-252), em seu estudo sobre o processo de reciclagem dos polímeros, revela que as etapas de separação, limpeza e preparação destes materiais são fundamentais para que o produto tenha uma boa qualidade ao final do processo. Neste sentido, o reconhecimento da propriedade dos materiais recicláveis é de suma importância. Diante dessa diferenciação de materiais, acreditamos que é relevante disseminar o conhecimento sobre as especificidades destes materiais, especialmente para @s catador@s de materiais recicláveis, visto que acrescentaria consideravelmente à renda deste profissional.



[...] ah, não, não dizem, a, o cara que pega o ferro ele disse que chego lá eles separam, e tem o ferro bom e ferro ruim por exemplo, a lataria eles dizem que eles vendem por um preço, ferro mais grosso eles vendem por outro, e aí a senhora vê, aí pra gente eles pagam tudo no mesmo preço [...] aquelas caixa de papelão grande, de papelão mais grosso, até às vezes ele dizia pra nós: 'Não bota misturado não, deixa separado.' Aí depois com o tempo que a gente ficou sabendo, que as, as, maior e mais grossa, eles

vende pra uma fábrica não sei da onde, que paga mais caro, e os miúdo, eles vendem pra outro que é mais barato. [sic]

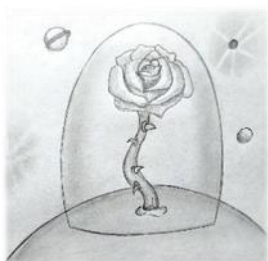
A catadora menciona que já participou de iniciativas para formalização de uma cooperativa de reciclagem na região de Tubarão.



Eles não vão dizer, que não vão querer que a gente ganha, então por isso que a raiva deles que se sai a cooperativa, eles vão perdê, porque aí vai ter alguém que vai atrás. É, vai te, alguém que vai atrás pra saber, onde é que vende [...] tu vê a latinha já tá 4 real o quilo. [sic]

A maioria d@s catador@s desconhece a destinação dos materiais recicláveis após a entrega para o intermediário. Além de que muitos destes não demonstraram interesse em saber, somente dois dos seis entrevistados manifestaram desejo de conhecer aspectos relacionados a esta questão. O comentário da catadora Generosa faz refletir acerca das práticas realizadas nestes empreendimentos que compram os materiais recicláveis d@s catador@s. Esta questão surge em outros momentos nas conversas, notamos que é de interesse de determinadas pessoas que @s catador@s desconheçam a dinâmica da coleta seletiva. Dona Generosa informa-nos de uma certa “raiva” destes intermediários, mas não nos dá maiores detalhes acerca desta questão, impossibilitando, assim, um detalhamento mais minucioso das práticas cometidas nestes ambientes.

Um fato interessante a ser discutido diz respeito aos materiais que @s catador@s de material reciclável, entrevistados, da região de Tubarão/SC, recolhem. Praticamente nenhum catador faz o recolhimento do vidro, dos seis entrevistados somente uma catadora faz a coleta deste material. Além disso, esta prática é recente, pois somente agora há a possibilidade de venda.



Vidro até eu trazia toda vida de sacada aí, o Zaga morreu, que era o Zaga que me comprava, aí eu tive que pará porque não tinha mais ninguém pra comprá, aí agora teve um que comprou o lote da Regina, ela fez uma casinha ali, se viu ali as coisa? Aí o cara comprou ali, agora tá botando vidro ali, agora já comecei a trazer, já tô com uns dois saquinho de vidro ali. Aí quando eu fizer mais uns 4 saquinho, já vou ali e já chamo ele. Ela já manda o empregadinho dele aqui, ele já conta e já leva, é 15 centavo, mas não interessa, mas é um 15 na mão do que do que 20 avoando, hum, 10 pila, 10 centavo, a galinha enche o papo. Pior se eu ganhasse nada, aí já tá ali, qualquer coisa já leva ali pra ele, esse dias vendi 4 saco, deu 14 pila eu já disse, meu dinheiro pro pão, oh isso. (Dona Leda) [sic]

Seu João Batata não cata mais vidro, tendo em vista que não há comprador.



Não cato mais porque não compro, não adianta, nas antiga eles compravam, agora eles não compram mais [...] eu cato o papelão, cato o ferro, se tiver ferro eu também cato, plástico, tá entendendo? Tudo que eu vendo eu cato, só não cato o vidro que eu não posso, que não tem prá quem vender [...]. Nós passava a mão, nós vendia tudo aquilo ó, tudo, hoje em dia não quere mais, cara. Aqueles vidro eles não quere, garrafa, tipo de vidro, eles não quere mais, garrafa, coisa de vidro não quere mais. Antigamente nós vendia tudo, até um depósito, até num depósito nós vendia garrafa de cerveja, vendia tudo. Agora não quere mais, nem compro mais. [sic]

As catadoras Generosa e Beatriz não recolhem vidro por não conseguirem vender este material.



“Antes se comprava, agora nem sei por que, nem o vidro, nem a garrafa de cerveja, é só o lixeiro que leva, não sei por que que [...] não. De primeiro comprava, agora não quere mais.” [sic]



De primeiro tinha quem comprava o vidro, mas agora o homem não mora mais aqui, ele foi embora pra Florianópolis, aí eu não trabalho com vidro [...] é, de primeiro tinha o homem que comprava garrafão de vinho, ele vinha duas vezes por ano aqui na minha casa pegar, é a fábrica [...] ele vinha duas vez por ano aqui buscar, aí meu marido ia com ele, ele vinha de Kombi. Agora, tem gente que pergunta, pega vidro? Pega garrafão de vinho? Eu não, eu não pego porque não tem pra quem vender. [sic]

Através destes relatos podemos notar a importância de possuir compradores na região dos mais diversos tipos de materiais, haja vista que muitos materiais que poderiam ser recolhidos e incorporados novamente aos processos produtivos acabam por não serem recolhidos, já que não há a possibilidade de venda. Tão importante quanto incentivar a coleta seletiva é a promoção da cadeia de reciclagem em todos as suas dimensões. Considerando essa realidade, é preciso sempre e cada dia mais repensar os padrões de consumo. Prezar ao máximo pelo consumo de produtos mais naturais, menos industrializados e que envolvam menos utilização de embalagens.

Neste sentido, Layrargues (2002, p. 197), em “O cinismo da reciclagem”, adverte-nos sobre ações que privilegiam a lata de alumínio em detrimento da embalagem de vidro retornável. O autor utiliza como exemplo um programa que

revisa a “mudança de padrão de consumo”, este elegeu o alumínio, descartável como modelo da mudança ecologicamente correta, visto a sua reciclabilidade, portanto, “a reciclabilidade tornou-se um ato de maior significado ecológico do que a retornabilidade (reutilização), e o resultado foi o aumento do consumo de bebidas gaseificadas embaladas em latas de alumínio”.

A reciclagem, da maneira como vem sendo feita, ou seja, desprovida de políticas públicas, tem muito pouco de ecológico; na verdade, tornou-se uma atividade econômica como qualquer outra. Contudo, esse dado é omitido no discurso, pois se esse fosse o argumento central para a persuasão da necessidade de reciclagem, talvez a voluntariedade para a reciclagem de alumínio não fosse a mesma (LAYRARGUES, 2002, p. 195).

SABERES

Os ensinamentos: para quem....

Acreditamos que seja importante sabermos se @s catador@s já participaram de alguma atividade em que tivessem que relatar sobre a sua profissão, se tais profissionais possuem interesse em compartilhar seus conhecimentos com outras pessoas, caso alguém demonstrasse interesse. De antemão, podemos dizer que nossas conversas foram bem proveitosas.

Como já relatado em outros momentos da pesquisa, o catador João Quiboa tem um certo apreço por entrevistas, visto que costumeiramente ele nos informa seu interesse em realizar alguma matéria com a emissora de televisão da universidade. Ao questionarmos sobre a sua participação em alguma atividade em que tivesse de descrever a sua profissão, o catador comunicou que já realizou uma entrevista para uma emissora de televisão, e que a matéria versava sobre uma iniciativa para a organização de uma cooperativa de catador@s de material reciclável na região de Tubarão/SC. Outro detalhe bem interessante, presente em tal conteúdo televisivo, é que podemos ver a catadora Generosa em algumas tomadas. A seguir, disponibilizamos o *link* da entrevista, o *QR code* que direciona para a mesma e o trecho de nossa conversa com seu João Quiboa.



<https://www.youtube.com/watch?v=7W3ACenoyzY>



Nada, a única coisa que passou por aqui um dia, um que trabalhava na Unisul TV. Um que me gravou aqui em casa, ele disse pra mim: ‘Seu João, um dia, podia ir lá fazer uma gravação com o senhor na sua casa, com sua mãe e toma um cafézinho?’ Ah [...] fosse, a mãe, eu não sei nem o seu nome, de tanta gente, é, não, ele disse, dá de um dia nós ir pra lá entrevista o senhor e sua mãe, eu digo, não, a hora que for possível vai. Só que essa hora nunca veio, esse dia, e se não fosse, essa a senhora que viesse aqui, professora Fátima, e o Rafael [...] [sic]

Percebemos que a disposição de seu João Quiboa em falar sobre seus saberes é evidente. Diante disto, destacamos aqui uma passagem do livro “O visível e o invisível”, onde Merleau-Ponty descreve:

Por certo, a menor retomada da atenção me convence de que esse outro que me invade é todo feito de minha substância: *suas cores, sua dor, seu mundo*, precisamente enquanto *seus*, como os conceberia eu senão a partir das cores que vejo, das dores que tive, do mundo em que vivo? Pelo menos, meu mundo privado deixou de ser apenas meu; é, agora, instrumento manejado pelo outro, dimensão de uma vida generalizada que se enxertou na minha (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 22).

Portanto, podemos inferir que o constante desejo de falar sobre seu trabalho demonstrado por seu João Quiboa pode refletir a valorização de seu próprio trabalho, um valor em si mesmo, assim como o valor que ele atribui à participação do outro em seu mundo privado, isto é, o compartilhamento de suas alegrias, suas dores, suas histórias. Tal concepção também está baseada nas conversas tidas após a realização da entrevista e nos demais encontros que tivemos em sua residência. Seu João Quiboa frequentemente nos visita para contar as suas novidades.

Merleau-Ponty (1999, p. 21) ressalta que:

Meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que mira todas as coisas, pode também olhar-se [...] ele vê-se vendo, toca-se tocando, é visível e sensível para si mesmo. É um si, não por transparência, como o pensamento, [...] mas um si por confusão, narcisismo, inerência daquele que vê em relação aquilo que vê (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 21).

Seu João Quiboa também demonstrou-se bem receptivo no que diz respeito ao compartilhamento de seus saberes acerca da profissão, e novamente demonstra seu interesse em realizar uma entrevista para a emissora de televisão.



Sim, bastante, por causa disso, (silêncio) por causa disso, que eu falo pra vocês uma coisa, a gente fala uma coisa pra vocês, a hora que vocês trouxer aqui também, trouxer aqui também a pessoa que for gravar, a televisão aqui, aparelho, né, pra filmar tudo, pode trazer com maior carinho, com maior respeito que vamos fazer as entrevistas que for preciso, entendeu? [sic]

Já no caso de seu João Batata, o catador revelou-nos que já foi convidado para contar um pouco sobre sua profissão em um colégio estadual, antigamente presente em seu bairro. O interessante em seu relato é que, além de contar um pouco sobre sua rotina em sala de aula, o catador levou os estudantes até um dos seus ambientes de trabalho, no caso o local onde se encontra o comprador de seus materiais, uma experiência única na história de vida dessas crianças estudantes. Outro aspecto que merece atenção diz respeito ao colégio, notamos que o catador sensibiliza-se com a saída desta escola da região.



Aqui no colégio, também foi feito aqui, eu fiz aqui, depois eles me levaram lá no, lá no depósito de papelão, fui lá também [...] já, lá no colégio, me procuraram pra ir fazer ali, pra fazer entrevista [...]. Ah, eu falo porque, porque é uma coisa que tem que fala, tem que abrir a boca, cara. Se ficar de boca fechada, não adianta de anda (risos) [...]. Aham, a criançada aqui do colégio, aqui, a professora veio aqui, me pegou aqui e botou os alunos lá dentro e começamos a [...] essa aqui é, agora já fechou, acabou a escola [...]. Angélica de Cabral, que tinha, fechou, já faz tempo, já acabaram com tudo [...]. Foi tudo pra banda de São Martinho, um pouco pro São João [...] pega e leva, isso aí acabou, isso aí é tudo política, cara, acaba as coisa, tudo política. [sic]

Neste sentido, Sato (2013) destaca a importância da escola no enfrentamento às problemáticas socioambientais:

Um projeto, uma aula, um debate ambiental pode ser coisa pequena frente às atrocidades do mundo, mas tudo isso se magnifica quando consideramos a escola como centro de um universo local, articulada com a sociedade e

ousando mudanças, ao invés de somente aguardar passivamente pelas mudanças que a sociedade nos impõe (SATO, 2013, p. 23).

Portando, vemos que a participação d@s catador@s nos espaços formais de educação é enriquecedora, principalmente no que diz respeito à discussão da problemática do lixo, dos padrões de consumo, dos profissionais ligados à temática, da valorização dos sujeitos, dos ambientes e da vida, visto que trabalha com a percepção do sujeito que está diretamente relacionado a esta temática.

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história (FREIRE, 1991, p. 16).

Nesta perspectiva, seria ingenuidade acreditarmos que a somente escola seria a solução para a problemática do lixo, para a busca pelo empoderamento¹⁵ d@s catador@s, entre outros, visto que tais questões abrangem diversas áreas, nas suas diversas dimensões, mas não podemos de deixar de acreditar no seu potencial, na sua força de mudança. Mudanças estas que promovam “uma sociedade menos injusta, menos malvada, mais democrática, menos discriminatória, menos racista, menos sexista (FREIRE, 1991, p. 118).

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos (FREIRE, 1991, p. 126).

O catador traz à tona uma reflexão importante com relação às escolas que são fechadas em diferentes bairros e cujos estudantes são removidos para outras escolas, distanciando-se de seus bairros originais. Na concepção dele isso se dá em função de questões políticas. Lamentavelmente, ao realizar esse tipo de mudanças, promove-se o distanciamento dos jovens da realidade de seus bairros de

¹⁵ Conforme Souza (2019, p. 77), empoderar surge dentro do contexto dos anos 1960, na fase do movimento da contracultura. Costuma ser usado em referência à tomada de consciência do poder pelas mulheres. Contudo, o uso excessivo dessa e outras palavras tem provocado desgastes consideráveis e esvaziamentos de sentidos. Muitas dessas palavras saem do âmbito de busca da diversidade e alteridade para se tornarem ditaduras e silenciamentos.

origem. Além disso, o fato de a escola Angélica Cabral utilizar-se do conhecimento do seu João Batata, levando-o para a escola, aproximando-o dos estudantes e contribuindo para que os estudantes começassem a reconhecer e conhecer no seu João também um educador da causa do lixo, promovia uma redução no distanciamento existente entre a temática Educação e Questões Ambientais. Lamentável que nenhuma outra escola dessa região tenha percebido essa potencialidade.

Cabe destacar que, no caso acima, a escola fez a diferença movida pelos profissionais que nela atuaram e propuseram tal dinâmica/atividade. Ou seja, a escola também necessita de professores e gestores preocupados com uma educação crítica e participativa. Os profissionais que se envolveram nesse processo, certamente, influenciaram outros. É de profissionais assim que necessitamos na educação. De educadores, no sentido real do termo. Influenciados por Paulo Freire e todas as suas obras no sentido de viver na pedagogia do amor, educando com ética, liberdade, ternura, conhecimento e todos os preceitos Freireanos. Isso requer um olhar para os processos formativos dos professores que atuam na Educação hoje e também sobre as escolas que se acham abertas para de fato exercer sua missão.

Seu João Batata trouxe-nos mais detalhes deste acontecimento, descrevendo que o maior interesse por parte dos estudantes tinha relação com a prática propriamente dita, isto é, *“como é que se catava papelão”*.



Como é que se catava papelão (risos). Eu só dizia pra eles, catá é fácil, só desce e joga pra cima da carroça [...]. E vem aqui, tem gente que vem aqui, a criançada do colégio, pega aquelas ficha de, do, dos litrão, pra fazer [...] a tampinha pra fazer trabalho [...] as tampa [...] daqui a pouco eles tão pedindo ali (riso). [sic]

Acreditamos que atividades pedagógicas como as que vimos acima condizem com os processos de formação propostos por Paulo Freire, visto que percebemos uma significativa capacidade de interação com estes sujeitos, isto é, uma relação que se concretiza de forma respeitosa e que reconhece o conhecimento destes profissionais.

Se, para uns, o homem é um ser da adaptação ao mundo (tomando-se o mundo não apenas em sentido natural, mas estrutural, histórico-cultural), sua ação educativa, seus métodos, seus objetivos, adequar-se-ão a essa concepção. Se, para outros, o homem é um ser de transformação do mundo,

seu quefazer educativo segue um outro caminho. Se o encararmos como uma 'coisa', nossa ação educativa se processa em termos mecanicistas, do que resulta uma cada vez maior domesticação do homem. Se o encararmos como pessoa, nosso quefazer será cada vez mais libertador (FREIRE, 2007, p. 9).

Também compreendemos o potencial da educação pelas práxis, pois, conforme Freire, a práxis expressa o modo em que, simultaneamente, o indivíduo age e reflete acerca de sua ação no mundo, e ao refletir alcança uma nova ação, desta forma, prática e teoria juntas perpetuam-se na práxis, “os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo” (FREIRE, 1992a, p. 121).

Toda a pedagogia de Paulo Freire é uma permanente dialog-ação das pessoas entre si e de todas com a realidade circundante em vista de sua transformação. Destarte se forma a comunidade na qual todos, enraizados na realidade, aprendem uns dos outros, ensinam uns aos outros e se fazem parceiros na construção coletiva da história (BOFF, 1992, p. 6).

Seu João Batata, considerando seu relato anterior, também demonstrou interesse em compartilhar seu conhecimento com outras pessoas. Na concepção do catador, as crianças deveriam assumir um papel central nestas ações que visam a compartilhar a prática da profissão, ou seja, o catador acredita que a mudança de comportamento é facilitada durante a infância.



Pra fazer umas entrevistinha (risos) aí a gente vai, né [...] é, né, porque daí a gente já diz as coisas pras crianças e as crianças vão botando aquilo na cabecinha, que o negócio não é assim. Pra fazer as coisas, tem que ser tudo separadinho, né, negócio tem que, né verdade? As crianças já vão entendendo as coisa, né, porque os adulto, os adulto não entende mais nada (risos), é [...] tá brabo. [sic]

Para seu João Quiboa a sensibilização socioambiental necessita ser efetuada a partir das crianças, pois o adulto já não concebe mais essa perspectiva de mudança. Neste sentido, Guimarães e Viégas (2004) trazem-nos a reflexão acerca do papel das crianças e da educação ambiental nas escolas, demonstrando algumas propostas, que, se fizerem presentes no cotidiano escolar, podem promover a construção de um mundo melhor. Para tanto, é imprescindível fazer com que a criança deixe de ser desinformada e insensível quanto às problemáticas socioambientais e passe a ser conhecedora e sensível acerca da questão, tarefa que não é fácil, visto que para os autores, estamos “aprisionados

metodologicamente e epistemologicamente à armadilha paradigmática trazida pela ciência moderna” (GUIMARÃES; VIÉGAS, 2004, p. 59). Também nesta direção, há importantes contribuições da EA crítica, transformadora e emancipatória, no sentido de formar práticas educativas que visem a uma concepção de ética e cuidado com as questões socioambientais (CARVALHO, 2004; GUIMARÃES, 2006, 2013; LAYRARGUES; LIMA, 2014; PLÁCIDO; CASTRO; GUIMARÃES, 2018; SATO; CARVALHO, 2005, dentre outros).

Em suma, a educação ambiental entendida a partir da perspectiva adotada, deve metodologicamente ser realizada pela articulação dos espaços formais e não-formais de educação; pela aproximação da escola à comunidade em que se insere e atende; pelo planejamento integrado de atividades curriculares e extra-curriculares; pela construção coletiva e democrática do projeto político-pedagógico e pela vinculação das atividades de cunho cognitivo com as mudanças das condições objetivas de vida (LOUREIRO, 2004, p. 72-73).

Inicialmente, dona Generosa narra a respeito de um trabalho de escola que seu filho teria de realizar para cobrir o afastamento das aulas, em função de problemas de saúde. O tema seria sobre a reciclagem. Seu filho gravou um pouco da rotina de uma catadora de material reciclável, ou seja, das atividades que sua mãe exerce.



Ah, ele fez essa semana, da escola [...]. Bateu foto da reciclagem [...]. Eles mandaram ele bater [...] é, mandaram ele bater. E fizeram tipo uma filmagem, ele que, ele tava em casa operado, aí tinha que fazer sobre a reciclagem, aí eles mandaram: ‘Jean, bate a foto da reciclagem da tua mãe, aí, e explica alguma coisa [...]’. É, aí ele bateu. ‘Mãe, eu vou bater da reciclagem?’ ‘Bate da latinha e dos plásticos, tá?’ ‘Não é pra nada, mãe, é pro trabalho da escola [...] aqui na Escola Jovem’. Aí eu disse assim: ‘Escola Jovem pra fazer trabalho sobre reciclagem, fazer trabalho sobre reciclagem [...]’. Aí ele bateu, aí ontem eu perguntei: ‘Daí, fizeram?’ Ele disse: ‘Fizemos. Fizem, mãe.’ Que ele tava em casa em repouso. Fizem mãe, fizeram, aí depois passaram o filme, mostraram pra ele. [sic]

Além deste trabalho, dona Generosa diz que constantemente professores procuram-na para obter materiais recicláveis, com a prerrogativa de desenvolver alguma ação educativa dentro de sala de aula. Neste caso, diferentemente da situação de seu João Batata, notamos que a catadora não possui um papel ativo nestas formações, o único auxílio solicitado à catadora condiz com a disponibilidade de material. Lamentável que alguns professores e escolas ainda não tenham reconhecido o farto material disponível nas memórias e histórias dessas catadoras e

com potencialidade educativa para a redução do volume de lixo, consumo consciente e outras temáticas advindas dos resíduos sólidos.



As escolas quer fazer brinquedo pras crianças. O ano passado, teve uma senhora que queria cestinha de Páscoa, ela veio aqui, pediu pra mim se eu não doava pra ela, eu disse, dou, aí ela, cortava as garrafa, a parte de cima ela trazia, é, a parte de baixo ela fazia o cestinho. Depois ela trouxe pra mim ver a cestinha, da Páscoa, a coisinha mais linda. Essa semana veio uma professora que dá aula na Congonha, se eu não doava 15 garrafa que ela queria fazer brinquedo daquele tipo, (telefone tocou) e [...] deixa tocar [...] é tipo, karaokê, não tem aquele, conhece aquele karaokê antigamente, que as crianças faziam, amarravam numa corda, um pauzinho, eu vou lá atende [...] é, tem vizinho que dá o meu número, entendesse? Aí eles ligo pra pedi, pra pedi, é a escola pediram 15 garrafa, aí eu dei, pra fazer esse, não sei como é que é o nome [...] é, ela disse que queria fazer pras crianças [...] é, ela disse, só a parte de cima, ela ia cortar, amarrar na cordinha, com um pauzinho pra eles, entendesse? [...]. É assim, eles queria, e aí o meu menino também disse que a semana passada a escola veio, 4 escola, fazer a apresentação tudo com brinquedo de reciclagem de antigamente [...]. Veio 4 escola de criancinha pequenininha, [...] ele disse que veio lá do morro, veio não sei da onde, [...] até não teve aula, foi, pra eles vê como é que era, tudo brinquedo, assim com reciclagem. [sic]

Acerca destas práticas educativas que trabalham com a confecção de brinquedos ou utensílios a partir de materiais recicláveis, trazemos uma advertência adaptada ao pensamento de uma obra de Layrargues.

Essa prática educativa, que se insere na lógica da metodologia da resolução de problemas ambientais locais de modo pragmático, tornando a reciclagem do lixo uma atividade-fim, ao invés de considerá-la um tema-gerador para o questionamento das causas e consequências da questão do lixo, remete-nos de forma alienada à discussão dos aspectos técnicos da reciclagem, evadindo-se da dimensão política (LAYRARGUES, 2002, p. 180).

Diante da prática destas professoras, alertamos para a necessidade de desconstruir a figura da escola como um ambiente fechado, que desconsidera as relações sociais em que ela está envolvida.

A escola não é só um espaço físico. É, acima de tudo, um modo de ser, de ver. Ela se define pelas relações sociais que desenvolve. E se ela quiser sobreviver como instituição, no século 21, precisa buscar o que é específico dela numa sociedade de redes e de movimentos que é a sociedade atual. A escola não pode mudar tudo e nem pode mudar a si mesma sozinha. Ela está intimamente ligada à sociedade que a mantém (GADOTTI, 2007, p. 12).

Dona Generosa, nestas situações, apresenta-se como alguém que lhes fornece material, quando, na verdade, deveria se constituir como um sujeito de

destaque. Suas experiências com o trabalho poderiam ser discutidas em sala de aula, enriquecendo o debate sobre as questões socioambientais, oferecendo, por meio de sua história de vida, seus relatos, inúmeras contribuições à questão socioambiental.

Não é nossa intenção aqui depreciar a imagem destes educadores, de fato, até compreendemos seus comportamentos diante destas questões sociais, visto que a formação de professores no Brasil ainda tem muito a se discutir, provavelmente estas professoras só repetiram aquilo que aprenderam. Portanto, mesmo que este aspecto não seja objeto de nosso estudo, destacamos aqui a importância da reflexão crítica sobre a prática, no que diz respeito à formação d@s professor@s (FREIRE, 1997a, p. 43).

Desta forma, a EA não deve ser desenvolvida através de práticas isoladas, desconexas, mas de forma transdisciplinar, promovendo o debate das problemáticas ambientais com os mais diversos pontos de vista e nas mais diversas áreas do conhecimento.

Apesar de não executar um papel ativo em tais solicitações de algumas professoras e escolas, dona Generosa conta que possui interesse em compartilhar o seu conhecimento. No entanto, ninguém a procura para saber acerca de sua profissão, o que é lamentável considerando o potencial de conhecimentos que essa senhora possui, sua disponibilidade em auxiliar e o vasto material e acesso que possibilita às pessoas em sua propriedade. Tantas oportunidades que poderiam ser ofertadas a professores e alunos de diversas escolas e comunidades. Intrigante ainda o fato de as escolas apenas virem nos materiais recicláveis fonte de matéria-prima para brinquedos ou material decorativo ou comemorativo. Não enxergam na dona Generosa e nos demais catador@s o imenso potencial de contadores de vida, de conhecimentos acerca dos materiais extraídos do lixo e que são chamados de materiais recicláveis. Adentram em suas propriedades e em nenhum momento conseguem perceber a real importância dessas pessoas. Apenas enxergam os materiais. É preciso repensar a escola e seu entorno, e os cidadãos que nela vivem.

Além disto, a catadora dá a entender que o número de catador@s na região tem diminuído. Sobre este aspecto, é necessário ressaltar que a catadora descreve, em outro momento de nossa conversa, certa contradição, ao mencionar o crescimento do número de catador@s. Desta forma, podemos ver certa ambiguidade em seu relato a respeito desta questão.



Às vezes eu convido as pessoas, mas ninguém quer, eu acho, às vezes eu tenho uma moreninha que, a senhora não viu? Ali na frente do Souza, ali tem uma senhorinha que, ela cata, catava também, mas aí depois, [...] deu passo maior que não devia, ela pegou comprou um, mandou fazer um carrinho, comprou uma moto pro filho, aí a polícia pegou a moto, e pegou o carrinho do filho, aí ele pegou e parou de cata, porque no [...] é porque a moto não tava em dia [...] Tem duas moreninha também ali, que catava, elas tudo deixaro, deixaro de catá, [...] aí ficou só eu, mas às vezes ela ia na reunião comigo, ela ia, aí nessa redondeza aqui, só tem eu, aí eu disse, eu parando não tem mais ninguém que catá, tinha o Mário ali também na rua da Congonha, ali do Mário tinha muito lixo, meu Deus, não foi da tua época, né. [sic]

A preocupação de dona Generosa com a redução de catadoras na redondeza procede. Já que é bem conhecida no bairro, muitas pessoas trazem os materiais para ela, pois tem problemas de saúde, mas se ela parar, no bairro dificilmente haverá quem a substitua.

No caso de seu Sérgio, o catador relata que nunca foi procurado para conversar sobre a sua profissão com nenhuma pessoa, escola ou instituição, desta forma, nossa iniciativa consiste na primeira vez que o catador é entrevistado, portanto, acreditamos que um pouco de seu “ar discreto” “receoso”, “contido”, nas respostas pode sugerir inexperiência e/ou receio de se comunicar. O fator de não ter recebido visitas de pessoas interessadas em saber acerca de sua atividade pode representar os riscos de extinção de seus saberes acerca das práticas e vivências no universo d@s catador@s de material reciclável. O fato de residir em uma área de onde as pessoas estão vulneráveis e encontram-se grupos em situações de vulnerabilidade, de certo modo, pode explicar a razão da ausência de visitas de membros externos. Ou, por outro viés, poderíamos encontrar também a falta de interesse e/ou curiosidade da comunidade acadêmica (aqui compreendida estudantes e professores, gestores) das redes de ensino públicas e privadas de todos os níveis, inclusive universitária, ou ainda o fato de que a problemática do lixo, sob a ótica d@s catador@s de material reciclável, ainda não tenha se tornado uma questão de reflexão no âmbito dos currículos escolares. Ou seja, ainda carecemos de processos formativos em, para e sobre a EA em uma perspectiva crítica, transformadora e emancipatória.

Sob a perspectiva fenomenológica, também os estudantes e os professores de escolas das imediações da residência desse catador e de outros mereceriam ser estudados no intuito de interpretar a percepção destes acerca do mundo vivido pel@s catador@s e seu entorno. Como salienta Merleau-Ponty (2006,

p. 14), “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável”.



Não [...] primeira vez [...] se vim perguntar pra mim, mas ninguém vem, como o ditado aquele, mas se vim, eu ensino. É, isso ali é errado, né, tem gente aqui que bota tudo junto [...] é, gente que já bota tudo junto, bota o plástico mole junto com o plástico duro, o litrão [...] isso, ele junto tudo junto, eu já não, eu separo tudo, tudo. Bolsinha [...] é plástico duro [...] daí o litrão [...], que a gente diz, né, o litrão desse [...] *[sic]*

Mesmo que não tenha sido entrevistado anteriormente, como no caso d@s catador@s anteriores, seu Sérgio demonstra-se receptivo a dialogar acerca de sua profissão. O catador acredita que estas conversas são muito importantes, principalmente no que diz respeito à seleção de materiais, já que evidencia claramente a questão da mistura de materiais efetuada por outr@s catador@s. Em sua concepção, cada tipo de plástico deve ser separado, pois apresentam estruturas diferentes, como exemplifica no caso da bolsinha plástica que difere do plástico do litrão. Diante deste acontecimento, acreditamos que a participação destes profissionais pode contribuir significativamente na discussão das problemáticas socioambientais nos ambientes formais de educação, como, por exemplo, uma dissertação de Mestrado em que toda a pesquisa foi realizada em uma escola da região de Imaruí/SC, que possibilitou a discussão de temas referentes à educação ambiental, economia e cultura, por meio da integração dos conhecimentos dos pescadores, trazidos para dentro da escola, às atividades escolares (SILVEIRA, 2014). Outro trabalho desenvolvido nessa linha de abordagem traz o seguinte resultado:

Observamos que a incorporação dos saberes dos pescadores no âmbito escolar ainda não havia sido pensada pelos professores e alunos da escola estudada, nem mesmo pelos pescadores. Que professores e pescadores receiam incentivar, ao trabalhar com esses saberes, a opção profissional por parte dos alunos pela atividade pesqueira. Portanto, é necessário um processo sensibilizador que vise a refletir sobre as práticas escolares e sobre os benefícios que essa incorporação pode trazer à escola e à própria comunidade, entre eles a valorização da atividade pesqueira, base econômica e cultural da comunidade (PEREIRA, 2014, p. 105).

A exemplo disto, o conhecimento destes profissionais pode promover uma rica discussão nos ambientes formais de educação acerca da separação adequada

dos materiais recicláveis, tratando das especificidades destes materiais e de suas particularidades no que diz respeito à cadeia de reciclagem, trabalhando a reciclagem na esfera educacional, cultural e econômica, alinhando a teoria, como bem trata Lessa Filho (2005) sobre a conceituação destes materiais, à percepção destes profissionais.



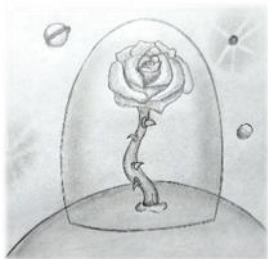
Porque tem gente que bota tudo junto, daí não fica [...] um [...] só separo papelão, o resto vai tudo junto. Daí fica ruim até de trabalhá, quem trabalha com isso, fica ruim, né. É no meio ali não sabe. Bolsa fechada, nem abre. Só chega e já pega a bolsa e vem tudo misturado fica ruim, às vezes coisa que não é pra ir ali junto. [sic]

Assim como seu Sérgio, dona Leda nunca foi entrevistada anteriormente. A catadora revela que também tem interesse em conversar sobre a sua profissão com outras pessoas, para tanto, ela utiliza como exemplo uma colega de profissão, que constantemente tenta sensibilizá-la acerca da importância da disposição correta dos materiais. Esse processo educativo não formal desenvolvido na comunidade por dona Leda é fundamental, considerando que favorece para que outr@s catador@s possam ser capacitados para fazerem a separação correta dos materiais. Essa seria uma estratégia/tática que poderia ser empregada em EA e inclusive nas prefeituras e comunidades para a separação mais efetiva de materiais e otimização de processos mais eficientes no que diz respeito à coleta de material reciclável. Sabe-se que, entre os colegas, a questão da empatia, da linguagem e da proximidade são fatores que favorecem a comunicação e a sensibilização para uma prática mais sensível à questão socioambiental e mais eficiente. Neste contexto, para Carvalho (2004, p. 67), a EA tem o compromisso de contribuir na formação de um “sujeito ecológico”, constituído de atitudes, comportamentos e valores éticos ecologicamente guiados.

[...] é um sujeito ideal que sustenta a utopia dos que crêem nos valores ecológicos, tendo por isso, valor fundamental para animar a luta por um projeto de sociedade bem como a difusão desse projeto. Não se trata de imaginá-lo como uma pessoa ou grupo de pessoas completamente ecológicas em todas as esferas de sua vida ou ainda como um código normativo a ser seguido e praticado em sua totalidade por todos que nele se inspiram (CARVALHO, 2004, p. 67).

Dona Leda exerce uma influência muito positiva sobre algumas catadoras no sentido de orientá-las sobre a organização dos materiais, já que aprendeu com

seu ex-companheiro e reconhece isso. Em processos educativos em EA, é preciso reconhecer a potencialidade educativa desempenhada por atores da comunidade e que podem repercutir sobre processos muito fortemente, visto que partilham das mesmas relações de pertencimento vividas e convivas com outros atores dessas comunidades e proximidades. Nesse contexto, a escola inserida nessas realidades necessita estar atenta também às realidades que se fazem presentes na vida de seus alunos. Dona Leda tem seus netos em idade escolar, certamente pode contribuir muito com processos formativos não formais nesses ambientes formais...



Ah, eu falo. Quando eu vejo que a coisa tá errada, não, não sou nada mais que ninguém, mas eu, falo [...]. Eu chamo a Maria aqui, [...] ‘Ô, Maria, porque que tu não [...], tu tem tanto neto, tanto filho, cara, pega aquelas coisinha ali bota, separa certinho, arruma. Ô Maria, faz que nem eu aqui. Ô, Maria, bota tudo certinho ali ó, os papel [...] dá pra você passá ali do lado’, [...] é mais aí, agora eu falo pra ela, eu falo, Maria [...] falo, porque eu tenho pena, né? Sabe o que que eu penso? Eu digo, ô, Maria, se o Conselho vem aí, ô, Maria, como é, aí como é que eles falo, se eles vêm ali, cara, tu não tens medo, cara? Eu disse: ‘Ô, Maria, manda o Rô (nome fictício) arrumá aquelas coisa certinho, manda, aí faz um jeito ali, certo, certinho. Faz que nem eu. Boto tudo num cantinho, Maria, bota assim certinho, bota certinho.’ [sic]

A situação de dona Beatriz é muito parecida com a de seu Sérgio, visto que a catadora nunca foi perguntada sobre a sua profissão, além disto, ela demonstra claramente o seu interesse de participação. Conforme seu relato: “*Não [...] nada [...] nada, nada, ninguém perguntou nada disso aí [...] não, só vocês mesmo [...] (risos) tá certo, e eu gosto da visita*” [sic]. Ao ser questionada sobre a importância de compartilhar seu conhecimento com outras pessoas, a catadora revela que acredita nisso, argumentando que tem sido responsável por iniciar seus descendentes na profissão de catadora de material reciclável, pois, além de sua filha aprender com ela a trabalhar como catadora, dona Beatriz relatou que seu neto também a acompanhava na rotina, mas que, devido ao receio de receber alguma intimação do Conselho Tutelar, resolveu parar com esta prática.



[...] têm muitas coisas que o pessoal pergunta e eu não sei, como é que é? [...] Quem fez a frente foi eu, né, foi eu que fiz a frente [...] Já, o pequenino aí, ó, o menino, o menino acompanhou eu, agora porque tá muito frio, mas ele acompanhava eu. Aí depois eu comecei a me lembrar [...] mas tem muita gente ignorante, é capaz de chamar o Conselho Tutelar, aí eu parei, é [...] é o menino gosta de catá [...] o menino gosta. [sic]

Porém, dona Beatriz tem passado seu legado à filha, ao genro e também ao neto, ou seja, tem perpetuado seus saberes aos seus descendentes. Em uma de nossas visitas, dona Beatriz mostrou-nos o terreno com as *bags* cheias de material reciclável e fora delas, ainda amontoados, estavam muitos materiais, dentre eles, rolos intactos de plástico-bolha. Perguntamos a ela se tinha conseguido aquele rolo de plástico-bolha, e ela nos disse que estavam defronte de uma loja, para descarte. Espantamo-nos com o relato de dona Beatriz, pois havia ali dois agravantes: o volume de plástico-bolha, as condições intocáveis ainda originais sem uso daquele plástico, revelando, portanto, a cultura do desperdício que ainda predomina entre nós. Para não comprometermos a entrevistada, não fotografamos o material. É impossível esquecer aqueles rolos de plástico! “Se meus olhos não tivessem visto, eu não acreditaria” (Profa. Fátima). Eis que se manifesta claramente aqui a relação de minha “carne” sob minha percepção de mundo manifestada por Merleau-Ponty (2014, p. 135). Somente na profundidade de meus “eus”, consigo materializar o que sentimos naquele instante.

A prática cotidiana como processo à educação

Além de conversarmos com @s catador@s sobre seu início de carreira, seja com relação aos motivos que levaram a adotar esta profissão ou sobre a rotina estabelecida, outro tópico abordado em nosso diálogo diz respeito ao aprendizado construído a partir de outras pessoas e as práticas realizadas nesta profissão.

Mesmo relatando que aprendeu sobre seu serviço sozinho, seu João Batata anuncia que seu pai também era carroceiro. Mesmo que trabalhando com outros materiais, notamos que, de certa forma, o pai do catador também sobrevivia da coleta de materiais. Inferimos, então, que muitas das práticas realizadas pelo catador tenham como fonte de aprendizagem também o seu pai. Além disso, mesmo que seu João Batata tenha nos revelado que optou em ser catador de material reciclável em face do desemprego e da independência/autonomia obtida nesta profissão, também acreditamos que, de alguma forma, seu João tenha se espelhado em seu pai. Afinal, há em seu relato, abaixo, indícios fortes dessa influência.

Ou seja, é preciso que se reconheça que a família ensina/forma e que para aqueles que dificilmente tiveram oportunidades de frequentar uma escola, a

influência da família poderá ser percebida na fase adulta desses sujeitos de algum modo, inclusive no que tange à ocupação profissional.



Bah não, aprendi sozinho, porque eu, o falecido meu pai, toda vida trabalhou com isso, com ferro velho, naquele tempo, comprava ferro velho, ferro velho, osso, não tem o osso de gado? [...] É, eles compravam pra fazer farinha [...] é, nas antiga, era assim, então eu trabalhei muito com o meu falecido, meu pai, o meu falecido, o pai toda vida ia de carroça [...] de carroceiro, ele criou os filho tudo de carro [...], tudo na carroça [...]. Naquela época é, era ferro, era osso, era vidro, naquele tempo vendiam o vidro, tá entendendo? E vendia o ferro, vendia vidro, vendia osso, vendia peixe, tudo isso, tudo isso, ele fazia, sempre tratou de nós, criou os filho tudo com aquilo ali, tudo daquilo ali. [sic]

Dona Beatriz também é outra catadora que teve influência significativa de seus familiares. Como já destacado nesta pesquisa, a catadora trabalha nesta profissão praticamente desde os seus sete anos. Sua mãe, que também era catadora de material reciclável, iniciou-a nesta profissão, sendo assim, grande parte do aprendizado da senhora Beatriz tem como fonte a sua mãe.



Catava com a minha mãe, a minha mãe botava nós pra trabalhá, depois a gente foi indo, costumemo, crescendo [...] continuando [...] a vida inteira trabalhando [...] é, é, quase 50 ano catando. Quando eu morava lá em Gravatal [...] que a minha mãe morreu [...] vou fazer cinquenta e dois agora [...] catando coisa [...] catadora mulhé, é sofredora, sofredora. [sic]

Podemos dizer que no caso de seu João Quiboa, seu aprendizado deu-se através da contemplação, isto é, pelo seu relato notamos que o catador acompanhou, de certa forma, a rotina de alguns catador@s de material reciclável na região e foi se encantando e gostando do que vislumbrava.



Não, não, eu via o pessoal catando reciclagem pela estrada, quando eu via eles catando, eu digo assim, que saber de uma coisa, e eu, e eu vendo isso aí, os outros cato, por que que eu não cato, e comecei, professora, e fui indo, e fui catando e fui empilhando, aquela nossa, a meia água ali, ali era cheia de alumínio, latinha, tudo quanto é espécie de alumínio eu tinha, o meu INPS foi acabado de conclui o INPS meu através das latinha, através do ferro velho que tinha [...], através dos ferro velho, tudo o que eu tinha, os alumínio tudo, é que eu conseguia da um jeito pra paga o INPS, ainda paguei 4 ano depois de novo ainda, pra incluí, mas foi, mas não foi fácil, a vida de Quiboa, a vida de catador. [sic]

Dona Generosa revelou-nos que grande parte do aprendizado tido nesta profissão foi obtido sozinha, porém, a catadora faz menção a um trabalhador de uma

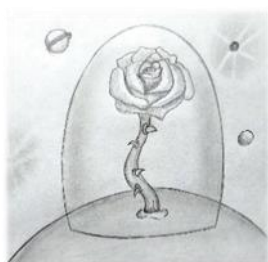
empresa que compra os materiais recicláveis, que a ensinou, em um determinado momento, a retirar o cobre dos motores e sobre a especificidade de alguns materiais. *“Aprendi o motor, aprendi ali a tirar o cabo da panela, nossa, aprendemo foi com esse homem, que se esse homem não ensinasse nós nunca ia saber, nunca”* [sic]. (figura 13).

Figura 13 – Dona Generosa mostrando o cobre extraído dos motores de geladeira



Fonte: Acervo do autor, 2018.

Muito do aprendizado de dona Leda deu-se de forma solitária, tal qual dona Generosa. Porém, é importante ressaltar que a catadora comenta sobre o antigo companheiro, no que diz respeito à organização dos materiais, característica bem marcante observada no quintal da dona Leda. Ela diz ter aprendido com seu ex-companheiro.



Sozinha, eu vou falá, e eu fiquei mais ansiosa depois que arrumei esse homem, vou falar bem a verdade, por essa mesa sagrada. Por causa dele, que memo que eu comecei a assim a ajeitar tudo que eu sabia que ele era e, ele é muito daquele, daquela pessoa que é tudo no certo, tudo certo. [sic]

Levando em consideração que um dos objetivos desta pesquisa tem como enfoque a área educacional, algumas das perguntas realizadas em nossas conversas com @s catador@s de material reciclável questionam acerca do aprendizado tido através da sua profissão, ou seja, o que o catador aprendeu através de sua atividade. Essa seção foi muito cativante, tendo em vista que os relatos possibilitaram-nos conhecer um pouco mais a respeito das personalidades dos catadores entrevistados.

A catadora Beatriz expressa que aprendeu muito com a sua mãe. Cabe lembrar que a catadora sempre trabalhou com a sua mãe, desde a infância, com a coleta de materiais recicláveis.



Aprendi a descartá, pegá, separá, botá o que é de papelão, papelão, o que é latinha é latinha, separada, o que é, tudo, ferro é separado, da latinha, o preço é um, o preço é outro, tudo separadinho, e eles não levam tudo junto, não, e quando tá, tá assim, ó, que tá os *bag* tudo cheio, aí tem que passar no *WhatsApp*, ó, já tá tudo cheio [...] a gente não sabe, já do começo vou falar pra vocês, no começo a gente era assim, não sabia como é que era, agora não, a gente tá mais acostumada. Aí a minha mãe dizia, papelão é dum lado, coisa pet é outro, aí a gente foi aprendendo, a minha mãe morreu, a gente no ritmo, de mim passei pra minha filha, minha filha é mesma coisa, essa minha filha. [sic]

No relato destacado acima, notamos que o aprendizado obtido por dona Beatriz condiz com os aspectos organizacionais da profissão, isto é, o manejo dos materiais recicláveis. Outro aspecto interessante observado no relato é a passagem da profissão de mãe para filha, visto que dona Beatriz, assim como a sua mãe, está iniciando a sua filha na profissão de catador@ de material reciclável.

Tal como dona Beatriz, o aprendizado obtido por dona Generosa está diretamente relacionado ao manejo do material reciclável, porém, a catadora, além de contar com muito mais detalhes sobre o manejo dos materiais recicláveis, revelamos algumas práticas cometidas por determinados intermediários.

É, faz 15 anos, por aí [...] o que que eu aprendi? [...] ah, aprendi muita coisa, aprendi como desmontar o motor, que eu não sabia desmontar, tendesse? Aprendi a limpar os alumínio, eu nunca sabia que era assim, aprendi, aprendi muita coisa [...]. Não, ali por exemplo o motor, eu aprendi com o homem [...] aprendi o motor, aprendi ali a tirar o cabo da panela, nossa, aprendemo foi com esse homem, que se esse homem não ensinasse nós nunca ia saber, nunca [...]. É, o cara, assim, os cara, assim, antes eles levavo inteiro, tudo, ferro velho, aí teve um cara do ferro velho que veio buscá e disse: 'Ó, dona Generosa, tenho tanta pena da senhora, porque a senhora bota, tanto motor com cobre vai como ferro, vai como ferro [...]' É, aí ele disse assim: 'Então vou ensinar pra senhora, aí tem um facão aí?' Eu



disse: 'Tenho.' Aí pegou um facão, uma marreta, a gente bota bem no meio do motor, depois eu vou mostrar ali, é [...] é, só falta tirar o cobre agora, aí eu pegava assim o motor, o facão bem no meio, abre, depois pega um, um alicate e tira todo o cobre, porque o valor tá é no cobre, que o ferro tá 10, 15 centavo [...]. A última vez que vendi, vendi a 17, nossa que diferença, meu Deus [...]! Vê quantos, por isso que o ferro velho ganha [...] imagina, ele dizia, não, não precisa desmontá a máquina não, pode deixa com tudo, por quê? 'É motor, tem motor que dá um quilo, a senhora sabia?' Tem um motor lá que eu não cortei ainda, tá lá, tá lá na ponta, dá um quilo de cobre. [sic]

Por meio da fala acima, podemos perceber a prática cometida por alguns intermediários, prática esta abordada em outras partes desta pesquisa. É de interesse destas organizações que o(a) catador@ desconheça acerca do processo de reciclagem, principalmente no que diz respeito à tipificação dos materiais recicláveis. A catadora dá um ótimo exemplo sobre os reais motivos desta prática, no caso, a questão do cobre, o qual possui um valor de mercado em torno de 17 reais, e acaba sendo vendido como ferro, este vendido a cerca de 15 centavos. É considerável a discrepância de valores. Diante desta prática desumana, que busca obter vantagens por meio do desconhecimento d@s catador@s sobre as especificidades dos materiais recicláveis, buscamos em Freire (1997a, p. 18-19) a sustentação:

Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar. Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão (FREIRE, 1997a, p.18-19).

Logo, percebemos que ações desta natureza devem ser vistas como transgressões. Ferem a ética.

A partir do relato de dona Generosa, notamos que o conhecimento tido em relação aos materiais afeta diretamente a renda obtida pel@ catador@, haja vista que ao conhecer as especificidades de cada material, @ catador@ tem mais chances de comercializar o material no preço adequado.

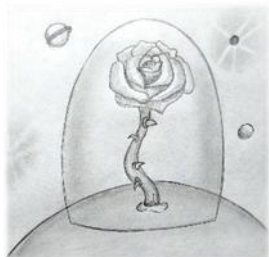


Oh, tu vê a latinha já tá 4 real o quilo [...] a panela já tá 5, tu vê como tá aumentando [...] a panela pra mim vender [...] eu tenho que fazer assim, eu tenho que tirar todo o cabo, tem que tirar tudo, cabo, parafuso, parafuso se for de alumínio pode deixar, se for de ferro tem que tirar [...]. O cobre, por exemplo, que tem cobre que é alumínio, tem motor ali que é de alumínio, eu

já sei, eu [...] já, eu pego a faca eu raspo, se aparecer o alumínio, é alumínio, ai eu não abro o cobre, eu não abro, esse aqui é de alumínio, eu não vou abrir. De primeiro, microonda, vem com dois tubo grande assim, os dois tubo grande era cobre, agora não, agora tem microonda que vem, um é cobre o outro alumínio, tem outro que vem os dois alumínio [...] é, tem muita diferença. [sic]

Diante desse relato, trazemos à reflexão a necessidade, conforme aludido por Freire (1992a, p. 54), de uma educação libertadora e crítica. No presente caso, que trabalhe com temas socioambientais emergentes condizentes com a vida destes profissionais, tais como a pobreza, lixo, exploração do trabalho humano, entre outros, na perspectiva de ampliar a leitura do mundo, isto é, desmistificando a visão ingênua de sociedade, dada como algo imutável e desconexo, para a compreensão das relações que a fazem constantemente transformar-se. “Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual elas devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se ‘inserir’ nela criticamente” (FREIRE, 1992a, p. 54).

Para dona Leda, o maior aprendizado adquirido durante os anos como catadora de material reciclável caracteriza-se como a formação de um melhor senso de organização. O interessante neste caso é que a sua fonte de aprendizado não está diretamente relacionada ao trabalho, a catadora explicou-nos que já era organizada, mas que aprendeu muito a este respeito com o seu antigo companheiro.



Eu vou falá, e eu fiquei mais ansiosa depois que arrumei esse homem, vou falar bem a verdade, por essa mesa sagrada, por causa dele, que mesmo que eu comecei a assim a ajeitar tudo que eu sabia que ele era e, ele é muito daquele, daquela pessoa que é tudo no certo, tudo certo, meu filho falou foi e disse assim: ‘Mãe, a casa dele é um sonho.’ esse, ia lá, e daquilo ali eu fui botando na cabeça, fui, fui botando na cabeça, fui botando na ca, porque quando eu conheci ele minha casa era bem pequenininha, era lá naquela rua que eu morava, quando eu conheci ele, vou dizer uma coisa pra vocês, sou bem pobre, a minha casa, se bota a mão assim, ó, o cupim leva tudo pra dentro [...] muito e muito, com ele, porque o, o meu filho assim: ‘O, mãe se a mãe vê as casa dele, mãe, meu Deus, tudo certinho, tudo.’ E ele era muito, coisa, ele chegava a juntar lata pra mim, alumínio. [sic]

Já para seu Sérgio, seu aprendizado se resume exclusivamente ao trabalho, e, apesar de ser sucinto em seu relato, o catador é bem enfático em explicitar que o trabalho do catador de material reciclável caracteriza-se como uma profissão, e que, portanto, possui as suas particularidades.



25, 26 anos que cato [...] (silêncio) o que que eu aprendi? (silêncio prolongado) e agora? (silêncio) [...] muita coisa, é uma profissão, é uma profissão e um serviço igual aos outros, né, porque, tem gente aí que no fim se pega uma carroça hoje, que nunca fez isso, vai dizer, o que que eu vou fazer com isso, né, como é que eu vou? [sic]

Diante do silêncio expressivo no relato de seu Sérgio, não poderíamos desconsiderar aqui o potencial revelador no qual o silêncio se constitui.

A linguagem exprime tanto pelo que está entre as palavras quanto pelas próprias palavras, tanto pelo que não diz quanto pelo que diz, assim como o pintor pinta tanto pelo que traça quanto pelos espaços em branco que dispõe ou pelos traços de pincel que não efetuou (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 53).

Seu Sérgio também relata que aprendeu a selecionar de forma mais eficiente os materiais recicláveis a pedido de seus compradores.



Porque, quem pegou, quem pega, daí chegou pra mim e disse assim: 'Sérgio, mas escolhida, escolhido, ficava melhor.' Já não dava tanta coisa na máquina, pra trabalhar [...] né [...] isso, daí peguei, então eu vou fazer isso, ia essa assim já faz desde quando eu comecei, eu comecei fazer, antes eu botava tudo junto, não sabia, aí depois aprendi. [sic]

Assim como seu Sérgio, seu João Batata declara que seu aprendizado está diretamente relacionado ao trabalho, isto é, acerca das particularidades da rotina, porém, algumas observações são necessárias: primeiramente, notamos que seu discurso tem uma vertente cômica, característica bem marcante deste catador, ao relatar que somente aprendeu a trabalhar com o cavalo e catar o material, porém em seguida seu João deixa claro o seu real aprendizado, o seu entendimento sobre a importância do catador@ de material reciclável para a sociedade.



Que que eu aprendi? Eu aprendi? Não aprendi nada, só aprendi a cangá cavalo e catá o lixo (risos), vou prender mais o quê? (risos) [...] pra mim tá bom, só tô falando assim porque tô brincando (risos) [...]. O que seria, né, eles boto lá pra banda de, pra banda de São Paulo, aquela banda lá, por que disse que, que dá isso aí de enchente, toda vida dá enchente, por causa do lixo que joga tudo na rua, a boca de bueiro, ele joga lixo que não tão nem aí, entope tudo aí não tem como a água saí, aí não tem como a água saí, então a água sobe, por causa disso que fico tudo lá assim [...] é por causa disso que não dá uma enchente, que não entope mais nada, eles limpo tudo. [sic]

Embora transpareça um “jeitão” descompromissado, seu João fica sério ao falar da enchente em São Paulo. Expressa com preocupação o quanto o lixo deixado nas vias públicas é oneroso ao meio ambiente e à população.

Como já destacado em algumas partes desta seção, as respostas aqui obtidas dizem muito a respeito da personalidade d@s catador@s. O relato de seu João Quiboa corrobora claramente esta concepção. Para ele, a maior aprendizagem adquirida durante os anos como catador remete ao convívio social.



A gente aprendia a ter ô, Rafael, aprendia a ter o amor com as pessoas, a gente aprendia a ter o carinho das pessoa, que chegava pra gente assim e dizia assim: ‘Ô João, digo sim, faz favor, faço, vamo encosta teu carro, a tua carrocinha aí, vamo conversar um pouco antes de tu começar a carregar, vamos tomar um café primeiro, tendeu?’ Chegavam, primeiro vou tomar um cafezinho depois tu vai fazer teu serviço, e outra coisa que quando eu passava na estrada, muitos já diziam assim: ‘João’, os que sabem, ‘João Quiboa, vai lá na minha casa que já tão preocupado contigo.’ [sic]

Desta forma, observamos que, além destes questionamentos revelarem os maiores aprendizados, para est@s catador@s, em suas profissões, eles possibilitaram-nos descobrir algumas práticas realizadas na cadeia de reciclagem, bem como ter um maior entendimento a respeito do comportamento d@s catador@s entrevistados, isto é, a importância do convívio social para seu João Quiboa, o aspecto cômico, porém revelador, de seu João Batata, a simplicidade de seu Sérgio e seu orgulho pela profissão, a importância da organização e do amparo para a dona Leda, a curiosidade de dona Generosa e a fixação de dona Beatriz pelo trabalho.

Outra questão que possibilita a reflexão diz respeito às fontes de aprendizagem. Os relatos d@s catador@s demonstraram que o aprendizado está para além do desenvolvimento das tarefas enquanto catador de material reciclável, isto é, tão importantes quanto a profissão, no que diz respeito ao aprendizado, são os vínculos criados a partir dela.

Os relatos aqui destacados mostram como a vida se constitui como uma grande escola, e, como bem dizia Freire (1992b, p. 86), não devemos considerar as pessoas como páginas em branco, deixando de levar em conta toda uma experiência que estes sujeitos trazem consigo.

Não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que os educandos trazem consigo de compreensão do mundo nas mais variadas dimensões de sua prática, na prática social de que fazem parte. Sua fala,

sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da religiosidade, da vida, da morte (FREIRE, 1992b, p. 86).

Portanto, a EA e a educação em geral devem ocupar-se desse princípio básico Freireano de que todos têm o que ensinar e o que aprender. Somos todos aprendizes e capazes de oferecer aprendizagens. Não há dois saberes, mas dois graus diferentes de explicitação do mesmo saber (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 49).

Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros, nem sem os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. E se seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensando o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir ideias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação (FREIRE, 1992a, p. 141).

Diante disso, destacamos que umas das ações mais importantes da prática educativa-crítica é oportunizar aos educandos, em suas relações, as condições necessárias à experiência intensa de “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar” (FREIRE, 1997a, p. 46).

Assim, devemos ter clareza de que o processo de conscientização não deve ser concebido de forma desconexa, pois “ninguém conscientiza ninguém”, mas sim através de um movimento dialético, isto é, a reflexão crítica das práticas anteriores e nas ulteriores do processo de emancipação destes profissionais, visto que “não há conscientização se, de sua prática não resulta a ação consciente dos oprimidos, como classe explorada, na luta por sua libertação” (FREIRE, 2013, p. 109-110).

Neste contexto, repensaríamos a própria condição da EA, como sugerem Sato, Silva e Jaber (2018, p. 46):

Assim como no surrealismo, a Educação ambiental necessita de menos opacidade em assumir limites, e embora consciente das possíveis falhas, nunca se dá por vencida. Afinal, nenhuma obra de arte se sustentaria de pé frente à selvageria transformadora que emana das camadas mais profundas dos educadores e das educadoras ambientais revolucionários (SATO; SILVA; JABER, 2018, p. 46).

CIDADANIA

Cidadania

Ao serem questionados sobre cidadania, no caso, o que é ser cidadão, dos seis catador@s entrevistados, três não responderam à pergunta. Dona Leda, seu Sérgio e dona Beatriz informaram que desconhecem o significado de cidadão.

A percepção de cidadania d@s catador@s de materiais recicláveis constitui-se importante, visto que

ela é definida como direito social, mas tem sido historicamente um pré-requisito para a expansão dos outros direitos. Nos países em que a cidadania se desenvolveu com mais rapidez a educação popular foi introduzida [...] A ausência de uma população educada tem sido sempre um dos principais obstáculos à construção da cidadania civil e política (CARVALHO, 2008, p. 11).

O questionamento realizado também nos possibilitou constatar que a percepção d@s catador@s de material reciclável acerca da cidadania está diretamente relacionada ao princípio de honestidade. Para os três catador@s que responderam à pergunta, ser cidadão é ter honestidade.

A cidadania em todas as suas dimensões possui uma conotação de conquista, e a efetivação reporta-se sempre à capacidade de organização e mobilização da sociedade civil. Estas tarefas primordiais que têm na educação ambiental um instrumento importante para que sejam alcançados (RUSCHEINSKY, 2001, p. 137).

O catador João Quiboa exemplifica o conceito de cidadania através de um recente acontecimento, no caso, ao chegar em casa após realizar as compras no supermercado, o catador notou que dentro da sacola tinha alguns itens que não eram seus. Portanto, devolveu, desta forma, a figura do cidadão para o catador João Quiboa está associada à questão da ética.



(silêncio) o que é que é ser cidadão? (silêncio) a minha opinião, pra ser um cidadão (silêncio) a pessoa, (silêncio), a pessoa pra ser cidadão, ah, pessoa, professora vai no mercado, compra, aí no final tem alguma pessoa que pega enganado e coloca na bolsa da pessoa, aconteceu comigo, agora ainda pouco, há poucos dias, fui comprá, fazer uma comprinha pra mãe, aí cheguei, minha sobrinha aqui, daqui a pouco olhei, isso aqui não é meu. [sic]

Assim como seu João Quiboa, o catador João Batata também relaciona a cidadania à esfera ética.



O que é sê cidadão? Cidadão seria uma pessoa honesta, se você vai onde, você vai onde que é bem recebido, né, procura ser sério, não incomoda ninguém, não deve nada pra ninguém, não é verdade? Trabalho honesto, tudo o que faço é meu, nada é de ninguém, não é roubo de ninguém, é só trabalho honesto. Ganhei, ganhei, se não ganhei fico em casa. Pra que que eu vou lá mexer numa coisa que não é minha [...] não é verdade? Por que que eu vou mexer numa coisa que não é meu? Não é meu, não foi eu, não passei trabalho pra ganhá. Por que que eu vou lá mexer? Não é verdade? Tem que mexer no que é meu, no que eu passei trabalho pra ganhá. Não é verdade? [sic]

Vemos as semelhanças dos relatos de seu João Batata e dona Generosa. Vários elementos do texto possuem similaridade considerável. Primeiramente, ambos expressam que para ser cidadão um indivíduo necessita “ser uma pessoa honesta”, além disto, a questão do respeito ao próximo, descrito como “você vai onde que é bem recebido” ou “se eu for num lugar”, mostra que a percepção de cidadania para estes dois catador@s está vinculada ao reconhecimento de sua honestidade perante a sociedade.



Ah, pois agora [...] (silêncio) cidadão? Agora tu me pegou (risos) [...] (silêncio) precisa assim, a pessoa ser uma pessoa direita, né! Assim, uma pessoa honesta, assim, pessoa honesta, pessoa assim, que por exemplo, assim, teve boa formação. Eu acho assim, né, que por exemplo, se eu for num lugar, se eu for num lugar, se eu não for uma pessoa boa, se chega uma pessoa, já diz, ó, não bota essa fulana pra dentro da tua casa que essa fulana é assim. Assim, pra mim ser um cidadão bom acho que é isso, é o que às vez eu falo pro meu filho: ‘Meu filho, tu quer ser uma pessoa boa, uma pessoa honesta, tu quer ser uma pessoa boa, que ser uma pessoa que tem boa informação, tu tem que ser uma pessoa honesta.’ Eu digo pra ele, pessoa honesta, uma pessoa que não briga, uma pessoa que não, não mexe nas coisa dos outro, não. Respeita os mais velho, procura ajudar uma pessoa assim, se tu ver uma pessoa velhinha tu procura ajudar a pessoa, mais de idade. Disse: ‘Ó mãe, é capaz, eu já sei.’ ‘Não, mais eu tô dizendo pra ti, meu filho.’ É assim. [sic]

Apesar da significativa semelhança entre o relato de seu João Batata e dona Generosa, a catadora vai adiante e traz mais elementos acerca da sua percepção de cidadania. Para tanto, dona Generosa exemplifica a cidadania através dos atendimentos tidos para tratar de seus problemas de saúde, no caso, os atendimentos que recebeu nas unidades de saúde e com o seu atual médico. A catadora acredita que, além do respeito, a questão do afeto também se faz

necessária. Sentir-se “importante”, ter “valor” para dona Generosa são primordiais ao desempenho da cidadania.



(silêncio) ah, eu acho assim, não são respeitado. Porque, eles assim, eles, por exemplo, se a gente vai aqui, aqui no postinho, esses tempo eu fui ali, disse pra ela que eu tava, assim, aborrecida, tava doente, eu tive que meter bronca, ela diz, ih, vem lá de novo, tendesse como é? Óh, mas vocês não sabe como é que, a gente, ah que não sei o que, então, eles não respeitam as pessoa, mais velha, entendesse? Eu digo assim, tem que respeitar as pessoa mais velha, não é assim, eu acho, né, agora não, na minha, minha opinião eu acho assim. Ó, ontem o médico que eu fui lá, esse psiquiatra, quando ele me viu, ele já veio correndo me abraçá, então, ela já me deu, pra ele, não a senhora pra mim tem muito valor. Passou uma senhora com uma moça, aí ele pensou que era a mulher, ela olhou, não, não, a senhora pode ir reto, é pra lá, não é a senhora, é ela. Essa aqui é minha paciente querida, já me abraçou, a senhora pra mim já tem muito valor, ele disse. Entendesse, então eu já senti que ele pra mim, ele deu valor [...] importante, respeitada. Como ele disse, não, a gente tem que respeitar, ele disse, ele conversa, já tem um doutor, lá, o outro médico que era antes, não, doutor, se a senhora puder trabalhar, a senhora vai trabalhando tá, e ele já não. [sic]

Diante destas percepções, compreendemos que neste contexto a EA tem a responsabilidade de estimular a formação de cidadãos que busquem pela realização nas mais diversas esferas, tais como política, econômica, social, entre outras, ou seja, no exercício pleno da condição de ser humano, da “vocação para o ser mais, enquanto expressão da natureza humana, fazendo-se na História” (FREIRE, 1992a, p. 11).

Nesse sentido,

aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação da sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e das suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 1992a, p. 32).

Reconhecimento pessoal e profissional

Levando em consideração que há um significativo debate, no meio acadêmico, acerca do reconhecimento por parte da sociedade quanto à profissão de catador@ de material reciclável, quando questionados a respeito desse aspecto, seu João Batata relatou que a população respeita a sua profissão, afirmando que a consideram importante. Na opinião de seu João Batata, essa valorização ocorre porque a comunidade nunca o incomodou haja vista entenderem que é uma fonte de

sobrevivência e também por sua atividade não gerar transtornos à comunidade. Ou seja, não levantou a questão sob o ponto de vista socioambiental.



Eles acham importante, é que eles nunca me incomodaram com isso aí [...] não, nunca me incomodaram, sabe que isso aí é um ganha-pão, isso aí não é sujeira não é nada, tá toda vida limpinho, é uma coisa que não dá mosqueiro, não dá nada, tudo limpinho. [sic]

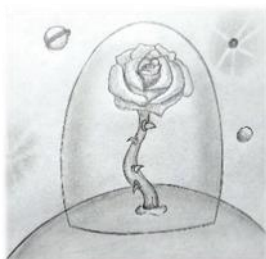
Além disto, ao comentar sobre a sua rota, questionamos seu João Batata se a população se queixava de alguma forma, enquanto o catador transitava com a sua carroça pela região, já que essa possui um tráfego significativo de veículos.



Não, não, reclamo nada, não, aí que eles assim, vocês tão fazendo a limpeza pra nós, a gente ajuda. Vocês ajuda fazê limpeza pra nós, vocês tão fazendo a limpeza pra nós. Muitas coisas que a gente, eles guardo pra gente papelão, a gente bota também, muita gente que faz isso, mas tem muita gente que prefiro jogar no lixo que dá pra gente, são egoísta, né, muita pessoa que são. [sic]

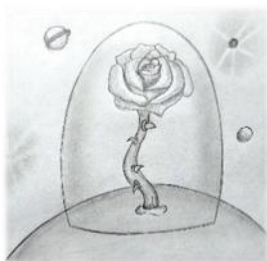
No caso de seu Sérgio e dona Generosa, os relatos foram realizados de forma sucinta, ambos acreditam que a população reconhece a sua profissão. O catador destaca que “*sim, sim, respeito sim [...] conhecem sim, conhecem, uhum [...] com respeito, sempre, uhum*”, enquanto a catadora faz o seguinte comentário: “*Tudo bem [...] só reclamo quando anda com o carrinho no meio da estrada, o barbeira, sai da estrada (risos), aí assim, às vezes é alguma pessoa que é conhecida, vou te multar, hein (risos) brincando, né, vou te multar, né*” [sic].

O relato de dona Leda, diferentemente dos anteriores, apresenta mais detalhes e destaca que “*não posso reclamá de nada não*” [sic], isto é, além do reconhecimento, algumas pessoas a ajudam, seja doando roupas ou alimentos.



São muito boas pra mim. Olha, vou te fala bem coisa, chega no Natal, eles chego até me dá cesta básica, como eu ganhei lá da filha do Neném. Lá no Campestre lá, [...] elas chegaram a dá uma cestinha básica pra mim e outra pras minha filha, a minha filha que eu falei pra ela, a minha filha tinha filho e pagava aluguel, ela assim, pois eu vou arruma duas cestinha pra senhora, uma pra senhora e outra pra sua filha, pois elas me dero, e a mãe dela, mulhé do céu, até o feijãozinho que botei agora no fogo foi ela que me deu, mas não que eu não tenho, não tem, mas ela divide comigo, a mãe dessa duas guria, cada vez que eu vou lá, ela me dá um meio litro de leite, um quilo de trigo, assim, não sei, gente bem boa, é muito boa também, e além de eu saí pra ganhá as minha coisa, ainda ganho uma roupinha, [...] eles me tratam muito bem, muito bem [...] [sic]

Mesmo dizendo que não há motivos para reclamar, a catadora cita alguns conflitos ocorridos durante a realização de seu percurso, como já relatado, nestas situações dona Leda demonstra-se imperativa.



Na rua também, ninguém desrespeita comigo, se desrespeita já leva, porque [...] (risos), não, uma coisa eu falo pra senhora nessa minha mesa sagrada, vocês 3 tão aqui, dentro da minha casa, eu não trago desaforo pra dentro da minha casa, sim, não custei, com meu suor, trazê desaforo pra dentro da minha casa, pra, de sem vergonha da rua, de vagabundo, de vagabunda, ah, não, aí o buraco é mais em baixo, aí muda de figura (risos). [sic]

Dona Leda deixa claro que, embora não tenha sido importunada, “[...] eu não trago desaforo pra dentro da minha casa”, revelando a personalidade forte e aguerrida quando se trata de lutar pelo que acha certo.

Como já ocorrido em outras partes desta pesquisa, o relato de seu João Quiboa também se apresenta de certa forma ambíguo nesta seção, justamente porque inicialmente o catador revela que a população reconhece a importância do catador@ de material reciclável. *“Reconhece [...] acho, acho muito importante, sim, as pessoas acham importante, e muitos dizem pra mim, João Quiboa, e se não fosse vocês vim cata essa reciclagem?”* [sic].

Porém, em outras partes de nossa conversa com seu João Quiboa, o catador apresenta algumas situações em que há um desmerecimento da profissão. Grande parte da sociedade de fato reconhece a importância desta ocupação, contudo, uma parcela da população, mesmo que pequena, ainda se mostra preconceituosa.



O catador de reciclagem, eles não deram valor, o que era pra dar valor pra nós catador, que cada um que passa na estrada, professora, não chamo catador, lá tá passando um lixeiro, lá tá passando um fedorento [...] falam, lá tá passando um mendigo [...] ainda tem alguém que fala maldoso e maldosa [...] [sic]

Notamos uma similaridade significativa no exposto por seu João Quiboa com o relato de dona Beatriz, haja vista que a catadora também apresenta algumas situações em que o preconceito está claramente visível. Apesar disso, sabemos que ocasiões onde o preconceito reina são relativamente inferiores aos momentos de compaixão, visto a descrição dest@s catador@s. Isto é, *“a gente encontra um ou outro”* ou *“ainda tem alguém que fala maldoso”*.



Tem [...] é, só lá fora, sim, que a gente encontra um ou outro. Tem vez que a gente até dá boa noite e boa tarde (vira a cara), tem alguns que já dão, já conversa bem com a gente, têm muitos que perguntam: 'O, a senhora não apareceu mais, o que que houve? Até pensei que tinha acontecido alguma coisa.' É, sempre que eu vou, ficamos um tempo sem ir. Aí o cara tava lá no posto, e tava doente mesmo. Ali ele assim: 'Ó, a mulher e eu tava pensando, a mulher não veio mais, tá doente ou não sei o que aconteceu. Tem bastante coisa lá pra você, que nós estamos guardando aqui.' [sic]

Silva e Lima (2007) argumentam que, apesar de toda a importância das ações desenvolvidas pelos catadores para o meio ambiente, estes ainda possuem uma visão social menosprezada de sua profissão, além disto, a população não reconhece de fato a sua ocupação e importância para a sociedade e para o ambiente onde vivem.

Nesse contexto, destacamos aqui o papel da educação para a cidadania, isto é, uma educação para o desenvolvimento e para a democracia na concepção de Freire (2007, p. 97), que proporcionasse aos educandos os meios de resistência ao “desenraizamento de que a civilização industrial está amplamente armada”, possibilitando ao indivíduo a realizar uma discussão de sua problemática, os seus papéis diante desta, “que o advertisse dos perigos do seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar”.

Uma educação que lhe propiciasse a reflexão sobre o seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção (FREIRE, 2007, p. 67).

Sociedade

No que tange à importância de sua profissão para a sociedade, conforme a percepção destes profissionais, o relato de seu Sérgio denota que ele possui ciência da contribuição de sua profissão para a sociedade, em função da limpeza da região, e pelo fato de “não incomodar ninguém”, nas palavras do catador. Tal testemunho também está presente em outras conversas, como veremos a seguir.



Eu acho que é, né, porque no fim a gente tá limpando o que, né, tá ajudando até, né, porque no fim [...] é, eu não tenho a reclamação de ninguém, não tenho reclamação de ninguém, que ninguém me incomoda, eu também não incomodo ninguém, né, eles no canto deles, e eu no meu, é. [sic]

Acreditamos que nossa conversa com seu João Batata a este respeito está diretamente relacionada com o exposto por seu Sérgio, tendo em vista que o catador também relata, mesmo indiretamente, sobre não se caracterizar como um “incômodo”. É importante ressaltar que tais catador@s residem em regiões com um número significativo de dependentes químicos, no contexto regional. Desta forma, no mínimo é intrigante a percepção destes catador@s, já que os mesmos informaram em outros momentos de nossas conversas os benefícios ambientais gerados a partir de seu trabalho, porém, ao questionarmos sobre a importância de sua ocupação para a sociedade, tais benefícios não foram mencionados.



Bota importante nisso, têm aquelas coisa meio ruim que vêm de fora (risos) [...] umas cacalhada que vem de fora [...] droga, né [...] vende as coisa pra fumar pedra, se quer fumar pedra, vai lá fumar do delírio (pedreira), lá tem bastante (risos) lá tá cheio de pedra, lá no delírio (pedreira) tá assim, ó, de pedra (risos) [...]. Não, mas eles não querem, não querem conselho, não quer nada, não quer nada, eles querem viver aí, ó, nessa vida e mexer na coisa dos outro. Mexer o que tá dentro das casas dos outro, e roubar o que os outros têm, essa aí é um, ó. [sic]

Ao perguntarmos para seu João Quiboa sobre a importância de sua profissão para a sociedade, o catador também não nos declarou os benefícios ambientais gerados a partir de seu trabalho, situação muito semelhante com as citadas anteriormente, tendo em vista que ele menciona tais benesses em outros momentos da conversa.



Sou uma pessoa feliz, eu sou uma pessoa alegre, toda parte que eu vou, eu sou uma pessoa, ô, professora Fátima, eu sou uma pessoa alegre, eu sou uma pessoa feliz. Eu sou uma pessoa, assim, que a gente tem que ter a amizade, tem que ter amizade com as pessoa. O carinho e respeito em primeiro lugar, tudo isso aí. [sic]

Referente à dona Beatriz e dona Leda, ambas as catadoras demonstraram-se surpresas ao serem perguntadas sobre a importância de sua profissão para outras pessoas. Argumentaram que sua profissão é muito importante para elas, porém não souberam responder se sua ocupação possui relevância para a sociedade. No caso de dona Beatriz, ela descreve que “é, é [...] importante [...] é importante porque a gente acha muita coisa, né, acha, acha bastante coisa” [sic]. Ao

perseverarmos sobre a importância para outras pessoas, a catadora dá o seguinte testemunho:



Eu não entendi agora [...] é, bem importante [...] porque é, um que a gente gosta de trabalhar, gosta, e e outro, que a gente acha muita coisa também, que às vezes, coisa que a gente não tem condições de comprar, a gente acha e usa, usa. Eu não tenho vergonha, ah, isso aqui é da sucata. [sic]

Ao lermos todos os relatos anteriormente descritos nesta seção, ficamos sensibilizados com o fato de que, apesar d@s catador@s de materiais recicláveis desempenharem um papel significativo em nossa sociedade, expressiva parcela destes profissionais não se reconhece como atores notáveis na região, isto é, embora gerem uma série de benesses em suas comunidades, através de suas funções, tais indivíduos não alegam a importância da profissão, apenas a dona Generosa, dos seis catador@s entrevistados, abordou um destes benefícios: *“É, imagina, que pelo menos a cidade fica limpa, né, ó, em vez de ficar aquela coisarada jogada na rua, assim, no chão, eu acho que é muito importante, e eu acho que isso aí é muito bom”* [sic].

Diante destes relatos, está claro que “ou cuidamos da vida em todas as suas formas, especialmente da vida humana, e de nossa Casa Comum, a Terra, ou podemos pôr em risco a nossa presença neste planeta” (BOFF, 2012, p. 19). Acreditamos que tais profissionais merecem uma maior atenção por parte da população, em especial do poder público, visto que apesar de seus trabalhos contribuírem para a mitigação da problemática do lixo, muitas vezes não são reconhecidos pelos seus próximos e não recebem o mínimo de apoio por parte do governo no desenvolvimento de seu trabalho.

O desvelamento da percepção deste tema também diz respeito ao cunho fenomenológico desta pesquisa, visto que

o que se pretende investigar, realmente, não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento – linguagem referida à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus ‘Temas Geradores’ (FREIRE, 2013, p. 122).

MUDANÇAS

Mudanças no lixo

No que diz respeito às mudanças ocorridas nos resíduos, seja pelo aspecto de qualidade ou quantidade, é importante ressaltar que o questionamento realizado deu-se de forma sucinta, objetivando o caráter de descrição do fenômeno.

Seu João Batata relatou que as mudanças ocorridas foram para melhor. Na opinião do catador, a população está mais conscientizada sobre a reciclagem, os materiais estão mais limpos que antigamente.



Mudou muito, depois que saiu esse negócio de reciclagem aí, mudou muito, né [...] a limpeza, a limpeza, né porque, nas antiga dava muita sujeira, né, agora dá mais limpeza, toda vida mais limpeza. Porque na época era muita sujeira, de primeira era muita sujeira. Que ninguém, ninguém se interessava, né. Tá entendendo? Ninguém se interessava a fazer, a cuidá das coisa, pegá, então melhorou muito. [sic]

Outra mudança revelada por seu João Batata refere-se ao tipo de material reciclável vendido.



Antigamente nós vendia, sabe o que mais nos vendia, era ferro, vidro e osso. Não tinha papel, ninguém comprava [...] Nas antiga ninguém comprava, não pegava [...] todo mundo botava fogo [...]. Eles botavam fogo, eles queimavam tudo. [sic]

Pelo relato de seu João Quiboa, notamos que as mudanças ocorreram também no nível quantitativo. O catador descreve que o volume do papelão descartado tem crescido exponencialmente.



Agora multiplicou muito, muito, muito, [...] o que aumentou muito foi os papelão, papelão, mais que plástico. Tem lugar que a senhora passa assim, eles chego e diz pra mim: 'João Quiboa, opa, oh, tô com uma carga de papelão aqui, dá uns 50, 100 quilo.' Mas sabe que que eu não pego mais papelão, professora? Que nós aqui não tem onde botá mais. [sic]

A percepção de seu Sérgio referente às mudanças ocorridas em relação aos resíduos é intrigante, tendo em vista que, diferentemente dos demais, já que não está relacionada diretamente à questão de quantidade ou qualidade, ela concerne ao convívio social, à forma de tratamento ao catador@. Isto é, a melhoria dos vínculos profissionais. O catador chega até a comentar sobre a questão da quantidade, mas de forma superficial, diz que “aumentou um pouquinho”, de modo geral a quantidade gerada.



Ah, bastante, bastante, tem mudado bastante [...] porque daí quer dizer, assim que os outro separo, quer dizer [...] mudou bastante, assim na, nas coisas que é melhor, né. Quem pega da gente, já trata da gente melhor, é, né, porque da época que botava tudo junto já era um jeito, tratava a gente de um jeito, agora não, pra eles ficou até melhor. [sic]

O relato de dona Beatriz também se constitui no viés quantitativo. Para a catadora o volume de material aumentou significativamente; esta afirma que este volume tem beneficiado a sua classe profissional.



[...], aumentou, tá bem melhor pra gente, bem melhor [...] arrecado bastante, que não é só eu, tem muitos catador, tem dia quando eu vou, tem catador, que vem com o carrinho até a boca.” [sic]

Dona Generosa tece alguns comentários, primeiramente a catadora notou uma diferença significativa no que diz respeito ao despejo destes materiais, ou seja, as pessoas estão deixando de jogar o material em terrenos baldios.



Ah, notei, bastante, que não tem mais assim, lixo jogado na rua, como de primeiro tinha, na frente das casa jogado lixo, jogavo a nojeirada. Notei bastante. Mas tem, eles têm que mudar mais ainda, né? O povo aqui, só acho assim, são tão sem vergonha que eles vêm de noite, de caminhão, e joga às vezes aqui na frente, enquanto esse homem não aterrou esse terreno, era uma nojeira, ele pagou 15 caminhão pra tirar o lixo dali, ó [sic].

Ela salienta que, apesar da mudança de comportamento da população quanto ao despejo dos resíduos, há ainda pessoas que fazem o uso de terrenos baldios para descartarem o lixo, como podemos ver abaixo.



[...] ali embaixo, entra nessa rua aqui pra lá, pode passar lá, na casa da mulher, ela botou um sofá velho, ela sabe que nos leva o sofá velho, porque que ela vai botar na frente, boto o fogão, aí o vizinho pegou o fogão nas costas, trouxe e botou aqui em casa. Aí quando eu cheguei do hospital com meu filho, o fogão tava ali, aí o vizinho disse: 'Ó, botei o fogão aqui pra senhora.' 'Ah, tá, eu tava lá no hospital.' Por que que ela não pega, corta, leva lá no mato, e queima de noite? Pode queimar de noite, aí, ali na esquina, tem um terreno ali, que não davam conta de queimar, cara, traziam cada coisa. [sic]

Em sua visão, dona Generosa diz que a reciclagem vem contribuindo consideravelmente para a diminuição do lixo. Nesta direção, Lessa Filho (2005, p. 44) argumenta que “a reciclagem é uma excelente alternativa para reduzir os impactos do lixo na vida das pessoas e na natureza”.

Outra questão que nos chama atenção no relato de dona Generosa condiz com sua contradição, isto é, apesar de trabalhar com a reciclagem e conhecer seu papel, a catadora recomenda a queima dos materiais. Diante disto, Merleau-Ponty (2015, p. 40) esclarece que nossa experiência perceptiva é contraditória.

A experiência perceptiva é contraditória porque confusa; é preciso pensá-la; quando for pensada, suas contradições se dissiparão à luz da inteligência. Enfim, me dizia um correspondente, somos convidados a nos reportar ao mundo percebido, tal como o vivemos. Isso quer dizer que não é necessário refletir ou pensar e que a percepção sabe melhor que nós o que faz (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 40).

A catadora acredita que isto é resultado do crescimento do número de catador@s de material reciclável na região e que este crescimento está ligado diretamente ao desemprego ou à perda dos benefícios previdenciários.

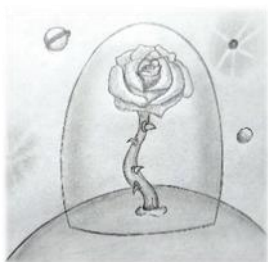


[...] o lixo, o lixo diminuiu, a reciclagem aumentou, a assim, aumentou porque apareceu um monte de catador, né. Agora eles não tão mais juntado de carrinho não, nem de carroça não, tão juntando é de carro, meu filho [...] até de caminhão tá, ontem até encontrei um caminhão, um caminhão grande parou, e só bota pra dentro [...] é, paro, com caminhão grande, caminhão, Kombi [...] esse negócio aí que muita gente saiu de, botaram pra rua de emprego, muita gente com o INSS, cortô a aposentaria, surgiu muita gente pra catá, de carro, não veio de carroça, muito difícil, antes eram carroça, muita carroça, mas agora não tem mais carroça, agora é de carro. [sic]

Outra questão interessante no relato de dona Generosa diz respeito ao modo com que @s catador@s têm recolhido seus materiais na região. Para a catadora, a profissão tem passado por mudanças significativas, pessoas com

maiores poderes aquisitivos têm se tornado catador@s de material reciclável, o recolhimento dos materiais recicláveis passa a ser motorizado, o que confere uma maior mobilidade e a possibilidade de recolher mais materiais, conseqüentemente, tendo vantagens consideráveis sobre os demais catador@s.

Para dona Leda, a mudança está relacionada ao tipo de material, para a catadora a obtenção de latinhas de alumínio está bem mais fácil.



Antes era difícil achá essas latinha, antes eles vendio, né, aí não sei o que que deu, oh, mulhé, tinha casa que eu não pegava nada, agora eu pego de sacada, eu digo, ó, glória a Deus. Que eles não querem vender mais, deixaram pra mim, de certo, antes vendiam [...], aí era difícil! Agora não, agora não, agora eu trago, eu tô aí, com umas sacalhada cheia. Já mandei até o velhinho vim pegá, só que é uma coisa que é levinho, né, levinho, levinho, levinho, não pesa, nada, nada, nada. [sic]

É interessante ressaltar acerca do trecho acima que “eles não querem vender mais”, já que pouco tempo atrás, quando as organizações que compravam material reciclável se estabeleceram em Tubarão/SC, muitas pessoas da região começaram a recolher as latinhas de alumínio, visto a facilidade de obtenção e o preço chamativo. À época, os catador@s recolhiam menos deste material.

Diante deste comportamento, destacamos o posicionamento da EA frente à promoção de mudanças, ou seja, no seu potencial de sensibilização/conscientização para além da dimensão ambiental, mas também social da problemática do lixo.

O projeto político-pedagógico de uma Educação Ambiental crítica poderia ser sintetizado na intenção de contribuir para uma mudança de valores e atitudes, formando um *sujeito ecológico* capaz de identificar e problematizar as questões socioambientais e agir sobre elas (CARVALHO, 2004, p. 156, grifo do autor).

Mudanças no ambiente

Praticamente todos os catador@s perceberam poucas mudanças ocorridas no ambiente em que vivem. Relatam que “melhorou um pouquinho”, mas não sabem dizer quais mudanças foram essas. Se desconsiderarmos a resposta do catador João Batata, veremos que todas as demais respostas foram dadas de forma bem sucinta.



Mudou, né, mudou, porque saiu o colégio daqui, aí, né [...] é, quando tinha o colégio, é, quando tinha aqui, toda, toda vida tinha o colégio, agora que acabou o colégio, acaba com o lugar, tá entendendo? Acaba com o lugar, cara. Ó, não tem uma farmácia pra gente comprá um remédio, não tem um, não tem um, uma, um, um posto de saúde, não tem nada, nada, nada, nada [...] não, tem nada, tem nada, aqui nunca teve farmácia nenhuma, farmácia tem, mas é o bar, né (risos) o cara toma uma e ó, o remédio tá garantido (risos). [sic]

Para seu João Batata, a mudança mais significativa ocorrida nos últimos tempos foi o fechamento da escola estadual no bairro. Esse fato é de extrema relevância considerando seu depoimento, já que, em sua opinião, sem escola, não há mais nada. Notamos, através deste relato, um certo abandono do estado nessas regiões. É importante ressaltar que apesar desta questão não ser levantada pelos demais catador@s, ao buscarmos a localização dos catador@s em seus respectivos bairros, observamos uma certa carência de instituições públicas nestes lugares, seja na área da saúde, educacional ou social. Outro aspecto que merece atenção neste relato é o comportamento de seu João Batata diante da situação, característica essa que permeia toda a nossa conversa, o catador é cômico até mesmo em situações lamentáveis. Talvez esta seja a forma de resistência frente às inúmeras dificuldades que ele enfrenta em seu cotidiano. Assim, ao resistir diante de todas as dificuldades, ele também tenta se reinventar, reexistindo pelo viés cômico, dialogando conosco de forma tão amigável, tão gentil, mesmo com todas as adversidades cotidianas a que vem sendo exposto no dia a dia. Orgulhamo-nos dele, de sua capacidade de mesmo com todas as dores que vimos em dias de diálogos, quando nos encontramos no meio do caminho, ou quando em nossas conversas em sua casa extraía de si humor mesmo com dificuldade para tratar do assunto. Assim também com dona Leda, que nos recebeu em um dos encontros, após ter tido alta do hospital e respeitosamente vimos como estava e a deixamos repousar. Rendemos a seu João Batata nosso carinho, respeito e “ad-miração”, extensivo aos demais catador@s.

Também destacamos a necessidade de compreensão do ambiente e das relações entre os seres vivos neste contexto, pois de nada adianta debatermos acerca das mudanças ocorridas nos ambientes naturais se concebermos estes de forma fragmentada e particularizada, “aprendemos muito sobre assuntos específicos, mas não sabemos relacioná-los num contexto global e sistêmico (KINDEL; SILVA; SAMMARCO, 2004, p. 18).

A possibilidade de admirar o mundo implica em estar não apenas *nê*, mas com *ê*; consiste em estar aberto ao mundo, captá-lo e compreendê-lo: é atuar de acordo com suas finalidades a fim de transformá-lo. Não é simplesmente responder a estímulos, pôr em algo mais: é responder a desafios. As respostas do homem aos desafios do mundo, através das quais vai modificando esse mundo, impregnando-o com seu 'espírito', mais do que um puro fazer, são quefazeres que contêm inseparavelmente ação e reflexão (FREIRE, 1997b, p. 10).

O desvelamento da percepção que @s catador@s de materiais recicláveis possuem acerca das mudanças no meio também se faz importante na medida que estes pontos de vista nos proporcionam uma série de elementos que possibilitam uma melhor compreensão da forma como estes profissionais se posicionam em relação ao mundo. Isto é, compreender se de fato para @s catador@s a sua “presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História” (FREIRE, 1997a, p. 54). Eles são sujeitos da história.

OUTRAS IMPRESSÕES

Lixo de uns, tesouro de outros

Outro tema que achamos interessante destacar nesta pesquisa condiz com os achados d@s catador@s de materiais recicláveis, isto é, os objetos que estes profissionais encontram ao longo de sua caminhada/jornada para uso posterior. Mesmo que atribuída outra função a tal item, necessário esclarecer que o exposto nesta seção não somente tem como base as entrevistas realizadas, mas também observação dos pesquisadores, os registros de campo e das conversas tidas em outros momentos além da entrevista.

Seu Sérgio, em nenhum momento da entrevista, cita sobre objetos, desconsiderando os recicláveis encontrados enquanto catava, o catador só comentou de forma bem sucinta, característica marcante de sua personalidade. Contudo, alguns objetos decorativos observados em sua casa, após termos questionado sobre a origem destes itens que nos chamaram a atenção, sendo estes, uma divisória entre os cômodos feita de CD, muito semelhante a uma cortina de miçanga, vários quadros de bandas de rock, principalmente do AC/DC, e um *mini system*, demonstram que o catador, além de ter um bom gosto musical, também

possui uma visão estética dos materiais com os quais trabalha. Assim, sua percepção não se dá especificamente pelo viés econômico, mas também pela arte, estética, harmonização do ambiente. Outro catador que também possui uma perspectiva estética com os materiais recicláveis é seu João Quiboa, como já demonstrado na seção que debate sobre os perfis d@s catador@s, onde apresentamos a forma que este catador faz a organização de seus materiais, além disto, ele comenta de forma bem sucinta alguns objetos decorativos encontrados: *“Tá vendo esse cachorrinho aí, esse aí veio da reciclagem, que botaram fora, esse aqui também, esse patinho, tudo, veio, esse aqui veio da reciclagem”* [sic].

D@s catador@s que demonstraram meios de reutilização dos materiais encontrados, dona Generosa e dona Beatriz foram as profissionais que mais se destacaram, considerando a quantidade de objetos recolhidos, os ricos relatos e a existência de várias características em comum sobre tal questão. No caso de dona Beatriz, o relato da catadora é surpreendente, haja vista o volume de materiais que a catadora encontra e faz uso. Ela conta que a maioria dos utensílios domésticos, vestimentas e produtos de beleza presentes em sua residência foram obtidos ao longo de sua caminhada como catadora, como podemos perceber logo abaixo.



Já encontrei coisa aí que, mulhé [...] já achei, ventilador, micro-ondas [...] aqueles vidro [...] as garrafa ali, ó, de café, aproveito tudo, roupa, sapato [...] maquiagem, escova de, tudo, de pentear cabelo, de tudo eu acho. Depois que eu tô aqui na sucata, eu não tenho vergonha de falar [...] não compro, eu não compro nem uma sandália de dedo. Sandália de dedo eu acho toda vida, todo dia, é sapato, é roupa boa, tudo, que eles botam fora, em vez de eles dá pra uma pessoa, uma família de sucateiro, chama o sucateiro, quer essa roupa? Não, eles botam no lixo [...] botam, botam, botam, é, teve eles boto, eles penduro, eles nem boto no lixo, eles boto [...] pendurado no portão, que já sabe que pega [...] muita coisa boa [...] cobertor [...] almofada, mostra pra ela. Louça, ó, esse aqui tudo [...] bota e é só rico, eu tava dizendo, o pobre usa o último que tem, né, não é [...] tênis [...] xícara, aquela xícara lá, aquelas jarra, eu não compro nada, mulhé [...] bule, chaleira, tudo, tudo, as panelinha, tudo eu ganho, eu acho [...] botam fora. Ó, coisa de cabelo, ó [...] não, a piastra [...] chapinha, chapinha, e é da boa. [...] e os sapato que eu acho, nós nunca comprezo mais [...] é, coberta, colchoado, tudo bom. Também não compro um acolchoado, nem uma coberta, graças a Deus. [sic]

Acerca destes inúmeros materiais que são descartados antes do término de sua vida útil, Bauman assevera:

Entre as maneiras com que o consumidor enfrenta a insatisfação, a principal é descartar os objetos que a causam. A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando ‘velho’ a ‘defasado’, impróprio para

continuar sendo utilizado e destinado à lata de lixo (BAUMAN, 2008b, p. 31, grifos do autor).

Inclusive, no dia da entrevista, dona Beatriz mostrou-nos os diversos itens de produtos de maquiagem que ela encontrou. Isso somente no período matutino. Tal situação é intrigante, tendo em vista que além do volume de material obtido ser significativo, muitos destes itens ainda possuem mais da metade do conteúdo, alguns não foram sequer utilizados, portanto, nosso pensamento inicial foi de que tais produtos foram descartados pela questão da validade. Porém, após um exame mais aprofundado, descobrimos que os produtos ainda estavam na data de vencimento, sendo assim, acreditamos que todo este material serve como exemplo do comportamento consumista de nossa sociedade, em que, muitas vezes, a maior motivação pela compra de determinado produto não se dá pelos benefícios, necessidade que dele se possam obter, mas puramente pelo prazer da compra e impulsividade.



Que foi achado hoje [...] pintura [...] batom [...] no lixo [...]. Aqui no nosso bairro mesmo [...] verdade, já dá, tudo pintura [...] ó, e nada disso nós não demos pra ninguém, é nós mesmo usemos [...]. Compra, não não temos condição de comprar, pra mim é melhor (risos) [...]. E eu pego a bolsa e ó, ó, ó, no carrinho (risos) [...]. Já veio tudo dentro da bolsa assim ó, ó, tudo hoje ó, ó [...] viu. Boto tudo fora, ah, eu abro a bolsa, o peraí [...] muita coisa que eles botam fora [...] ó, ó, e um pacote de fralda desse tamanho que eu achei [...] não foi nem usado, tá dentro da caixinha, olha, se tu chegasse a vê, uhum [...] dá [...] cadê o saco de esmalte? Veio mais um saco de esmalte [...] aí eu pego [...] [sic]

Já no caso de dona Generosa, grande parte dos objetos obtidos em seu trajeto, presentes na casa da catadora, é de utilidade doméstica, sumariamente eletrodomésticos e móveis.



É, essa, tudo o que eu tenho aqui, é tudo coisa que eu ganho, não é comprado, única coisa que eu comprei foi o meu fogão, essas coisa aqui eu comprei assim, mas aquela estante minha foi doado. Essa mesa aqui, essa mesa aqui eu ganhei essa semana passada, foi. A senhora vê, essa mesa com essas cadeiras, esses armário, é tudo coisa, aquelas máquinas de lavá roupa que tá lá, é tudo, eles dão. Muita coisa boa, dona, não é só dizer assim, eles dão coisa que estraga, estragada [...] não. A televisão, aqui, que saiu da moda, eles dão, saiu, eles dão, entende? [sic]

Como podemos observar, dona Generosa acredita que muitas pessoas se desfazem destes objetos pela questão da obsolescência, principalmente pelo viés perceptivo, ou seja, mesmo que o objeto ainda tenha condições de funcionamento, é

descartado pelo seu *design* antiquado. Dona Generosa logo em seguida traz outros exemplos de objetos descartados por estarem em condições passíveis de serem solucionados de forma simples.



Tu vê, tu vê, o microonda aqui, esse microonda aqui a mulher deu pra mim, porque não tinha o prato, e ele funcionava. Aí eu disse não, mas eu vou levar, porque eu trabalho com ferro eu levo, aí o cara ali que viu disse: 'Ó, que pecado, não bota.' Eu disse: 'Não, eu sei, não vou botar.' Aí deixei guardado dentro de casa, aí depois eu ganhei um microonda velho, mas velho, enferrujado, a senhora sabe o que é, a pessoa relaxada, não limpa assim dentro, deixa craca de comida, aí veio o prato. Peguei o prato, lavei ele, botei, tá ali no microonda [...] aí, esse, esse forno aí também eu que ganhei [...] a senhora tá vendo, eu ganhei, só porque a resistência de baixo tava encostando embaixo, aí dava choque, a, pedi pro cara ali, ele pegou arrumou, tirou, deu um jeitinho, tá ali [...] tá funcionando [...] vou botar fora? [...] é, porque é antigo eu vou botar fora? Aquela máquina de lavar roupa que tá na área, tá funcionando [...] é, claro, não boto. [sic]

Bauman (2008b, p. 31) destaca que nada disto é por acaso, há um grande estímulo para que estes materiais sejam descartados o quanto antes. Satisfação garantida, obsolescência programada, eles ganham a corrida, antes mesmo da largada (ENGENHEIROS DO HAWAII, 2004).

A curta expectativa de vida de um produto na prática e na utilidade proclamada está incluída na estratégia de marketing e no cálculo de lucros: tende a ser preconcebida, prescrita e instalada nas práticas dos consumidores mediante a apoteose das novas ofertas (de hoje) e a difamação das antigas (de ontem) (BAUMAN, 2008b, p. 31).

Além da obsolescência perceptiva, dona Generosa também acredita que a população, principalmente aquela com um poder aquisitivo maior, não valoriza, como deveria, tais objetos. Durante este trecho da nossa conversa, a catadora demonstrou-se bem animada, empolgada e revelando um pouco de indignação pela forma com que muitos materiais são descartados, isto é, sem uma justificativa razoável, "*o povo não dá valor nas coisas, no dinheiro*".



Imagina, aprende a valorizá, dá valor no dinheiro da pessoa, ó, o liquidificador que tem ali, quer ver, só porque não acho o, [...] olha que liquidificador bonito, que lindo, achei, achei na sucata [...] só porque ele vaza aqui embaixo [...] já levei pra ver esse, mas não acho a peça, uma diz que é a borracha, outro diz que é, mas não vou botar fora, vou deixar aqui que um dia eu acho [...] não dá valor do dinheiro da pessoa, pode ser que o dinheiro entra fácil [...] é, assim por exemplo, de certo, o marido dela trabalha, o marido da pessoa trabalha, né, em alguma coisa, e a, e ela não dão valor, não dão valor no [...] não, todo, tudo, tudo, a máquina de costura que tá aqui, quer ver? Aqui ó, é antiga [...] eu achei na reciclagem é [...]

assim como ela tá aí, aí eu paguei o cara pra dar uma revisão nela, ele deu uma revisão, tá lá, costuro nela, é antiga [...] costura, tá certo, né, então é assim, aí então, então pra mim a reciclagem tem muito valor, porque tem mesmo que dá muita coisa pra gente. [sic]

Após a leitura dos trechos anteriormente citados, podemos realizar algumas reflexões. Primeiramente, podemos supor que, além de garantir renda para estes profissionais, a dinâmica de trabalho do catador@ de material reciclável possibilita-lhe a obtenção de objetos úteis à residência. Portanto, acreditamos que tal fator também se caracteriza como uma motivação para permanência nesta ocupação. Outra questão levantada no texto condiz com a percepção dest@s catador@s sobre a utilidade destes itens, logo, também imaginamos que a rotina de trabalho do catador de material reciclável permite uma maior aproximação destes materiais descartados. Visto que, para Merleau-Ponty (2004a, p. 23), as coisas não são simples objetos, elas simbolizam e evocam uma determinada conduta, “provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis”, os gostos de um indivíduo, bem como “seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter à sua volta”. Isso diz muito de nós.

O autor supracitado ainda destaca que:

Nossa relação com as coisas não é uma relação distante, cada uma fala ao nosso corpo e à nossa vida, elas estão revestidas de características humanas (dóceis, doces, hostis, resistentes) e, inversamente, vivem em nós como tantos emblemas das condutas que amamos ou detestamos (MERLEAU-PONTY, 2004a, p. 24).

Saúde no trabalho

Outro aspecto que não está no escopo desta pesquisa, mas que acreditamos ser de suma relevância, está relacionado à questão da saúde no trabalho. Além da existência de alguns relatos acerca deste assunto, alguns acontecimentos também nos motivaram à constituição desta seção.

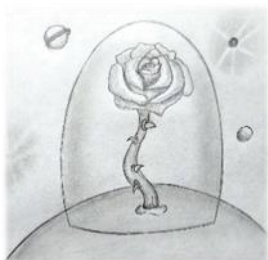
Como apontado em outro momento da pesquisa, seu João Quiboa relata que se sente tão bem com a profissão que não vê razões para a utilização de equipamentos de proteção, como luvas e sapatos, o que se constitui um grave equívoco, haja vista a periculosidade de certos materiais que são descartados pela população.

No caso de seu João Batata, além de seu relato sobre o problema de coluna causado pela utilização da carroça, em algumas ocasiões de nossos encontros da pesquisa pudemos constatar o quanto tal problema de saúde afeta a rotina do catador@. Por ocasião do agendamento da validação e compartilhamento da pesquisa, ao chegarmos à sua residência, a companheira do catador informou-nos que ele retornaria em breve, tinha saído para cuidar de seu cavalo. Nesse momento, notamos que o catador estava na metade do caminho descansando em função das dores na coluna. Vale lembrar que a casa do catador fica em um morro, não muito íngreme. Ao chegarmos onde ele estava, seu João Batata revelou-nos que estava com fortes dores nas costas, e que estava tomando forças para chegar até a sua casa; descobrimos, então, que estas dores são frequentes.



“É, a coluna mata, cara [...] carroça, carroça, falecido meu pai sofria muito da coluna na carroça, por causa da carroça, a carroça é uma coisa que mata a gente [...] é, carroça é uma coisa que mata a gente.” [sic]

Situação similar foi observada com dona Leda. Encontramos a catadora um pouco abatida e sonolenta por causa da medicação, no momento da validação e compartilhamento ela nos revelou que tinha recém-saído do hospital, pois estava com fortes dores na coluna. Além deste acontecimento, a catadora também descreve, em vários momentos de nossa entrevista, seus problemas de saúde.



É, eu gosto de fazer as coisa organizado, certinho, e sou doente. Ó, tenho desvio na coluna, tenho estoporosé, bem na coluna, tenho febrite nessa minha perna. [...] uma, duas semana que eu fui pará no hospital, por causa da perna, ô, mais ficou desse tamanho de novo, inchô tudo, febrite, voltou tudo de volta. Aí já tá passando pra essa, mas graças a Deus vai, eu fui no médico, eu fui no hospital, eles me deram o antibiótico, eu melhorei, com a graça de Deus, eu tô mais melhor [...] eu fui parar lá no hospital, duas vez que me levaram até de Corpo de Bombeiro. Me levaram até de Corpo de Bombeiro, mulhé, tava mal, fiquei bem mesmo. Aí minha filha chegou aí, eu tava tudo roxa, ela disse. Fiquei ruim, foi o que me deu um tremor de frio, aí cheguei lá a médica disse que foi a pressão que altio e a febre que altio demais. Tava mal, mal, mal, fiquei mal. [sic]

Diante do exposto, acreditamos que o poder público deveria olhar mais cuidadoso para tais profissionais, visto que realizam um serviço público, portanto, nada mais justo do que o Estado proporcionar a estes catadores as condições mínimas de trabalho. Algumas ações simples, mas de grande valia, poderiam ser

tomadas, tais como a disponibilização de equipamento de proteção individual (EPI), bem como o acompanhamento médico destes profissionais, no sentido de prevenir estas doenças.

Apesar destes problemas mencionados, alguns catador@s também relatam benefícios à saúde, gerados a partir de seu trabalho. No caso de dona Beatriz, a catadora conta que mesmo no seu dia de folga costuma sair para catar, já que a profissão dá a ela uma sensação prazerosa. O mesmo aconteceu com seu João Batata, ao relatar o seu gosto em pegar a carroça e sair. Porém, de todos os entrevistados, dona Generosa é a catadora que narra de forma mais expressiva tais benesses, em vários momentos de nossa conversa, chegando a comentar que “*o meu serviço pra mim, parece uma coisa assim, boa pra minha cabeça*” [sic]. Para ela é como se fosse uma terapia.

Enfim... tentando pôr algum ponto em minhas impressões:

[...] Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho. Vi que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso uma garça branca no brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade (BARROS, 2010, p. 71).

As expressões e impressões dess@s catador@s não se bastam nesse espaço. Teria de esperar um tempo aqui... Deixar meus pensamentos repousando sobre si mesmos, para então, ao me distanciar deles, novamente encará-los. Já que, como diria Merleau-Ponty (2006, p. 276), a percepção exterior e do próprio corpo variam, pois são as “faces de um mesmo ato”. O que implica que, ao interpretar sobre as manifestações e expressões desses atores, também me encontro num ato que retoma de si e para si, revelando-se, assim, a percepção própria e do outro.

Porém, nesse processo, não vimos como pretensão esgotarmos o campo e universo perceptivo como se nos coubesse a responsabilidade de revelar todos os contextos visíveis e invisíveis desses seres. Seria ignorância nossa assumirmos tal postura. Assim, assumimos que diversos dos aspectos e caminhos aqui revelados incitam-nos a buscar um processo formativo aberto a essas pessoas, comprometido com uma educação integradora, inclusiva, libertadora, sustentada pelos pensamentos Freireanos e capaz de englobar a EA como princípio “suleador” (FREIRE, 1992a, p. 218) de um mundo melhor.

4 ALGUMAS CONTEMPLAÇÕES

Em primeiro lugar, não é nossa pretensão estabelecer verdades irrefutáveis, isto é, constituir os resultados desta pesquisa como adquiridos. Não almejando concebermo-nos como filósofos, mas, acreditando que a citação abaixo condiz com a dinâmica desta pesquisa.

O filósofo, dizem ainda os inéditos, é alguém que perpetuamente começa. Isso significa que ele não considera como adquirido nada do que os homens ou os cientistas acreditam saber. Isso também significa que a filosofia não deve considerar-se a si mesma como adquirida naquilo que ela pôde dizer de verdadeiro (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 11).

Logo, estamos distantes de um ponto final acerca do tema. Apenas ousamos lançar luzes sobre a temática, tencionando que à educação em geral a invisibilidade de qualquer cidadão não seja encarada como uma normalidade, mas um estado anômalo das coisas. E que, portanto, integre a zona do desconforto, para que todos – educadores e educandos – prestem mais atenção uns nos outros, no entorno, nesses cidadãos e em todos aqueles que de algum modo transitam pelo viés do in(visível).

Um dos destaques na pesquisa, ao nosso ver, diz respeito ao desvelamento da percepção acerca das dificuldades e prazeres tidos no desenvolvimento do trabalho (catador@ de reciclável). Longe de reforçar o estigma social d@ catador@ como um profissional descontente com sua ocupação, os relatos aqui presentes demonstraram claramente que há um significativo contraste em relação ao número de benefícios percebidos em detrimento dos malefícios. Diante disso, faz-se necessário esclarecer que isso não implica na inexistência de problemas. Acreditamos que, de certa forma, estes sujeitos estão habituados com as inúmeras dificuldades encontradas no dia a dia, principalmente no que diz respeito à “naturalização” do preconceito, já que tais dificuldades são citadas em outros momentos da pesquisa. Desta forma, destacamos o papel emancipatório da EA neste contexto, na sua potencialidade de inserir e agregar o sujeito através do desenvolvimento pleno das suas habilidades e na capacidade de estimular as pessoas na promoção de mudanças na sociedade.

Compreendemos que o ingresso na profissão de catador@ de material reciclável não se dá exclusivamente pela dificuldade de ingressar no mercado de

trabalho, mas por uma série de fatores, como, por exemplo, um número expressivo de catador@s relatou a autonomia tida nesta profissão quando comparada com as antigas ocupações, mesmo que atualmente trabalhe praticamente todos os dias da semana. Portanto, a generalização aqui se faz inconcebível, apesar de alguns catador@s possuírem similaridades, cada pessoa possui uma história, apresentando-nos mais de um motivo para o ingresso na profissão de catador@ de material reciclável.

Outra característica muito presente nos relatos d@s catador@s condiz com a sua percepção enquanto ser, estritamente ligada à esfera profissional, desconsiderando as várias dimensões que o compõem como ser humano. Compreendemos que o trabalho é uma atividade humana, mas não é a única. Assim, destacamos a importância do desenvolvimento de práticas educativas para além da dimensão do trabalho, já que esta é uma das inúmeras dimensões do ser humano. Tal reconhecimento condiz com melhores condições de vida e não somente de trabalho.

Concernente à percepção d@s catador@s acerca da sociedade, salientamos a importância dos vínculos sociais constituídos a partir do trabalho para estes profissionais; inúmeros relatos abordam o quanto é benéfico o convívio social proporcionado pelo trabalho. Nossas conversas com @s catador@s também revelaram que a concepção destes profissionais quanto à cidadania dá-se principalmente por duas perspectivas, uma concebe o cidadão como um ser ético, com ações norteadas pelos “bons” valores, isto é, pelo respeito, compaixão, responsabilidade, solidariedade, entre outros. Enquanto a segunda concepção está relacionada à figura de um sujeito que não se caracteriza como uma inconveniência para o meio em que está inserido, nossa suposição, com base nos relatos destes profissionais, é de que tal incômodo condiz com a associação de atividades criminosas. Em vista disso, ressaltamos a necessidade de práticas educativas que fomentem o desenvolvimento da plena cidadania nestes profissionais, na perspectiva de empoderamento, pois estes não se constituem apenas como sujeitos de deveres, mas também de direitos, conseqüentemente, a promoção da participação d@s catador@s nos processos decisórios da esfera pública constitui-se necessária na garantia de seus direitos. Além da necessária visibilidade para além da dimensão do seu trabalho à sociedade, mas como cidadãos de direitos ao lazer, por exemplo, aos espaços de “vida”.

A partir das nossas conversas, visualizamos que cada catador@ concebe o material reciclável de uma determinada maneira, alguns privilegiando o aspecto econômico, outr@s agregando valores distintos, seja estético ou pelos benefícios ambientais gerados. A percepção acerca dos resíduos também nos possibilitou compreender que o conhecimento em torno das especificidades dos resíduos afeta diretamente o rendimento d@s catador@s, considerando que cada material é remunerado de uma forma específica. Desta maneira, a disseminação deste conhecimento para toda a classe faz-se crucial na garantia de melhores condições de vida e de trabalho.

Diante dos relatos também percebemos que nenhum dos profissionais entrevistados conhece, claramente, a destinação final do material que vendem. Ainda que alguns demonstrem interesse acerca desta questão, são negligenciados pelos intermediários. Acreditamos que este comportamento seja motivado pelo receio, visto que @s catador@s poderão saber do preço praticado na indústria de reciclagem e, conseqüentemente, barganharem por melhores valores. Além disto, com a formalização de cooperativas de catador@s de material reciclável tais intermediários vêm perdendo espaço neste mercado. O que não ocorre, por exemplo, no caso de nossos entrevistados, já que não há cooperativas na região.

Além do mais, os materiais recicláveis só são recolhidos pel@s catador@s quando há possibilidade de venda, como exemplo, abordamos no trabalho a questão do vidro, que deixa de ser recolhido pela falta de compradores.

Também observamos as estratégias utilizadas pel@s catador@s na obtenção destes materiais: alguns definem suas rotas com base no cronograma da coleta seletiva, outros fortalecem relacionamentos com pessoas sensibilizadas com o trabalho realizado pel@s catador@s e separam o material. Diante destas ações, acreditamos que a região de Tubarão/SC ganharia significativamente, sobretudo em termos ambientais, com o desenvolvimento de ações que sensibilizassem a população acerca desta questão e na organização de redes de coleta, realizadas por estes profissionais.

O desvelamento da percepção d@s catador@s quanto aos materiais recicláveis também nos revela o modo com que a sociedade vem consumindo desenfreadamente e descartando sem o cuidado necessário. Muitos dos objetos presentes nas residências d@s catador@s entrevistados foram obtidos em suas rotas de trabalho, na rua, nas lixeiras, ou doados por pessoas. Deste modo,

salientamos a necessidade de repensarmos, enquanto sociedade, nossos hábitos de consumo. Vários dos materiais observados, ainda em condições de uso, revelam o comportamento da “sociedade do descarte”, que tem pressa de consumir, que não consegue esperar pelo conserto, distante das diversas formas do movimento *slow* que vem sendo verificado pelo mundo e mencionado por Isabel Carvalho em algumas de suas obras.

Sobre a percepção acerca das mudanças, notamos que praticamente todos @s catador@s não se concebem como agentes de transformação, isto é, não reconhecem que suas atividades interferem diretamente no ambiente em que vivem. Destacamos, aqui, a importância da realização de práticas educativas (a práxis) que trabalhem a questão do pertencimento, na concepção de um sujeito que atue no ambiente e por ele é afetado, um ser contextualizado. Além do mais, quando cientes dos benefícios gerados a partir de seu trabalho, observamos que alguns catador@s acreditam que a contrapartida do poder público acerca de tais benesses deveria ser feita de forma assistencialista, com a oferta, por exemplo, de cestas básicas (opinião de alguns catador@s). Ao nosso ver, essa prática/concepção perpetuaria a marginalização deste profissional. É necessário compreender que o estado cobra da população taxas para a coleta de lixo, portanto, parte destes recursos poderia ser direcionada a estes profissionais, já que executam uma parte importante do trabalho nos bairros onde atuam.

Considerando que @s catador@s concebem os ambientes formais de educação como exclusivamente voltados às crianças e adolescentes, ressaltamos a necessidade de discutir, juntamente com estes profissionais, acerca da potencialidade da educação, em seu processo de emancipação, não de forma impositiva, de cima para baixo, mas no despertar da curiosidade, de uma formação libertadora Freireana, do desvelamento das relações de exploração e da negação de seus direitos.

Quanto ao potencial educativo d@s catador@s, notamos que praticamente todos os entrevistados demonstraram interesse de participar em ações que discutem o seu trabalho, seja através de programas de televisão ou na participação em escolas da região. Emociona-nos vislumbrarmos, ao longo do texto, o potencial educativo dest@s profissionais. Verificamos que, além de serem capazes de enriquecer significativamente o debate acerca da problemática do lixo, do reciclável, @s catador@s apresentam-nos um universo de saberes e valores

como padrões de consumo, solidariedade, cuidado, sagrado, família, entre outros. Acreditamos que as práticas educativas esvaziam consideravelmente seu significado quando não tratam a temática dos resíduos sólidos pelo viés econômico, social, político, ambiental e cultural da questão e desconsideram, seja por preconceito ou por desconhecimento, toda uma história de vida destes sujeitos e sua importância à sociedade. O distanciamento da participação destes profissionais nos ambientes escolares e na educação formal não pode ser justificado pela falta de interesse destes, tendo em vista que praticamente todos relataram o interesse de ensinar, de informar, de mostrar seus saberes a quem quiser ver e ouvir. Diante deste contexto, é essencial estimularmos práticas formativas em EA crítica, emancipatória e transformadora voltadas à formação de professores que rompam com as distâncias já existentes entre a sociedade e esses cidadãos e promovam a abertura dos espaços escolares a esses senhores e senhoras que, com seus saberes, podem dar uma lição de vida de como cuidar do que consumimos, como consumir menos e como transformar uma sociedade consumista em uma sociedade comprometida com a preservação dos bens e serviços naturais, reduzindo o volume de lixo, os padrões de consumo e respeitando o ambiente e o outro.

Com relação ao estabelecimento de vínculos de sua atividade com os ambientes educativos dos filh@s, notamos que somente dois catador@s que foram convidados a realizar alguma atividade escolar visualizam o potencial educativo de seu trabalho, ambos demonstrando claramente a importância de tais práticas na formação dos estudantes, mesmo que somente um tenha tido participação direta. Portanto, destacamos a necessidade de envolver estes indivíduos em discussões, em sala de aula, sobre a problemática do lixo. É inaceitável não reconhecer o quanto @s catador@s podem enriquecer a discussão em sala de aula. Também nesta direção, temos que reconhecer o papel da família do educando, já que @s catador@s utilizam suas práticas diárias para ensinar seus filhos e netos acerca da vida, principalmente no que se refere à ética, à honestidade e ao respeito.

Outra questão que merece atenção diz respeito à saúde no trabalho. Constatamos que uma parcela significativa d@s catador@s entrevistados possui graves problemas de saúde derivados da rotina de trabalho. Desta maneira, compreendemos que o poder público deveria ter uma maior preocupação acerca desta questão, visto que @s catador@s realizam um serviço importante para a sociedade, simples ações poderiam proporcionar grandes benefícios, ações estas

que necessitam de pouco dispêndio do governo, seja de pessoal ou de recursos financeiros, um simples acompanhamento já faria uma grande diferença. Também identificamos que certos catador@s não dimensionam o perigo desta atividade profissional, já que não dão a atenção devida aos equipamentos de proteção. Assim sendo, a sensibilização acerca dessa questão é indispensável, é melhor prevenir do que remediar. O carecimento de projetos ergonômicos também é desvelado. Nessa direção, o fomento das iniciativas que tratam dessa questão na região é primordial, alguns projetos que vêm sendo realizados em outras regiões do Brasil poderiam ser implantados em Tubarão/SC.

A questão do associativismo também floresce em alguns relatos, principalmente n@s catador@s que já participaram de iniciativas para a organização de uma cooperativa de catador@s de material reciclável na região de Tubarão. Ao nosso ver, estes profissionais são mais sensibilizados acerca da dimensão política de sua atividade, além de conhecerem de forma mais exímia a cadeia de reciclagem como um todo. Portanto, acreditamos que a promoção do associativismo caracteriza-se como uma etapa crucial na busca por melhores condições de trabalho e de vida para estes profissionais.

Diante do exposto, acreditamos que práticas educativas em EA, principalmente aquelas que buscam a emancipação d@s catador@s de materiais reciclável por meio de uma ação mais crítica e transformadora, são fundamentais, posto que tais práticas concebem o desvelamento da percepção do grupo no qual se tenciona promover mudanças. Pretende-se que as percepções aqui desveladas sirvam de base tanto à municipalidade quanto aos grupos e instituições que atuam na área de EA, com vistas a uma atuação mais profícua nesse contexto.

Também não podemos desconsiderar o aprendizado que estas pessoas nos possibilitaram ao nos receberem em suas casas e a nos confiarem as suas histórias, as suas alegrias e tristezas.

Uma conversa que me tocou e na qual, por um momento, tive realmente o sentimento de falar a alguém, eu a sei inteira, amanhã poderei contá-la aos que ela interessa, mas, se ela realmente me apaixonou como um livro, não precisarei juntar lembranças distintas uma da outra, tenho-a ainda em mãos como uma coisa, o olhar de minha memória a envolve, bastará que me reinstale no acontecimento para que tudo, os gestos do interlocutor, seus sorrisos, suas hesitações, suas frases reapareçam em seu justo lugar (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 21).

Assim, não há como não lembrar: o gesto generoso do acolhimento de cada um del@s, em suas cas@s, em suas vid@s, sua intimidade e suas histórias.

Desse modo, a tod@s da academia que não acreditam que com galões, fios de cobre, papelão e tantos outros materiais se constroem histórias de vida, para a vida, valores e a partir deles também se pode ganhar o mundo, estivemos aqui apresentando seis “educadores da vida” que, se tiverem oportunidade, adentrarão nos espaços educativos e continuarão nos ensinando sem ter lido, ainda, Paulo Freire. Mas, vivendo muitos dos princípios Freireanos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABREU, Maria de Fátima. **Do Lixo à Cidadania: estratégias para a ação**. Brasília: Unicef, 2001.

AQUINO, Israel Fernandes de. **Proposição de uma rede de associações de catadores na região da grande Florianópolis**: alternativa de agregação de valor aos materiais recicláveis. 2007. 252 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10004**: Resíduos sólidos – Classificação. Rio de Janeiro: 2004, 71 p.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARLES, Sabine. History of waste management and the social and cultural representation of waste. *In*: AGNOLETTI, Mauro; JOHANN, Elisabeth; SERNERI, Simone Neri (Eds.). **World environmental history**. Oxford: Eolss Publishers, 2011. p. 119-226.

BARROS, Manoel de. 1916. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de C. A. Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **La Sociedad Sitiada**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2008a.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008b.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Resulta muy difícil encontrar una persona feliz entre los ricos**. La Vanguardia. Barcelona. 17 maio 2014. Disponível em: <http://www.lavanguardia.com/vida/20140517/54408010366/zygmunt-bauman-dificil-encontrar-feliz-ricos.html>. Acesso em: 1º mar. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. 1. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, Zygmunt; DONKIS, Leonidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BIANCHINI, Tito. Coleta seletiva é a saída. **Ecologia e Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 96, p. 20, set. 2001.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre a Fenomenologia. *In*: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha (Orgs.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994. v. p. 15-22.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. Prefácio. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 6-10.

BOFF, Leonardo. **Cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Qualitative Research for Education**. Boston, Allyn and Bacon, inc., 1982.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto: Porto Editora, 2010.

BORGES, Maria Célia; DALBERIO, Osvaldo. Aspectos metodológicos e filosóficos que orientam as pesquisas em educação. **Revista Iberoamericana de Educación**, 43, p. 1-10, 2007.

BRASIL. **Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). **Política Nacional de Resíduos Sólidos**. 2012a. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/pol%C3%ADtica-de-res%C3%ADduos-s%C3%B3lidos>. Acesso em: 25 nov. 2017.

BRASIL. Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. **Diário Oficial da União**. Brasília: DOU, 2012b.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Política Nacional de Resíduos Sólidos**. 2014a. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>. Acesso em: 12 nov. 2017.

BRASIL. **Programa Cataforte**. 2014b. Disponível em: <http://www.secretariadegoverno.gov.br/iniciativas/pro-catador/cataforte>. Acesso em: 04 de abr. 2019.

BREWER, John. **The error of our ways**: historians and the birth of consumer Society. 2003. Disponível em: <http://www.consume.bbk.ac.uk>. Acesso em: 05 out. 2017.

BURSZTYN, Marcel (Org.). **No meio da rua**: Nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

CALDERONI, Sabetai. **Os bilhões perdidos no lixo**. 3. ed. São Paulo: Humanistas, 1999.

CAMPBELL, Colin. **A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CARMO, Paulo Sergio do. **Merleau-Ponty uma introdução**. São Paulo: Ed. EDUC, 2007.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Qual Educação Ambiental?** Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. *In*: Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v. 2, n. 2, abr./jun. 2001.

CARVALHO, José Maurício de. Resenha de Fenomenologia e Ciências Humanas. **Crítica**, Londrina: Eduel, v. 6, n. 23, p. 441-449, abr./jun. 2001.

CARVALHO, José Murilo de. **A Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CEMPRE. Compromisso Empresarial Para Reciclagem. Pesquisa CICLOSOFT 2010. Disponível em: www.cempre.org.br. Acesso em: 11 abr. 2010. Homepage institucional.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. 7. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CLARO, Lisiane Costa; PEREIRA, Vilmar Alves. Contra a perda dos sentidos: contribuições da atitude hermenêutica-fenomenológica no campo da Educação Ambiental. *In*: PEREIRA, Vilmar Alves (Org.). **Hermenêutica & Educação Ambiental no contexto do pensamento pós-metafísico**. 1. ed. Juiz de Fora, MG: Garcia Edizioni, 2016. p. 156-172.

COOPER, Tim. Challenging the “refuse revolution”: war, waste and the rediscovery of recycling, 1990-50, **Historical REsearch**, v. 81, n. 214, p. 710-31, 2008.

CORACINI, Maria José R. Faria. **Um fazer persuasivo**: o discurso subjetivo da ciência. 2. ed. Campinas (SP): Pontes, 2007.

DARTIGUES, Andre. **O que é a fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2005.

DEMAJOROVIC, Jacques; BESEN, Gina Rizpah; RATHSAM, Alexandre Aricó. Os desafios da gestão compartilhada de resíduos sólidos face à lógica do mercado. *In*: JACOBI, Pedro; FERREIRA, Lúcia da Costa. **Diálogos em Ambiente e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 389-410. (Coletânea ANNPAS).

DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl**. Tradução de F. Santos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

DEPRAZ, Natalie; VARELA, Francisco J.; VERMESCH, Pierre. A redução à prova da experiência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 58, n. 1, p. 75-86, 2006.

DESLAURIERS, Jean-Pierre. **Recherche qualitative - guide pratique**. Montréal, McGraw-Hill, 1991.

DIAS, Genebaldo Freire. **Pegada ecológica e sustentabilidade humana**. São Paulo: Editora Gaia, 2002.

DIAS, Vânia de Moraes Teixeira. **Constituindo-se educador ambiental**: um estudo das narrativas de professores que fazem educação ambiental na escola. 2012. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **O melhor de Peter Drucker**: obra completa. São Paulo: Nobel, 2002.

EICHENBERGER, Jacqueline; PEREIRA, Vilmar Alves. Filosofia Hermenêutica e suas contribuições para Educação Ambiental. *In*: PEREIRA, Vilmar Alves (Org.). **Hermenêutica & Educação Ambiental no contexto do pensamento pós-metafísico**. 1. ed. Juiz de Fora, MG: Garcia Edizioni, 2016. p. 110-132.

EIGENHEER, Emílio Maciel. **A história do lixo: a limpeza urbana através dos tempos.** Porto Alegre: Ed. Pallotti, 2009.

ENGENHEIROS DO HAWAII. **Terceira do Plural** [2004]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVQu5CZeE8M>. Acesso em: 10 abr. 2019.

EURÍPIDES. **Dramatic Fragments.** Loeb Classical Library, 2008. Disponível em: https://www.loebclassics.com/view/euripides-dramatic_fragments/2008/pb_LCL506.561.xml. Acesso em: 25 mar. 2018.

FAGGIONATO, Sandra. **O que tem a ver percepção ambiental com a educação ambiental?** São Paulo, mar. 2007.

FERREIRA, João Alberto; ANJOS, Luiz Antonio dos. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 17, n. 3, p. 689-696, maio/jun. 2001.

FRAGATA, Júlio. **A fenomenologia de Husserl como fundamento da filosofia.** Braga: Livraria Cruz, 1959.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis.** São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Marion. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997a.

FREIRE, Paulo. Papel da Educação na Humanização. **Revista da FAEEDBA – Faculdade de Educação do Estado da Bahia - UNEB**, Ano 6, Número 7. Salvador: jan./jun. 1997b, p. 9-17. Disponível em: <http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero7.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2019.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. *In*: FAZENDA, Ivani. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 69-90.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. 1. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GALEFFI, Augusto Dantes. O que é isto – A Fenomenologia de Husserl? **Ideação**, Feira de Santana, n. 5, 2000. Disponível em: <http://www.uefs.br/nef/dante5.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1998.

GONÇALVES, Pólita. **A Reciclagem Integradora dos Aspectos Ambientais, Sociais e Econômicos**. Rio de Janeiro: DP&A: Fase, 2003.

GONÇALVES, Raquel de Souza. **Catadores de Materiais Recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde**. 2004. 107f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2004.

GOODSHIP, Vannessa. **Introduction to Plastics Recycling**. Second Edition, United Kingdom, 2007.

GOUVEIA, Nelson. Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, n. 6, 2012.

GRAÚDO, Débora; GUIMARÃES, Mauro. Pertencimento e Educação Ambiental: reflexões. *In*: IX EPEA. **Anais eletrônicos** [...]. 2017. Disponível em: http://epea.tmp.br/epea2017_anais/pdfs/plenary/0035.pdf. Acesso em: 07 abr. 2019.

GRIMBERG Elisabeth; BLAETH, Patricia (Orgs.). **Coleta seletiva: reciclando materiais, reciclando valores**. São Paulo: UNICEF/Polis, 1998.

GRIPPI, Sidney. **Lixo: reciclagem e sua história**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

GRIPPI, Sidney. **Lixo, reciclagem e sua história: guia para as prefeituras brasileira**. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental**: participação para além dos muros da escola. *In*: Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Ministério da Educação, Ministério do Meio Ambiente, UNESCO. p. 85-93. Brasília, 2007.

GUIMARÃES, Mauro. **Caminhos da educação ambiental**: da forma à ação. Campinas, SP: Papirus, 2006.

GUIMARÃES, Mauro. Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual. **Revista Margens Interdisciplinar**, [S.l.], v. 7, n. 9, p. 11-12, maio 2013. ISSN 1982-5374. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2767>. Acesso em: 20 abr. 2019. Doi: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v7i9.2767>

GUIMARÃES, Mauro; VIÉGAS, Aline. Crianças e Educação Ambiental na Escola: associação necessária para um mundo melhor? **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília. Rede Brasileira de Educação Ambiental, n. 0, nov. 2004. 140p trimestral.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Jean Piaget, 2001.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.

HUSSERL, Edmund. **Idées directrices pour une phénoménologie**. Tradução de P. Ricoeur. Paris: TEL-Gallimard, 1991. Tomo 1: Introduction générale à la phénoménologie.

HUSSERL, Edmund. **La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale**. Tradução de G. Granel. Paris: TEL-Gallimard, 1989.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**: introdução à fenomenologia. Tradução de Maria Gorete Lopes e Sousa. Porto: RÉ-S-Editora, 2001.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Número de catadores de lixo na zona urbana, por grupos de idade**. 2008. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnsb/tabelas>. Acesso em: 10 nov. 2017.

JACOBI, Pedro. Participação. *In*: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (Org.).

Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 229-236.

KELKEL, Arion L.; SCHÉRER, René. **Husserl**. Tradução de Joaquim João Coelho Rosa. Lisboa: Edições 70, 1982.

KINDEL, Eunice Aiata Isaia; SILVA, Fabiano Weber da; SAMMARCO, Yanina Micaela (Orgs.). **Educação ambiental:** vários olhares e várias práticas. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LAJOLO, Roberto Domenico (Org.). **Cooperativa de catadores de materiais recicláveis** – guia para implantação. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas: Sebrae, 2003.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. *In:* LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de. **Educação ambiental:** repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002. p. 179-220.

LAYRARGUES, Philippe Pompier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XVII, n. 1, p. 23-40, jan./mar. 2014.

LESSA FILHO, Ivo. **Educação ambiental e reciclagem**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2005.

LEVINAS, Emmanuel. 1930. **Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal:** ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação Ambiental Transformadora. *In:* **Identidades da educação ambiental brasileira**. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 65-84.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Crítica ao teorismo e ao praticismo na educação ambiental. *In:* CABRAL NETO, Antônio; MACEDO FILHO, Francisco Dutra de; BATISTA, Maria do Socorro da Silva (Orgs.). **Educação ambiental:** caminhos traçados, debates políticos e práticas escolares. Brasília: Líber Livro Editora, 2010. p. 136-159.

MACHADO, Nilson José; CASADEI, Silmara Rascalha. **Seis razões para diminuir o lixo no mundo**. São Paulo: Escrituras Ed., 2007. (Coleção Escritinha)

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Editora Abril, 2010.

MARCOMIN, Fátima Elizabeti. Educação Ambiental: uma incursão na percepção ambiental e na sensibilização imagética. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 31, n. 2, p. 106-126, jul./dez. 2014.

MARCOMIN, Fátima Elizabeth; MENDONÇA, Ana Waley; SIQUEIRA, André Boccasius; PLÁ, Gilmar Pezzopane. A educação ambiental e a percepção da paisagem. *In*: GIASSI, Maristela Gonçalves; MARTINS, Miriam da Conceição; SILVEIRA, Zélia Medeiros (Orgs.). **Práticas de ensino em ciências e educação ambiental**. Curitiba: Multideia, 2017. p. 127-142.

MARCOMIN, Fátima Elizabeti; SATO, Michèle. Percepção, Paisagem e Educação Ambiental: uma investigação na região litorânea de Laguna-SC, Brasil. **Educ. Rev.** [online], v. 32, n. 2, p. 159-186, 2016. ISSN 0102-4698. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698125694>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000200159&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 15 mar. 2018.

MARTINI, Renato da S. **A fenomenologia e a epochê**. Trans/Form/Ação [online], v. 21-22, n. 1, p. 43-51, 1999. ISSN 0101-3173. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31731999000100006>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31731999000100006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 17 out. 2017.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro I, Tomo I. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MELANDRI, Pierre. **História dos Estados Unidos desde 1865**. 2. ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Merleau-Ponty na Sorbonne**: resumo de cursos: 1949-1952: filosofia e linguagem. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papiros, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas**. Organização e notas de Stéphanie Ménasé. Tradução Fabio Landa, Eva Landa; revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Le doute de Cézanne. *In*: Sens et non-sens. Paris: Nagel, 1966. Tradução de Paulo Neves. A Dúvida de Cézanne. *In*: **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004b. p. 121-161.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Tradução Sílvio Rosa Filho e Thiago Martins. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O filósofo e sua sombra, Sobre a fenomenologia da linguagem, A linguagem indireta e as vozes do silêncio, *In: Textos Escolhidos* (Os Pensadores). v. XLI. São Paulo: Editora Abril, 1975. p. 71-82.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento**: precedido de uma filosofia da ambiguidade de Alphonse de Waelhens. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A união da alma e do corpo em Malebranche, Biran e Bergson**. Notas tomadas no curso de Maurice Merleau-Ponty na Escola Normal Superior (1947-1948); recolhidas e redigidas por Jean Deprun. Tradução de Sílvio Rosa Filho, Thiago Martins. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MICHAELIS. Dicionário. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2018. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/lixo/>. Acesso em: 20 mar. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MNCR. Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. **Mulheres são maioria entre Catadores de Materiais Recicláveis**. 2014. Disponível em: <http://www.mnrc.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>. Acesso em: 12 nov. 2017.

MONTEIRO, João Antolino. Comunicação pessoal, 2018.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Thompson Pioneira, 2002.

MOREIRA, Virginia. O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 3, p. 447-456, 2004.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. “Notas para um ‘Emílio’ Contemporâneo”. *In: PENA-VEJA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide Rita Silvério de; PETRAGLIA, Izabel Cristina (Orgs.). “Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação”*. São Paulo: Ed. Cortez, 2003. p. 149-156.

MOTA, Adriana do Valle. Do lixo à cidadania. **Revista Democracia Viva**, Belo Horizonte, n. 27, p. 3-8, jun./jul. 2005.

MOURA, Carlos A. R. **Husserl**: intencionalidade e Fenomenologia. **Mente Cérebro**, São Paulo: Ediouro. (Série *Mente, Cérebro e Filosofia*), v. 5, p. 11, 2015.

MÜLLER, Marcos José. **Merleau-Ponty acerca da expressão**. Porto Alegre:

EDIPUCRS, 2001.

MÜLLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. **Normas e padrões para teses, dissertações e monografias**. 5. ed. Londrina (PR): Eduel, 2003.

NABAES, Thais de Oliveira; PEREIRA, Vilmar Alves. Moradas do ser no contexto da racionalidade pós-metafísica. *In*: PEREIRA, Vilmar Alves. **Hermenêutica & Educação Ambiental no contexto do pensamento pós-metafísico**. 1. ed. Juiz de Fora, MG: Garcia Edizioni, 2016. p.133-155.

OLIVEIRA, Mariá Vendramini de Castrignano; CARVALHO, Anésio Rodrigues de. **Princípios básicos do saneamento do meio**. 4. ed. São Paulo: Senac, 2004.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **The World Health Report 2007 – A safer future: global public health security in the 21st. century**. Disponível em: <http://www.who.int/whr/2007/en/index.html>. Acesso em: 3 set. 2010.

PALMA, Sonia. **Cartografia do Imaginário: a dimensão poética e fenomenológica da educação ambiental**. 2011. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

PASSOS, Luiz Augusto. Metodologia da pesquisa ambiental a partir da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 9, n. 1, p. 38-52, 2014.

PATRICK, Ruth. **Science Education Center**. 2014. Disponível em: <https://rpsec.usca.edu/Classwork/731sp2006/Lesson/Parsons/recycling.html>
[Chttp://www.waste360.com/recycling/15-world-war-ii-posters-america-recycles-warartazes](http://www.waste360.com/recycling/15-world-war-ii-posters-america-recycles-warartazes). Acesso em: 15 mar. 2018.

PEREIRA, Samira Martins. **O transitar de saberes populares de pescadores artesanais na escola**. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014.

PEREIRA, Vilmar Alves. **Ecologia Cosmocena: a redefinição do espaço humano no cosmos**. 1. ed. Juiz de Fora, MG: Garcia Edizioni, 2016.

PEREIRA, Vilmar Alves *et al.* Olhares sobre epistemologia e metodologia nas pesquisas em educação ambiental a partir do horizonte hermenêutico. *In*: PEREIRA, Vilmar Alves. **Hermenêutica & Educação Ambiental no contexto do pensamento pós-metafísico**. 1. ed. Juiz de Fora, MG: Garcia Edizioni, 2016. p. 17-43.

PINHEL, Julia Ruffin (Org.). **Do lixo à cidadania: guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013. ISBN 978-85-7596-318-0.

PLÁCIDO, Patricia de Oliveira; CASTRO, Elza Maria Neffa Vieira de; GUIMARÃES, Mauro, 2018. Travessias para Educação Ambiental 'Desde el sur': uma agenda política crítica comum em 'zonas de sacrifício' como o Brasil e América Latina. **Ambiente & Educação (FURG)**, v. 23, p. 8-30, 2018.

POLAZ, Carla Natacha Marcolino; TEIXEIRA, Bernardo Arantes do Nascimento. Indicadores de sustentabilidade para a gestão municipal de resíduos sólidos urbanos: um estudo para São Carlos (SP). **Revista Engenharia Sanitária Ambiental**, Rio de Janeiro, v. 14, n.3, p. 411-420, jul./set. 2009.

PONTES, Fernando de Oliveira; BRAGA JÚNIOR, Getúlio Nascimento. Cultura e unidade na sociedade hodierna. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 2, p. 150-161, 2012.

QUADROS, Imara. Arte Popular: Trilha para a Arte/Educação Ambiental. In: SATO, Michèle (Org.). **Eco-Ar_Te para o reencantamento do mundo**. São Carlos, SP: RiMa Editora, FAPEMAT, 2011. p. 52-62.

RANGEL PRIMO, Kamila; MENDONÇA, Rogete Batista e Silva; VALLE, Cláudia Magalhães do. Estudo qualitativo e quantitativo dos resíduos sólidos do IF-AM. In: CONGRESSO DE PESQUISA E INOVAÇÃO DA REDE NORTE E NORDESTE DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA, n. 4, 2009, Belém. **Anais [...]** Belém, 2009.

RIBEIRO, Lílian Arruda *et al.* Educação ambiental como instrumento de organização de catadores de materiais recicláveis na Comunidade Nossa Senhora Aparecida, Campina Grande-PB. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. 5, n. 2, p. 59-72, 2011.

RINO, Carlos Alberto Ferreira; VENTURINI, Marilena Prado. Análise da coleta seletiva de resíduos sólidos em duas comunidades no município de Bauru-SP. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL, n. 23, 2005, Campo Grande, 2005. **Anais [...]** Campo Grande-MS, 2005.

RUSCHEINSKY, Aloísio. **Educação Ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

RUSCHEINSKY, Aloísio. A pesquisa em história oral e a produção de conhecimento em educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina Moura (Orgs.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 135-148.

SÁ, Laís Mourão. Pertencimento. In: FERRARO JR., Luiz Antonio (Coord.). BRASIL. Ministério do Meio Ambiente – Secretaria Executiva – Diretoria de Educação Ambiental. **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Edições MMA, 2005. p. 245-256.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

SALANSKIS, Jean Michel. 1951. **Husserl**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

SANCHEZ, Elizabeth. Catador X Agente Ambiental. **Revista Limpeza Pública**, São Paulo, n. 60, p. 12, mar. 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da experiência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pósmoderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 2, n. 2, 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Lixo e cidadania**. Coluna Visão, 27 de outubro, 2007.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2003.

SATO, Michèle. Clusters da educação ambiental: do isolado ao nós coletivo. *In*: SATO, Michèle; GOMES, Giselly; SILVA, Regina (Orgs.). **Escola, comunidade e educação ambiental**: reinventando sonhos, construindo esperanças. Cuiabá: Print, 2013. p. 15-29.

SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel (Orgs.). **Educação ambiental** – pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SATO, Michèle; GAUTHIER, Jacques Zanidê; PARAGIPE, Lympo. Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. *In*: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel (Orgs.). **Educação ambiental** – pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 99-118.

SATO, Michèle; SANTOS, José Eduardo dos. Tendências nas pesquisas em educação ambiental. *In*: NOAL, Fernando Oliveira; BARCELOS, Valdo Hermes de Lima (Orgs.). **Educação ambiental e cidadania**: cenários brasileiros. 1. ed. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2003. v. , p. 253-283.

SATO, Michèle; SILVA, Regina; JABER, Michelle. **Educação Ambiental**: tessituras de esperanças. Cuiabá: Editora Sustentável, EdUFMT, 2018.

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, ago. 2005.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola; Centro João XXIII, 1993.

SCHOR, Juliet. **The overspent American**. New York: HarperPerennial, 1998.

SILVA, Monica Maria Pereira da; LEITE, Valderi Duarte. Estratégias para realização de educação ambiental em escolas do ensino fundamental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 20, p. 372-392, jan./jun. 2008.

SILVA, Daniela Belo; LIMA, Samuel do Carmo. Catadores de Materiais Recicláveis em Uberlândia – MG, Brasil: estudo e recenseamento. **Caminhos de Geografia**, v. 8, n. 21, p. 82-98, 2007.

SILVEIRA, Elaine Machado. **Saberes locais e escola**: entre olhares, diálogos e encantos. 2014. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Loyola, 2004.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2012.

SOULÉ, Michael E. Mente na biosfera; mente da biosfera. *In*: WILSON, Edward O. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997. p. 593-598.

SOUZA, Cássia Fabiane dos Santos. **O Esvoaçar de Lembranças no Pouso de Lutas Socioambientais de Mulheres Negras**. 2019. 292 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

SOUZA, Daniele Cristina de; SALVI, Rosana Figueiredo. A Pesquisa em Educação Ambiental: um panorama sobre sua construção. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 14, n. 3, 2012.

SPOSATI, Aldaíza. Exclusão social abaixo da linha do Equador. São Paulo, PUC. *In*: SEMINÁRIO SOBRE EXCLUSÃO SOCIAL, abril de 1998. **Anais eletrônicos [...]** Disponível em: <http://www.dpi.inpe.br/geopro/exclusao/exclusao.pdf>. Acesso em: 08 set. 2016.

TAGLIEBER, José Emo. A Pesquisa em Educação Ambiental: dossiê de Implantação do GE EA 22 da ANPED. **Contrapontos**, v. 3, n.1, jan./abr. Itajaí, 2003. p. 107-118.

TAVARES, Inara Aparecida Faria. **Do lixo à reciclagem**: uma visão sobre o trabalho dos catadores e catadoras no município de Divinópolis. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Organizações Sociais) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Divinópolis, 2009.

TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

VOLPI, Alexandre. **A história do consumo no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

WASTE 360. Disponível em: <http://www.waste360.com/recycling/15-world-war-ii-posters-america-recycles-war>. Acesso em: 10 set. 2017.

ZANETI, Izabel. **Além do lixo**. Reciclar: um processo de transformação. Brasília, Terra Una, 1997.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento**. Porto Alegre: Editora Edipucrs, 1994.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica**, XIII, n. 2, p. 216-221, jul./dez. 2007.

ZIMRING, Carl A. **Cash for Your Trash**: Scrap Recycling in America. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2005. ISBN 0-8135-4694-X.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro base para diálogo com @s catador@s (Este será reordenado ou reestruturado a partir do contato com os entrevistados)

1. Nome e idade:
2. De onde vem:
3. Há quanto tempo mora em Tubarão:
4. Estado civil:
5. Estudou em algum momento de sua vida (quando, onde, o quê):
6. Possui filhos (quantos, idade, estudam, onde e em que série/ano)?
7. Como você se descreve como pessoa?
8. Como se descreve como trabalhador (descrições separadas)?
9. Descreva como é o seu trabalho:
10. Qual é o percurso efetuado para a realização do seu trabalho?
11. Qual é a importância do seu trabalho?
12. Em sua opinião, as pessoas das áreas onde o/a senhor/a coleta material reciclável conhecem e respeitam sua profissão/trabalho?
13. Com que idade começou a trabalhar com o material reciclável?
14. Esse era/é um trabalho legalizado?
15. Que pessoas o/a motivaram a trabalhar com o material reciclável?
16. Quais são os aspectos mais difíceis do seu trabalho?
17. Quais são os aspectos mais positivos do seu trabalho?
18. Como as pessoas se relacionam com o/a senhor/a no seu dia a dia durante a realização do seu trabalho?
19. O/a senhor/a valoriza o seu trabalho?
20. Conversa com seus filhos sobre seu trabalho? O quê?
21. Você considera seu trabalho importante para a sociedade? Por quê?
22. Vê alguma relação entre o seu trabalho e a educação do seu filho em casa e na escola? Como? Qual?
23. O que é material reciclável?
24. O que é lixo?
25. Há diferença entre material reciclável e lixo?
26. As pessoas fazem a separação e acondicionamento correto do material reciclável?

27. O que o levou a trabalhar com material reciclável?
28. Para onde vai o material que vocês recolhem?
29. Qual foi o material mais estranho/caro/supérfluo que o/a senhor/a já coletou?
30. Que saberes/conhecimentos o/a senhor/a aprendeu em contato com os materiais recicláveis?
31. Que conhecimentos, em relação à coleta de materiais recicláveis, o/a senhor/a tem gerado ao longo do tempo? Fale um pouco sobre eles.
32. Que conhecimentos, em relação à coleta de materiais recicláveis, o/a senhor/a, transmitiu ou tem transmitido aos seus descendentes, familiares, vizinhos, amigos? Fale um pouco sobre eles.
33. O/A senhor/a acha importante manter e preservar esses saberes/conhecimentos para as gerações futuras?
34. Qual a melhor história ou fato que você tem a contar sobre o lixo ou material reciclável?
35. Para o/a senhor/a, têm ocorrido mudanças em relação ao lixo? Ou ao material reciclável? Explique.
36. Ocorreram mudanças no ambiente ao longo dos anos? Caso afirmativo, que mudanças foram essas?
37. O/a senhor/a acha que essas mudanças trouxeram problemas para sua comunidade? Caso afirmativo, quais?
38. O que é ser cidadão?
39. Você consegue exercer sua cidadania? Explique.
40. Qual a sua relação com a sociedade? O que ela representa para o/a senhor/a?
41. Você se considera importante para a sociedade? Por quê?

APÊNDICE B – Roteiro de observação realizado durante a entrevista pela acompanhante do mestrando

- Local da entrevista:
- Data:
- Horário:
- Entrevistado: nome real ou fictício
- Descrição das condições do local da entrevista:

- Descrição das condições do entrevistado (calmo, ansioso, nervoso, com pressa, atento, distante, irritado, sorridente, disposto a responder, monossilábico, expressivo, introspectivo, pensativo, apressado...).

- Descrições mais críticas durante a manifestação da entrevista.

- Observações gerais: